



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEE JEFFERSON PONTES DA SILVA

**O DISCURSO VIOLENTO EM COMENTÁRIOS ONLINE: INTERAÇÕES NO
JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO NO FACEBOOK**

FORTALEZA

2019

LEE JEFFERSON PONTES DA SILVA

O DISCURSO VIOLENTO EM COMENTÁRIOS ONLINE: INTERAÇÕES NO JORNAL
FOLHA DE SÃO PAULO NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Estratégias de Textualização e Práticas de Discursivização.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P858 Pontes da Silva, Lee Jefferson.
O DISCURSO VIOLENTO EM COMENTÁRIOS ONLINE : INTERAÇÕES NO JORNAL FOLHA DE
SÃO PAULO NO FACEBOOK / Lee Jefferson Pontes da Silva. – 2019.
200 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.

1. modelos cognitivos. 2. discurso violento. 3. análise crítica do discurso. I. Título.

CDD 410

LEE JEFFERSON PONTES DA SILVA

**O DISCURSO VIOLENTO EM COMENTÁRIOS ONLINE: INTERAÇÕES NO
JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Estratégias de Textualização e Práticas de Discursivização.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Mônica de Sousa Serafim

Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito

Universidade da Integração Internacional

da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

DEDICATÓRIA

Às mulheres da minha vida: mãe, avó e bisavó

A minha gata, Salém

AGRADECIMENTO

À pulsão vida, grato por me fazer levantar todos os dias e, principalmente, nos dias em que não desejo sair do meu quarto;

A meu orientador, muito obrigado pela amizade e pelo carinho nesta luta chamada vida e pelos momentos preciosos na UFC;

À professora Dannytza Serra, grato pela confiança e pela amizade;

À professora Mônica “Sorriso” Cavalcante, dizer muito grato é pouco pelos anos que tive o prazer de ser seu orientando de iniciação científica. Rainha das Terras Férteis da Linguística Textual, muito obrigado pelos sorrisos e abraços no DLV.

Ao professor Duarte, “omi”, valeu, “bicho doido”, pelas conversas, pelas orientações, pelas confissões e por ser humano antes de ser Professor Doutor da UFC,

Às professoras Eulália, Áurea e Pollyanne, por compartilharem comigo saberes e crenças que a educação é um caminho mais indicado para transformar o Brasil;

À professora Mônica Serafim, grato pelas aulas de leitura e por me ajudar nos aperreios de ser professor de estágios, além de ser a melhor colega de trabalho;

Ao CNPq, por fornecer o auxílio financeiro para tornar essa dissertação uma realização possível;

Às amigas ou irmãs de Letras-UFC, Joana, Thais e Iray, muito obrigado pela amizade para além dos muros dessa universidade;

Aos amigos da UFC, dos vários cursos e setores da UFC, grato por me fazer rir e pelo auxílio nos dias de tristeza: Samya, Débora, Gracie, Luane, Gleilson, Bruno, Talis, George, Carlos Vinícius, Kalie, Mara, Hannah, Nicole e outra ruma de gente que a UFC me presenteou;

Aos professores do DLV, DL, DELES e DLE, muito obrigado pelas aulas de Linguística, Literatura e Humanidades;

Ao professor Paulo Mosânio (*in memoriam*), pelas aulas de estilísticas, grato por converter amor a Linguística em exemplo de vida;

À UFC, grato pelos muros, árvores, bancos, tijolos, livros e servidores;

À minha gata, Salém, por ser a coisa mais fofa do mundo.

EPÍGRAFE

Metamorfose

Gazel não era rude, mas costumava dizer coisas violentas e inesperadas no seu silencioso idílio com Esperanza.

Trabalhara muito naquela tarde e estava nervoso, com desejo de dizer uma grande frase qualquer que surpreendesse e assustasse sua esposa. Sem erguer os olhos do trabalho que estava fazendo, disse-lhe, de súbito: -Vou lhe atravessar com um alfinete como se você fosse uma borboleta! Esperanza não lhe deu resposta, mas quando Gazel olhou para trás, viu pela janela aberta fugir uma borboleta, que se perdia na distância, enquanto o quarto submergia na sombra.

Ramón Gómez (Espanha, 1930)

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi o de analisar e de descrever o discurso violento manifestado na forma de comentário online em publicações do Jornal Folha de São Paulo em fanpage no Facebook. Tal objetivo se fundamenta nos conceitos sociedade, discurso e cognição proveniente da perspectiva da Teoria Cognitiva do Processamento Estratégico da Informação (VAN DIJK 1983b, 1984a, 2004, 2005, 2006, 2008, 2011, 2016a e 2016b), Teoria Sociocognitiva do Discurso (HAMILTON, 1981a; TAJFEL, 1981, 1982) e a Teoria da Cognição Social (ARGYLE, FURNHAM, & GRAHAM, 1981; FORGAS, 1979, 1981; FURNHAM & ARGYLE, 1982; VAN DIJK, 1983). A metodologia que orientou o alcance do supracitado objetivo é de natureza qualitativa\interpretativa, sendo fundamentada em uma abordagem de estudo de caso etnográfico, pois ensejamos descrever a cultura implicada na produção de discurso de ódio que tem ganhado espaço no ambiente virtual, assim, é intuito desta pesquisa descrever o comportamento dos atores sociais e os significados que os enunciadores online atribuem aos atos discursivos e às interações virtuais (SPRADLEY, 1979). Por meio desta visada metodológica, geramos um corpus formado por 696 comentários on-line, que foram colhidos na Fanpage da Folha de São Paulo no Facebook, os quais foram analisados por meio das técnicas do Modelo Linguístico-Sociocognitivo (VAN DIJK, 2016a) e o Sistemas de Crenças e de Modelos Mentais Sociais (VAN DIJK, 2016b). Os resultados encontrados nos permitem chegar à conclusão de que os modelos semânticos e cognitivos construídos pelos atores tecnossociais nas postagens da Folha de São Paulo atuam expressivamente e/ou significativamente na orientação da formulação dos comentários online. Em função desses achados, podemos afirmar que os sistemas de crenças e as condições de contexto orientam tanto o posicionamento quanto a orientação da construção dos sentidos nos comentários online.

PALAVRAS-CHAVE: modelos cognitivos, discurso violento, análise crítica do discurso.

ABSTRAT

The objective of this dissertation was to analyze and describe the violent discourse manifested in the form of an online commentary in publications of the Folha de São Paulo newspaper in fanpage on Facebook. This objective is based on the concepts society, discourse and cognition coming from the perspective of the cognitive theory of strategic information processing (VAN DIJK 1983b, 1984a, 2004, 2005, 2006, 2008, 2011, 2016a and 2016b), sociocognitive discourse theory (HAMILTON, 1981a; TAJFEL, 1981, 1982) and the theory of social cognition (ARGYLE, FURNHAM, & GRAHAM, 1981; FORGAS, 1979, 1981; FURNHAM & ARGYLE, 1982; VAN DIJK, 1983). The methodology that guided the achievement of the above mentioned objective is of a qualitative and interpretative nature, being based on an ethnographic case study approach, because we can describe the culture involved in the production of hate speech that has gained space in the virtual environment, thus, this research aims to describe the behavior of social actors and the meanings that the online enunciators attribute to discursive acts and virtual interactions (SPRADLEY, 1979). By means of this methodological aim, we generated a corpus of 696 online comments, that were collected at Folha de São Paulo's Facebook Fanpage, which were analyzed through the techniques of the Linguistic-Sociocognitive Model (VAN DIJK, 2016a) and the Systems of Beliefs and Social Mental Models (VAN DIJK, 2016b). The results found allow us to reach the conclusion that the semantic and cognitive models constructed by the technosocial actors in the posts of Folha de São Paulo act expressively and/or significantly in the orientation of the formulation of online comments. Based on these findings, we can state that the belief systems and context conditions guide both the positioning and the orientation of the construction of the senses in online comments.

KEY WORDS: cognitive models, violent discourse, critical discourse analysis.

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 01 – Elementos sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso	47
Tabela 02 – Elementos sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso.	55
Tabela 03 – Elementos sociocognitivos de estruturação da ideologia de uma comunidade epistêmica.....	64
Tabela 04 – Total geral de comentários, reações e comentários-resposta nas postagens de maior destaque da Editoria Poder do Jornal Folha de São Paulo no Facebook no dia 07/02/2018.....	87
Tabela05 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro” Editoria Poder.....	90
Tabela 06 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “Partidos lançam frente em defesa da candidatura do Lula” Editoria Poder.....	91
Tabela 07 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “Entidade de Juízes pede para STF retirar da pauta auxílio-moradia” Editoria Poder.....	92
Tabela 08 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “Moro e Bloomberg recebem prêmio de ‘Pessoas do Ano’ nos EUA” Editoria Poder.....	93
Tabela 09 – Participantes quanto ao gênero	
Tabela 10 – Participantes quanto à etnia	
Tabela 11 – Participantes quanto à escolaridade	
Tabela 12 – Participantes quanto à faixa etária	
Tabela 13 - Representação do modelo proposto por van Dijk (2016b)	97
Gráfico 01 - Pontos de vista assumidos pelos enunciadores on-line que comentaram na fanpage do <i>Jornal Folha de São Paulo</i> em notícias da Editoria de Poder.	100
Gráfico 02 – Reações avaliativas às postagens sobre Partidos lançam frente em defesa à candidatura de Lula (G1) e sobre Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro (G2).	104
Gráfico 03 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero.....	107
Gráfico 04 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero/etnia.....	108
Gráfico 05 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero/etnia/escolaridade (G3) e a distribuição por faixa etária (G4).....	110
Tabela 14 – Modelos de situações propostos pela <i>Folha de São Paulo</i>	133
Tabela 15 - Sistema de crenças sociais sobre o entorno de “Lula” e “Bolsonaro”	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Comentário-resposta postado no dia 07/02/2018 em postagem do Jornal Folha de São Paulo no Facebook	20
Figura 02 – A construção do significado na relação entre discurso e sociedade por meio da interface da cognição	21
Figura 03 – Comentário-resposta postado no dia 07/02/2018 em postagem do Jornal Folha de São Paulo no Facebook	27
Figura 04 – Sobre casos de estupro em Brasília e Goiânia	51
Figura 05 – Sistema de crenças sociais	60
Figura 06 – Sistema de crenças sociais viabilizada pelas representações sociais	70
Figura 07 – Artigo em que ocorre o uso da expressão “câmbio negro”	72
Figura 08 – Última postagem de notícia no Facebook feita pelo jornal paulista.....	83
Figura 09 – Mensagem que o leitor tem acesso quando não é assinante do Jornal.....	84
Figura 10 – Elementos que são observados numa postagem na @Folhadesp no Facebook.....	86
Figura 11 – Mecanismo disponibilizado pela rede social para filtrar os comentários.....	88
Figura 12 – Uso das reações do Facebook como mecanismos de interatividade.....	103
Figura 13 – Manchetes dos jornais <i>O Globo</i> , <i>Folha de São Paulo</i> e <i>O Estado de São Paulo</i> no dia 04/02/2019.....	111
Figura 14 – Capa da versão impressa do <i>Jornal Folha de São Paulo</i> no dia 07/02/2018.	113
Figura 15 – As quatro postagens da Editoria Poder do <i>Jornal Folha de São Paulo</i> publicadas no Facebook no dia 07/02/2018.....	114

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. COGNIÇÃO, SOCIEDADE E DISCURSO	18
2.1. De onde partimos: cognição, sociedade e discurso	18
2.2. Cognição Social	22
2.2.1. Modelos de situação	38
2.2.1.1. <i>Modelos de situação do discurso</i>	42
2.2.1.2. <i>Modelos de contextos</i>	46
2.3. Sociedade e cognição	49
2.3.1. <i>Cognição social e seus modelos mentais sociais</i>	58
2.4. Discurso: crenças sociais e [re]produção de conhecimento	71
2.4.1. <i>Comunidades epistêmicas</i>	74
3. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOBRE COGNIÇÃO, SOCIEDADE E DISCURSO	79
3.1. Caracterização da pesquisa	79
3.2. Delimitação do universo da pesquisa	81
3.3. Procedimentos de construção de dados	84
3.4. Os participantes da pesquisa em Linguística	95
3.5. Categorias e modelo de análise	95
3.5.1. <i>Elementos linguístico-sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso</i>	96
3.5.2. <i>3.4.2 Sistemas de crenças e modelos mentais sociais</i>	97
4. O DISCURSO VIOLENTO NOS COMENTÁRIOS ON-LINE A POSTAGENS DA FANPAGE DA FOLHA DE SÃO PAULO	99
4.1. Estruturas sociais e estruturas linguísticas implicadas na produção de comentários on-line	100
4.1.1. <i>Situação experimental</i>	102
4.1.2. <i>Propriedade dos participantes e atividades</i>	106
4.2. Sistema de crenças sociais: cognição, sociedade e discurso	131
4.2.1. <i>Conhecimento prévio e crenças sociais (ideologias, atitudes, opiniões públicas, preconceitos e representações sociais)</i>	133
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXOS	160

1. INTRODUÇÃO

*Longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista,
diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.*
(SAUSSURE, 1975, p. 15)

O mundo e as interações sociais mudaram muito mais nos últimos vinte anos do que em décadas anteriores. As mudanças entre 1999 e 2019 não foram causadas pelo advento de novas filosofias ou doutrina política, nem tampouco por questões econômicas, mas as tecnologias tornaram possível mudar desde o modo de locomoção do homem na cidade, passando pela evolução no tratamento de doenças, até na forma de se comunicar. A partir dessas alterações, houve mudanças em questões econômicas, políticas, filosóficas e ambientais. Em 1972, a fábrica Xerox apresentou o primeiro computador pessoal que tornou possível a conexão de ethernet (passo necessário para a formulação da internet), e-mail, fazer impressões e a interface gráfica. Nos anos 2000, a interação por computadores se ampliou e está nas mãos dos indivíduos na forma de celular em que o acesso à informação e à troca de mensagens passou a ser uma atividade corriqueira do homem na sociedade. Os últimos 20 anos foram marcados pela exploração dos ambientes virtuais e a construção de ambiente em que a interação entre sujeitos separados geograficamente e temporalmente (ou seja, espacial e temporal) possa ocorrer com base no curtir ou no descurtir.

Os motores principais da mudança social são os sujeitos que participam das ações no mundo e interagem segundo princípios da estrutura social, entretanto esse sujeito não é passivo, mas é um agente (BOURDIEU, 1983) das relações sociais em que cada ator social ocupa um papel segundo a distribuição dos diferentes tipos de capital (econômico e cultural) e as relações de dominação. Os atores sociais passaram a se agrupar em redes sociais virtuais e como resultado os papéis sociais não refletem as mesmas condições de dominação, mas as implicações de forças que os grupos passam a interferir no modo como se dá interação e comunicação entre pessoas e grupos. Algumas pesquisas em comunicação social têm focado sobre a influência das redes sociais na forma como os atores sociais buscam informações e produzem informações. Ferreira (2016) diz que as redes sociais possibilitaram uma melhor organização social, que implicou na organização de conhecimento a partir dos sistemas de valores de cada grupo de atores tecnossociais. Outros estudos perceberam o forte poder desenvolvidos pelos consumidores nas redes sociais que facilmente se articulam para a defesa e a proteção de valores relevantes para a estrutura social – defesa do meio ambiente, defesa da

identidade de gênero ou defesa dos direitos humanos (RECUERO, 2009, GOULART, 2014, GALINDO, 2015, e CARPANEZ, 2015).

Essa fácil organização de atores sociais na defesa de valores e direitos humanos fundamentais possibilitou que pesquisas se voltassem precisamente para interação e para produção de informação, entretanto os estudos não observam como as características e as disposições humanas (identidade, gênero, idade, valores sociais, conhecimento de mundo etc.) se relacionam com a compreensão e produção de texto em ambientes virtuais. Diante disso, o discurso¹ que emerge nas redes sociais é avaliado com vista na formação de uma identidade ou na caracterização do modo como os grupos e atores sociais estabelecem interação/interatividade. Alguns teóricos optam, por conta do espaço de interação, chamar esses indivíduos em interatividade de “atores tecnossociais”, já que as redes sociais são soerguimento de interação baseada por condições virtualizadas. Tal designação se deve pelo modo de articulação nas redes sociais voltada para a defesa de valores caros não a um grupo identitário, mas que visam a reformulação das políticas públicas com vista na vida específica dos grupos sociais que não mais se unem por questões político-filosófica, mas, por características e situações de vidas que são segregadas por conta das condições social-histórica e cultural da vida em sociedade (CREMADES, 2009, FIGARO, 2010, KOTLER, 2010, e CASTELLS, 2013).

A expansão contínua da comunicação em ambientes virtuais evoluiu bastante, diante disso, os usuários passaram a explorar a internet não apenas para criação de laços com aqueles que partilham afinidades, mas, também, passaram a se unir na perseguição de desafetos comuns. Surgem tipos específicos de atores tecnossociais, os chamados “internet troll” e “haters”. Em matéria do Jornal The Guardian de 12/junho/2012², a repórter Zoe Williams pergunta “What is an internet troll?” e apresenta uma distinção entre internet troll e alguém que tem uma forma impolida de falar ou very bad manners. A matéria revela a guerra da Câmara dos Comuns de aprovar a *Law Against Trolls*, uma emenda à Lei de Difamação, a fim de criminalizar ações de difamação praticada por atores sociais em ambientes virtuais.

Freitas (2015), ao estudar a interação no Twitter, diz que a referida rede social possibilita dois tipos de interação: sincrônica (próxima dos chats) e assincrônica (próxima dos fóruns). Essa observação pode ser feita ao comentário online no Facebook, já que atores

¹ Assumimos o conceito de discurso como sinônimo de texto, não por um processo sinonímico integral, mas devido a impossibilidade de se separar texto do discurso, já que não podemos analisar discurso dissociado de texto, pois tomamos o texto como unidade linguística superior à estrutura frasal, sendo a unidade básica de comunicação e/ou interação humana.

² <https://www.theguardian.com/technology/2012/jun/12/what-is-an-internet-troll>

tecnossociais podem manifestar suas opiniões e comentar as opiniões de outros atores, sem se construir diálogo ou interatividade do chat, entretanto a interatividade do chat pode acontecer nos comentários em página de jornais e outras organizações. Essas possibilidades não são exploradas nos estudos em Linguística ou Comunicação Social, já que o foco tem sido a construção do discurso ou descrição do gênero comentário online (CARREIRO E BARROS, 2015).

Carreiro e Barros (2015) avaliam a qualidade deliberativa dos atores sociais em postagens no Facebook de matérias dos jornais O Globo, Folha de São Paulo e Estadão, e tomam por critérios de análise reciprocidade, provimento de razões, grau da justificativa e respeito, além de discutir elementos estruturais do Facebook, a apropriação social e a discussão pública. Para os autores, os comentários (1.164 comentários coletados nas páginas oficiais da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo) são tratados pela dimensão estrutural do gênero, assim, concluem que as conversações instaladas nas redes sociais, em que há notícias com forte consenso, se manifesta a tendência de baixo nível deliberativo, ausência de reciprocidade em 50% dos comentários e mais 50% dos comentários não apresentam uma justificativa para o ponto de vista defendido. Embora a pesquisa seja rica, há ausência de relacionar o processamento da informação postada com os conhecimentos acionados e os conhecimentos implicados para a compreensão do discurso.

Para tanto, nós questionamos: quais fatores contribuem para a construção do discurso violento e o estabelecimento da interação nos comentários sobre matérias postadas pelo jornal Folha de São Paulo no *Facebook*? Van Dijk (2016b) argumenta que o discurso é definido como uma forma de interação social, assim, convergem no interior do discurso uma série de processos linguísticos-discursivos e sociocognitivos que possibilitam tanto a construção de sentido como a compreensão dos sentidos pelos atores sociais. Além de ser uma ferramenta para interatividade, o discurso é uma forma de expressão e reprodução da cognição social, pois, em cada ato discursivo, antes de ser efetivamente produzido, as estruturas globais (sistema de crenças) e locais (memória episódica pessoal) condicionam a construção do discurso por meio da mediação cognitiva do conhecimento compartilhado (linguístico, situacional, epistêmico, enciclopédico etc.), sistemas ideológico e os modelos mentais pessoais (modelos de situação construídos no contato com o mundo e outros atores sociais).

Para responder esse problema de pesquisa, objetivamos analisar a construção do discurso violento, considerando os elementos linguísticos-discursivos e sociocognitivos envolvidos na produção e no processamento deste discurso e o sistema de crenças sociais compartilhados pelos atores tecnossociais nos comentários das matérias do jornal Folha de São

Paulo postadas no Facebook. Para alcançar este objetivo, analisamos os comentários online a partir das condições de contexto e texto, assim, observamos como a situação experimental, as propriedades dos participantes e das atividades e as atividades experimentais implicavam sobre a compreensão e produção dos comentários online em postagens da *Fanpage* Folha no Facebook. Nosso intuito é revelar que os comentários online não são construções individuais totalmente, mas há um sistema de controle que orienta como o discurso deve ser construído e interpretado. Van Dijk (1977, 1980a e 1981) explica que as produções e a compreensão sofrem pressão de um sistema de controle que regula o fluxo da informação entre a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. Os modelos mentais sociais estão instalados na memória e atuam como modelos de compreensão e processamento de informações a orientar a composição do discurso e dos atos de falas mais corriqueiros.

A questão de pesquisa anterior se fragmenta em duas questões: 1) Quais mecanismos sociocognitivos e linguísticos-discursivos são acionados para o estabelecimento de interatividade dentro da *fanpage* do Jornal Folha de São Paulo no *Facebook*? e 2) Como o conhecimento epistêmico e o sistema de crenças sociais implicam a produção do discurso violento nos comentários sobre matérias postadas pelo jornal Folha de São Paulo no *Facebook*? A produção e compreensão de texto obedece a padrões particulares de articulação de informação e critérios de composição de texto. Os atores sociais articulam diversos mecanismos linguístico-sociocognitivos e conhecimentos epistêmicos de diferentes tipos, além de serem orientados por sistema de valores particulares e próprio de grupos sociais específicos. Tais proposições referentes, aos mecanismos linguístico-sociocognitivos e aos sistemas de crenças sociais, dotam as produções textuais características únicas, além de orientações oriundas das relações entre os atores sociais com outros atores, com o ambiente social (virtual) e com atores sociais de outros grupos epistêmicos.

Diante dessas questões, projetaram-se dois objetivos específicos:

a) Mapear os elementos sociocognitivos e linguísticos-discursivos envolvidos na produção e no processamento do discurso violento presente nos comentários dentro da *Fanpage* do Jornal Folha de São Paulo no *Facebook*.

b) Descrever o sistema de crenças sociais dos usuários do discurso violento presente nos comentários dentro da *Fanpage* do Jornal Folha de São Paulo no *Facebook*.

O primeiro objetivo visa entender como os atores sociais no ambiente virtual utilizam os mecanismos linguísticos-discursivos e sociocognitivos para a construção da

interatividade e as principais estratégias regulares implicadas para garantir a troca de informação na *fanpage* da Folha. O segundo objetivo procura entender a relação entre cognição/discurso/sociedade implicada no uso do sistema linguístico. Os atores sociais no ambiente virtual não utilizam a língua portuguesa do Brasil livremente e dissociado das condições sócio-histórico e direcionamentos ambientais, mas o fazem através da mediação cognitiva do conhecimento compartilhado socialmente, sistemas de ideologias e os modelos mentais pessoais e sociais que subjazem os eventos comunicativos, bem como os modelos contextuais que se expressam na forma de discurso violento

Esta dissertação foi projetada em seis partes que refletem o percurso da pesquisa em Análise Crítica de Discurso: Introdução, que por ora está sobre sua leitura, a tratar do estado da arte e das questões de pesquisa, objetivos e reflexões sobre as ideias norteadoras desta dissertação, o capítulo teórico (Cognição, Sociedade e Discurso), a relacionar sociedade, discurso e cognição sobre a perspectiva da Teoria Cognitiva do Processamento Estratégico da Informação, Teoria Sociocognitiva do Discurso e a Teoria da Cognição Social, Metodologia, a revelar o percurso da pesquisa desde a seleção do corpus, a construção do material para a análise às categorias de análise do corpus, o capítulo de resultados e análise que apresenta as informações por meio das categorias apontadas no percurso metodológico e a Conclusão.

Esta dissertação procurou refletir sobre as implicações cognitivas, linguístico-discursivas e sociais envolvidas na compreensão e produção de texto de modo a revelar a intrincada relação entre as estruturas sociais (contexto) e as estruturas linguísticas (cotexto) e os sistemas de valores sociais que desempenham um papel proeminente na definição do modelo de situação e os modelos mentais que estão na base dos conhecimentos do mundo utilizados na compreensão e produção de comentários online na *Fanpage* da Folha de São Paulo no Facebook.

2. COGNIÇÃO, SOCIEDADE E DISCURSO

Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se.
[...] basta observar a maneira como são educadas as crianças. Quando se observam os fatos tais como são e tais como sempre foram, salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. (DURKHEIM, 2007)

Neste capítulo vamos abordar as três palavras-chaves que orientam esta pesquisa linguística: cognição, sociedade e discurso. Na primeira parte, abordamos a cognição como um fenômeno central para o processamento de informações e discurso, em seguida, na mesma parte, direcionamos nossa atenção a cognição social a fim de explicar o modo como os sujeitos percebem a si mesmo, aos outros sujeitos e ao mundo e a influência dessa percepção nos atos de explicar, prever e orientar o comportamento social. Na segunda parte, focada na relação cognição e sociedade, discutimos a centralidade das estruturas sociais e sua relação com a cognição, intentando desvendar como as diretrizes das supraestruturas sociais são incorporadas pelos atores sociais para sua compreensão do mundo. Na terceira parte, última deste capítulo teórico, colocamos em questão o discurso como o significado e a sociedade como significante. Pretendemos discutir como as estruturas sociais se manifestam por meio das estruturas linguísticas, cuja mediação se dá por meio da cognição social, assim, o discurso é, ao mesmo tempo, uma forma de interação social e a manifestação de uma cognição social.

2.1. De onde partimos: cognição, sociedade e discurso

O título deste capítulo teórico busca refletir tanto sobre os Estudos Críticos do Discurso quanto sobre os vértices que se encontram em relação no momento em que os atores sociais usam a língua, no caso desta dissertação, no uso da língua portuguesa brasileira, para expressarem-se na forma de comentário *online* em postagens do jornal Folha de São Paulo no Facebook. A tríade terminológica reflete a mudança do olhar da cientificidade, seja no estudo

das línguas ou sistemas multissemióticos, seja no estudo da sociedade, já que não se pode ter uma língua sem se pressupor uma sociedade ou uma cultura que a assume como meio de interação entre seus membros, na tentativa de explicar o uso dos mecanismos de comunicação na construção da sociedade nos seus discursos e suas instituições. Mas, precisamente, nos estudos linguísticos, focando naquela que se chamará Sociolinguística, os termos “sociedade” e “discurso” controlaram a variação linguística e as estruturas das sentenças mediante a ação de variáveis sociais (idade, sexo, poder, origem e escolaridade).

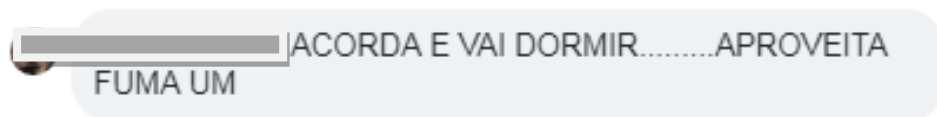
A Sociolinguística trouxe a lume a necessidade de estudar a língua em suas variedades, ou seja, na relação direta entre o uso da língua (construção de discursos) e a sociedade, deste modo, os Estudos Críticos do Discurso, na prática desenvolvida por van Dijk (2008), assumem o pressuposto que as estruturas do discurso em interação social se relacionam às estruturas sociais por meio de uma interface sociocognitiva. Tal abordagem se baseia no entendimento de que as estruturas sociais e as estruturas do discurso são diferentes quanto à natureza e não estabelecem uma relação direta, diante disso, é preciso um mecanismo que as coloquem em relação, sendo esse mecanismo a cognição, entidade de dupla face ou dimensões: pessoal, formada por modelos mentais pessoais - a) dos eventos sobre os quais se fala e se escreve e b) da própria situação comunicativa (modelos contextuais); e social, constituída por crenças, conhecimento, atitudes e ideologias socialmente compartilhadas – que controlam os modelos mentais pessoais, e indiretamente todo discurso. Assim, para entender o discurso violento faz necessário entender o discurso em relação à sociedade por meio da interface da cognição, pois os discursos estão envolvidos na reprodução de problemas sociais como o racismo e o sexismo (VAN DIJK, 2016).

Fiorin (1988) explica que a língua possui certa autonomia das determinações sociais, pois, se estivesse ligada intimamente às estruturas sociais, os significados estariam ligados de modo determinante aos significantes, o que seria contrário à ideia de arbitrariedade, laço que possibilita a união do caráter material ao caráter imaterial, ou seja, da expressão com o conteúdo. Benveniste (2005) propôs que a passagem do sistema ao discurso se dá por meio da enunciação, sendo possível pelo influxo da subjetividade, já que existem palavras que só constroem um valor ou significado quando estão em uso (pronomes, advérbios e outros). Estas disposições reforçam a ideia que existe uma relação entre as estruturas sociais e as estruturas discursivas, mas precisa de que haja uma interface que as coloquem em interação por terem naturezas diferentes e essa relação não pode se dar casualmente.

Assim, a teoria sociocognitiva supõe que as estruturas sociais devem ser interpretadas e representadas cognitivamente, pois as representações mentais afetam os

processos envolvidos na produção e interpretação do discurso. Os discursos são elaborados a partir de modelos mentais pessoais e modelos mentais oriundos da situação comunicativa, com isso, com base no exemplo, o discurso proferido que utiliza o significante “fuma um” é entendido pelo coenunciador evitando a polissemia e atingindo o sentido projetado pelo enunciador, por exemplo, “aproveita ‘fuma um’”, o sentido de maconha implícito é utilizado como prática de fumar, assim, é ativado, na situação comunicativa e com base nos modelos pessoais, o uso de maconha.

Figura 01 – Comentário-resposta postado no dia 07/02/2018 em postagem do Jornal Folha de São Paulo no Facebook



Essa explicação de base pragmática é relevante para entender que a língua é um sistema multissemiótico que possibilita, com restrição no número de signos, produzir infinitas sentenças de variados significados, entretanto a base da interpretação estaria atrelada não apenas ao contexto, mas tanto às estruturas sociais e às formações discursivas quanto às cristalizações de significados recuperáveis no uso do sistema linguístico ou dos sistemas semióticos de comunicação.

Se as estruturas sociais influenciam as estruturas discursivas por meio da interface da sociocognição, as estruturas discursivas ou discursos influenciam as estruturas sociais. Van Dijk (2016) diz que, inversamente, o discurso afeta as estruturas sociais pela manipulação das representações mentais sociais que os usuários utilizam como atores sociais nos seus atos enunciativos. Isso se deve ao fato de que, ao colocar em funcionamento a língua, os usuários não apenas agem, mas pensam quando falam, com isso, a cognição coloca em relação discurso e sociedade fazendo com que ambas se impliquem. Negar a participação da atividade cognitiva é assumir os argumentos similares do estruturalismo norte-americano ou bloomfieldiano que diz que o significado seria apenas uma resposta comportamental a um estímulo e que o reforço levaria o ator social a reter uma forma correta ou significado comportamental para um dado estímulo linguístico ou ambiental/comportamental.

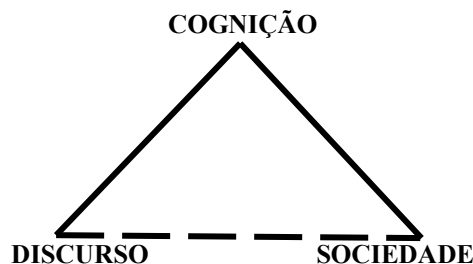
Podemos citar outros argumentos para a participação da dimensão cognitiva como interface na interação entre sociedade e discurso, basta perceber que, durante uma conversa cotidiana, os papéis desempenhados pelos significados implícitos ou implicados ao tema do diálogo que, mesmo sem serem mencionados clara e objetivamente, estão presentes e ajudam a

entender os significados erguidos pelo acionamento dos significados implícitos. A noção de “ação” utilizada por interacionista sem estar orientada por numa base cognitiva, leva a pensar a ação linguística reduzida à resposta comportamental. A mesma crítica fazemos a interpretação do conceito de “discurso” (uso ou interação): o ato enunciativo seria puramente o resultado da ação da enunciação a fim de executar a interação com o coenunciador?

Van Dijk (2016) percebeu que o discurso não é um ato simples e fruto da mente de um sujeito situado no tempo e no espaço, mas é uma construção de um ator social que, situado no tempo e no espaço, produz discurso com base nos modelos mentais pessoais e modelos situacionais. Mediante a utilização de modelos mentais pessoais compartilhados com o grupo social permite, ao enunciador, de se comunicar com um coenunciador, pois, dividindo mais que o mesmo sistema linguístico, divide modelos situacionais e sociais e, assim, erguem discursos para modificar a sociedade, sempre sofrendo a ação das estruturas sociais e dos outros discursos.

Embora essas insinuações possam parecer constatações triviais para os estudos da Cognição Distribuída, Van Dijk (2016) explica que a psicologia cognitiva do discurso não dispôs de uma teoria explícita sobre a relação entre cognição, sociedade e discurso em ambientes sociais e comunicativos e sobre como a relação entre sociedade e discurso por meio da interface da cognição influenciam nos discursos dos enunciadores em interação. Partindo dessa exposição, neste capítulo apresentaremos as bases teóricas da nossa dissertação sobre três eixos ou três vértices: cognição, sociedade e discurso.

Figura 02 – A construção do significado na relação entre discurso e sociedade por meio da interface da cognição



FONTE: Elaborado pelo autor a partir de van Dijk (2016) e Odgen e Richards (1972).

Van Dijk (2016a e 2016b) assume a posição que o estudo do discurso não fica mais presa aos elementos textuais (Análise textuais com foco ora no gênero, ora nas sequências textuais), ou limitada nos estudos discursivos (Análise Crítica do Discurso) em observação das estruturas sociais e ideológicas que se manifestam na superfície discursiva. O discurso se trata de uma entidade multissemiótica em que convergem ações linguísticas, cognitivas,

socioculturais e políticas. Deste modo, um estudo crítico do discurso de entender que a relação entre sociedade e discurso não se dá diretamente, mas precisa de uma estrutura interfásica que possibilita a interlocução da estrutura linguística com a estrutura social. O modelo proposto acima coloca no topo do triângulo a Cognição, estrutura biológica que permite aos atores sociais o processamento, avaliação e julgamento de informação oriunda dos vários tipos e estímulos sensoriais-motor, sem o qual o indivíduo não poderia armazenar informações novas ou produzir informação. Na base pontilhada, a relação discurso e sociedade não se dá de modo direto, pois tratam-se de estruturas sociais de natureza diferentes e singulares, daí a necessidade de uma interfase sociocognitiva que possa articular estruturas diferentes, mas que sofrem implicações de fatores como tempo, espaço, sexo, idade, etnia, etc.

2.2. Cognição social

A cognição social procura compreender e explicar como as pessoas se percebem a si mesmas e aos outros entes no ambiente social e como essas percepções possibilitam explicar, prever e orientar seu comportamento social. Tal proposta estuda os fenômenos sociais (o discurso violento) através da observação das estruturas (discursivas e sociais) e os processos cognitivos (temporal, social e artefatos) pelos quais são operados (HAMILTON *et al.*, 1994; SHERMAN, JUDD, & PARK, 1989). A dimensão social da cognição foi estudada, segundo Heider (1958), pelo viés fenomenológico, cuja finalidade seria a descrição de modo sistemático e generalistas dos modos como os sujeitos afirmam experienciar o seu mundo. O foco do estudo era observar as teorias do senso comum, as formulações fabricadas pelas pessoas que viabilizam sua interação com o ambiente social e outras pessoas. Esse questionar sobre como as pessoas percebem e descrevem a si e seu ambiente social possibilitou a estudar os processos cognitivos para explicar o comportamento social e, para tanto, foi necessário integrar os pressupostos teóricos e metodológicos da psicologia cognitiva relativos à percepção, memória e pensamento. Essa mudança de paradigma possibilitou a adaptação de problemas da psicologia social (FISKE & TAYLOR, 1991), nomeadamente a formação de impressões e estereótipos, bem como questões da personalidade e sua formação, atribuição social, comunicação, afeto, processos de julgamento e o *self* (HIGGINS, HERMAN, & ZANNA, 1981; WYER & SRULL, 1984).

A teoria da cognição social expôs que a sociedade, por meio de seus atores, formula modelos cognitivos que funcionam como mecanismos gerais da aprendizagem e do pensamento, e tais modelos são subjacentes a uma variedade de áreas. Os primeiros estudos perceberam os fundamentos cognitivos dos fenômenos sociais percebidos por meio de modelos de

processamento de informação que atuam virtualmente embaralhado em informações epistêmicas ou conhecimentos técnicos/científicos que são acionados sempre que faz necessário processamento de informação. Tais modelos são ativos quer a pessoa queria expor a impressão sobre um evento visual, a dirigir uma fala numa reunião de trabalho, a pensar sobre como deve tratar a nova professora do filho, a lidar com a descoberta de um problema de saúde ou escolher sobre uma marca de antitranspirante. Seja nessas situações ou em qualquer outra, a pessoa dá atenção e codifica informação visual, auditiva, olfativa, tátil do contexto social e, rapidamente, interpreta e elabora essa informação através de processos avaliativos, inferenciais, referenciais, implícitos e atributivos para poder representar em forma de memória, reter e usar mais tarde de modo a recuperar em processos de pensamento e julgamento, de modo a orientar seu comportamento (HAMILTON *et al.*, 1994).

Vale ressaltar que a formulação teórica da cognição social tem suas raízes na filosofia fenomenológica, na psicologia gestáltica e na teoria construtivista, donde a fenomenologia diz que o mundo se coloca como um evento a ser observado, a gestáltica diz que o comportamento é aprendido pelo estímulo-resposta-reforço e o construtivismo diz que a participação de outros atores sociais na formação cognitiva da criança leva a aquisição e ganhos da cognição da criança dentro dos quatro estágios. Essas contribuições ajudam a entender como as pessoas chegam a suas construções do mundo social (BLESS, FIEDLER, & STRACK, 2004; DEVINE, *et al.*, 1994; MOSKOWITZ, 2005). Se houve mudança naquilo que se entendia sobre a cognição, o conceito do sujeito passa a ser de agente social ou ator social, pois sua ação no mundo é ativa. Asch (1946) expôs que os atores sociais conseguem formular uma impressão global sobre os outros com base em pouca informação, sugerindo que as pessoas possuem um conjunto de teorias acerca dos dados, o que possibilita formulação de hipóteses, além de dispor de teorias implícitas sobre personalidades (BRUNER & TAGIURI, 1954) que determinam o modo como serão processadas as informações sobre o mundo social. Vale expor que o ator social é um ser percipiente social, ou seja, não é insensível aos dados ao qual está exposto por participar na sociedade, entretanto, o modo como processa as informações é ingênuo, já que não aplica um exame cuidadoso e detalhado, objetivamente, da informação. O que fica claro é que o processamento das informações não visa a verdade absoluta, mas a verdade suficiente para gerir as suas interações num dado tempo e num dado espaço. Dessa perspectiva sugere-se que os agentes ou atores sociais são percipientes bons, pois são capazes de resolver os problemas do cotidiano com a máxima eficiência, mas precisariam de outros saberes se o problema ganhasse complexidade maior (FISKE, 1992; FUNDER, 1987; SWANN, 1984).

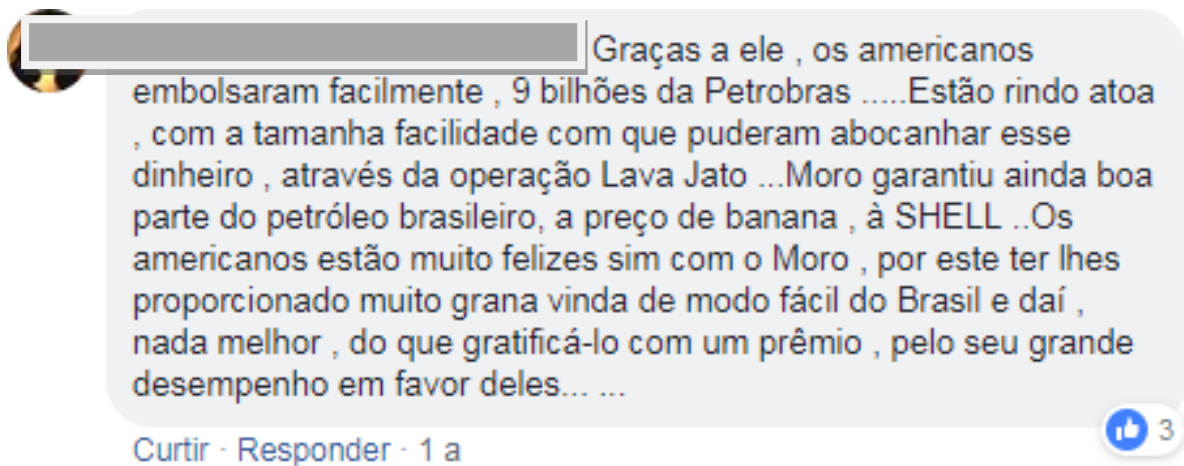
I. *Processos cognitivos sociais básicos*

De modo a entender como os atores sociais compreendem e explicam como se dá a percepção de si mesmos, dos outros e das situações envolventes, e como utilizam os conhecimentos para gerir o modo como irá se comportar e compreender/antecipar o comportamento do outro, deve-se procurar entender a forma como os atores sociais participam ativamente influenciando e sendo influenciado pelo ambiente que os rodeia. Foi dito, anteriormente, que os atores sociais dão atenção, codificam, interpretam, elaboram, armazenam e julgam informações, entretanto, todas essas ações são executadas e determinadas por suas características individuais, segundo Smith & Mackie (2014), sendo oriundas de traços de personalidade ou estilo de processamento cognitivo. A teoria da cognição social tem defendido que as características individuais são determinadas pelo ambiente que nos rodeia e especificamente pela interação com outros atores sociais e os grupos sociais nos quais se movem e estabelecem troca comunicativa significativas. Brewer & Crano (1994) explicam que os processos sociocognitivos devem ser observados por três níveis de análise e explicação: a) *individual*, b) *interpessoal* – ligado às relações entre membros de um mesmo grupo ou com outros atores sociais esporádicos – e c) *grupai* – focado em como o comportamento de um grupo se dá em relação a outro grupo ou grupos. Embora não sejam observados em separado, os três níveis se inter-relacionam durante toda a atividade cognitiva executada pelo ator social.

a) *Individual*

Bargh & Morsella (2008) afirmam que as características dos atores sociais em suas interações com outros atores e grupos são determinantes para a organização das propriedades do sistema cognitivo. De modo sutil, quando interagimos com determinados atores sociais em situações específicas, as interações são orientadas com base no repertório de informações que acumulamos desses membros sociais, assim, essas interações determinam quais conjuntos de dados devem ser acionados na produção de discursos (significante e significado) que farão sentido ou são mais importantes para a situação de comunicação em que parte da informação já está acessível para ser utilizada por ambos enunciadoreis.

Figura 03 – Comentário-resposta postado no dia 07/02/2018 em postagem do Jornal Folha de São Paulo no Facebook



Pegemos o exemplo da Figura 02 que trata da atitude dos norte-americanos no processo movido contra a Petrobras. Embora a autora utilize o referente “americano” para se referir aos norte-americanos, acaba ficando claro com a associação ao termo “Shell” e ao sintagma “9 bilhões da Petrobras”, no primeiro, retomam a empresa do ramo petrolífero norte-americana e, no segundo, retoma o processo vencido pelos investidores norte-americanos em processo contra a empresa brasileira de petróleo. O intento é defender a tese de que os norte-americanos estão sendo beneficiados com os processos oriundos da Lava Jato, para viabilizar a sua linha de raciocínio, caracteriza o comportamento do “americano” por meio da sentença “Estão rindo atoa, com a tamanha facilidade com que puderam abocanhar esse dinheiro”. A construção do comentário está relacionada ao contexto das Operações da Lava Jato contra as práticas de corrupção na Petrobras, ou seja, esse contexto funciona como um dispositivo cognitivo para a construção enunciativa executada pela falante na forma de comentário no Facebook.

Garrido & Garcia-Marques (2003) argumentam que não basta existir a informação, ou, no caso supracitado, o estereótipo esteja disponível em termos cognitivos para o ator social, faz-se necessária um conjunto de condições para que esteja recuperável para ser acionada e aplicada num contexto adequado. Essa situação de ativação e utilização da informação é inconsciente ou conscientemente baixa, já que se trata de um processo cognitivo que ocorre sem um controle forte do ator social para produzir a sentença ou transformar numa resposta corporal, entretanto podem existir mecanismos de controle consciente, mas requer atenção para que a execução não seja feita.

b) A interação ator social - ambiente social

A cognição social defende que os atores sociais influenciam e são influenciados pelo ambiente que os rodeia, entretanto, faz mister entender como se dá esse processo e de que forma ocorre. Para tanto, Smith e Mackie (2014) explicam que existem dois princípios fundamentais que envolvem a relação ator social-ambiente que regulam o comportamento decorrente dessa relação: i) somos construtores de nossa própria realidade e ii) somos fortemente influenciados pelo nosso ambiente social. Deste modo, o primeiro fundamento implica que a realidade é transformada por processos cognitivos ou forma como nossa mente funciona ou processa as informações – explica como colamos a informação que nos encontra ou fazemos inferências acerca dessa informação ou como será categorizada para organização de modo coerente. Voltemos ao exemplo da Figura 02, temos a realidade objetiva das Operações da Lava Jato no Brasil, a mesma operação, interpretada por atores sociais diferentes, é visto então de formas diferentes, pois mesmo se tratando de um mesmo momento temporal, as relações atores sociais-ambiente são projetadas por sentimentos diferentes. Para um indivíduo cuja formação cultural é baseada por valores conservadores é levado a ver como positivo a operação, mesmo sendo orientada para um viés ideológico. O indivíduo cuja formação é mais ligada a questões humanística e/ou social é levado a observar os abusos de poder executado pela operação em usar a coerção sempre focada contra um grupo de indivíduo.

Os dois princípios estão ligados intimamente, não podendo o se diferenciar os efeitos de um sobre o outro. Ou seja, a forma como expressamos a realidade que vemos e vivenciamos é marcada por um conjunto de fatores, que depende não só das nossas características individuais (crenças, ideologias, orientação política, sexo, idade, etc.), mas também do ambiente social e dos processos sociais que nos permitem influenciar e ser influenciados pelos outros membros, até que seja possível um acordo acerca da natureza da realidade. Tal influência pode se dar tão fortemente que basta a presença de outro ator social para influenciar ou para que os processos possam se manifestar ou ocorrer.

A interação ente ator social e ambiente, que permite a construção social da realidade, não se dá de qualquer forma, mas é guiada por conjunto de padrões de processamento motivacionais que possibilitam compreender o mundo e a construir discursos com os dados oriundos do ambiente social. Smith e Mackie (2014) explicam que existem três princípios que são evidentes e ajudam a interação entre atores sociais e ambiente, sendo: i) o princípio de controle, ii) o desejo de criar laço; e iii) dão valor ao “eu” e ao “meu”.

De modo geral, o primeiro princípio motivacional está ligado ao desejo de controle dos atores sociais nos ambientes sociais aos quais se veem em atuação. Os atores sociais procuram entender e prever os eventos sociais do mundo que os rodeiam de forma a garantir recompensas, seja bens materiais ou mesmo satisfação consigo mesmo, ou seja, sempre há um objetivo envolvido, desde um valor ou bem-estar psicológico. Tomemos o perfil de um candidato a uma vaga de emprego que se encontra numa entrevista: antes de chegar à frente do avaliador, procurou erguer todas as informações disponíveis sobre o local de trabalho, o tipo de atividade desenvolvida, etc. Há o interesse de mitigar dúvidas e saber se prevenir das questões que possam surgir na entrevista e evitar que seja preterido por outro candidato. Esta busca por controle é ainda mais perceptível quando o ator social tem preocupações com a sua saúde física e mental, pois a ameaça a sua saúde pode trazer prejuízos não só de si, mas àqueles que estão próximos (PALMA-OLIVEIRA, 1992). Ajzen (1991) e Bandura (1998) falam de comportamento planejado, pois se trata de uma disposição comportamental focada numa autoeficácia ou a capacidade em lidar com e exercer controle sobre as dificuldades, estresses e exigências que o ambiente pode demandar dos atores sociais.

A busca incessante para criar laço está ligada à necessidade de apoio e aceitação por atores sociais que lhes são relevantes ou tenham algum apreço. Essa procura visa objetivos claros como pertencer a um grupo e construir uma identificação com este (objetivos e características), até partilhar os ganhos pessoais em termos de redução de estresses, ansiedade e outras condições psicológicas que limitem o bem-estar pessoal e coletivo. A Teoria da Adaptação Cognitiva explica a importância de mecanismos de comparação social para um incremento do bem-estar psicológico. Em estudo com mulheres que passaram por tratamento de câncer de mama, Taylor (1983) percebeu que as pacientes se comparavam com outras pacientes na mesma situação de forma a se perceber em situação igual ou melhor, entretanto nunca pior que a paciente alvo de sua observação e julgamento.

A centralidade do “eu” e do “meu” é motivado pelo desejo de ser visto de modo positivo pelos atores sociais com quem divide o ambiente social em que circulam e interagem. Tajfel (1982) explica que isso pode implicar na realização de comportamentos e/ou expressões de atitudes, crenças, etc. que são desejadas socialmente para que, ao assumir essas atitudes e crenças, os atores sociais sejam vistos positivamente, pois os mecanismos de comparação social tratam de tomar os outros de forma negativa para que o próprio se torne o símbolo positivo da comparação.

Esses mecanismos são entendidos e trabalhados na abordagem clássica da Teoria da Identidade Social. Segundo Brewer & Crano (1994), esses mecanismos fazem com que os

atores sociais construam os aspectos de sua personalidade ligadas às demandas dos grupos sociais aos quais pertencem, com ganho positivo para o ator social que, ao incrementar positivamente uma visão de si positiva, dota-o de uma autoestima e o faz perceber os outros membros do seu grupo que possuem os mesmos traços ou aspectos de personalidade.

Vale ressaltar que esses três princípios agem sobre três processos cognitivos sociais individuais, que são i) conservacionismo, ii) acessibilidade e iii) superficialidade vs. profundidade.

O processo conservacionismo da cognição social individual diz que é difícil de fazer com que o ator social mude o modo como enxerga e entende o mundo, assim, procura manter por si mesma o mundo. Esse processo cognitivo conservacional se revela na disposição à mudança de comportamento ou atitude, o que faz com que o ator social tente realizar uma mudança de um hábito (parar de fumar) e, por outro, manter a mudança (manter-se distante do cigarro por conta da recuperação de uma cirurgia). Gaspar, Palma-Oliveira, & Corral-Verdugo (2010) dizem que esse processo cognitivo está ligado ao modo como os atores sociais têm suas primeiras impressões de outros atores e que o senso comum tão bem incorporou: “Não há uma segunda oportunidade para formar uma boa impressão”. Asch (1946) e Wyer (2010) dizem que mesmo que essa mudança possa ocorrer com o controle de informações de forma a garantir a entrada apenas de informações corretas, a mudança só será visível naquelas informações que se referem de forma explícita, mas as impressões implícitas, automáticas e menos visíveis se manterão devido à frequência em que ocorrem no cotidiano dos atores sociais e suas práticas sociais.

O segundo processo cognitivo social individual é a acessibilidade, que explica como a informação está mentalmente acessível e como exerce influência nos comportamentos, pensamentos e sentimentos. A memória de acontecimentos recentes pode ajudar a organizar o pensamento na formação de uma informação associado ao evento, pois a memória está mais ligada ou acessível que outra, por vez até mais disponível, que informações antigas (GARRIDO & GARCIA-MARQUES, 2003). A lembrança de ter visto uma notícia na TV ou lido no jornal sobre a “gripe suína” (H1N1) ou lembrar-se de infecção alimentar causada pela bactéria E.Coli/EHEC após a ida a dado local, podem influenciar a nossa decisão futura no momento de compra de carne de frango ou vegetais, respetivamente (GASPAR, LIMA, SEIBT, GORJÃO, & CARVALHO, 2012).

O processo superficialidade vs. profundidade da cognição social individual faz com que o ator social processe a informação de forma superficial ou simples e sem executar muito esforço. Guifford (2010) explica que a imagem da realidade ganha aspecto superficial ou

simples. Um exemplo desse tipo de processamento da realidade é evidente nos programas de educação ambiental que focam nos efeitos de longo prazo e, muitas vezes, ignoram os efeitos não visíveis (efeito estufa).

Gaspar (2010) explica que isso obriga o ator social a evitar processamento de informações muito abstratas, já que o leva a executar uma atividade processual de informação mais intenso, cujo o escopo de ação não faz que ele se motive para tentar processar a informação e/ou ter capacidade para realizar essa atividade. Pensemos nas aulas de matemática no ensino médio em que o exercício de abstração é maior do que nos anos iniciais do fundamental em que se estabelece uma relação visual (espaço e/ou conteúdo) para absorver as grandezas físicas.

c) Propriedades de cognição social

Os princípios de processamento e motivação que estão na base da atividade interativa entre atores sociais e ambiente social são aspectos que podem ser observados nas manifestações variadas de como as pessoas veem o mundo à sua volta e se comportam neste, assim, desde os discursos elaborados nas redes sociais ao modo como agimos nos vários momentos do cotidiano. Porém, há processos que estão na base destes e que não são observáveis e se relacionam com um conjunto de propriedades do sistema de cognição, tomando o sistema nervoso como um computador, o sistema cognitivo é um programa de alta performance que coloca cérebro e seus segmentos e extensões para captar, reter e produzir informações em parar. As propriedades da cognição são os diversos aplicativos utilizados pelo indivíduo para cumprir demandas solicitadas pelo ambiente social (contar, ler, traduzir, ouvir, ver, processar, guardar, estabelecer relação entre informações e experiências, etc.). Assim, a cognição é utilizada pela ativação dos princípios processuais e motivacionais.

Collins & Loftus (1975) dizem que as propriedades cognitivas podem ser divididas entre estruturais e funcionais, que, por analogia, estabelecem relação com os modos diferentes de software que se interligam com estruturas aos componentes funcionais que estão espalhados por toda a estrutura corporal. Jones & Fazio (2008) argumentam que os componentes estruturais se referem à arquitetura dos diferentes modos de organização dos conhecimentos ou representações mentais (do mundo que os atores sociais se locomovem e experimentam, os objetivos humanos, as identidades sociais e seus vários papéis, do comportamento aos modos de expressão artísticos, do modo como vemos os seres e os grupos, etc.), ou seja, o que se liga ao quê.

Smith (1998) já apontava que os modelos teóricos mais conhecidos (modelos associativos) projetavam que as representações mentais ou modelos mentais são sistematizações de uma rede de associações, donde cada conceito é representado por nódulos com ligações a outros nódulos. Smith (1998) argumenta que tal relação implica que a cognição é composta por uma série de componentes que, por não estarem isolados, mas em associação entre si, fazem com que, quando um modelo mental social é usado/ativado, outros nódulos são ativados ou poderão ser. Se falarmos com um estudante e pedirmo-lo que diga tudo que vier à cabeça quando escuta a palavra “escola”, nessa situação, poderá referir-se “professor”, “alunos”, “caderno”, “livros”, “lápiz”, “quadro branco”, “atividade de classe”, “recreio”, “cantina”, etc., isso ocorre pelo fato de todos esses significantes estão associados à palavra “escola”. Esta associação não decorre da sua coativação ou rememoração de experiências pretéritas, sendo que a força dependerá da frequência com que isso ocorreu. Podemos perceber isso devido ao fato que o processo de ensino no Brasil perfaça um período de 12 anos obrigatório indo à escola, assim, as associações se deram muito mais forte e imediata ao comando (input auditivo). Essa presença contínua fez a memória reter, após um longo período de exposição, e o levou a organizar em categorias: grupos do material escolar (“lápiz”, “livros”, etc.), grupo do mobiliário escolar (“carteira”, “quadro branco”, “birô”, etc.), funcionários escolares (“professora”, “secretário escolar”, etc.). Caso o aluno tenha mudando de escola, percebeu que esses elementos são exemplares (mais ou menos típicos) das mesmas organizações de informação, com isso, foi retido com facilidade, pois precisaria dessas informações para seu transitar no ambiente social escolar (GARCIA-MARQUES, FERREIRA, & GARRIDO, 2013).

Jones & Fazio (2008) tratou dessa ativação e chamou de “spreading activation” (ativação de espalhamento), pois o conceito de “escola” espalha-se para outros conceitos relacionados, com isso, ocorre a ativação sequencial como um efeito de propagação. Quando ativamos um conceito, existe a probabilidade maior de outro ser ativado algum conceito associado e não um elemento não associado (quando falo de “escola”, alguém não falará enfermeiro, já que não é um elemento frequente nesse ambiente social, entretanto, as escolas técnicas do Ceará têm oferecido cursos profissionalizantes, sendo ofertado o curso de Técnico em Enfermagem, é possível que o aluno de uma dessas escolas ative o termo “enfermeiro” em associação ao termo “escola”). Esse processo associativo não se dá apenas com termos concretos (objetos, pessoas, etc.), podendo ser incluído também para avaliações que fazemos ou emoções que são suscitadas por presença de objetos/pessoas/insetos, etc.

Morgan, Fischhoff, Bostrom e Atman (2002) realizaram pesquisa com pessoas de várias idades e sexo em que passaram a avaliar a energia elétrica e a energia nuclear como um

risco semelhante à saúde física. Isso se deu pelo fato de estarem associadas na categoria geral “energia”. Isso demonstra que a cognição é uma estrutura flexível, sendo que diferentes naturezas, estruturas, conceitos e representações mentais podem ser categorizadas de modos diferentes ou diferentes atores sociais. Um bom exemplo pode ser feito com os bens de consumo como a comida. Peguemos a “castanha” que pode ser colocada como uma “semente”, em termos, associada à sua origem “castanha do Pará”, em termos de sua produção “biológica” ou em termos de nutrientes, sendo essa rica em “Ômega 3” ou “vitamina E”, entendida como um “alimento saudável”. Isso revela que, em diferentes contextos, o ator social pode fazer diferentes associações, por fazerem parte de categorias diferentes tendo a necessidade de se estabelecer os marcadores “ambiente social” e “atores sociais” envolvidos na interação.

Higgins, Bargh & Lombardi (1985) explicam que as propriedades funcionais regem o sistema cognitivo e são entendidas como modelos de sinapse; da mesma forma que ocorre a ativação por espalhamento, o corpo humano ativa certas sinapses que levam a movimentação muscular ligadas à ativação de representações mentais ou nódulos seja para realização de determinados comportamentos ou expressão de atitudes, bem como tomadas de decisões. Como ocorre com a ativação de sinapses e movimento musculares (podemos ressaltar as pesquisas desenvolvidas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará sobre o rastreamento ocular), o nível de excitação cai oriundo do lembrar de lembrar negativas do passado, ou seja, uma representação mental do passado terá um nível de excitação maior ou menor de acordo com a ativação no passado. Quanto maior for a ativação provocada pela memória, maior é o potencial de influenciar ou se manifestar nas produções discursivas dos atores sociais.

Estas modificações na estrutura corporal são facilmente identificadas nos hábitos e comportamentos dos atores sociais em suas práticas no cotidiano. Se um comportamento era rotineiro no passado e tendo se dado uma ativação mental repetidamente, maior será a possibilidade de se repetir no contexto em que essas ações já eram executadas. Isso é percebido quando continuamos a usar o mesmo caminho que usamos para ir ao trabalho quando é o fim de semana, mas o objetivo é outro. Isso revela uma propriedade do sistema cognitivo funcional: se for grande a ativação de uma representação mental e essa está associada à elevada acessibilidade de ocorrência de elevada frequência de acontecimento, maior será o direcionamento do comportamento (HIGGINS & BRENDL, 1995).

Outra regra importante que revela a influência das representações mentais sociais está ligada à sobreposição ou semelhança entre conteúdos mentais, assim, quanto maior for a semelhança ou sobreposição ou conteúdo da representação social e as características do

contexto, maior será a probabilidade desta representação mental social ser aplicável àquela situação, como assumem Higgins & Brendl (1995). Um hábito terá maior presença ou maior será a chance de se manifestar em determinados contextos em que habitualmente acontecem. Isso se dá, pois, a informação do comportamento é habitual, ou seja, está sempre presente na memória de trabalho e sempre associada à informação sobre onde e em que situações ocorrem. Nessa perspectiva, é mais habitual ir ao trabalho pelo caminho usado todas as manhãs quando não é suposto do que usarmos um caminho diferente do habitual.

É claro que isso se dá pelo papel desempenhado pela inconsciência, razão pela qual a maioria dos processos sociocognitivos que mediam a interação entre as estruturas sociais e as estruturas discursivas e entre atores sociais e ambiente social se dão com maior repetição sem que o enunciador tenha consciência de estar executando. Quando age conscientemente, essa consciência poderá ser mera parte do processo ou não permitir que ocorra uma relação direta, dada a baixa capacidade de intromissão ou de análise detalhada das causas do modo como nos comportamos ou pensamos. Dijksterhuis & Aarts (2010) explicam que, em contrapartida, quando os processos são conscientes, têm-se uma noção dos aspectos associados e seus conteúdos projetados, o que possibilita a verbalização. Um bom exemplo é a capacidade de falar ou escrever: embora tenhamos a consciência de estarmos executando os atos de escrever e falar, não temos consciência dos processos cognitivos envolvidos no processo de produção de discurso (buscar as palavras adequadas na memória como o fizemos na escrita desta dissertação, etc.). Wegner e Smart (1997) salientam que, mesmo os processos cognitivos na relação entre ambiente social e atores sociais não envolverem diretamente a consciência, na maioria das vezes, é necessário que estes se deem por meio de um componente perceptual e pela atenção aos estímulos relevantes para o entendimento do comportamento e a previsão de uma resposta mais adequada à situação, assim, não se precisa da consciência, mas antes dar atenção à situação específica, ao ambiente social e seus membros.

Hamilton (1986) explica que, mesmo sendo a atenção um fator importante nos processamentos das informações disponíveis no ambiente físico e social, como foi exposto anteriormente, nem sempre o ator social consegue se manter atento a toda informação exposta no determinado momento/situação. O que advém dessa disposição é que a atenção à informação é seletiva, dependendo do quão saliente/acessível for a informação (por exemplo, a cor vermelha em notícias sobre mortes), maior será o potencial de atrair a atenção aos objetivos traçados no momento (por exemplo, fome) e/ou objetivos crônicos que habitualmente seguimos (por exemplo, ir ao local de trabalho). Dijksterhuis & Aarts (2010) dizem que existem momentos e/ou situações que o ator social tem capacidade de aplicar a atenção a vários tipos

de informação (por exemplo, o professor de língua portuguesa ao corrigir uma redação com a turma), outras situações e/ou momentos ativa-se um “filtro” que impede que toda a informação seja processada (por exemplo, assistir a um filme legendado em que a atenção se volta para o filme e a decodificação da língua estrangeira).

Eagly & Chaiken (1993) dizem que há dois tipos padrões de processamento com base no que foi exposto no parágrafo anterior, que são: heurístico vs. sistemático. O processamento cognitivo heurístico está ligado à capacidade e motivação baixa para processamento de informações do momento e/ou situação, pois demanda uma alta sobrecarga da função cerebral (por exemplo, cansaço, tempo curto, distrações ou excesso de informação a ser processada: prova do Enem), assim, seguimos, dentro das referidas situações, um tipo de processamento com menor esforço, menos deliberativo e mais heurístico (norteados por regras de decisão simplificada), sendo um exemplo clássico a tomada de decisão na realização de comportamentos habituais, ou seja, de forma automática e inconsciente, agimos, mas não necessariamente temos consciência de toda as funções ativadas e os passos envolvidos. Diferente do primeiro, em situações na quais o ambiente físico e social se altere (em contexto de alta volatilidade, por exemplo, dirigir carro), isto é, em uma situação que vários obstáculos se interpõem, o processo de ação da cognição é mais sistemático. Dyer & Boothby (2012) argumentam que os dois tipos de processamentos (heurístico vs. sistemático) não só são complementares como também de forma conjunta a outros tipos de processamentos estão envolvidos na interação entre atores sociais e ambiente físico e social.

2.2.1.1. *Cognição social situada (CSS)*

A cognição social vem atuar como uma mudança do paradigma de tratamento da cognição pela metáfora computacional, para ser entendida como uma metáfora biológica, ou seja, que possa ser entendida como um processo biológico regulador adaptativo que permite, em último momento, a necessidade de sobrevivência. Simpson & Kenrick (1997) explicam que essa perspectiva põe em causa a natureza simbólica, abstrata e estável das representações mentais e dos processos cognitivos relativamente estáveis independentemente do contexto e/ou situação interativa, pois se percebe a influência da percepção ligada às raízes do processamento sensorio-motor que, segundo Wilson (2002), é sensível e direcionada para ação, projetada as necessidades do contexto e/ou situação social.

Semin & Smith (2012) explicam que essa mudança de paradigma trouxe uma reformulação no que se passou a entender sobre a cognição. Os pressupostos que emergiram dessa reformulação são:

a) a cognição é para a ação, isto é, a cognição não tem um fim em si mesma, mas trata-se de um processo regulador adaptativo que é moldado e/ou articulado pelos objetivos sociais traçados pela ação humana de acordo com as necessidades ambientais físicas e sociais. A inteligência humana deve ser entendida nas interações adaptativas executadas em atividade com outros atores sociais e com o contexto e as estruturas cognitivas são tomadas como receptores passivos, mas, além disso, são os responsáveis por colocar em relação os sistemas semióticos com sociedade e grupos sociais a fim de estabelecer relação entre as informações geradas e as ações humanas implicadas, de modo que as informações sensório-motor ajudem a adaptar o corpo e moldar os discursos as demandas ambientais e contextuais;

b) a cognição é socialmente situada, em oposição à visão mentalista, na qual a estrutura mental é análoga a estrutura do mundo (CLANCEY, 1997). A cognição socialmente situada (CSS) entende que a influência ambiental é significativa e suas características são recursos ou restrições cognitivas e as relações entre os atores sociais e o ambiente social. Esse pressuposto está apoiado em estudos sobre as atribuições (NORENZAYAN & SCHWARZ, 1999), as autoatribuições (RHODEWALT & AUGUSTSDOTTIR, 1986), a autoestima (CROCKER, 1999), o autoconceito (McGuire & McGuire, 1988) e os estereótipos sociais (SCHALLER & CONVEY, 1999; GARCIA-MARQUES, SANTOS, & MACKIE, 2006), sendo que esses processos cognitivos são típicos e, deste modo, são considerados automáticos e estáveis, pois as pistas detectadas na situação social imediata influenciam sua ativação. Depois que nos habituamos aos ambientes sociais e suas situações variadas passam a fazer parte dos nossos processos cognitivos, procuramos organizá-los e usá-los para facilitar a ação dos processos cognitivos (BARSALOU, 2000; CLARK, 2008; YEH & BARSALOU, 2006);

c) a cognição é distribuída no tempo e no espaço pelo ambiente (KIRSH, 1995; PALMA, GARRIDO, & SEMIN, 2014), atores sociais e seus grupos (HAMILTON, & FERREIRA, 2012; LEVINE, RESNICK, & HIGGINS, 1993; WEGNER, 1986). Hutchins (1995) explica que o desenvolvimento da sociedade só pode ser percebido se for observado o conhecimento como um processo acumulado que é distribuído e

preservado por meios de artefatos técnicos e artísticos (lápiz, computador, prédios, etc.), da organização do ambiente (placas de trânsito, codificação do sistema de transporte público, codificação postal, etc.) e da distribuição do conhecimento por pessoas e grupos (médicos, advogados, biólogos, geógrafos, linguistas, etc.).

d) a cognição está espalhada pelo corpo, isto é, a cognição é corporificada, pois a arquitetura cerebral faz com que se espalhem pelo corpo por meios dos nervos e estrutura sensoriais a possibilitar a se constituir como fonte de regularidade ou de constrangimento à cognição, afeto, motivação e comportamento (SMITH & SEMIN, 2004). Em estudos de Wells & Petty (1980), os estados emocionais e os julgamentos podem ser influenciados por estímulos corporais, por exemplo, notaram que movimentos verticais com a cabeça induziam avaliação positiva durante a execução de uma mensagem persuasiva, enquanto que os movimentos horizontais não tinham o mesmo efeito. Sobre a representação significativa de conceito abstrato como afeto, tempo, poder ou mesmo conceitos conotados (AZEVEDO *et al*, 2013, SCHUBERT, 2005, LAKENS, SEMIN, & GARRIDO, 2011, FARIAS, GARRIDO & SEMIN, 2013), os atores sociais utilizam conceitos concretos (espaço vertical ou horizontal) para viabilizar a comunicação e sua representação no discurso. Duclos *et al*. (1989) e Foroni & Semin (2009) explicam que as expressões faciais correspondem a estados emocionais que promovem ou induzem, seja linguisticamente ou mecanicamente, a emoção correspondente influencia o julgamento avaliativo. Sobre a disposição do ambiente físico, Semin & Garrido (2012) dizem que seus estudos revelaram que as características do ambiente promovem processos afetivos e avaliativos distintos, por exemplo, segurar xícara com café quente promove uma avaliação positiva de um alvo social hipotético. Esses estudos revelaram que existe uma relação estreita entre o corpo e o processamento das informações oriundas do ambiente físico e sociais e seus atores sociais.

De modo geral, apesar de a teoria da cognição social situada ter vindo a obter apoio em estudos empíricos relevantes para uma fortificação da base teórica, sua fama também emerge de algumas controvérsias suscitadas. Alguns teóricos da CSS afirmam que a cognição é situada e implica a exclusão de uma gama de processamento cognitivo humano que se dá off-line (por exemplo, recordar, sonhar acordado, planejar, etc.), ou seja, ações dissociadas de qualquer influência da interação com o ambiente (WILSON, 2002). Barsalou (2008) contra-argumenta a essa questão afirma que, mesmo nas situações anteriores, isto é, na atividade

cognitiva em off-line, são reativadas reações modalizadas na cognição on-line, tal como se dá na presença de um estímulo e/ou situação e/ou evento comunicativo.

Entretanto não se pode estabelecer fronteiras definitivas de um sistema que gera julgamento e prescinde de princípios e regularidades. Embora a cognição seja ativada por estímulos ambientais e por outros atores sociais, ocorre uma facultividade da cognição, já que se trata de um sistema flexível, variável e complexo. Assim, Smith & Conrey (2009) explicam que a pesquisa deve ser contínua para reformulação da teoria e suas explicações. Aqui não faremos uma distinção entre a cognição social e pessoal, nem detalharemos as características de uma ou de outra. Já que estamos, ao tratar de uma ou de outra, falando de cognição, importa diretamente para essa dissertação e para o tratamento do *corpus* selecionados as propriedades mais fundamentais da produção e compreensão do discurso (GRAESSER, GERNSBACHER, GOLDMAN, 2003).

2.2.2. *Modelos de situação*

O mundo não é percebido diretamente pelos atores tecnossociais, mas por meio das representações internas, modelos mentais, que são os mecanismos utilizados internamente para entender o mundo externo. Os modelos mentais são formas que ajudam os atores sociais a representarem o mundo exterior (internamente) para ser usado nas mais variadas situações sociais. Existem dois tipos de representações mentais na teoria de Johnson-Laird: análogas e proposicionais. As análogas são as representações não discretas (não individuais), concretas (representação da entidade do mundo exterior), organizadas pelas regras frouxas e unidas por combinações específicas sendo a informação originalmente encontrada. As representações proposicionais são discretas (individuais), abstratas, organizadas segundo regras rígidas e expressam conteúdo ideacional da mente independentemente da modalidade original, sendo expressa em qualquer língua e através de qualquer sentido (EISENCK E KEANE, 1994, p. 184).

Van Dijk (2016) propõe uma explicação de modelo mental baseada na perspectiva construtivista, assim, explica que os modelos mentais são construções subjetivas e representações mentais de experiências e/ou situações, funcionando também como conceitos naturais por se definirem nas experiências do cotidiano entre membros de uma comunidade epistêmica. A série de processos expostos anteriormente ajudam os atores sociais a processar, interpretar, julgar, avaliar e reter as informações oriundas do ambiente social e físico e de outros atores sociais e grupos sociais. Vale ressaltar que os modelos mentais de uma situação e/ou evento específico se representam por um modelo mental que reúne critérios socialmente aceitos

e compartilhados por membros de um grupo social (comunidade epistêmica). Sobre o ponto de vista do discurso, tais modelos mentais se comportam como modelos de situação que representam os eventos ou situações de que o discurso trata (VAN DIJK, KINTSCH, 1983). Já que esses modelos situacionais funcionam por aquilo que se chamou de aspecto “referencial” do emprego da língua, podem ser nomeados como “semânticos”, pois, ao produzir um discurso, há intencionalidade no uso linguístico, a construção do tema procura produzir um determinado efeito no coenunciador.

Van Dijk (2015) explica que os modelos de situação não devem ser confundidos com o sentido (intencional) do discurso, já que os discursos se constituem em nível e aspecto diferente e particular do processamento do discurso. Deste modo, os modelos de situação não dependem do uso da linguagem para serem produzidos e arquivados pelos atores sociais, efetivamente os atores sociais experimentam, participam e observam os eventos ou as situações em razão dos modelos de situação quer de modo consciente ou inconsciente, quer manifestando os modelos ou não. Shipley e Zacks (2008) explicam que a experiência e a compreensão correntes dos eventos e situações do ambiente físico e social se dão em função dos modelos mentais que segmentam, organizam, direcionam e definem a realidade no momento em que vivemos. Embora as estruturas linguísticas (sentenças, textos e discursos) sejam influenciadas pelas estruturas mais primitivas dos modelos mentais, os modelos mentais construídos na experiência cotidiana da vida prática são independentes dos discursos. Plotkin (2007), em suas observações do comportamento de primatas, percebeu que os grupos de macacos desenvolveram modelos mentais para mediar a interação com o ambiente físico e as outras espécies, assim, fundamentou a ideia da existência anterior de que os modelos mentais são anteriores aos sistemas de linguagem, já que fazia necessário se adaptar ao meio para garantir a sobrevivência no ambiente físico.

Os estudos da Psicologia Cognitiva sobre a memória revelaram que os modelos mentais só se ativam quando há necessidade de processamento de informação, sem o estímulo ou *input*; as informações ficam armazenadas na memória episódica, isto é, na memória de longo prazo, local em que são retidas as experiências autobiográficas ou memórias pessoais (BADDELEY, CONVEY, AGGLETON, 2002; TULVING, 1983, 2002). O processamento se dá na mente, entretanto, ao passo em que se dá o processamento de informação, ocorre o arquivamento ou reequilíbrio de modelos mentais preexistentes, como já havia exposto Piaget (1952) em suas observações do desenvolvimento cognitivo da criança. Atkinson e Shiffrin (1968) apresentaram um modelo teórico desse processamento e arquivamento de informação pela cognição. De acordo com tal proposição, há uma estrutura de captação e

armazenamento em nossa memória que se chama memória de curto prazo e sensorial, memória mais limitada, entretanto, de função relevante para a captação dos estímulos e informações. Essa memória capta uma série de informações, porém, o armazenamento do que foi processado fica a cargo da memória de longo prazo, sendo ilimitada e funciona como uma biblioteca ou arquivo geral das informações tratada pela memória de curto prazo.

Baddeley e Hitch (1974) apontam que a função da memória de trabalho, memória de médio prazo, é a de pesquisa, seleção e direção das informações captadas para junto das informações que já se encontram armazenadas na memória de longo prazo, sendo sua atribuição o processamento de informações e armazenamento temporário de informação que será utilizada num dado momento para possibilitar o acesso mais rápido.

Kintsch e van Dijk (1983) explicam que a memória de longo prazo compreende dois tipos de memória: social ou semântica e individual ou episódica. A memória social se divide em três tipos de informação – linguístico, enciclopédico e interacional – e a memória individual armazena conhecimentos experienciados individualmente. Van Dijk (2016) ressalta que não há uma teoria que explique como se dá a organização dos modelos mentais, entretanto sua hipótese é que se dê por meio de estruturação hierárquica formulada por categorias limitadas e fundamentais ligadas a experiências pessoais, cujas estruturas seriam delimitadas pelo palco espaço-temporal, os participantes respeitados as diferentes idades, papéis e tipos de relações, objetivos e uma ação ou acontecimento. Esses aspectos com auxílio da memória de longo prazo individual ou episódica ajudam a montar os modelos individuais que atuam como uma forma que o ator social representa uma dada situação que se manifestará no discurso. Tais modelos representam a focalização que será aplicada no processamento da informação ou que forma o ponto de vista. Van Dijk (2016) diz que esses aspectos se manifestam nas estruturas semânticas, basta lembrar a teoria dos papéis temáticos de Fillmore (1968) ou na proposição da sequência narrativa de Adam (2008) ou menos as proposições de Volóchinov/Bakhtin (1929) sobre a relativa estabilidade dos gêneros dos discursos. Esses modelos linguísticos podem revelar as evidências da projeção dos modelos mentais nas estruturas do uso da linguagem e do discurso.

A memória de trabalho, explicam Kintsch e van Dijk (1983), processa e armazena aquilo que será usado na situação específica que o ator social se encontra espacial-temporal, linguisticamente, as palavras, frases e períodos, isto é, sentenças enunciadas e são convertidas em sentidos, cujo fim é tornar-se proposições, os sentidos secundários do texto. Assim, essas proposições são microproposições que se organizaram dentro de uma coerência local, os sentidos são projetados tendo por orientação a explicitação de implícitos por meio de inferência a fim de unir as microproposições num sentido global que se chama macroproposições, que

dizem respeito efetivamente à construção do sentido do ponto de vista semântico. Bronckart (1999) explicou esse procedimento de construção do sentido quando tratou da heterogeneidade composicional das sequências textuais e propôs que tais estruturas são relativamente autônomas que possibilita a combinação e recombinação para ser operada com vista na construção do sentido.

A relação de coerência local constitui-se pela relação entre as microproposições e a coerência global pela projeção da macroproposição que leva à macroestruturação do texto/discurso, que advém do resultado final do processamento. Seja a produção textual, macroestrutura, seja a sentença, microestrutura, precisa se apoiar em modelos mentais sociais e individuais que possam ser reconhecidos pelos atores sociais na interação, pois funcionam como condições de produção. Sua manifestação se dá por serem formas memorizadas, que são identificadas como sequências textuais e podem se combinar a fim de se manifestarem na forma de gênero do discurso, ou seja, vir a ser uma superestrutura que se formaliza e textualiza em discurso.

Tal possibilidade se dá, pois, segundo van Dijk (2016a), os modelos mentais sociais e individuais são multimodais e representam a experiência dos atores sociais que sempre é complexa, corporificada, já que incluem aspectos visuais, auditivos, sensório-motores e emocionais da experiência do evento e/ou situações. Nesse sentido, van Dijk (2016b) diz que os modelos mentais são formas de conhecimento de um evento e/ou situações pessoais que são compartilhados através da comunicação dentro de uma comunidade epistêmica, pois requer que se encaixe aos critérios do grupo para, então, ser considerado conhecimento social e, deste modo, passam a ser generalizados nas mais várias situações e acabam por se tornar um conhecimento genérico por ter se tornado uma abstração da situação espaço-temporal e as outras propriedades ditas anteriormente.

Esses modelos mentais pessoais não são puramente experiências corporificadas dos atores sociais, já que podem ser apresentadas como opiniões pessoais sobre valor ou por emoções sobre o evento e/ou situação que acabam sendo expressos por meio da linguagem de vários modos, sentenças e narrativas sobre tal experiências. Quando esses conteúdos são projetados, devem ser observados para a compreensão do discurso não apenas a construção do sentido (intensionalidade) na forma de alguma representação semântica, mas também a construção dos referentes (extensionalidade) sob os aspectos de como os modelos mentais armazenados na memória episódica são projetados. Van Dijk (2016a) explica que falar e escrever sobre evento e/ou situação específicas, na forma de contação de história, notícia ou desabafo, baseiam-se em situações pessoais, subjetivas, que o ator social como usuário da

língua constrói por meio dessas situações, e vale ressaltar que o ator social poderá fazer uso de outros sistemas semióticos (pintura, desenho, música, poesia, gestos, etc.). Em outras palavras, os modelos mentais fornecem a base interpretativa para ambas as semânticas (extensional, referencial) e pragmática do discurso.

Van Dijk (2016) diz que, por serem pessoais, os modelos mentais mostram, centralmente, uma categoria de *self* que representa a natureza única, encarnada e performática (experiências - modelos – atos antigos). Por outro lado, a categoria de *self* define a identidade das pessoas em situações com experiências diferentes.

2.2.2.1. Modelos de situação do discurso

Os modelos mentais podem se combinar e se sucederem em modelos mais complexos. Essa predisposição fora apontada por Piaget (1952), cuja ideia central é a instabilidade do ambiente que produz desequilíbrio, assim, o ator social busca sempre a adaptação por meio de acomodações e assimilação para obter um equilíbrio maior. Deste modo, explica van Dijk (2016), que os modelos mentais podem ser combinados em modelos mais complexos, mais amplos e hierárquicos, como é o caso dos nossos modelos de fazer viagens de carro para o litoral em que requer troca de motoristas, pausa para refeições e outras demandas oriundas da fisiologia humana e geografia da região onde se transita.

De fato, como já vimos, além de nossas experiências pessoais, os modelos de localização construídos a partir do discurso de comunidades epistêmicas que são uma das formas preferidas de obtenção de conhecimento sobre o mundo, ou seja, os modelos mentais globais ou sociais (macroestruturas), assim como os modelos mentais pessoais (microestruturas) são relevantes para a formação do conhecimento e interpretação de informações. Entretanto, dentre as informações arquivadas na memória episódica, são mais acessadas aquelas com alto grau de emotividade, como já propunha Wallon (2010), pois a informação emocionalmente relevante tende a ser mais facilmente acessível. É o caso, por exemplo, das narrações das conversas cotidianas e das notícias sobre os acontecimentos mundiais, que são mais facilmente interpretadas quando estabelecemos relação a episódios autobiográficos (VAN DIJK, 2016a).

Segundo van Dijk (2016b), as experiências repetidas que são representadas em modelos mentais tendem a agir ou funcionar como abstração e generalização, ou seja, como forma de conhecimento genérico. Atuam então como uma “instância” para a produção e compreensão de enunciados, pois esses modelos mentais são aplicados, de cima para baixo (*top down*) na construção de informações dos velhos modelos mentais (experiências anteriores). Até

o presente momento, nenhum teórico conseguiu captar o momento exato em que a criança faz a associação entre o objeto do mundo e a palavra, que se trata de um modelo mental representacional do objeto em si. Um fato incontestável é que a criança vai dominar primeiro a língua materna, já que a influência se dá pela força emotiva no vínculo mãe e criança e tal laço familiar será a base para aquisição, desenvolvimento e processamento das outras linguagens. De certo, não haverá o desligamento do contexto da vida desse ator social de sua vida íntima e com o ambiente social e físico e outros atores sociais para além da presença materna, mas a força da experiência pessoal é relevante para a compreensão e aquisição de conhecimento, além de auxiliar na interpretação de informação e produção de nova informação.

Os modelos pessoais se encaminham para se tornar um modelo social, ou seja, os membros de um grupo social partilham e trocam informações, além de compartilharem estrutura psico-biológica parecida que, dentro de modos regulares de vivência em ambientes sociais e físicos, chegam a informações parecidas, mas mediadas por modelos pessoais particulares, são capazes de abstrair modelo genérico para determinadas situações e que serão utilizadas quando forem relevantes ou ativadas por estímulos afetivos mais acessíveis e associados à informação que foi arquivada na memória episódica. Diante disso, van Dijk (2016b) chega à conclusão de que os modelos mentais globais são co-produzidos e reforçados pela repetição dentro dos grupos sociais ou comunidades epistêmicas, sendo compartilhado. Entretanto essas modelos globais influenciam a formação de modelos mentais individuais (únicos e pessoais) pela influência da vida social dos atores em grupo sociais que o levaram a construir modelos pessoais possibilitado pela vivência e a singularidade do espaço-temporal, atores com quem interagem (afetivamente e com identidades e níveis relacionais variáveis), eventos ou ações objetivas, além dos tipos de linguagem utilizado ou dos discursos sempre diferentes.

Os modelos de situação do discurso têm as mesmas propriedades gerais dos modelos de experiências pessoais. Van Dijk (2016a) explica que esses modelos são ativados ou construídos à medida que são criados durante múltiplos processos gramaticais (desde a seleção de itens vocabulares que irão circular os verbos e exigidos pela transividade da estrutura frasal, adequação à sequência textual que irá ser articulada para compor a estrutura do gênero textual exigido pela situação comunicativa, além da adequação das formas de tratamento projetada pelas relações hierárquicas sociais definidas pelos papéis sociais assumidos pelos atores sociais da interação) e outros tipos, envolvidos na produção e compreensão do discurso na memória de trabalho; armazenados na memória episódica e representam, subjetivamente, objetos, pessoas, eventos e ações a que um discurso se refere.

Os modelos de situação explicam aquilo que, tradicionalmente, tem sido descrito como o significado subjetivo dos usuários (enunciador e coenunciador), incluindo os pressupostos e implicações que permanecem implícitos no discurso porque podem ser derivados (i) da informação explícita do discurso, (ii) da situação comunicativa, e (iii) do conhecimento genérico (linguísticos, enciclopédicos, interacionais e epistêmicos). Os modelos de situação não podem ser reduzidos aos elementos pressupostos e implicados as informações explícitas, à situação comunicativa e aos conhecimentos genéricos, já que o modelo de situação do discurso é mais amplo e detalhado que os elementos ligados ao significado expressado na sentença, mas se caracteriza pelas inferências realizadas por meio do conhecimento genérico que permanece implícito ao discurso, bem como pelas experiências do passado dos coenunciadores que estão representadas nos modelos mentais anteriores da memória episódica.

De acordo com van Dijk (2016b), os modelos mentais de situações têm algumas funções fundamentais para o processamento dos discursos, sendo, em primeiro lugar, o direcionamento da interpretação semântica do discurso: faz o coenunciador ativar experiências pessoais, o conhecimento específico, as opiniões ou emoções que os usuários da língua querem expressar ou comunicar. Em segundo lugar, os modelos de situação definem a coerência local e global, de tal modo a organizar as sequências de sentenças ou deslocamentos da estrutura da frase, bem como se exibem os vários tipos de relações de significado funcional (tais como generalizações e especificações), mas também com se expressam relações temporais ou causais entre eventos e/ou ações dos modelos de situação. Isso significa que a coerência do discurso é relativa: um discurso é coerente – para os coenunciadores – se estes forem capazes de construir um modelo mental do mesmo.

Van Dijk (2016b) explica que, para além dessa coerência local e sequencial, o discurso tem coerência global, descrita em termos da macroestrutura da representação semântica, ou seja, direcionamentos de ordem de uma macroestrutura definida pela comunidade epistêmica. Essa macroestrutura subjetiva define os tópicos e as informações essenciais (acessível) ao discurso e baseia-se no nível mais elevado dos modelos mentais dos participantes. Ou seja, as escolhas das estruturas linguísticas são definidas pelos modelos mentais pessoais e pelos marcos contextuais da interação, de modo a garantir uma construção coerente do discurso. É claro que o discurso pode parecer coerente para o enunciador, ator social pressuposto pela enunciação, mas não ser coerente para o coenunciador. Quando isso ocorre se deve à posição que ambos os atores têm sobre o tema tratado, resultando na incompreensão ou a manifestação da polêmica, ou ainda, se ambos assumem os critérios da discussão com vista no entendimento, a busca por uma equilíbrio das partes.

Deste modo, van Dijk (2016b) diz que os modelos mentais são cruciais para a compreensão do discurso e do conhecimento porque ambos são pontos de partida e de chegada do discurso: os usuários de linguagem, em geral, não se comunicam sem razão ou sem motivo, mas com a intenção de compartilhar experiências pessoais e conhecimentos específicos que adquiriram, por sua vez, de outras fontes (incluindo outros discursos) e fazê-lo de acordo com a forma como isso é representado em seus modelos mentais. Assim, os coenunciadores raramente memorizam as palavras exatas e/ou mesmo os significados locais do discurso, pois sua compreensão, incluindo possíveis "falsas memórias" de significados que nunca foram expressos no próprio discurso, se voltam para os próprios modelos mentais, pois estão mais preocupados em ter uma resposta que, verdadeiramente, tentar compreender o discurso do enunciador.

Em outras palavras, os discursos e os modelos que expressam e implicam são os principais meios de reprodução do conhecimento na sociedade, tanto nas interações cotidianas quanto nos discursos públicos. Van Dijk (2016b) argumenta que os modelos mentais de situação explicam várias formas de multimodalidade, tais como influências intertextuais entre textos, imagens e gestos. Na verdade, após algum tempo, os usuários da linguagem podem não se lembrar se leram, ouviram ou viram uma notícia, a menos que algumas propriedades do próprio discurso se destaquem, como na poesia, nos comerciais ou em algumas conversas.

Em resumo, van Dijk (2016a) diz que os coenunciadores aplicam sobre o discurso dos outros modos de análise e compreensão baseados nos seus modelos mentais de situação, não só para ver os sentidos expressos no discurso, mas como conhecimento e ideologias socialmente compartilhados. Buscam nos modelos antigos, modelos esses estritamente pessoais, padrões antigos e experiências pretéritas como forma de construir os critérios para o seu julgamento. Esse modelo teórico em que se foca no modelo de situações do discurso faz emergir a distinção clássica entre o sentido do enunciador, o sentido do discurso e o sentido do coenunciador (aquele que pertence a mesma comunidade epistêmica e aquele que pertence a outra comunidade epistêmica).

2.2.2.2. *Modelos de contextos*

Segundo van Dijk (2016a), os estudos em Psicologia Cognitiva não fazem referência aos modelos de contexto, se limitam a tratar apenas dos modelos semânticos e deixam de fora a orientação pragmática para interpretação de um texto em dado contexto social. Se todas as nossas experiências diárias estão representadas em modelos mentais, isso também

se aplica às nossas experiências específicas de interação e comunicação verbal. Deste modo, os modelos de contexto são simplesmente como qualquer outro modelo de experiência, no entanto, representam subjetivamente a definição contínua da situação comunicativa de acordo com os participantes e de acordo com a acessibilidade da situação (CLANCEY, 1997; GIBSON, 1986).

Van Dijk (2006) defende que a cognição faz a mediação entre a sociedade e os discursos, assim, conceitua contexto nos seguintes termos: “[...] é definido como a estrutura mentalmente representada daquelas propriedades da situação social que são relevantes para a produção ou compreensão do discurso” (VAN DIJK, 2008, p. 119). Van Dijk (2016b) entende que os modelos de contexto representam os parâmetros da situação comunicativa que são relevantes para os enunciadores e/ou coenunciadores em qualquer momento. Vale lembrar aqui os parâmetros aos quais Van Dijk (2016b) faz menção: palco (tempo, lugar), participantes, com papéis comunicativos especiais, tais como vários tipos de enunciadores ou coenunciadores, identidades, relações sociais e uma categoria central de Ação Comunicativa, tais como atos de fala e atividades de conversação com suas intenções e objetivos. Peguemos a categoria de atos de fala: os atos proferidos por um padre diante do púlpito da igreja para realizar um casamento só pode ser realizado por esse enunciador especial, assim, o contexto é o poder de realizar casamento, sendo a situação comunicativa o casamento de X e Y. Podemos então perceber que o modelo de situação é a experiência retida, sendo que o modelo de contexto abarca a situação e a ocorrência, ou seja, o padre tem a experiência de realizar casamentos, fruto de sua experiência, mas, no momento do casamento de X e Y, é a ocorrência em que ele coloca em funcionamento o modelo de situação de discurso.

Van Dijk (2016b) afirma que a principal função do modelo de contexto é assegurar que o discurso que estamos a elaborar seja adequado à condição da situação comunicativa. Isto é, enquanto os modelos de situação definem a significação do discurso, os modelos contextuais definem a sua adequação. A situação comunicativa de um casamento é o desejo de duas pessoas de se unir nesse sacramento, caso optem pela união católica, ou firmarem o compromisso civil, assim, o juiz de paz realizará a união civil. O modelo de contexto é a construção da adequação do discurso a uma dessas duas possibilidades de casamento (civil ou religioso).

Assim, os modelos contextuais dão-nos a base cognitiva para as condições de adequação dos atos de fala, por uma parte, e para muitas outras dimensões interativas do discurso, como a cortesia, por outro. Os modelos de contexto controlam toda a organização global, por exemplo, para escrever um e-mail: local de entrada do remetente e do destinatário, o local para destinatário compartilhado e compartilhado oculto, local do assunto, o espaço do texto, local para assinatura, etc., mas a situação comunicativa vai fazer modificações sensíveis

na estrutura do texto do corpo do e-mail. Pensemos num ambiente profissional ou o envio de e-mail para um amigo: cada discurso terá estrutura diferente, apesar de ter o mesmo modelo de contexto, mas não a mesma situação comunicativa. Van Dijk (2016b) explica que, em geral, os modelos de contexto são implícitos, mas podem ser parcialmente expressos ou indexados por expressões dêiticas ou indexadas. Os atos de fala produzidos podem ser expressos com verbos performativos. As emoções e opiniões manifestam-se na seleção lexical, entonação, gestos e expressões.

Tabela 01 – Elementos sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso.

MODELOS MENTAIS LOCAIS E GLOBAIS	ASPECTOS DO PROCESSAMENTO MENTAL DOS PARTICIPANTES	MODELOS DE SITUAÇÃO	ESQUEMAS PARA MODELOS DE CONTEXTOS
NÍVEL LOCAL Modelos Mentais pessoais (experiência e afetos)	CONHECIMENTO (linguístico, enciclopédico, situacional e interacional)	Relações de PODER (atos de falas) e estruturas do GÊNERO DE DISCURSO e das SEQUÊNCIAS TEXTUAIS.	AMBIENTE Tempo; Período; Espaço; Lugar; Entorno.
NÍVEL GLOBAL Modelos Mentais Sociais (categorias análogas aos modelos de contexto)	✓ Intenções ✓ Objetivos ✓ Atitudes ✓ Ideologias		PARTICIPANTES EU-MESMO (Papéis sociais) Papéis comunicativos; Tipos de papéis sociais; Relações entre os enunciadores; Sistema de crenças compartilhadas. AÇÕES / EVENTOS Comunicativos e/ou de outra natureza.

Fonte: Van Dijk (2012 e 2016).

Van Dijk (2016b), citando Brown e Gilman (1960), relaciona outros parâmetros de contexto, como participantes, tempo e lugar são expressos por pronomes de primeira e segunda pessoa, tantas expressões do discurso que revelam as formas reflexivas como os enunciadores se definem, como eles definem os coenunciadores, as relações de poder e a base da interação, bem como suas intenções e seus propósitos comunicativos. Van Dijk (2016) traz muitas questões da ordem dos estudos sobre gêneros textuais e das sequências textuais para explicar como os discursos são construídos e compreendidos pelos atores sociais no seu cotidiano.

Os elementos sociocognitivos da Tabela 01 tornam possível a cognição realizar o processamento das estruturas sociais e aplica-los de modo efetivo na produção e no processamento de discurso se dê nas várias atividades sociais e comunicativas dos atores sociais.

A primeira coluna dos modelos mentais locais e globais revela a ativação dos modelos mentais locais (experiência e afetos) do ator social frente aos modelos globais (conhecimentos socialmente compartilhados), para compreender as informações ao qual está exposto. O ator social vai utilizar na sua estrutura cognitiva (descrita no início deste capítulo) as variadas formas de informação e estímulos tendo como filtro os seus modelos pessoais e conhecimentos (segunda coluna). Segundo van Dijk (2012), os conhecimentos são tudo aquilo que os enunciadores conhecem ou acham/acreditam/querem/sabem. No momento da interação, sabe-se mais ou menos a quem se fala (interacional), a língua e suas regras (linguísticos), a adequação ao momento ideal para estabelecer interação (situacional), informações relevantes para interação (enciclopédico), pressupõe um conjunto de saberes a ser acionado. Muito das informações desse conhecimento são previstas pelos modelos mentais de eventos, entretanto, trata-se de eventos dinâmicos e sempre são atualizados. Na terceira coluna, os modelos de situação possibilitam a compreensão e produção de informações ligadas às relações de poder entre os enunciadores e a busca pelo uso de gêneros de discurso e das sequências textuais adequadas para a composição deste no momento da produção de discurso e do processamento de informações de discursos mais elaborados. O modelo de contexto (quarta coluna) oferece as marcas diretas para interpretação dos significados implicados no discurso, sem essas, o discurso não cumpre sua função social e comunicativa para o qual fora projetado.

Vale ressaltar que a cognição são criou essas modelos sem propósito, mas são oriundos da estrutura social, assim, a relação entre sociedade e cognição foi explicada em termos dialéticos. Para tanto, no próximo item, explicaremos a relação por meio do micronível e focaremos na interação e cognição dos atores sociais como membros de comunidades epistêmicas. Assim, entenderemos a estrutura social por meio da ordem social focada nas práticas sociais e políticas na produção e compreensão de discurso.

2.3. Sociedade e cognição

O problema da relação entre consciência e sociedade emergiu nos estudos de Marx e Engels, assim, desde as abordagens sociológicas marxistas a questão como se dá a relação entre as estruturas sociais, base da sociedade, formada pelas classes e grupos de interesse teriam influência sobre o pensamento e as ideias, as superestruturas. De modo geral, as suposições teóricas que Marx e Engels chegaram foram bem simples e podem ser resumidas na seguinte sentença: a estrutura da “consciência”, das ideias, do conhecimento, do pensamento, da percepção ou de qualquer que seja o ângulo que possamos escolher é, primordialmente,

determinada pela estrutura dos grupos humanos pelos quais são produzidas, não pelos “objetos” da consciência ou pela própria consciência. Chamemos a isso “lógica”, “razão” ou o que quer que seja (ELIAS, 1971).

Van Dijk (2016a) explica que as mentes dos usuários da língua são concretamente incorporadas em atores sociais: embora sejam indivíduos únicos, são membros de grupos sociais, atuam em instituições e organizações sociais, assim, interagem e se comunicam com outros atores sociais através de discurso. Para tanto e mais além, do mesmo modo que utilizamos a interface cognitiva para descrever e explicar as propriedades do discurso, faz-se necessário de uma base social, tanto para a interação cognitiva quanto discursiva. Como van Dijk (2016b), assumimos, nesse estudo dissertativo, a dimensão sociocognitiva dessa base social, sintetizada nas representações mentais, sociais e culturais que são compartilhadas pelos grupos sociais e pelas comunidades epistêmicas.

Van Dijk (2016a) argumenta que a ordem social é, em nível menor, organizada pela interação social em geral, isto é, pelas interações cotidianas: professor e aluno, vizinho e vizinha, vizinho e caixa do supermercado. Tais interações se dão em pouco tempo e não constituem uma forma de influência tão forte que levem a causar modificações profundas nos atores sociais. Para viabilizar o entendimento da relação entre discurso e sociedade, é relevante entender como a cognição age como interface da interação entre estruturas dos discursos e as estruturas sociais, assim, por exemplo, para entender o discurso de uma indústria de calçado, pressupõe que o analista de discurso entenda sobre a teoria das instituições e o papel social da indústria dentro da sociedade. O conhecimento social soerguido ao longo do tempo pressupõe a interação entre as comunidades epistêmicas e as ideologias que são compartilhadas por grupos específicos.

Van Dijk (2016b) explica que as relações globais entre sociedade e cognição, não importando se são do tipo causais ou lógicas, tratam-se de ser abstrações ou correlações, com isso, só podem ser explicadas e entendidas no nível macro da interação social, comunicação e discurso. O conhecimento é uma propriedade da mente/cérebro e, como tal, socialmente compartilhado e/ou distribuído entre os membros das comunidades; é também através das ações e interações desses membros que devemos construir a inferência sociocultural.

Olhando para a sociedade brasileira, a forma como o saber e o conhecimento foi compartilhado se deu sempre acompanhado de rupturas ou fragmentado, nem todos têm acesso aos meios de conhecimento ou cultura, mesmo os aparelhos culturais foram de acesso para uma parcela menor da sociedade. Se pegarmos a crítica da Escola de Frankfurt sobre a estética, as produções intelectuais e artísticas oriundas das camadas mais pobres brasileiras são tomadas como de pouco valor cultural, por exemplo, a literatura de cordel, embora tenha ganhado espaço

como objeto de estudo na Universidade, ainda não é tomada como um objeto cultural de valor. De modo geral, o acesso ao conhecimento científico e aos meios de distribuição do conhecimento estão restritos a um público pequeno, basta perceber o acesso ao ensino superior, em que as universidades e outros espaços de produção de saber, até o início dos anos 2000, foram ocupadas pelas elites e os poucos que chegaram a esses espaços se devem a sacrifícios pessoais.

Gramsci (1986) apresenta um conceito interessante de língua, pois parte do significado/conteúdo, assim, afirma ser a língua não feita apenas de palavras, mas antes um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, puramente, significados gramaticais vazios de conteúdo, assim, permite propor que, ao utilizar a língua, o ator social realiza uma atividade cognitiva ao usar o sistema linguístico, pois deve construir por meio das escolhas lexicais os sentidos que pretende veicular. Gramsci e Volóchinov (Bakhtin, 2017, p. 91) percebem uma dimensão ideológica da língua, assim, “onde há signo também há ideologia”, que significa que as escolhas executadas pelos enunciadores são orientadas por intensões e objetivos específicos já que sofre orientação da cultura e das visões de mundo particulares e socialmente compartilhadas por comunidades epistêmicas.

As comunidades epistêmicas são construções de conhecimento na forma de instituição social, assim, temos a comunidade epistêmica do judiciário, cujo membros são formados por juízes, promotores e advogados e técnicos com formação para atuarem nas instituições formadas por esses indivíduos. Desse modo, podemos dizer que a Ordem dos Advogados do Brasil é uma estrutura social que representa os advogados brasileiros e constrói-se como um conhecimento socialmente compartilhado pelos seus membros. Para tanto, formula, dentro da comunidade, modelos mentais de sua própria prática e experiências oriundas de seus membros; isso se exemplifica pelos tipos de gêneros de discurso que formulam para agir e atuar em interação com outras comunidades epistêmicas (contratos, leis, regulamentos, estatutos, certidão de batismo, certidão de casamento, certidão de óbito, documentos pessoais, autorização de funcionamento, sentença de condenação, medida provisória, editais, dentre outras). Tais gêneros se apoiam em modelos de situação e em modelos de contexto para cumprirem determinada função social oriunda da interação entre instituições sociais ou comunidades epistêmicas.

Van Dijk (2016b) explica que os modelos mentais da experiência (percepção, planejamento e interação) não são projetados apenas pela influência do ambiente social, coenunciadores, ações e objetivos. A aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem associado aos conhecimentos enciclopédico, situacional e interacional permitem a

formação de vários e vastos conceitos e categorias de mundo: categorias sociais, grupos ou outros coletivos (mulheres, homens, crianças, adultos, professores, estudantes, terroristas, etc.), classes (pobres *versus* ricos), instituições (escolas, prisões, etc.), sistemas sociopolíticos (democracias, ditaduras, monarquias, etc.), eventos sociais e rituais (casamentos, festas de aniversário, batizado, aprovação em concurso etc.), relações de poder (opressão, manipulação, etc.). Observe as duas notícias abaixo.

Figura 04 – Sobre casos de estupro em Brasília e Goiânia³.



Foto mostra João de Deus ao ser registrado do sistema penitenciário após ser preso suspeito de abusos sexuais

Ele está preso no Núcleo de Custódia, em Aparecida de Goiânia, e nega os crimes. Médium passa o dia em uma cela com quatro detentos, mas dorme isolado.

Por Vitor Santana, G1 GO
29/12/2018 16h43 - Atualizado há 8 horas



As duas notícias tratam de mulheres vítimas de estupro, mas, apenas na segunda notícia, o acusado é tratado como suspeito. A primeira, pela imagem, o acusado é negro e pobre,

³ <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/12/29/foto-mostra-joao-de-deus-ao-ser-registrado-do-sistema-penitenciario-apos-ser-preso-suspeito-de-abusos-sexuais.ghtml> (notícia sobre João de Deus)
<https://globoplay.globo.com/v/6935808/> (notícia sobre os estupros às quintas-feiras)

o julgamento já foi feito pelo jornalista, as três vítimas denunciadas estão certas, há crime praticado. No caso de João de Deus, o jornalista se isenta de acusar, opta pelo adjetivo “suspeito” e afirma que a polícia não tem certeza da autoria do crime, apesar de 500 mulheres entrarem em contato com Ministério Público de Goiânia e denunciarem João de Deus (branco e ex-filiado ao DEM – Partido Democratas). Sobre o ponto de vista jornalístico, os acusados são construídos de modo diferentes, assim, ser homem e branco está numa situação de maior relevância sobre as mulheres, mas as mulheres são mais relevantes que o homem negro e pobre. Podemos ver que há sensacionalismo nas duas matérias que foram produzidas pelo mesmo sistema de comunicação: G1, já que explora o crime do primeiro entre as faixas mais pobres e mostra o resultado da polícia no Estado de Goiânia, no segundo, mantém a compreensão do machismo e reduz a situação das mulheres de acordo da linha de defesa do acusado, ou seja, desqualificar as vítimas. Para a produção e compreensão do significado, os enunciadores vão ao sistema linguístico na busca dos elementos para construir os significados do mundo e, de acordo com o mundo observado, modelos mentais pessoais de eventos (incluindo opiniões e emoções) – memória episódica –, atitudes (conhecimento social de sua comunidade epistêmica), ideologias da comunidade epistêmica ou concepções de mundo adotadas pela comunidade epistêmica ou de prática sociais – memória semântica – (normas e valores), conhecimento genérico ou socioculturais e os critérios epistêmicos da comunidade – memória de trabalho são capazes de construir os significados, mas fatores como identidade social e ser membro da comunidade epistêmica (repórter do G1) também ajudam a direcionar o modo como se dá a construção de ambas as notícias.

Os modelos de situação colaboram com a construção, pois trata-se do gênero de discurso jornalístico (notícia) e tem como sequência textual dominante a narrativa, assim, os elementos situação inicial, complicação, ações (clímax), resolução e situação final ajudam a criar o modo como se dará a construção dos gêneros, como os elementos serão criados e passa uma avaliação. A construção do significado é oriunda de múltiplos fatores, sendo o discurso uma entidade multissemiótica, já que são articulados diferentes níveis de textualização para manifestação de diferentes textos que podem parecer apenas duas notícias, mas revelam sistemas de valores e normas diferentes.

O pressuposto basilar das Análises Críticas do Discurso é que “a linguagem é uma forma de ação social”, e, diante dessa sentença, três pontos ficam claros: o primeiro ponto é que a linguagem é parte da sociedade, ou seja, não pode ser entendida puramente como um sistema linguístico que o indivíduo faz uso para se comunicar, sendo possível dissociá-la da comunidade da qual é um produto sociocultural; o segundo ponto é que a sociedade não é externa à

linguagem, mas intrincada, fazendo da linguagem um processo social. O terceiro ponto é que a linguagem sofre influência de elementos extralinguísticos da sociedade, fatores esses que Labov (2008), em sua Teoria da Variação, observou sobre a influência de fatores externos na língua falada em contexto variados, percebendo que existia variação linguística orientada por fatores sociais determinados que incidiam ao longo do tempo nos usos realizados pelos atores sociais, sendo esses fatores de várias ordens, tais como origem geográfica, status econômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, etc. Labov mostrou que a língua comporta um feixe de variedades que constroem sua riqueza de usos, inclusive a norma-padrão, além disso desvelou que as mudanças linguísticas só podem ser entendidas quando se leva “em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

Os estudos de Labov (1972) levaram a perceber a relação entre língua e sociedade. Por sua vez, Fairclough (1989) propôs que a relação entre linguagem e sociedade não é externa, mas fruto de uma interação interna ou dialética interna, assim, afirma que os fenômenos linguísticos são fenômenos sociais, um tipo especial, sendo que os fenômenos sociais são, em certa medida, fenômenos linguísticos.

Van Dijk (2016b) coloca a influência cognitiva como elo entre as estruturas linguísticas e estruturas sociais que se manifestam no discurso, sendo que os discursos são mecanismos de aquisição de conhecimento. Deste modo a língua é um veículo de exposição da sociedade e uma instituição da própria sociedade, já que grande parte do conhecimento é adquirido pelo discurso, mesmo o conhecimento advindo da estrutura biológica (percepção/cognição), pois obviamente as experiências multimodais (visão, audição, olfato, tato, (inter)ação) possibilitam o desenvolvimento do bebê e crianças em idade pré-escolar. Vale comentar que a aquisição do conhecimento por meio de processos discursivos passa a ser mais forte no momento em que as crianças têm acesso à televisão, celulares e computadores e seu início na vida escolar, ou quando participam de práticas de letramento (pais que leem, contação de histórias, etc.) ou quando já são capazes de articular pequenos diálogos com pais, familiares e amigos. A aquisição de conhecimento vai se tornando progressivamente discursiva, especialmente aquele conhecimento não observado, como entidades não presentes (pessoas, animais, coisas, países, etc.), objetos mentais (crenças/valores) e todos os objetos abstratos (tempo, números, estruturas, sistemas, etc.).

Van Dijk (2016b) ressalta que, para muitos adultos na contemporânea sociedade da informação, praticamente todos os novos conhecimentos são adquiridos através de discursos midiáticos – televisão, jornal, rádio, internet, livros, etc. –, discurso educacional e/ou mesmo

através dos muitos gêneros do discurso profissional ou, indiretamente, pelas conversas cotidianas ou conversas institucionais baseadas nessas fontes.

Maingueneau (2004) nos chama atenção para o fato de sermos bombardeados continuamente por textos dos mais variados tipos e de longevidade efêmera que, em muitas situações, não rendem uma leitura atenta e comedida. Entretanto não significa que não retemos informação: a estrutura cognitiva (memória curta, média e longa) arquiva informações e a fazem emergir quando se menos espera, ou seja, a cognição é, sem sombra de dúvida, o principal veículo que torna possível a inter-relação entre estruturas tão diferentes e singulares como são a estrutura social e a estrutura linguística.

Van Dijk (2016b) não nega que as crenças/valores sociais sejam a fonte dominante de conhecimento e a centralidade da experiência cotidiana e, que tais, sejam relevantes para a vida e o desenvolvimento intelectual. A linguística cognitiva prova, já que o discurso cotidiano utiliza da experiência corporificada e constrói a interação entre o mundo externo com o mundo interno. Lakoff e Johnson (1980) em suas pesquisas revelaram que as metáforas seguem orientações espaciais – embaixo, dentro - fora, frente - atrás, centro - periferia – que emergem do fato de termos um corpo e como o usamos para interagir com o ambiente físico e social. Bastamos lembrar de construções comuns: baixo-alto / triste-feliz – Hoje estou me sentindo pra cima; Ela está pra baixo hoje (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; ORTONY, 1993; KÖVECSES, 2003).

Para tanto, devem fazer parte do processo educativo das crianças a exploração dos processos de leitura e práticas de letramentos, a fim de possibilitar a relação entre língua e expressão. O contato com narrativas fantásticas possibilita à criança a realizar construções apoiadas nas suas experiências físicas e biológicas, assim, entenderá que somente no conto fantástico é possível voar ou atravessar paredes. Na maioria dos estudos e pesquisas em humanidades, os teóricos raramente se voltam para uma explicação detalhada da presença onipresente do discurso como fonte de conhecimento, nem sobre sua organização na memória ou sua distribuição e usos na sociedade, raramente são explicitadas em marcos teóricos.

Um bom leitor dispõe de modelos mentais mais amplos e com variedade, já que cultiva o hábito de leitura, o que possibilita manejar a linguagem nas mais variadas situações, fato que não é o mesmo com usuários menos experimentados. Esse contato com diferentes textos/discursos possibilita um maior número de modelos mentais de contexto, já que entra em contato com diferentes subjetividades, e o leitor amplia o uso da língua como ferramenta de compreensão/processamento de textos.

Van Dijk (2016b) chama a atenção para os modelos de contexto produzido em ambientes profissionais, ou seja, dentro do contexto laboral, processamento e produção de discursos envolvem um palco, especificamente, com tempos mais restritos, atores sociais como participantes e ações singularmente determinadas pela organização/instituição com objetivos próprios e ligados ao desenvolvimento da atividade profissional desenvolvida. As atividades profissionais têm demandas específicas e requerem uma orquestração do discurso que atenda a demanda e cumpra um objetivo específico, assim, modelos de contexto e modelos de texto/discurso atuam de modo a garantir a construção coerente de significados. Veja a Tabela 02 a seguir.

Tabela 02 – Elementos sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso.

ESTRUTURAS SOCIAIS	ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS
Condições do CONTEXTO	Condições do TEXTO
a. Situação experimental (tempo, lugar, rotina de trabalho, aula, consulta médica, etc.)	A. multimodalidade: com imagens, esquemas, mapas, etc.
b. Propriedade dos participantes e atividades:	B. Hipertexto, textos completos.
i. Experimentador (gênero, idade, etc.; instrução, formulação de tarefas, etc.)	C. Somente texto:
ii. Propriedade dos atores sociais e atividade (gênero, idade, etc.; objetivos, habilidade leitora; conhecimento prévio; estratégias de aprendizagem; etc.	i. Estrutura superficiais.
iii. interação e colaboração entre os participantes.	- escrito vs. falado;
c. Atividades experimentais (resumir, parafrasear, elaborar, redigir, ler, conta, etc.)	- sintaxe, léxico, coerência;
	ii. Estruturas semânticas.
	- coerência local e global;
	- texto mais ou menos explícito;
	- texto mais ou menos elaborado, etc.

Fonte: van Dijk (2016, 110), adaptações nossas.

As estruturas contextuais são elementos sociais que ajudam a produzir e processar os discursos de forma a captar os sentidos construídos tendo à frente propósitos e intenções comunicativos específicos, pois são oriundos de prática de textualização e discursivização próprias para cada tipo de atividade humana com vista a situações comunicativas particulares. De modo geral, a estrutura social e a estrutura linguística só interagem pelo incurso da cognição pessoal e social que processa uma infinidade de estímulos e informações e os converte em discurso construídos de acordo a um modelos de contexto e modelo de situação com base em sistema de valores assumidos por uma dada comunidade epistêmica que constrói modelos

mentais sociais do conjunto de modelos mentais pessoais (ideologia, valores e normas) para garantir a sua existência como um sistema de ideias usuais para representar o mundo que vive e defendê-lo.

Sobre as estruturas sociais, o palco (*escenario, setting*) é representação do local em que o discurso é construído ou o local em que se dará a troca comunicativa. Entretanto, na maioria dos estudos acadêmicos, a pesquisa se dá em laboratórios ou sala de aula, condição situacional que, naturalmente, influencia na apresentação dos modelos de contextos do ator social pesquisador. Do mesmo modo, podemos dizer que o modo como o ator social processa e produz seus discursos são influenciados pela condição situacional em que participa, dessa forma, o modo como lê e aprende também sofre influência do palco em que realiza a atividade cognitiva. Há muitas variáveis ligadas aos modelos situacionais: palco espaço-temporal, o gênero a ser produzido, os participantes, etc. Tomemos a violência contra a mulher: a maioria das pesquisas em ciências humanas (antropológicas, sociológicas, psicológicas, etc.) apontam que o lar ou a residência é o local em que a mulher sofre mais violência (psicológica, física, financeira). Se pudéssemos estudar o discurso violento praticado pelo agressor da mulher, entendemos que, além da ideologia de supervalorização do masculino, as condições do palco (ser marido/companheiro/pai/irmão, ser o provedor, ser o dono da casa, etc.) implicam na produção desse discurso violento, ou seja, o *setting* influencia na produção e compreensão dos discursos.

Pensemos também nas condições do palco e sua influência na leitura. O texto “Fígaro”, Ópera Barbeiro de Sevilla de Gioachino Rossini, sendo executado na Ópera de Berlin *Unter Den Linden*, tem uma interpretação particular bem diferente quando interpretada sua execução no desenho do Pica-Pau no episódio em que se disfarça de barbeiro. Em ambas as representações, a dimensão cômica se mantém, entretanto, pela diferença de situação, os efeitos são diferentes: na ópera, se busca apresentar o Fígaro, O barbeiro de Sevilla, no desenho do Pica-pau, se pretende causar risos na criança pelo texto multimodal - cores, desenhos, atos exagerados e a exuberância na canção. Pode-se afirmar que o texto é a ópera completa com a situação e o contexto; não negamos isso, mas observamos que o texto extraído da ópera ganhou certa autonomia ao ser colocado em outra situação e outro contexto e, deste modo, ganhou um novo significado. Fazemos do mesmo modo com as palavras, sentenças e períodos a fim de construir novos significados.

As características dos participantes da atividade enunciativa fazem parte da situação e contexto, já que influencia no modo como o texto será construído. Van Dijk (2016b) explica que todo processamento de discurso tem lugar em uma situação comunicativa, inclusive na

atividade laboral, situação que requer cuidado, por exemplo, na interação entre um vendedor e um cliente. Tal disposição involucrá-os e direciona no modo como se dará a troca comunicacional. A sociolinguística tem explorado de modo atento as variáveis gênero e idade, entretanto fatores com etnia, simpatia e outros ficam de fora da análise, mas causam sensível modificação no modo como os discursos são construídos e direcionados para plateia. O que tentamos expor é que os participantes, de acordo com as suas características, modificam o modo como produzem seus discursos, já que percebem o mundo de modo diferente, por exemplo, o negro, a mulher ou a criança. Ser negro, ser mulher e ser criança implicam ser sujeitos experimentadores. Ora, é indissociável nesses sujeitos a experiência pessoal construída, assim, os modelos mentais pessoais e sociais dessas estão implicitamente presentes, seja no modo como processam e como produzem seus textos.

O conhecimento prévio (declarativo ou conceitual) que os atores sociais dispõem influenciam positivamente no modo como processam ou produzem texto, já que facilita a sua compreensão dos modelos de situação e de contexto implicados em cada discurso, além de revelar no discurso conhecimento sobre um determinado tema que possibilita ao enunciador a construção da coerência global e local do discurso produzido.

Van Dijk (2016b) defende que o conhecimento prévio não se limita somente ao conhecimento do mundo em geral, envolve conhecimento da língua, bem como dos gêneros textuais e das sequências textuais. Impactando na habilidade leitora, o conhecimento prévio permite uma melhor compreensão dos novos discursos e da situação e do contexto aos quais está intrincado. Pois a habilidade de ler permite a compreensão das relações semânticas geradas pelas inferências e sua interação com a coerência global (com o conjunto de discurso que está em interação pelo fato do ator social produtor pertencer a uma comunidade epistêmica) e local (internas ao texto). O pouco conhecimento de mundo e de outras estruturas prejudicam a compreensão das informações e intensões por trás do texto.

Sobre as estruturas linguísticas, Benveniste (2005) e seu estudo da subjetividade na linguagem permitiu uma compreensão inicial de como se dá a relação entre a sociedade e língua, pois chamou atenção para determinadas palavras (pronomes e advérbios) em que seu significado estaria ligado à situação enunciativa. Os estudos pragmáticos focaram tanto no contexto inerente às produções discursivas, quanto à influência da cultura no modo como os sujeitos constroem seus discursos e nas estratégias de manutenção da interação com seu coenunciador ou, ainda, observando fatores ligados as relações de poder. Os estudos de gêneros textuais e sequências textuais que dão luz aos modos como os textos são construídos em relação as variáveis de poder, local e função social. Embora os estudos tenham sido frutíferos em vários

aspectos, pouco se avançou no sentido de uma explicação que mostra a interação entre as estruturas linguísticas e as estruturas sociais, embora se fizessem menções ou rementem a tal interação para justificar desde a organização estrutural do texto aos modelos razoavelmente estáveis dos gêneros textuais.

2.3.1. Cognição social e modelos mentais sociais

Os comentários on-line, como outros gêneros textuais, atendem à necessidade de manifestar opinião; seus autores, diferente dos autores dos gêneros editorial, comentário jornalístico ou crítica de arte, apresentam uma opinião pessoal baseada em atitudes que são próprias da sua crença e valores, ou seja, daquilo que acredita ser a fonte de verdade para si e sua comunidade epistêmica. A expansão do acesso aos meios de comunicação de massa e a internet possibilitou a milhares de atores sociais a manifestar suas opiniões e alcançar outros atores que compartilham dos mesmos pontos de vista, bem como atitudes e crenças. As opiniões e atitudes têm sido estudadas pela psicologia social (HUTCHINS, 1995b; HUTCHINS; KLAUSEN, 1996) como uma forma de cognição social compartilhada por grupo. Os conhecimentos prévios e as atitudes, junto com as ideologias, diz van Dijk (2016b, 2016a, 1998), são formas de cognição socialmente compartilhadas, entretanto são diferentes entre si. O conhecimento prévio pode ser individualizado ou particularizado por todos os membros da comunidade epistêmica. Tomemos o conjunto dos professores do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará: eles dividem um saber prévio sobre a Linguística, entretanto, de acordo com a área de pesquisa, cada um tem um saber diferente, já que atuam especificamente sobre a Linguística a partir de crenças, atitudes e ideologias sobre a linguagem e a língua. As atitudes e as ideologias são bem mais específicas e são compartilhadas por membros de grupos mais específicos, por exemplo: voltando aos professores do Departamento de Letras Vernáculas, aqueles da Semiótica têm crenças e atitudes diferentes daqueles da Sociolinguística e da Linguística Computacional, pois cada uma dessas disciplinas ou comunidades epistêmicas construíram um conjunto de afirmações específicas, argumentação própria e discursos persuasivos diferentes, além de métodos de pesquisas próprios. Mas podem compartilhar opiniões em comum sobre a importância dos estudos da língua num país que considera a língua portuguesa uma língua difícil de aprender.

Deste modo os modelos mentais sociais compartilhados e reproduzidos nos comentários são construídos com base em crenças sociais, mas são diferentes do conhecimento prévio ligado a alguns ramos do saber, entretanto as crenças sociais se manifestam em opiniões

públicas, atitudes, estereótipos, representações sociais e ideologias. Podemos perceber, segundo van Dijk (2016a e 2016b), que crenças e opiniões possuem uma estrutura ligada a grupos ou comunidades e são adquiridas, compartilhadas e reproduzidas. Van Dijk (2016b) ressalta que as crenças sociais não são sociais por poderem ser compartilhadas de modo contínuo pelos membros de um grupo ou comunidade epistêmica, mas por serem comunicadas e adquiridas socialmente, mas, de certo modo, pois abordam questões sensíveis e polêmicas, sendo que, para alguns nichos sociais, algumas questões são socialmente relevantes e são base de todos os discursos e práticas sociais.

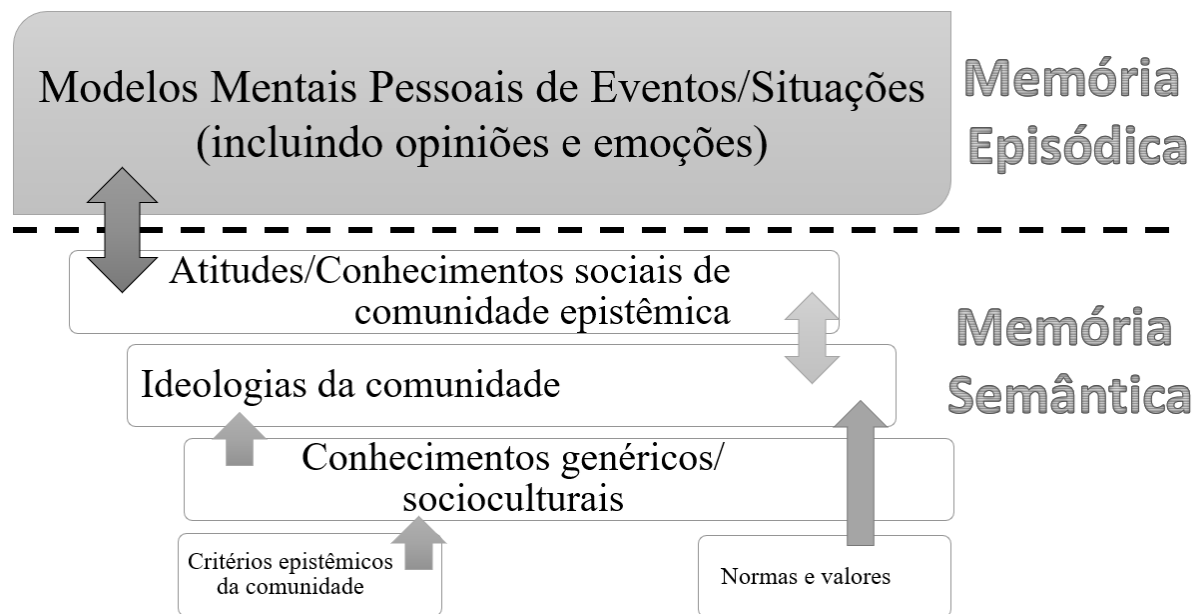
i. Crenças sociais

Não podemos colocar na mesma caixa o conhecimento e as crenças sociais, embora possamos dizer que o conhecimento seja uma crença social por ser adquirido, já que conhecimento e crença são adquiridos e modificados por meio das interações sociais e discursos; passam por processos de distribuição, ou seja, são compartilhados por membro de uma mesma comunidade (sociais, culturais, etc.); precisam ser justificados ou estandardizado, em suma, quando são institucionalizados; e, quando faz referência (intencionalidade) a determinado assunto relevante para a sociedade. Briley e Aaker (2006) explicam que a natureza fundamental do conhecimento não deixa de fora o conhecimento pessoal, mas tal conhecimento se baseia, deriva e ativa de modo ampliado o conhecimento social e os critérios de conhecimento socialmente compartilhado. Potter (1996) argumenta que os conhecimentos pessoais podem se tornar uma variação do conhecimento social, para atuar na forma de conhecimentos, as experiências pessoais são interpretadas como conhecimentos pessoais e são oriundas do entendimento do próprio entorno, emoções e corpo. As construções metafóricas (cuja a base referência é o próprio corpo) são tentativas de verter para linguagem e o entendimento categorias do mundo que fazem parte da compreensão básica das comunidades.

Conway (2007) explica que grande parte das representações mentais pessoais dos eventos, situações e acontecimentos específicos não são modelos mentais, não serão armazenados na memória episódica, pois se tornam obsoletos pois não atendem a eventos cada vez mais complexos. Todavia, alguns modelos mentais pessoais são absorvidos ou transformados em modelos mentais mais complexos e passam a atender a situações e eventos mais complexos de outros períodos da vida dos atores sociais e, com isso, são generalizados e absolvidos como conhecimento pessoal pela memória episódica.

Van Dijk (2016) explica que conhecimentos e outras formas de saberes socialmente compartilhadas estão arquivadas na memória de longo prazo ou memória episódica e atuam como um sistema de cognição social que ajuda a processar, julgar, avaliar e estabelecer relações nas informações que emergem no dia a dia, assim, atuam como uma estrutura que se ativa por meios de estímulos variados, mas tal estrutura ainda é desconhecida. Tal estrutura deve ser entendida como um sistema funcional de cognição, pois é projetado para a sobrevivência, produção e aquisição de novas informações. Assim, por exemplo, atitudes, estereótipos e ideologias são uma forma de conhecimento sociocultural genérico comum compartilhado pela comunidade, portanto, o conhecimento social é fundamental e constitui a base de toda a cognição. Ver esquema a seguir.

Figura 05 – Sistema de crenças sociais



Fonte: van Dijk (2016b, p. 143, tradução nossa)

Essa relação entre memória episódica e memória semântica permite não só o processamento e a produção de modelos complexos, bem como a manutenção da atualização dos modelos mentais sociais mais complexos. Assim, o esquema representa a estrutura da cognição social e como as estruturas sociais são processadas e armazenadas na memória dos membros do grupo.

ii. *Ideologias*

A psicologia social pouco estudou sobre como se dá a diferença entre atitudes e ideologias. Van Dijk (2016b, 1998) assume que a ideologia não pode ser entendida como “algo negativo”, mas como uma estrutura cognitiva na forma de conhecimento genérico, sendo uma cognição social compartilhada por atores sociais do mesmo grupo. Deste modo, as ideologias atuam como formas de crenças sociais e utilizada na forma de representações sociais e se manifestam em opiniões, atitudes, normas e valores. Enquanto a opinião é fundamentalmente pessoal, as ideologias são essencialmente compartilhadas pela coletividade do grupo, por exemplo, grupos que se afirmam como raça superior e passam a desenvolver discurso de ódio contra atores sociais de outros grupos (discurso de ódio contra LGBTQ+). Gaskell (1990) diz que não existe ideologia pessoal, como não existe uma língua pessoal, pois as ideias são partilhadas dentro da coletividade, embora a originalidade de uma ideia possa suscitar uma ideologia nova, o que faz de uma ideia se tornar uma ideologia é que esse sistema de ideias possa ser adquirido, partilhado, propagado e empregado nos mais variados contextos e discursos, a fim de se construir como um bem de uma coletividade e oriente suas práticas sociais.

Alguns estudos em psicologia cognitiva estabeleceram relação entre a escolha ideológica dos atores sociais e fatores como preferências pessoais, disposições e traços de caráter. Jost (2009) percebeu que atores sociais que nutriam sentimentos de incerteza e ameaças estavam mais predispostos a preferir ordem, estabilidade e autoridade, tais anseios os orientavam a preferir e se identificarem com a ideologia conservadora. Já atores sociais que buscam novas e diversas experiências e preferem mudança e equidade parecem favorecer a se identificarem com a ideologia progressista. Adorno (1950) também chegou à mesma conclusão em seu estudo sobre a personalidade autoritária, mas as variáveis observadas eram ideologia e preconceito, cujos dados empíricos mostraram uma correlação positiva entre a posição político-econômica, avaliada pela escala Conservadorismo Político-Econômico (escala CPE), e a que avalia indiretamente o preconceito (escala F), de magnitude intermediária ($r=0,52$), o que indica que, se há relação entre essas duas variáveis, elas não são redutíveis uma à outra.

Adorno & Horkheimer (1985) explicam que a ideologia se trata de uma forma de pensar sobre o homem e a sociedade, sendo explicitada em opiniões, atitudes e valores. Com isso, os sistemas ideológicos são independentes dos atores sociais, do mesmo modo como o indivíduo sozinho não pode realizar mudança sobre o sistema linguístico. Tal disposição se repete sobre a ideologia, posto que esta é um produto social, do mesmo modo que as línguas naturais, resultante da ação dos processos históricos ou de acontecimentos sociais do momento,

por isso se manifestam em diferentes aspectos da vida social: político, econômico e religioso. Segundo esses teóricos da Escola de Frankfurt, há ideologias que são mais ou menos racionais, sendo que a adesão a uma ou a outra depende necessariamente de disposições cognitivas⁴ individuais, principalmente, a capacidade de distinguir aquilo que gera estranheza pela diferença, representado por características biológicas que são alvo de preconceito. Segundo Adorno & Horkheimer (1985), essa estranheza emerge do medo e da ansiedade. Brown (1995) retorna ao estudo de Adorno (1950) feito com cidadãos norte-americanos, e percebeu que um ator social com o EGO⁵ não desenvolvido tende a adquirir ideologias irracionais, como o fascismo, em oposição ao ator social que sabe distinguir desejo e realidade, sendo levado a defender ideologias democráticas. A relação entre personalidade autoritária e ideologia não pode ser encarado como um estudo redutível, pois se volta para o campo da determinação social, já que a psicologia cognitiva tem relevado uma interação entre as estruturas cognitivas e estruturas sociais. Brown (1995) explica que o estudo de Adorno (1950) seria significativo pelo fato de buscar uma explicação para o preconceito, por isso se estabeleceu uma relação entre preconceito e personalidade como forma de justificar a associação entre personalidade individual e as demandas sociais.

Van Dijk (2016b, 1998) opta por uma abordagem da ideologia mais social e política, considerando-a um elemento compartilhado pelos membros de um grupo e não como uma escolha pessoal que se faz em adquirir ou usar a ideologia em função da personalidade e experiências pessoais. Essa escolha de van Dijk (2016b, 1998) se deve ao caráter de base muito semiológica da abordagem freudiana, já que a cognição social tem raízes no empirismo dos behavioristas; outra questão é a linha freudiana centrada no indivíduo e suas escolhas, sendo essas fruto de modelos mentais pessoais. Para o analista crítico, se busca as determinações do social nas escolhas individuais. Os filósofos podem possuir crenças pessoais sobre temas relevantes, entretanto essas crenças só viram crenças sociais quando são assumidas por uma comunidade específica.

Van Dijk (2016b, 1998) explica que os atores sociais podem ser membros de grupos ideológicos diversos, assim, pode ser socialista, feminista e pacifista, isto significa que em atitudes específicas e, especialmente, nos modelos mentais das práticas e experiências diárias,

⁴ Adorno & Horkheimer (1985) utilizam o termo “psíquico”, de certo a escolha se deva a forte influência do pensamento freudiano no período.

⁵ O EGO é a estrutura cognitiva da teoria freudiana responsável por reconhecer a realidade e servir de ponto de equilíbrio entre a sede do desejo, ID, e a sede da norma e controle, SUPEREGO. Se as três estruturas não estão em equilíbrio causa problemas diferentes de acordo com qual deles estiver mais ativo ou menos ativado. ID mais ativo, psicopata. EGO mais ativado, misofóbico. SUPEREGO mais ativado, religiosos fundamentalistas.

podemos encontrar contradições ideológicas, por exemplo, podemos ser feministas, mas ser contra casamentos entre pessoas de mesmo sexo – como nos mostra o debate atual nos EUA. Para tanto, van Dijk (2016b) diz que é relevante fazer distinção entre as ideologias coletivas, de grupo e as maneiras como são utilizadas pelos atores sociais em situações concretas.

Converse (1964) e Jost (2009) explicam que as ideologias giram em torno de temas fundamentais para a sociedade, assim, as ideologias influem sobre os discursos e nas práticas sociais (como são lidos/interpretados pelos grupos epistêmicos). Essa influência é exercida pelo fato de os modelos mentais das práticas sociais serem controladas por muitas representações sociais e pessoais, assim como nossas experiências pessoais. Por isso, durante uma entrevista, os atores sociais tendem a manifestar opiniões com base em seu sistema de crenças, de acordo com o tema. Isso se dá pelo fato de as entrevistas serem orientadas sobre crenças socialmente compartilhadas em grupos epistêmicos que, em muitas situações, são extremamente heterogêneos. Quando as crenças sociais são assumidas por um grupo, essas crenças são adaptadas e construídas na forma de conhecimento a fim de garantir legitimidade a ser usada como forma de justificação nos discursos.

Van Dijk (2016a) explica que as ideologias não são apenas estruturas sociocognitivas, mas também são estruturas sociais, já que são facilmente transformadas em gêneros textuais, por exemplo, a missa é um gênero textual oral e uma prática social, assim, pode ser entendida como uma estrutura social e sociocognitiva, além de veicular uma ideologia. Isso se deve ao fato de que em grupos ou comunidades epistêmicas, por meio de seus líderes e membros, são construídas formas e modelos de discurso (para doutrinação) para compartilhar, reproduzir, ensinar e adquirir as ideologias defendidas – catecismos, estudo dominical, programas partidários (PT/PSDB/PSL), conferências (Seminários Linguísticos - SELin), hinos de clube (Fortaleza, /Clube de glória e tradição. /Fortaleza, /Quantas vezes campeão./ Fortaleza [...]), canções de protesto (Bella Ciao), bem como uma série de outros gêneros textuais. (OKULSKA, 2013).

Uma característica básica desses gêneros é o tema fundamental à vida social: a vida, a morte, as classes sociais, o gênero, a razão, a sexualidade, a terra, a reprodução e a sobrevivência. Klandermans (1997), em seus estudos sobre o engajamento de atores sociais em protestos, percebeu que o grau de engajamento do ativista influencia na sua permanência no protesto. Isso requer que os atores sociais se sintam envolvidos nos valores do grupo, pois ao contrário das opiniões pessoais, as ideologias devem ser estáveis para garantir a identidade e os objetivos do grupo social. A ideologia é um laço unificador dos membros com o grupo, pois estabelece a interação e o pertencimento por ter objetivos e interesses comum, sendo também

o motivo da luta entre ideologias, fato que revela a fácil polarização entre ideologias e seus grupos representacionais, além de manifestação e práticas sociais.

Van Dijk (1998) explica que, por participarem de diversos grupos ou comunidades epistêmicas, os atores sociais adquirem somente as ideologias relevantes dos grupos, mas também o esquema mais geral para a construção de uma identidade ideológica que funcionam como uma base cognitiva para a formação do grupo ideológico, sua caracterização, sua reprodução e as categorias orientadoras de seu pensamento, etc.

Tabela 03 – Elementos sociocognitivos de estruturação da ideologia de uma comunidade epistêmica.

BASES SOCIOCOGNITIVAS DA ESTRUTURAÇÃO IDEOLÓGICA					
Identidade	Ação	Objetivos	Normas e valores	Grupos de referência	Recursos
Quem somos? Quem pertence ao nosso grupo?	O que fazemos? O que deveríamos fazer?	Para o que fazemos o que fazemos?	O que é bom e o que é mal para nós?	Quem são os nossos aliados ou inimigos?	Quais são os recursos de poder a nossa disposição ou quais necessitamos para reproduzir o nosso grupo?

Fonte: van Dijk (2016b e 1998 – tradução nossa).

Segundo van Dijk (2016a, 2016b e 1998), as ideologias precisam ser aplicáveis nas práticas sociais dos membros da comunidade epistêmica, ou seja, os modelos mentais sociais projetados pelo grupo devem ser capazes de atender as múltiplas demandas e situações sociais. Essa base cognitiva da Tabela 03 deve ser geral e abstrata para ser reproduzida e aceita pelos membros dos grupos, assim, as ideologias produzem e controlam atitudes sociais mais específicas – por exemplo, a ideologia homofóbica pode ser a base de uma atitude negativa (discurso violento) sobre imigrantes ou sobre o uso da língua pelos transexuais.

iii. *Atitudes*

Van Dijk (2016b) explica que a análise das atitudes tem sido o coração da psicologia social tradicional, assim, não faremos uma introdução, entretanto, assume-se uma concepção de atitude de base social e dominante, sendo entendida como uma forma de crença social. Eagly

e Chaiken (2017) entendem também as atitudes como crenças e sentimentos de um ator social em relação a um ator social ou atores sociais, evento ou eventos, assim, o conjunto das reações avaliativas favoráveis ou desfavoráveis a algo revelam as crenças, sentimentos e inclinações para agir e definem, segundo Olson e Zanna (1993), a atitude de uma pessoa.

Eagly e Chaiken (2017) acabam por definir atitude de três modos: primeiro, como avaliação ou julgamento psicológico pessoalmente positivo ou negativo em relação a um objeto avaliado – o “objeto atitude” na teoria da atitude; segundo, como um conjunto de crenças mentais que temos em relação a ele; e terceiro, como o fornecimento de um valor subjetivo para ele, a partir de uma escala pessoal. A atitude deve ser entendida como uma predisposição mentalmente pessoal (ou comportamental) para responder a um determinado estímulo, podendo ser positivo ou negativo. Assim, as atitudes podem ser modificadas ou reorientadas para serem favoráveis ou desfavoráveis. Daí o investimento em ações para criar atitudes favoráveis a ideias políticas, comerciais, religiosas, bem como outras visões de mundo.

Fraser (1994) explica que as atitudes são sociais, atuando como forma de crenças sociais compartilhadas sobre questões importantes e acabam por orientar opiniões que estão representadas nos modelos mentais. As atitudes são estruturas internalizadas e individuais com valor significativo para a sociedade ou comunidade epistêmica, assim, uma atitude deve ser entendida com um conjunto de crenças e um conjunto relacionado de avaliações carregadas de afeto, sendo estas últimas particularmente importantes para transformar a atitude em ação.

Moscovici (1973, 1984) e (Fishbein e Ajzen, 1975) entendem que as atitudes estão organizadas por esquemas genéricos, de modo muito próximo às estruturas da ideologia, com categorias ligadas ao tamanho do grupo, ações, normas e valores, sendo ligada a três componentes: afeição, comportamento e cognição. As atitudes podem ser generalizadas ou partilhadas, como é evidente em muitos inquéritos à opinião pública (Pesquisa DataFolha do dia 05/01/2019 sobre o fim das leis trabalhistas ou privatizações), ainda que, na prática, se tenha demonstrado que, normalmente, elas variam.

Eagly e Chaiken (1993) afirmam que as atitudes são baseadas em conhecimentos socialmente partilhados, assim, mostra que não apenas as ideologias do grupo influenciam nas atitudes, mas os conhecimentos genéricos da comunidade possibilitam, num primeiro momento, a comunicação e o embate mútuos. Por exemplo, para haver um debate ou opiniões sobre a participação a Lei de Migração (13.445 de 24/05/2017), é necessário conhecer ou saber o que se trata pelo termo migração. Fraser (2016) argumenta é que a soma das atitudes que constroem

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2018/03/1961381-lei-de-migracao-amplia-e-assegura-a-liberdade-de-associacao-de-imigrantes.shtml>

as representações sociais ou modelos mentais sociais, pois, como bem afirmou Moscovici (1984), os modelos mentais/representações sociais são sempre prescritivos com implicações para a ação. As representações sociais, segundo Moscovici (1984), são simultaneamente conjuntos consensuais de cognições e conjuntos consensuais de avaliações, bem como saberes que não estamos convencidos de serem verdade. Assim, é possível que exista entre os modelos mentais socialmente compartilhados diferenças e concorrências entre os modelos mentais com posições de valor, já que precisamos conhecer aquilo que o outro sabe para saber argumentar. Atores sociais que têm ideologia socialista tendem a demonstrar um consenso considerável em torno de interesses econômicos e de classe, além de manifestar atitudes de defender positivamente essas questões. Atores sociais conservadores tendem a manifestar atitudes voltadas a questões de lei e ordem. Fraser (2016) revela que o conjunto estruturado das atitudes compartilhadas podem fornecer uma estrutura para análise das crenças sociais compartilhadas e generalizadas.

Eagly e Chaiken (1993) explicam que, frequentemente, as atitudes são polarizadas, pois o aspecto central das ideologias, base orientadora das atitudes, são muitas vezes polarizadas pela dimensão relacional entre o endogrupo e exogrupo. O discurso de um se apoia nos defeitos do outro, ou naquilo que consideram defeito, para afirmar as próprias virtudes, ou aquilo que considera virtudes. As atitudes revelam as faces de seus atores sociais, pois são construções de uma imagem de si que se deseja revelar (GOFFMAN, 1985, BROWN E LEVINSON, 1987). Van Dijk (2016a) argumenta que as atitudes podem revelar uma única face, por exemplo, ao enfatizar a face negativa do exogrupo sem fazer menção a pontos positivos do endogrupo, ou vice-versa.

Van Dijk (2016a) notou que as atitudes acabam por funcionar como um roteiro para o ator social se comportar. Bruner (2002) explica que, por funcionarem como roteiros comportamentais, as atitudes são mais dinâmicas que as ideologias, assim, as atitudes podem ser narrativizadas para a construção de determinados efeitos. Propp (1928) estudou o modo como o conto maravilhoso se comporta e a influência da seleção lexical ajudam a construir as atitudes dos personagens e a orientação do enredo. Propp (1928) expôs, na *Morfologia do conto maravilhoso*⁷, que a narrativa maravilhosa se estruturava por um estado inicial bom que será

⁷ Propp (1928) propôs a existência de sete papéis fixos: o herói, o antagonista (ou agressor), o doador, o auxiliar, a princesa (ou seu pai), o mandante e o falso herói, além de trinta e uma funções ou ações a serem realizadas: afastamento, proibição, transgressão da proibição, interrogatórios, informação sobre o herói, embuste, cumplicidade, dano, carência, mediação, início da reação, partida, primeira função do doador, reação do herói, recepção do objeto mágico, deslocamento no espaço, combate, marca do herói, vitória, reparação do dano ou carência, regresso do herói, perseguição, salvamento, chegada incógnito, falsa pretensão, tarefa difícil, tarefa cumprida, reconhecimento, desmascaramento, transfiguração, castigo e casamento.

afetado e violado, cabendo ao herói (seu grupo) reestabelecer o estado inicial por meio da luta contra criminosos. Os processos de narrativização são estruturas cognitivas e modelos de processamentos de informação: além de orientar o modo como deve ser produzida e compreendida as informações, ajudam aos atores sociais a construir as suas opiniões e atitudes por meio da organização das informações na narrativa.

Tais roteiros acabam por mostrar uma dimensão avaliativa das atitudes gerais, assim, van Dijk (2016a) diz que as avaliações são orientadas e socialmente partilhadas, pois tomam por base o sistema de valores igualmente partilhado e não as emoções pessoais. Muitas atitudes contra servidores públicos tendem a ter uma orientação negativa geral ou pode-se ter atitudes contra o aborto, a imigração, a eutanásia, mas o mesmo se pode dizer das atitudes contra a guerra, contra a poluição – que, no entanto, podem ser planeadas – choram de forma positiva a favor da paz e do ambiente, por exemplo. As atitudes conservadoras parecem iniciar um acordo para manter o *status quo*, as relações de poder existentes, etc. – que pode ser precisamente o que atrai membros com personalidades tradicionais ou autoritárias. Para ser coerente com o que pensam, muitas atitudes dos indivíduos se contradizem, mas se mantêm fiel à linha ideológica defendida. As atitudes influem sobre as práticas e discursos, tal como se dá com as ideologias, já que ambas são estruturas cognitivas e estão representadas na memória de longo prazo, além de serem partilhadas pelos membros da comunidade epistêmica. Embora sejam diferentes dos modelos mentais, as atitudes influem sobre esses modelos, sobre as opiniões dos membros individuais acerca dos eventos sociais e situações específicas, bem como aos discursos e outras práticas sociais.

iv. Opiniões públicas

Himmelweit (1990) diz que o conceito de opinião pública está ligado ao conceito de atitudes, assim, entende que opinião pública é uma forma de crença social. Entretanto, seja nos estudos da Ciência Política, seja nas pesquisas comportamentais e atitudes da Psicologia Social, opinião pública refere-se a um conjunto de opiniões pessoais normalmente recolhidas ou politicamente relevantes, sendo o modo como a crença social está difundida na sociedade, ou seja, são opiniões socialmente partilhadas.

Van Dijk (2016b) argumenta que a opinião socialmente compartilhada não é igual à opinião individual, mas antes é o extrato comum das individualidades, por isso pode ser entendida como crença social diferente das outras crenças. Se as crenças sociais são um tipo de conhecimento socialmente partilhado e coletivo (e não o conjunto das opiniões públicas), então

a opinião pública pode ser entendida como uma atitude pública, pois funciona como uma sistema de atitudes e maneiras que se distribui pela sociedade, função essa levantada pelas pesquisa de opinião, como aquela que citamos sobre as leis trabalhistas e a venda de empresa pública, em que 60% dos ouvidos se manifestaram contrário ao fim das referidas leis e à venda do patrimônio público. Podemos levantar os tópicos principais da opinião pública no Brasil: homossexualidade, casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção de criança por pais ou mães LGBT, dentre outros tópicos que se podem manifestar opinião pública e com atitudes diferentes de acordo com o tópico tratado.

Van Dijk (2016b) entende que os tópicos de opinião pública representam atitudes que encarnam preocupações e, ao mesmo tempo, concepções da sociedade e de comunidades epistêmicas específicas (religiosos, acadêmicos, cientistas, juristas, etc.). Mencionamos alguns tópicos que estão em cena nos últimos anos no cenário sociopolítico brasileiro que são preocupação para muitos atores sociais, seja por sua experiência ou seja por serem políticos de determinados grupos sociais.

v. Preconceito, estereótipos

Van Dijk (2016b) concebe preconceito e estereótipo como tipos especiais de atitudes, pois podem definir tipos específicos de representações sociais sobre membros de exogrupos. Ambos são encarados como modelos mentais e de relação interna de grupos, assim como em qualidade de representações. Jodelet (2001) entende que o preconceito se trata de um julgamento negativo ou positivo, cuja a formulação é produzida de antemão a propósito de uma pessoa, grupo ou coisa, entretanto tem um contexto específico, por isso está inserido no grupo das atitudes específicas. O preconceito e o estereótipos possuem uma dimensão cognitiva especificada por seus conteúdos (acessões sobre um alvo) e sua forma (estereotipia), uma dimensão afetiva construída por emoções e engajamento na interação com o alvo, interação semântica de base positiva ou negativa.

Van Dijk (2016b) define o preconceito como crença social genérica que atribue propriedades negativas a um exogrupo social, sendo formulado como um esquema geral de grupo como vemos também na estrutura ideológica. Van Dijk (1998) explica que os preconceitos emergem da polarização das ideologias, assim, os preconceitos também se organizam em sistemas polarizados nos quais o endogrupo se atribui ou se constrói de modo positivo e o exogrupo é tomado em signos negativos, mas orientados dentro de um sistema de valor socialmente compartilhado pelo endogrupo. Van Dijk (2016b) tem entendido os

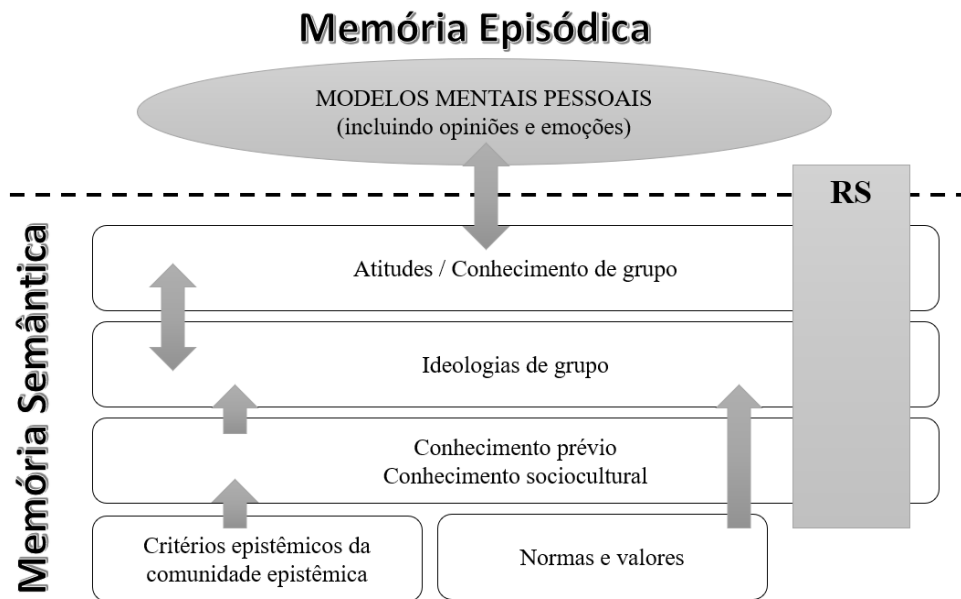
preconceitos e estereótipos como oriundos do baixo conhecimento dos atores sociais acerca do grupo ou dos atores sociais alvo de suas generalizações. Os grupos e atores sociais podem entender os estereótipos e preconceitos como “conhecimento” (objetivo), principalmente, quando fazem parte de suas práticas sociais, como é o caso da mulher e da pessoa negra. Nos referidos sujeitos-alvo do preconceito, os preconceitos foram implantados ou impostos como uma definição social compartilhada contra aqueles por atores sociais que não partilham das características tomadas como signo negativizado.

Van Dijk (2016) explica que saber sobre os preconceitos e os estereótipos não significa que os atores sociais os utilizaram. Isso se aplica tanto com adultos quanto com crianças, mesmo que as crianças possam entendê-los como forma de conhecimento – numa idade muito tenra – ainda falta uma maturidade cognitiva para usar tais sentido como ofensas. Ao mesmo tempo, essa questão não nos permite definir quando e especialmente como as pessoas aderem, aceitam e compartilham ativamente um preconceito e, portanto, estão prontas para aceitá-los como seus e se identificam com um grupo ideológico. Parece ocorrer, em geral, em períodos em que se desenvolvem identidades sociais independentes e especialmente identidades políticas, ou seja, na adolescência e na juventude.

vi. Representações sociais

Jodelet (1989) explica que o homem necessita saber sobre o mundo que o cerca, para tanto precisa ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar-se e resolver problemas de várias ordens a fim de garantir sua vida em sociedade. É para tanto que se constroem representações mentais do mundo, do mesmo modo, fazemos com as coisas, as pessoas, os eventos e as ideias. Isso se deve ao fato de não sermos seres programados pela natureza, a frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, as relações socioculturais influenciam como nos entendemos e representamos a nós mesmo e o mundo, fato que nos leva a compartilhar o mundo. As representações (modelos mentais) são sociais e são relevantes para a vida cotidiana, já que ajuda a compreender, gerenciar e/ou afrontar o mundo e os outros.

Figura 06 – Sistema de crenças sociais viabilizada pelas representações sociais



A arquitetura do sistema de crenças sociais é direcionada pelas representações sociais que atravessam as atitudes, ideologias e conhecimento prévio. Van Dijk (2016b) explica que as representações sociais são estruturas utilizadas para a divulgação de crenças científicas por Moscovici (1961) possível pela recontextualização, aquisição, uso e reprodução popular de saberes. Se expressando tanto nas atitudes quanto nos conhecimentos acionados e estereótipos que são utilizados nas práticas sociais e nos discursos e são aquilo que os antropólogos chamam por “modelos culturais”. Moscovici (1984) e Jodelet (2001) apontam que as representações sociais estão integradas ao sistema de conhecimento existente por meio de um processo metafórico como âncoras; os estudos em lexicologia sobre as expressões idiomáticas têm mostrado que a relação existente entre o preconceito racial que se manifesta na linguagem cotidiana é pejorativa, como provérbios, poemas, músicas e narrativas folclóricas.

Paiva (1998) percebeu que atores sociais que se posicionam contra o racismo são veículos inconscientes das “metáforas negras”, sendo as metáforas clássicas a expressão idiomática “a coisa está preta” e o verbo “denegrir”. Isso revela que as representações sociais sobre o povo negro são culturalmente compartilhadas, além de mostrar que conhecimento e representações sociais mantêm relação no campo econômico e nos estudos econômicos: as metáforas negras “câmbio negro” e “mercado negro” são utilizadas para expressar situações de negociações financeiras criminosas. Esses estudos em lexicografia e lexicologia revelam aquilo que van Dijk (2016) explica como a integração dos processos sociocognitivos à produção de conhecimentos, assim, as representações sociais estão ligadas às aquisições de conhecimento

variados. Nos exemplos metafóricos apresentados, os estudiosos das Ciências Econômicas buscaram a visão negativa que o homem negro possui na sociedade e reforça um processo sistemático de inculcação da negatividade simbolizada pelo negro no conhecimento de uma comunidade epistêmica. De um modo geral, as representações sociais incorporam as inquietudes oriundas das questões sociais (AIDS e outras infecções sexuais, pobreza, violência, minorias, gênero, idade, reprodução, perigo e estruturação social) que são preocupações básicas sobre a condição humana e social.

2.4. Discurso: crenças sociais e [re]produção de conhecimento

As crenças sociais estão imbricadas nos vários conhecimentos sociais que os atores sociais vão construir ao longo de sua vida social, assim ideologias, atitudes, julgamentos e representações sociais estão associados a múltiplos grupos sociais. No parágrafo anterior ao tópico 2.3, mencionamos duas expressões da comunidade epistêmica dos cientistas econômicos cuja construção acaba por veicular atitudes racistas de modo inconsciente pelo conhecimento econômico. A chegada desse *input* só poderia se dar por via cognitiva, o que reforça a proposição defendida aqui que as ideologias, atitudes, crenças sociais e representações sociais são modelos sociais cognitivos e, deste modo, são acionados nas ações e práticas sociais e se manifestam nos discursos e conhecimentos compartilhados pelos membros de uma comunidade epistêmica. Van Dijk (2016b) argumenta que os conhecimentos são definidos pelas comunidades epistêmicas ou ressuprimento, pode ser impressionado por questões ou pressões sociocognitivas que se manifestam de modo inconsciente.

Figura 07– Artigo em que ocorre o uso da expressão “câmbio negro”⁸

2 OS REGIMES E AS TAXAS CAMBIAIS

2.1 Conceito e elementos de câmbio

O câmbio é um importante fator para que os países negociem suas mercadorias e/ou serviços entre si, pois os países não têm a mesma cultura, a mesma economia, a mesma língua, os mesmos objetivos, quanto menos a mesma moeda.

Para resolver este problema utiliza-se o câmbio que de acordo com Sandroni (2004, p. 74),

é uma operação financeira que consiste em vender, comprar ou trocar valores em moedas de outros países ou papéis que representem moedas de outros países. Para essas operações são utilizados cheques, moedas propriamente ditas ou notas bancárias, letras de câmbio, ordens de pagamento, etc.

Existem vários elementos de câmbio, porém os mais importantes são a moeda e o seu preço. Assim como existem também vários tipos de câmbio, tais como câmbio manual, câmbio múltiplo, câmbio oficial, câmbio negro, etc que serão tratados a seguir.

Entende-se por câmbio manual aquele onde se troca fisicamente moedas de um país pelas de outro, como por exemplo, reais (moeda do Brasil) por iene (moeda da China). Tal operação só é permitida para quem viaja ao exterior seja para lazer (turismo) ou para negócios.

Denomina-se câmbio oficial aquele que é fixado pelas autoridades monetárias devido ao conjunto de taxas de conversão de divisas em relação à moeda nacional.

O câmbio múltiplo funciona de tal forma em que as taxas variam de acordo com a destinação do uso da moeda estrangeira. Neste sistema as exportações são privilegiadas diante das importações, pois tem-se a intenção de proteger a economia nacional.

Considere-se como **câmbio negro** – também chamado de câmbio paralelo – aquele em que negociam-se moedas estrangeiras ilegalmente, normalmente acima das taxas de câmbio oficiais com intuito de obtenção de lucros. Negociam neste mercado todos os agentes econômicos não autorizados a operar no mercado de câmbio.

Outro tipo de câmbio é o português que designa em compra de moeda estrangeira pelo exportador e enviada ao importador como forma real de reduzir o preço de venda do produto sem alterar o valor da exportação.

Fonte: Medeiros e Franchini (2007).

O termo “negro” envolve uma visão negativista que perpassa o conhecimento social construído das crenças sociais, ideologias, atitudes e representações sociais e chega ao conhecimento epistêmico formulado por grupos sociais específicos. Isso se dá pelo fato de o conhecimento geral ser socialmente compartilhado nos vários setores da sociedade na forma de representações sociais. Van Dijk (2016b) explica que o conhecimento é definido por comunidades que não têm (ainda) aceito de maneira geral o conhecimento socialmente compartilhado. Quando o conhecimento socialmente compartilhado chega à comunidade epistêmica específica é ou será adaptado quando há preocupação para o suprimento de questões ideológicas ou práticas sociais discriminatórias; o que se percebe no exemplo é que os atores sociais são inconscientes das práticas ideológicas preconceituosas. Outro exemplo seria a diferença salarial praticada entre homens e mulheres: na prática empresarial, ofertar salários para homens e possibilitar a mulher salário menor a ator social que executa a mesma função é um ato comum, por isso organismos sociais internacionais tratam o tema como preconceito de gênero.

Van Dijk (2016b) ressalta que cada comunidade epistêmica se volta para algum setor do conhecimento geral a fim de construir um conhecimento especializado, para tanto

⁸ Disponível em: <http://intranet.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/010/cambio.pdf>. Acessado no dia 07/01/2019.

estabelece seus próprios critérios e métodos de forma muito detalhada para explorar um conhecimento geral do mundo com seus especialistas. Os estudos sobre as representações sociais têm mostrado como esse conhecimento especializado pode influenciar na formação e na mudança de sentido sobre o conhecimento não especializado. Para perceber a presença das crenças sociais, faz-se necessária a aplicação dos sistemas de crenças sociais representado na imagem 03 para fazer emergir das práticas sociais executadas pela comunidade epistêmica por meio de seus membros na produção e reprodução de conhecimentos.

A partir da discussão executada até aqui, percebe-se que o discurso não pode ser descrito como a colocação de funcionamento da língua ou como um objeto de interação social. Fairclough (2008) percebeu que o uso do “discurso” se dá como uma forma de prática social e não uma atividade individual ou reflexo de estímulos variados que levam o ator social a responder demandas. A proposição de discurso como uma forma de prática social está ligada às proposições de Bakhtin (Volóchinov, 1929) de perceber os gêneros textuais como a realização de uma prática social, já que se adequa de modo variado às mais diversas situações, conservando uma estabilidade relativa. Van Dijk (2016) é tributário de ambas visões, mas Fairclough (2008) não expôs como se dá a relação entre as estruturas sociais e estruturas linguísticas, que, para tal, se dá de modo dialético entre discurso e sociedade, dialética essa já apontada por Aristóteles e Volóshinov/Bakhtin, entretanto “[...] O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 90-91). Os significados do mundo que emergem dos variados discursos carregam as marcas do seu produtor e como este processa as informações mais variadas que o cerca, além de enunciar algo ligado às condições de produção do grupo a que pertence e adequá-la às situações e contextos específicos que o ajudam a ser compreendido.

Van Dijk (2016) diz que o discurso é uma forma de interação social (une a intenção comunicativa a um propósito comunicativo, já que busca agir sobre o mundo, pois é uma prática social situada no tempo e no espaço) e, ao mesmo tempo, a expressão e reprodução da cognição social. Isso significa que as estruturas globais (modelos mentais sociais) e locais (modelos mentais individuais – afetos e experiências) condicionam a produção e o processamento dos discursos. Os discursos surgem através da mediação das estruturas cognitivas (aspectos do processamento mental: conhecimento linguístico, enciclopédico, interacional e situacional, modelos de situação e modelos de contextos), conhecimento socialmente compartilhado, crenças sociais, ideologias, preconceitos, estereótipos, representações sociais e modelos mentais pessoais dos membros da comunidade epistêmica que, subjetivamente, definem os

eventos sociais e comunicativos na forma de modelos contextuais, bem como da coerência global (em relação aos discursos produzidos na sociedade) e local (ao discurso da comunidade epistêmica) a fim de representar o mundo, construindo e constituindo o significado do mundo.

O discurso é, deste modo, uma prática social, pois dá conta dos aspectos sociais, culturais e políticos, bem como das maneiras individuais e subjetivas que os atores sociais produzem e reproduzem as representações e estruturas sociais obedecendo coordenadas direcionadas pelos contextos e situações e as demandas de seu grupo epistêmico. Os elementos sociocognitivos envolvidos na produção e processamento de discurso e os sistemas de crenças sociais são as diretrizes para os atores sociais se locomoverem através dos discursos, de modo a se projetarem nas situações e contextos, formularem suas representações de mundo e constituindo e construído significado do mundo. O discurso é uma fonte de conhecimento. Para tanto a atividade de processamento não pode se dar de modo passivo e acrítico, mas a leitura é uma atividade cognitiva complexa do mesmo modo que é a produção de discurso, sendo indissociável leitura e escrita e as condições e critérios de cada comunidade epistêmica.

2.4.1. Comunidades epistêmicas

Falamos até aqui sobre o conceito de discurso e da influência da dimensão social e cognitiva que ajuda no processamento e na produção de conhecimento social específico. De modo geral, os conhecimentos específicos são erguidos do conhecimento social partilhados por grupos de indivíduos com critérios e valores particulares, e chamaremos a reunião desses atores sociais em grupos de comunidade epistêmica. Decerto, a relação entre grupo sociais e suas estruturas de interesse e a produção cognitiva e a difusão discursiva do conhecimento sejam indiretas, faz-se necessário uma interface cognitiva que permita interlocução sociocognitiva complexa. Nesse sentido, as ciências cognitivas têm se ocupado da parte cognitiva da natureza social e cultural do conhecimento, mas não procurou se voltar para o laço cognição-sociedade-discurso. O próprio Fairclough (2008) fala em termos de uma dialética, tão cara à proposição de Norbert Elias bem como de Marx e Engels. Vale expor, como defende van Dijk (2016a, 2016b, 1998), que o conhecimento é uma propriedade da mente/cérebro e, como tal, é socialmente partilhado, difundido e/ou distribuído entre os atores sociais de comunidades nas diversas instituições, a fim de não só preservar o conhecimento, como conquistar novos membros replicadores.

Os modelos mentais são as construções centrais para a interface sociocognitiva. Os atores sociais, por serem os membros das comunidades epistêmicas, representam na memória

episódica as experiências subjetivas do cotidiano, incluindo a percepção de seu entorno social, planejamentos e execuções das interações sociais. Van Dijk (2016) argumenta que a memória episódica dos atores sociais não só armazena modelos mentais pessoais e subjetivos, mas também modelos mentais intersubjetivos, pois são instâncias aplicáveis do conhecimento sociocultural partilhado (rotinas de construção de textos a estratégias de modulação da atividade discursiva, uso da polidez, estratégias de preservação e ataque de faces, atos de falas).

Lembremos Habermas (1996) quando explica que as estruturas simbólicas do mundo vivido (modelos mentais sociais e as representações sociais – ideologias, atitudes, preconceitos e estereótipos) se reproduzem para manutenção do conhecimento compartilhado socialmente (saber válido) por meio da solidariedade grupal (sentimento de pertencimentos dos membros ao grupo epistêmico) e da formação de atores sociais. A comunidade epistêmica é composta de três componentes: reprodução cultural – (conhecimento específico) é o reservatório de informações que os atores sociais se abastecem de significados e representações do mundo –, integração social – trata-se do sentimento de pertencimento do grupo social que os leva a falar e a agir orientados para o entendimento e afirmação de sua identidade – e formação de membros.

A formação de membros se dá pela interação e a comunicação, segundo van Dijk (2016), com compartilhamento de conhecimento e de alguns tipos de representações sociais, pois não se pode compartilhar crenças sociais comuns sem uma base social óbvia ou que possibilite o compartilhamento de uma cultura. As crenças sociais são sistemas de valores e só são definidas pelo coletivo, como se dá com a língua, as atitudes (os padrões de polidez) e as ideologias. Em grupo, as características individuais são esquecidas em prol do laço agregador dos indivíduos. Por exemplo, uma sala de aula de qualquer universidade do Brasil será composta de alunos e professor que são unidos pelos laços institucionais e a necessidade de formação desses indivíduos. O grupo é formado pela turma (Turma 01A – Semântica), o laço agregador é que são alunos da instituição X do curso de Letras e devem estar num período necessário para cursar a disciplina. Até aqui, não há nenhum laço afetivo que una todos os alunos, assim, o professor perceberá que os alunos podem se distribuir ou dividir por vários fatores sociais: idade, sexo, origem, classe social, local de formação, religião, linha de pesquisa, etc. Os fatores que os unem e os levam a interagir entre si exerce uma influência maior que o laço formal e institucional que os colocou naquela turma. O professor pode afetar cada aluno de modo variado, entretanto se o professor aplica uma prova e todos os alunos tiram notas ruins, cobrar coisas que não apresenta em sala ou desenvolve as aulas com excessos de cobrança, os alunos criam um laço afetivo que os unem: ódio ao professor. Logo as diferenças são esquecidas

e o laço maior se coloca como motor para a formação do grupo Turma 01A – Semântica, pois os alunos irão dividir ideologia, atitudes e crenças sobre o professor de Semântica. Cada aluno formou modelos mentais pessoais do professor; desses modelos, os alunos começaram a trocar percepções do professor, em interação e comunicação, formaram um modelo mental social do professor que passou a orientar a formação de representações sociais das aulas, das atitudes e do professor na sala. Os alunos conscientes passaram a conversar e a estabelecer estratégias e modo de interação contra o professor, as atitudes e ideologias ajudam a formar uma crença social sobre o professor, pois cada um tem um conhecimento dos eventos e situações que os envolve com o professor armazenado na mente/cérebro graças à interação da memória episódica e a memória semântica. Esse laço e compartilhamento de conhecimento é a forma motriz de suas ações e suas práticas sociais, pois esse sentimento de pertencer ao grupo social os fazem se reconhecer como iguais a compartilhar algo, assim, dividir crenças sociais é algo fundamental para a formação dos membros como da própria organização do grupo social.

A noção de grupo, explica van Dijk (2016) é bastante geral e pode, às vezes, ser usada para qualquer tipo de coletivo, por não ser necessário haver distinção analítica entre os membros do grupo. Quando tratamos de comunidade, tratamos de um coletivo sociocultural cujos membros compartilham a mesma língua, religião, conhecimento, nacionalidade e/ou identificação étnica. As pessoas chegam a ser membros de uma comunidade por nascimento, sociabilização e/ou processo de integração cultural (processo muito lento). Outros processos podem ocorrer, por exemplo, imigração, exílio, etc. Estamos tratando de comunidades culturais, então podemos exemplificar com comunidades linguísticas, étnicas, epistêmicas, etc.

As comunidades, por serem construções socioculturais, são diferentes e projetam práticas sociais particulares e estilo de vida associado a condições e critérios particulares, fatores esses que determinam a natureza da organização social e os modos como interagem entre si e com outros atores sociais de grupos opostos. Bazerman (2007) e Street (1984) explica que as condições socioeconômica e cultural influenciam nas práticas, atitudes e comportamento dos atores sociais. Os atores sociais para se sentirem participantes da comunidade agem em conformidade com as regras e adotam os critérios do grupo e passam a agir em conformidade as posturas e os comportamentos esperados. Tais critérios socioculturais constitui um conhecimento registrado na mente/cérebro, assim, quando se compartilha conhecimento, crenças sociais, atitudes, comportamentos, representações sociais e práticas sociais, estamos diante de uma comunidade epistêmica. Van Dijk (2016b) diz que as comunidades profissionais podem ser definidas por seu compartilhamento de conhecimento, habilidade e atividade –

exemplo, professores, policiais, etc. – entretanto, os grupos de trabalho se comportam mais como grupo do que como uma comunidade epistêmica.

O conceito de agência de Bazerman (2007) é interessante e pode nos ajudar a entender as comunidades epistêmicas, já que o termo se relaciona ao verbo “agir”, pois tem a capacidade de atuar, intervir e operar no modo como os seus membros observam o mundo social. As comunidades epistêmicas possuem três propriedades: i) possuem grau de controle sobre o comportamento dos membros; ii) as ações dos membros podem afetar outras entidades; e iii) tais ações são objetos de avaliação por parte dos outros membros. Lave e Wenger (1991) formularam o conceito de comunidade de prática que se constitui por membros que participam em uma atividade e que compartilham um ou mais objetivos, além de definirem um repertório partilhado (incluindo conhecimento) normas, valores, etc.

Os grupos são restritos a coletivos cujos membros compartilham uma atividade profissional ou desenvolvem um trabalho junto, objetivo, atitudes ou ideologias, como, por exemplo, jornalistas, professores, etc.; podemos pensar também, segundo van Dijk (2016), em pacifistas, feministas, entre outros. Podemos pensar a comunidade como uma organização com diferentes tipos de grupos (ideológico). Esses grupos podem estar mais ou menos organizados por meio de processos formacionais em que se distribuem as lideranças, rotinas, processos, entre outros aspectos. Os grupos são variados por seus variados tipos de membros, objetivos, atividades, permanência, organização, etc. Tais grupos vão desde grupos de conversação, de festas, equipes de trabalho, comitês de pesquisa, clubes de esporte, movimentos sociais, partidos políticos aos de organizações de negócios, nações-estados, etc. Os critérios de classificação devem ser sociológico: organizacional, liderança, membros, gestualidade ou financeiro, bem como critérios sociocognitivos como conhecimento compartilhado, atitudes, ideologias, normas e valores.

Van Dijk (2016b) diz que os grupos pequenos ou de trabalho têm sido muito bem estudados pela psicologia cognitiva orientado pelo estilo de interação e tomada de decisão, por exemplo, os processos cognitivos ligados e/ou utilizado por atores sociais na navegação em navios (HUTCHINS, 1990, 1995a) e da distribuição de processos cognitivos na operação de aeronaves (HUTCHINS, 1995b; HUTCHINS; KLAUSEN, 1996). Tais estudos revelaram, segundo Hutchins (2000), que os processos cognitivos não se limitam às mentes de modo individual, pelo contrário, extrapolam-nas e podem ser estudadas por relações funcionais entre todos os membros que atuam na execução de práticas sociais, inclusive, na produção de textos em espaços virtuais. Assim, optamos, para essa dissertação, realizar uma discussão utilizando com critério sociocognitivo o sistema de crenças sociais, e a classificação dos grupos será

ideológica, tais como socialismo, feminismo, conservadorismo, etc. Para tanto, se observará se os grupos de atores sociais compartilham objetivos ideológicos básicos, atitudes, normas e valores como fundamentais para as suas práticas sociais e identificação como membro do grupo ideológico.

3. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOBRE COGNIÇÃO, SOCIEDADE E DISCURSO

Se os que têm a ver com a ordem estabelecida, seja lá o que for, não gostam nenhum pouco da sociologia, é porque ela introduz uma liberdade em relação à adesão primária que faz com que a própria conformidade assuma um ar de heresia ou de ironia. Pierre Bourdieu (1994, p.60)

Neste capítulo, vamos apresentar ao leitor as escolhas executadas que deram viabilidade a execução desta pesquisa em Análise Crítica do Discurso tendo por base a Teoria Cognitiva do Processamento Estratégico da Informação (VAN DIJK 1983b, 1984a, 2004, 2005, 2006, 2008, 2011, 2016a e 2016b), Teoria Sociocognitiva do Discurso (HAMILTON, 1981a; TAJFEL, 1981, 1982) e a Teoria da Cognição Social (ARGYLE, FURNHAM, & GRAHAM, 1981; FORGAS, 1979, 1981; FURNHAM & ARGYLE, 1982; VAN DIJK, 1983) com o intuito de fazer perceber os entornos da relação discurso/sociedade/cognição e dar conta dos questionamentos levantados para o exercício da investigação linguístico-discursiva e sociocognitiva focada na produção e compreensão de discurso. Iniciaremos com a caracterização da pesquisa de modo a relacionar a escolha do tipo da pesquisa à natureza do objeto de estudo; em seguida, delimitaremos o universo e como foi realizada a seleção do corpus que foi analisado pela perspectiva dos estudos críticos do discurso e a teoria sociocognitiva; após esses passos, nos foi possível discorrer sobre os procedimentos de construção e de análise de dados, além disso realizamos a triangulação dos dados de modo a conhecer os mecanismos linguísticos e cognitivos envolvidos na interação entre leitores online / textos online / produtores online; diante desse passos, apresentamos as categorias de análise que ajudaram a entender a estrutura do “comentário online” e a “resposta ao comentário online”; por fim, apresentamos o modo como os textos serão analisados para se construir os dados.

3.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa dissertativa assume como base metodológica a perspectiva qualitativa interpretativa, pois procuramos abstrair os sentidos construídos pelos atores sociais (atores tecnossociais) em interação mediante a atuação em contextos sociais específicos (redes sociais virtuais). Diante do tipo de objeto de estudo (discurso violento nas redes virtuais), o espaço de circulação desse objeto (mundo virtual) e os tipos de atores sociais (atores

tecnossociais), descrevemos a pesquisa como um estudo de caso do tipo etnográfico, já que focamos nossas ações sobre um determinado local para retirada do material para as análises linguístico-discursivo e sociocognitivas. A escolha do método de estudo de caso etnográfico se deu pela possibilidade de aplicar vários tipos de técnicas de análise e instrumentos linguísticos para a geração de dados de modo a garantir o soerguimento de resultados o mais próximo das implicações e motivações que levam à construção do discurso violento nas redes sociais.

A abordagem de estudo etnográfico, utilizada pelas Ciências Humanas, especialmente, por antropólogos, para erguer informações e conhecimentos sobre as culturas dos variados agrupamentos humanos, significa “descrição de cultura” ou “descrição cultural”. Deste modo, o método nos ajudará a entender a cultura implicada na produção de “discurso violento” ou “difamação de grupo” já que, segundo Geertz (1978, p. 20), possibilita erguer “uma descrição densa”, ou seja, permite apresentar detalhadamente as percepções dos sujeitos individualmente envolvidos na produção e difusão de discurso violento. Com isso, os sentidos construídos por atores tecnossociais não são vistos como eternos e imutáveis, mas são considerados como algo em constante formação. Bogdan e Biklen (1994) explicam que a abordagem qualitativa-interpretativa defende que a experiência humana é mediada pelo ato interpretativo e, deste modo, múltiplas são as formas de interpretar a experiência humana e os atos de linguagem produzido pelos atores tecnossociais em interatividade em ambiente virtual.

No nosso estudo de caso etnográfico, a preocupação central é descrever os fatores linguístico-discursivo e sociocognitivos e os sistemas de crenças implicados na produção de discurso violento que tem ganhado espaço no ambiente virtual, assim, é intuito desta pesquisa descrever o comportamento de atores tecnossociais e os significados atribuídos aos atos discursivos e à interatividade virtual (SPRADLEY, 1979). Para o nosso estudo de orientação linguística, focaremos no contexto das interações sociais em ambientes virtuais e nos discursos que emergem dessas interações, com isso vamos observar (i) os fatores linguístico-discursivos e sociocognitivos envolvidos na construção do discurso violento e (ii) as implicações dos sistemas de crenças na construção de modelos mentais situacionais implicados no discurso violento.

A opção pela abordagem do estudo de caso etnográfico se deve pela natureza do objeto de estudo (*Fanpage* Folha de São Paulo espaço de interatividade entre atores tecnossociais) que possui uma natureza plural por ser um espaço de troca de informação entre sujeitos de várias formações discursivas, sistemas de crenças, escolaridades, idades e gêneros; por ser um espaço singular, tal método oferta princípios e métodos da etnografia. Bassey (2003)

diz que o estudo de caso coloca em destaque a necessidade de compreender os atores sociais do caso e oferece explicações sobre os padrões causais ou estruturais que não são claros para os participantes.

Esta dissertação assume o princípio básico da etnografia: relativização. Dauster (1989) diz que o pesquisador deve ver a sociedade descentrada de si e colocar o eixo de referência no mundo observado. A relativização nos faz olhar o nosso objeto de estudo com olhos de espanto/estranhamento, visto que o espaço das redes sociais, em especial, o Facebook, tem um status de onipresença, que confere a si uma presença na vida e na ação humana, além de alterar os rumos de alguns eventos no espaço real da vida. Não será nosso intuito reconstruir uma verdade ou expor os prejuízos do discurso violento, mas antes possibilitar um entendimento dos fatores linguístico-sociocognitivos e dos sistemas de crenças envolvidos na produção e compreensão do discurso.

3.2. Delimitação do universo da pesquisa

Dentro da variabilidade de Redes Sociais Virtuais (RSI), optamos por observar o Facebook, que se define como um produto/serviço que tem por missão dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo, assim procuramos dar ênfase aos atores tecnossociais e no modo de compartilhamento de informações e levá-los a construir um mundo mais aberto e interligado (FACEBOOK, 2018). Entretanto como se trata de um estudo de caso etnográfico, focamos em apenas uma fanpage, pois tomar a RSI seria inviável, visto que essa ferramenta de comunicação apresenta várias funcionalidades, desde sistemas de troca de mensagens, mural público (entretanto pode ter variações de visualização, podendo ser deixado visível apenas para um único indivíduo), formulação de perfil pessoal público.

Grimmelmann (2009) diz que a homepage (página inicial) exibe todas as informações relacionadas ao utilizador de modo centralizado com um espaço para visualizar as histórias de amigos ou *fanpages*, um calendário de eventos e aniversários, atalhos para *fanpage* e jogos, um *feed* de notícias, onde os contributos mais recentes dos amigos do utilizador são mostrados por ordem cronológica. O ator tecnossocial pode postar fotos e textos, marcar outros atores tecnossociais em suas fotos e usar hashtag. Segundo Fletcher (2010), a rede social virtual é o primeiro do *ranking* entre *websites* destinados a partilha de imagens, com 48 milhões de imagens únicas.

Mediante essa infinidade de questões que podem ser observadas a luz da pesquisa etnográfica, linguístico-discursiva e sociocognitiva, optamos por observar uma fanpage, por ser

a possibilidade fornecida pelo Facebook para que empresas possam criar um perfil para comunicar-se com o público. Enquanto que o perfil público serve para pessoas, é comum que organizações utilizem de modo errado, já que a rede social virtual tem regras que restringe o modo de utilização, mas podem ampliar quando passam a usar os serviços pagos. Sendo que, no perfil pessoal, o número de amigos é restrito para 5 mil, nas *fanpage*, esse número é ilimitado. O Facebook fornece às *fanpage* várias funcionalidades e liberdade para que consigam explorar bem as opções como área de eventos, enquetes, fóruns de discussão, dados sobre produtos específicos, aplicativos próprios. O Facebook possibilita a *fanpage* mensurar dados estatísticos sobre os hábitos dos fãs, como dados demográficos, quantidade de visualizações, comentários e ações de “curtir”, sendo esses dados não fornecidos para o perfil comum. Entretanto as informações dos perfis comuns são utilizadas para estudos do Facebook para melhor administrar o conteúdo a ser visto pelo ator tecnossocial.

O que reforça a nossa escolha por um estudo de caso etnográfico é o volume de interação entre os vários tipos de participantes (pessoas físicas, pessoas jurídicas e organizações governamentais ou não-governamentais). Segundo informações fornecidas pelo Facebook (2017), o número de brasileiros era de 102 milhões de atores tecnossociais ativos, sendo 93 milhões de atores tecnossociais móveis, sendo 54% mulheres e 46% homens, além de possuir 3 milhões de anunciantes ao redor do mundo que usam a rede social virtual como ferramenta de relação com o público consumidor. Em média por dia, os atores tecnossociais brasileiros fazem *uploads* de 996 mil vídeos, 2 milhões de *check-ins*, 160 milhões de *post*, 339 milhões de *status updates*, 460 milhões de fotos, 715 milhões de mensagens, 1,6 bilhões de comentários e 1.6 bilhões de *likes*, sendo 6,9 horas dedicadas ao Facebook que resulta 997 páginas visitadas por mês.

Entre os vários tipos de *fanpage* e mediante ao tipo de discurso que analisamos, optamos pela página do Jornal Folha de São Paulo. Entre os jornais brasileiros, a *fanpage* do jornal Folha possui o maior número de seguidores no Facebook, com 5.934.898 de curtidores, sendo 5.745.106 seguidores, entre os jornais em atuação no Brasil. Segundo informações colhida nas principais redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter e LinkedIn), a Folha mantém outras páginas na rede social com o título de suas editorias: Folha Cotidiano, Folha Cultura, Folha Economia, Folha Esporte, Folha Famosos, Folha Mundo, Folha Opinião e Folha Poder, totalizando 2,2 milhões de curtidas. A relação com as redes sociais é bem explorada pela Folha, são 6.29 milhões de seguidores no Twitter (@folha), 753 mil seguidores no Instagram (@folhadesp) e 777.006 mil seguidores no LinkedIn (Folha de São Paulo).

Figura 08 – Última postagem de notícia no Facebook feita pelo jornal paulista.



Fonte: Facebook, 2018

A *fanpage* da Folha foi criada em 2010 quando já se contava com grande número de atores tecnossociais brasileiros no Facebook (8,8 milhões de atores tecnossociais em 2010⁹), em que suas matérias já eram divulgadas nas RSI.

Vale ressaltar que o twitter da Folha entrou em ação em março de 2010. Entre os jornais brasileiros, o jornal Estado de São Paulo iniciou sua inserção no meio das comunidades virtuais mais cedo, em abril de 2009. O laço que une atores tecnossociais e a *Fanpage* Folha é a troca de informações e as conexões criadas são a base da interação no meio virtual. No caso das *fanpages*, essas conexões e a troca de informações não ficam restritas aos atores tecnossociais e a *fanpage*, mas os atores tecnossociais usam as postagens e as informações compartilhadas pela página para estabelecer contato com outros atores tecnossociais e discutir seus pontos de vista e a compreensão sobre a informação postada. Essas conexões são mutáveis e voláteis, sendo construídas por meios de diversas formas, entretanto a base da relação virtual é sempre estímulo-resposta. A presença dos atores tecnossociais na página é alimentada continuamente, já que a relação é mediada por computadores e smartphones e seus reflexos se notam por comentários, curtidas, compartilhamento e trocas de informações dentro das postagens.

9 <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/numero-de-usuarios-brasileiros-no-facebook-cresce-298-em-2011.html>

Figura 09 – Mensagem que o leitor tem acesso quando não é assinante do Jornal.



Fonte: site da Folha de São Paulo, 2018

Vale expor que as matérias divulgadas na *fanpage* não se dão de modo integral, ou seja, o ator tecnossocial só tem acesso a fragmento do conteúdo produzido pelo Jornal Folha de São Paulo. Assim, para ter acesso ao conteúdo integral, o ator tecnossocial deve ser assinante do jornal, seja na versão digital ou no impresso. Outra opção é a realização de cadastro de e-mail com a Folha (<http://www.folha.uol.com.br/>), pois dará acesso a leitura de 10 notícias por mês grátis, caso não se opte pelo cadastro, o leitor terá acesso à 5 notícias. Na condição de assinante, o seguidor tem acesso a todo conteúdo produzido pelo jornal. Por não ter acesso ao conteúdo integral, boa parte dos comentários na *fanpage* não são frutos de uma leitura proficiente da matéria, mas, antes, dispõem apenas de seu conhecimento de mundo para predizer sobre os poucos elementos da matéria da Folha a disposição na *fanpage*.

Dado a relevância do veículo e o grande volume de interações na *fanpage* do jornal, além da facilidade de acesso a essas interações, a Folha se tornou um alvo contínuo de ações de discurso violento seja contra o jornal, seja sobre os temas de suas matérias. No tópico seguinte, explicamos como foi feito a construção dos dados que serão triangulados para se construir o material que será analisado.

3.3. Procedimentos de construção de dados

Por se tratar de um estudo de caso de cunho etnográfico, foram realizado uma série de ações para a construção dos dados que irão compor o material a ser analisado, assim, esse projeto de pesquisa visa: (i) entender como se dá a construção do discurso violento partindo da

estrutura linguístico-discursivo e socioognitivo e o sistema de crenças dos atores tecnossociais; (ii) mapear os elementos linguístico-discursivos e socioognitivos envolvidos na produção e compreensão do discurso violento; e (iii) descrever os sistemas de crenças assumidos pelos atores tecnossociais envolvidos na construção do discurso violento no ambiente virtual. Até o último dia de publicação de conteúdo no Facebook, os responsáveis pela página da Folha de São Paulo no Facebook colocavam em média 70 postagens, sendo que no dia 7 de fevereiro de 2018, seu último dia de publicação no Facebook, foram postadas 72 matérias com um total de 42.988 reações e sua última postagem, no dia 8 de fevereiro do 2018, teve 13.767 reações, sendo 6.400 curtidas, 4.100 haha, 1800 amei, 721 triste, 598 uau e 148 Grrr, fora esse, foram realizados 2.765 compartilhamentos e um total de 4.789 comentários.

Se compararmos a outras páginas de jornais, a Folha apresentava um maior volume de publicações no Facebook. A *fanpage* do jornal francês *Le Monde* possui 4.015.262 seguidores e o *Le Figaro*, também francês, possui 2.986.516 seguidores. As postagens do jornal *Le Monde* no Facebook apresentam menos reações, comentários e compartilhamentos em comparação ao jornal brasileiro. A editoria norte-americana, *The New York Time*, possui mais de 15 milhões de seguidores com 22 postagens no dia 05 de abril de 2018, a *fanpage* possui 24.900 reações, vale ressaltar que o *Times* mantém sua presença no Facebook e o alimenta continuamente. Os dados anteriores mostram que há, atualmente, uma relação entre os jornais e os atores tecnossociais que facilita a interação, seja entre atores tecnossociais e jornais, bem como entre os atores tecnossociais.

Visto que nosso objeto de estudo é o discurso violento e devido às características da RSI que impossibilitam o rastreamento sem uso de tecnologia capaz da triangulação de informações, optamos por focar em conteúdos elaborados por atores tecnossociais em postagens da Folha de São Paulo. Para tanto, fizemos a seleção de 4 (quatro) postagens para catalogar reações dos autores, comentários e as reações dos atores tecnossociais aos comentários, partiremos de uma abordagem sociocognitiva e discursiva, construiremos os dados oriundos dos comentários online e comentários-respostas feitos às postagens na *Fanpage* da Folha de São Paulo (<https://www.facebook.com/folhadesp/>). As matérias foram definidas pelos números de reações que obtiveram dos membros (comentários, curtidas e compartilhamentos). A seguir apresentaremos a estrutura básica de uma postagem no *fanpage* da Folha de São Paulo, cujo id de marcação em postagens é @folhadesp. A imagem a seguir traz a interface de onde serão selecionados os comentários:

Figura 10 – Elementos que são observados numa postagem na @Folhadesp no Facebook.

Folha de S. Paulo
7 de fevereiro · 🌐

Partiu ser feliz? (via Folha Turismo) #folha

Viajar gera mais felicidade que casar, diz pesquisa
WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Curtir Comentar Compartilhar

Leo Cantalice e outras 11 mil pessoas Comentários mais relevantes

2.256 compartilhamentos

Escreva um comentário...

João Henrique Franki Moreira Padronizaram a felicidade agora? Cada um eh feliz do jeito que quiser !!!
Curtir · Responder · 7 sem 336
Ocultar 13 respostas

Alessandro Cometti Não jovem, isso foi uma pesquisa a qual OBSERVEI, não está padronizando nada... Leia mais!
Bom dia!
Curtir · Responder · 7 sem 22

Roberto Damasco Casar gera. é depressão:-)
Curtir · Responder · 7 sem 6

Bernardo Liion Pior nem. Felicidade é algo muito particular.
Curtir · Responder · 7 sem

Leo Cantalice e outras 11 mil pessoas

2.256 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Visualizar todos os 1.645 comentários

A interação executada pelos responsáveis pela *Fanpage* Folha se dá por meio de uma pergunta, ou seja, utiliza o ato ilocutório de convidar a felicidade, assim, procura inquirir ao leitor a procurar aquilo que o faz feliz. Já que a expressão # + o verbo partir com sentido de iniciar algo ou lançar-se a algo + meta a fazer é usado no meio virtual para dizer que se vai fazer algo. O uso pela página “Partiu ser feliz?” é o convite para que o leitor busque ir ler a matéria para saber sobre como ser feliz.

A interação ou participação dos seguidores da *Fanpage* se dá por “curtidas” ou reações dos vãos modos como foi exposto anteriormente, compartilhamento e comentários. Vale ressaltar que os seguidores também conversação entre si, já que existe a função “curtir” e “responder” e possibilita a que os seguidores esclareçam suas dúvidas e criem vínculos.

Fonte: Folha de São Paulo, 2018

Nossa intenção inicial seria de coletar comentários online e comentários-resposta de 40 notícias dentro das seguintes temáticas: cotidiano, cultura, economia, esporte, famosos, mundo, opinião e poder, sendo 5 notícias de cada tema. Entretanto, se continuássemos com este plano, teríamos cerca de 5.502 comentários e mais alguns milhares de comentários-resposta para ser filtrado. Diante da inviabilidade de análise de um corpus extenso, optamos por selecionar 4 (quatro) matérias com os maiores números de reações (comentários, curtidas e compartilhamentos), a seguir, apresentamos a Tabela 01 em que organizamos os temas e as reações que tiveram.

Tabela 04 – Total geral de comentários, reações e comentários-resposta nas postagens de maior destaque da Editoria Poder do Jornal Folha de São Paulo no Facebook no dia 07/02/2018

Postagens	Comentários com curtidas e comentários-resposta	Números de reações aos comentários-resposta	Número de comentários-resposta
Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro	28	744	195
Partidos lançam frente em defesa da candidatura do Lula	14	236	128
Entidade de Juízes pede para STF retirar da pauta auxílio-moradia	5	212	20
Moro e Bloomberg recebem prêmio de ‘Pessoas do Ano’ nos EUA	30	1229	276
TOTAL GERAL	77	2421	619

Fonte: elaborado pelo autor

Ao todo, são 696 comentários, sendo composto por comentários e comentários-respostas, além de 2421 reações do tipos curtidas aos comentários. A construção dos dados se deu pela triangulação de informações oriundos dos comentários, comentários-resposta e reações do tipo curtida, além do número de compartilhamentos das postagens em perfis pessoais, além da análise das postagens. A seleção dos comentários focou-se entre aqueles com mais curtidas e que tiveram comentários-reposta, isso ajuda a entender como se deu a relevância do comentário entre os atores tecnossociais. Para as postagens com mais comentários, utilizamos o filtro dos comentários mais relevantes (ver na imagem a seguir), por conta dessa função do Facebook, foram selecionados os comentários que apresentaram respostas e, por conseguinte, suscitaram o maior volume de discussões entre os atores tecnossociais, com isso, focamos nossas análises na interatividade que emergiram da troca comunicativa possibilitada pelo uso da língua escrita e as características do gênero comentário.

Figura 11 – Mecanismo disponibilizado pela rede social para filtrar os comentários.



Fonte: Facebook, 2018

A opção do gênero comentário se deu pela emergência que os gêneros digitais têm ganhado no espaço acadêmico e nas interferências que têm causado nas interações entre os atores sociais dentro e fora do mundo virtual. A mídia eletrônica e as RSI têm mudado as relações no modo como os atores tecnossociais se servem da escrita e da leitura, tais modificações se dão não só sobre as estruturas dos gêneros, mas, também, comportamentos, atitudes, intenções e interações. A escrita no ambiente virtual não mais se prende a centralidade do código linguístico, mas a plasticidade do código que tem ganhado mais e mais espaço no ambiente virtual. Outro fator importante é a capacidade de compartilhamento de informação, que, no meio digital, torna os conteúdos produzidos de acesso em escala mundial (um vídeo pode ser produzido na China e ser visto no Brasil), sendo que muitas publicações no ambiente virtual geram variadas reações, assim, centramos no interesse no comentário online.

Como qualquer gênero de discurso, o comentário online emerge de uma demanda social de manifestação da opinião pública, tanto atrelado à esfera jornalística quanto às outras esferas discursivas, além de estar associado às práticas responsivas que buscam aprovação do público para a defesa de um ponto de vista ou para o combate à questões de interesse social. Não se trata de um gênero nascido do meio digital, embora a esfera virtual tenha possibilitado o uso intensificado. Em muitos portais, ao fim das matérias, há espaço para a manifestação da opinião do público, assim, os portais utilizam frases imperativas: Deixe seu comentário; Seja o primeiro a comentar essa notícia. Assistimos a um encorajamento explícito para a manifestação das opiniões pessoais no espaço intitulado de comentário, no Facebook. O hábito de escrever comentário é uma prática necessária para a construção da interação entre os atores tecnossociais.

Cunha (2013, p. 243) diz que

Trata-se, portanto, de um gênero em expansão, em razão do crescente uso de redes sociais e das novas tecnologias: os jornais e blogs estão no Facebook, sendo possível escrever comentários, enviar vídeos e links, a partir de smartphones, tablets, celulares, etc., como bem mostra Eychenne (2010). Esse novo corpus revela de forma mais evidente a construção dialógica do gênero comentário de leitor bem como a construção dialógica do ponto de vista e da discurso violento.

Cunha (2013) busca discutir o conceito bakhtiniano de dialogismo focando os comentários em sua manifestação dentro do meio virtual e estabelece a relação dialógica entre os atores tecnossociais e a postagem como influência para a escrita do comentário. Cunha (2014) explica que o comentário online, por ser uma prática discursiva, possui um propósito comunicativo e uma estrutura composicional, ou seja, precisa se desenvolver por elementos mínimos para ser entendido e estabelecer interação. Ou seja, o comentário se estrutura a partir de um texto fonte e o espaço destinado a sua escrita, o que leva ao leitor a construir seu texto por meio de retomada do tema ou aspecto temático do universo do texto ao qual faz comentário por meio do deslocamento de múltiplos sentidos (explícitos ou implícitos) ou por meio de um deslocamento temático em função da natureza do ponto de vista assumido.

Santos e Alves Filho (2014) dizem que o gênero comentário funciona como resposta a publicação, constituindo-se de uma “réplica” tanto à própria publicação como a outros comentários. Na verdade, não concordamos com esse pensamento, a interação não pode ser diminuída a uma atitude de réplica ou posicionamento, tais atitudes estão envolvidas em qualquer ação enunciativa, daí o nosso interesse de reconstruir a interação no espaço virtual, pela visão do estudo etnográfico por meio do estudo de caso da Folha de São Paulo no Facebook. Mediante aos apontamentos de Cunha (2013 e 2014), focaremos nosso estudo nos comentários nas postagens com reações (curtidas e comentários) das 4 postagens definidas e que estão relacionadas a seguir e separadas por editoriais e com número de curtidas, comentários e compartilhamento. A seguir, mostramos como os comentários foram organizados e catalogados.

TABELA 05 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “[Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro](#)” Editoria Poder¹⁰

2145 Reações						361 comentários	272 compartilhamentos
1300 curtir	357 amei	344 risos	110 grr	20 triste	14 uau	28 comentários com respostas	
Comentário	Tipos de reações					Números de comentários-resposta	
01Com.Bols.EP	195 curtir \ 17 amei \ 8 riso \ 3 grr					20	
02Com.Bols.EP	92 curtir \ 11 riso \ 6 amei \ 2 grr					41	
03Com.Bols.EP	103 curtir \ 7 riso \ 3 amei					17	
04Com.Bols.EP	42 curtir \ 4 amei					11	
05Com.Bols.EP	45 curtir \ 2 amei					22	
06Com.Bols.EP	29 curtir					6	
07Com.Bols.EP	8 curtir \ 1 amei \ 1 riso					1	
08Com.Bols.EP	16 curtir					8	
09Com.Bols.EP	5 curtir					3	
10Com.Bols.EP	6 curtir					2	
11Com.Bols.EP	10 curtir \ 10 riso					12	
12Com.Bols.EP	4 curtir					3	
13Com.Bols.EP	2 curtir					2	
14Com.Bols.EP	13 curtir \ 2 riso					2	
15Com.Bols.EP	12 curtir \ 1 amei \ 1 riso					6	
16Com.Bols.EP	1 curtir \ 1 amei					3	
17Com.Bols.EP	10 curtir					10	
18Com.Bols.EP	8 curtir \ 2 riso					3	
19Com.Bols.EP	4 curtir \ 4 riso					1	
20Com.Bols.EP	4 curtir					5	
21Com.Bols.EP	5 curtir \ 1 riso					1	

¹⁰ <https://bit.ly/2zOez55>, acesso em 18/07/2018

22Com.Bols.EP	2 curtir \ 1 riso	2
23Com.Bols.EP	4 curtir \ 1 riso	1
24Com.Bols.EP	13 curtir \ 2 riso \ 1 amei	8
25Com.Bols.EP	2 curtir \ 1 riso	1
26Com.Bols.EP	1 curtir \ 1 riso	1
27Com.Bols.EP	2 curtir	4
28Com.Bols.EP	2 curtir	1
TOTAL	744 reações em comentários	195 comentários-resposta

Fonte: elaborado pelo autor

O link na nota de rodapé remete a página do Jornal Folha São no Facebook, em que, a partir da ativação do filtro dos comentários mais importantes, foram selecionados os comentários que apresentavam curtidas e comentários-resposta. Para a matéria “Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro” Editoria Poder na fanpage @folhasp, obtivemos 28 comentários com reações, sendo que tiveram um total de 195 comentários-resposta. Todos os comentários foram printados pela ferramenta *Print Screen* do Windows e salvo em arquivo *Power Point* (.ppt) com o título da matéria que motiva a página, os comentários foram catalogados do mais expressivo ao menos expressivo com número e laque de forma a codificar e não haver confusão entre o comentário e seus comentários-resposta de uma postagem com de outras postagens. Cada laque é composto de um número, oriundo do seu valor expressivo, a abreviatura do termo “comentário”, seguido da abreviatura do tema central na notícia, mais a sigla EP que se refere a Editoria Poder a qual a notícia remonta para a versão virtual e impressa do Jornal Folha de São Paulo, exemplo de código de comentário: 01Com.Bols.EP. Nas tabelas 03 a 05, relacionamos como ficou a distribuição dos dados.

TABELA 06 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “[Partidos lançam frente em defesa da candidatura do Lula](#)” Editoria Poder¹¹

1112 Reações						331 comentários	107 compartilhamentos
576 curtir	276 risos	161 amei	90 grr	5 uau	4 triste	14 comentários com respostas	

¹¹ <http://bit.ly/2Nrevdi>, acesso em 19/07/2018

Comentário	Tipos de reações	Números de comentários-resposta
01Com.LULA.EP	115 curtir \ 11 amei \ 2 riso	33
02Com.LULA.EP	40 curtir \ 5 amei \ 1 riso \ 1 grr	8
03Com.LULA.EP	6 curtir \ 1 amei	12
04Com.LULA.EP	10 curtir \ 1 riso \ 1 grr	29
05Com.LULA.EP	1 curtir	3
06Com.LULA.EP	1 curtir	2
07Com.LULA.EP	12 curtir \ 3 riso	22
08Com.LULA.EP	5 curtir \ 1 riso	3
09Com.LULA.EP	4 curtir	5
10Com.LULA.EP	4 curtir	1
11Com.LULA.EP	3 curtir	2
12Com.LULA.EP	2 curtir \ 1 amei	2
13Com.LULA.EP	4 curtir	4
14Com.LULA.EP	3 curtir	2
TOTAL	238 reações	128 comentários-resposta

Fonte: elaborado pelo autor

TABELA 07 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “[Entidade de Juízes pede para STF retirar da pauta auxílio-moradia](#)” Editoria Poder¹²

1107 Reações						166 comentários	300 compartilhamentos
491 curtir	400 grr	190 riso	12 uau	9 amei	5 triste	05 comentários com respostas	
Comentário	Tipos de reações					Números de comentários-resposta	
01Com.STF.EP	85 curtir \ 3 amei \ 1 triste \ 1 grr					14	
02 Com.STF.EP	79 curtir \ 6 amei \ 2 triste					2	
03 Com.STF.EP	9 curtir					1	
04 Com.STF.EP	17 curtir					1	

¹² <http://bit.ly/2L6J6jy>, acesso em 19/07/2018

05 Com.STF.EP 9 curtir 2

TOTAL 212 20

Fonte: elaborado pelo autor

TABELA 08 – Relação dos comentários catalogados no Facebook da fanpage @folhasp da matéria “[Moro e Bloomberg recebem prêmio de ‘Pessoas do Ano’ nos EUA](#)” Editoria Poder¹³

6860 Reações						1192 comentários	724 compartilhamentos
5mil curtir	855 amei	738 riso	189 grr	48 uau	30 triste	30 comentários com respostas	
Comentário	Tipos de reações					Números de comentários-resposta	
01Com.MORO.EP	302 curtir \ 33 amei \ 26 riso \ 1 uau \ 1 triste \ 2 grr					49	
02Com.MORO.EP	164 curtir \ 13 amei \ 12 riso \ 2 grr \ 1 triste					31	
03Com.MORO.EP	3 curtir					2	
04Com.MORO.EP	67 curtir \ 2 amei \ 6 riso					19	
05Com.MORO.EP	7 curtir \ 1 grr					5	
06Com.MORO.EP	8 curtir					4	
07Com.MORO.EP	44 curtir \ 1 riso \ 2 amei					9	
08Com.MORO.EP	27 curtir \ 3 amei \ 3 grr \ 1 riso					18	
09Com.MORO.EP	26 curtir \ 4 amei					3	
10Com.MORO.EP	22 curtir \ 1 amei					10	
11Com.MORO.EP	11 curtir					1	
12Com.MORO.EP	7 curtir \ 2 grr \ 1 amei \ 1 riso					4	
13Com.MORO.EP	12 curtir \ 1 amei					1	
14Com.MORO.EP	6 curtir					1	

13 <http://bit.ly/2zVqz4G>, acesso em 19/07/2018 e 20/07/2018

15Com.MORO.EP	15 curtir \ 1 amei \ 1 riso	8
16Com.MORO.EP	7 curtir	4
17Com.MORO.EP	6 curtir \ 1 grr	2
18Com.MORO.EP	5 curtir	1
19Com.MORO.EP	3 curtir	7
20Com.MORO.EP	1 curtir \ 1 grr	3
21Com.MORO.EP	1 curtir \ 1 grr \ 1 amei	3
22Com.MORO.EP	2 curtir	2
23Com.MORO.EP	5 curtir	7
24Com.MORO.EP	1 curtir	2
25Com.MORO.EP	8 curtir	4
26Com.MORO.EP	1 curtir	3
27Com.MORO.EP	1 curtir	4
28Com.MORO.EP	1 curtir	2
29Com.MORO.EP	2 curtir \ 1 amei	2
30Com.MORO.EP	1 curtir	1
TOTAL	1229	276

Fonte: elaborado pelo autor

O soerguimento do corpus se deu pela triangulação dos dados catalogados para esta dissertação, pois, devido à natureza da RSI, os dados têm que ser colocados em relação triangular para que a construção da informação seja o mais próxima da situação real. Observamos e colocamos em relação três dados: a) os comentários; b) as reações a publicação e aos comentários e c) os comentários-resposta. Segundo Duarte (2007, p. 35), essas relações se dão por conta do tipo de orientação etnográfica própria da exploração da navegação e da topografia das RSI, com isso o método de construção de dados tem que lançar mão de cruzamento de informações para se chegar ao corpus da pesquisa. Assim, “a triangulação é um método para determinar uma posição e o alcance de um ponto referencial, por exemplo, um determinado ponto C, desde que se tenham informações suficientes entre as distâncias A e B que ajudam a localização. Os ângulos entre os pontos formam a figura de um triângulo”.

Esta metodologia foi planejada para a construção de dados atende a dimensão da interação, dentro da perspectiva bakhtiniana assumida por esta pesquisa, que se estabelece entre

os atores tecnossociais, contexto social, situação de comunicação em relação ao tema, ao local, aos objetivos propostos por cada texto produzido, mas, sem desconsiderar, que o autor da dissertação também tem seus objetivos e que aquele momento de fala não está desligado de outros discursos.

Como se percebe, a presente pesquisa empírica vai mobilizar vários métodos e instrumentos de recorte, composição de amostra e seleção com o objetivo de produzir dados e elementos diversificados para a realização das análises para chegar a uma descrição da interação entre os enunciadores online que mobilizam a construção do “discurso de ódio” ou “difamação de grupo”, por meio da construção de dados poderá se fazer uma análise e a interpretação em bases mais amplas e na confrontação de informações. Esse desenho metodológico de construção dos dados vêm para atender as necessidades desta pesquisa cujo foco é relacionar a dimensão discursiva com a dimensão ético-moral da interação na RSI.

3.4. Participantes da pesquisa em processamento, compreensão e produção de texto

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram delimitados a partir do recorte definido no tópico anterior que tratou dos temas definidos para a coleta dos comentários e reações as postagens da Folha. Assim, os perfis dos sujeitos que comentaram e curtiram as postagens foram analisados sobre os seguintes critérios: gênero, etnia, escolaridade e faixa etária. Tais análises se deram com o intuito de traçar o perfil do ator tecnossocial que produz o discurso violento e, deste modo, avaliar a relação dos descritores e as práticas discursiva em ambientes virtuais. Ver as tabelas a seguir com as quantificações em cada critério:

Tabela 09 – Participantes quanto ao gênero¹⁴

Homem	Mulher
235	76

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 10 – Participantes quanto à etnia¹⁵

Branco	Negro	Pardo
255	35	21

¹⁴ A definição do gênero dos sujeitos se baseou no modo como se apresentam em seus perfis, assim, utilizamos a dicotomia homem/mulher, já que facilita a quantificação dos sujeitos.

¹⁵ A definição da etnia dos sujeitos se baseou no modo como se apresentam em seus perfis, assim, utilizamos a dicotomia homem/mulher, já que facilita a quantificação dos sujeitos.

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 11 – Participantes quanto à escolaridade¹⁶

Ensino Básico	Ensino Superior
256	55

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 12 – Participantes quanto à escolaridade¹⁷

+20	+30	+40	+50	+60
30	100	43	67	3

Fonte: elaborado pelo autor.

3.5. Categorias e modelo de análise

Seja em qualquer situação de comunicação, ao se produzir um texto, o enunciador tem, como plano básico, a interação com coenunciador, seja esse um ou um grupo social, que leve a construção de um entendimento entre os interlocutores envolvidos. Sendo essa interação, virtual ou face a face, pressupõe que os envolvidos possam compartilhar, em partes, visões de mundos, quadros sociais comuns, ou ao menos, semelhantes, mas, sem esquecer, que, em qualquer ato de produção de sentido, há negociação para a construção de sentidos a partir de parâmetros definido pela situação e pelo contexto social. Na RSI, neste sentido, quando observamos a interação verbo-imagético, recuperamos a manifestação de marcações conversacionais que ajudam a perceber na materialidade do ato enunciativo as afirmações, os pedidos, as ordens, as hesitação, os confronto, o ritmo, a expressividade, entre outros.

Os processos de interação ou estabelecimento da interação nunca é algo fácil e, muito menos, tranquilo, seja em momentos de paz, seja em períodos de crise. Os espaços, por ficar imerso em problemas, conflitos e dificuldade, ficam saturados e criam um espaço para a tensão. Corrado (1994, p. 182) diz que, “em meio a uma crise, surgem a fadiga, a ansiedade e outras formas de tensão emocional que complicam a situação. A capacidade crítica fica embotada...”. Deste modo, a polidez linguística acaba por revelar uma série de fatores extralinguísticos (fatores interculturais, socioculturais e ético-moral) e emocionais relevantes

¹⁶ A definição de escolaridade dos sujeitos se baseou no modo como se apresentam em seus perfis, assim, utilizamos a dicotomia homem/mulher, já que facilita a quantificação dos sujeitos.

¹⁷ A definição de faixa etária dos sujeitos se baseou no modo como se apresentam em seus perfis, assim, utilizamos a dicotomia homem/mulher, já que facilita a quantificação dos sujeitos.

para o entendimento do texto, da situação comunicativa e de outros aspectos que estão implícitos no processo de interação.

O conflito trata-se de um fenômeno que se coloca nas interações, assim, trata-se de um evento natural e inevitável. Com isso, seja em qualquer situação social ou contexto social, os interlocutores constroem formas verbais (orais e escritas) e outras formas extralinguísticas que geram significados para interagir, entretanto essas marcações sofrem orientações do mundo físico, mental e social. É, motivando-se pelo contexto de que o conflito na RSI surge de modo mais comum, que estabelecemos duas categorias de análise e orientação desta pesquisa: polidez linguística e grosseria

3.5.1. *Elementos linguístico-sociocognitivos envolvidos na produção e no processamento do discurso*

O modelo de análise desta pesquisa se baseou na proposta de van Dijk (2016b), pois procura entender a construção do texto por meio dos mecanismos estratégicos utilizados pelos indivíduos para captação de informação, compreensão e produção de texto, já que a atividade discursiva trata-se de um processo linguístico-sociocognitivo complexo e flexível. O modelo de análise se volta para a produção discursiva formulada na forma do gênero comentário, entretanto a composição do gênero (estrutura, estilo e conteúdo) não se dá no vazio, mas é parte integrante de um contexto comunicativo. Para que os atores tecnossociais possam se encaixar neste contexto (postagem da Folha de São Paulo no Facebook, conhecimento de mundo e interação com outros atores tecnossociais da fanpage), devem também ter uma representação na memória de trabalho do contexto que emerge na forma de modelo mental de contexto. Tal modelo de contexto apresenta três núcleos de informações: Situação experimental, propriedades dos participantes e atividades e atividades experimentais.

Tabela 13 - Representação do modelo proposto por van Dijk (2016b)

ESTRUTURAS SOCIAIS	ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS
Condições do CONTEXTO	Condições do TEXTO
a. Situação experimental (tempo, lugar, rotina de trabalho, aula, consulta médica, etc.)	A. multimodalidade: com imagens, esquemas, mapas, etc.
b. Propriedade dos participantes e atividades:	B. Hipertexto, textos completos.
i. Experimentador (gênero, idade, etc.; instrução, formulação de tarefas, etc.)	C. Somente texto:
ii. Propriedade dos atores sociais e atividade (gênero, idade, etc.; objetivos, habilidade leitora; conhecimento prévio; estratégias de aprendizagem; etc.	i. Estrutura superficiais.
iii. interação e colaboração entre os participantes.	- escrito vs. falado;
	- sintaxe, léxico, coerência;
	ii. Estruturas semânticas.
	- coerência local e global;
	- texto mais ou menos explícito;

c. Atividades experimentais (resumir, parafrasear, - texto mais ou menos elaborado, etc. elaborar, redigir, ler, conta, etc.)

A situação experimental trata de elementos como pessoa, tempo e espaço, assim, implica em observar o espaço de interação que levou a construção dos comentários online e o tempo em que foi produzido, deste modo, nos tópicos da metodologia realizamos a descrição deste dois pontos, embora, no capítulo 04, apresentamos as características de como se relaciona o tempo e o espaço na construção do comentário online e sua relação ao conteúdo da fanpage da Folha de São Paulo. A categoria de pessoa é observada por meio da visita ao perfil de cada usuário, a fim de descrevê-lo por meio das informações divulgadas por seus perfis pessoais (gênero, idade, escolaridade e postagens). Tal procedimento foi feito com a finalidade de traçar um perfil geral do seguidor da Folha de São Paulo no Facebook. As propriedades dos atores tecnossociais e das atividades executadas se voltam para a descrição do perfil, da habilidade leitora, dos conhecimentos prévios e das estratégias de textualização utilizadas para a produção do texto.

A propriedade dos participantes e da atividade foi observada por meio dos mecanismos de interação e as estratégias de colaboração executada pelos atores tecnossociais nos espaços destinados a troca de mensagens. Para viabilizar essa observação, utilização a teoria da polidez linguísticas e a teoria da ameaça à face. A análise da interação ajudou a revelar o modo como os atores tecnossociais estabelecem interação e como articulam o sistema linguístico e outras semioses para a construção de seus textos. Embora a plataforma possibilite o uso de outras formas de linguagem, a fanpage da Folha bloqueou alguns recursos fornecidos pelo Facebook. A ação do jornal visa coibir o uso inadequado dos recursos e/ou ser explorado o espaço como plataforma de anúncios.

O sistema de controle (estruturas contextuais) atua sobre a estrutura linguística para a produção de texto, regulando o fluxo de informação, que leva a padronização do modo como os indivíduos utilizam a língua portuguesa para a construção semântica dos temas tratados pelas postagens da Folha de São Paulo, para isso, utilizamos a teoria dos Atos de Fala para entender o modo como os atores tecnossociais se serviam da linguagem para expressar seus pensamentos na forma de rede semântica.

3.5.2. *Sistemas de crenças e modelos mentais sociais*

Segundo van Dijk (1996, 2016b), as crenças são unidades de pensamentos e julgamentos e orientam os atores tecnossociais nas tomadas de decisão e na formulação da rede

semântica a ser manifestada no texto. Mediante essas implicações, utilizaremos o modelo de van Dijk (2016b) que estabelece a relação entre os modelos mentais pessoais e os modelos semânticos construídos pelos grupos epistêmicos. As crenças são resultados de processos contínuo de interação entre os atores sociais de um grupo, entretanto não são estáveis e se modificam ao longo do tempo, entretanto os padrões erguidos pelo grupo epistêmico servem como base para as formulações de cada membro do grupo. Para tanto, utilizamos essa proposta como forma de revelar que o discurso emerge por meio de sua interlocução com a sociedade e a cognição.

Tal percurso analítico se deve pela natureza do uso da linguagem e as características da interação em ambiente virtual. Já que o objetivo central desta dissertação é analisar a relação discurso, sociedade e cognição, considerando a construção de sentidos e seus efeitos discursivos viabilizados por fatores linguísticos-discursivos e sociocognitivos nos comentários sobre matérias postadas pelo jornal Folha de São Paulo no Facebook, precisamos realizar uma análise que possa descrever paulatinamente o contexto social da interação, os valores utilizados para a construção de sentidos e, mediante este percurso, estabelecer uma relação entre fatores linguísticos-sociocognitivos e os sistemas de crenças dos atores tecnosociais para a construção do discurso violento no ambiente de interação virtual.

4. O DISCURSO VIOLENTO NOS COMENTÁRIOS ON-LINE A POSTAGENS DA FANPAGE DA FOLHA DE SÃO PAULO

Falou-se aqui de guerra internacional em defesa da civilização cristã; eu próprio o fiz. Mas não, a nossa é apenas uma guerra incivil. » (...) «Vencer não é convencer e é preciso convencer, principalmente, e não pode convencer o ódio que não deixa lugar para a compaixão. Falou-se também de catalães e bascos, chamando-lhes anti-Espanha; pois bem, com a mesma razão podem eles dizer o mesmo. E aqui está o senhor bispo, que é catalão, para vos ensinar a doutrina cristã que não quereis conhecer, e eu, que sou basco, levei toda a minha vida a ensinando-vos a língua espanhola, a qual não sabeis...

Este é o templo da inteligência! E eu sou o seu supremo sacerdote! Vós estais profanando o seu recinto sagrado. Sempre fui, apesar do que diz o provérbio, profeta no meu próprio país. Vencereis, mas não convencereis. Vencereis porque tendes força bruta de sobra; mas não convencereis, porque convencer significa persuadir. E para persuadir necessitais de uma coisa que vos falta – razão e direito na luta. E parece-me inútil pedir-vos que penseis em Espanha. (UNAMUNO¹⁸, 1936)

A Guerra Civil Espanhola, contexto implicado ao discurso de Miguel de Unamuno, então reitor da Universidade de Salamanca, implicou a cisão entre bascos e catalães por separação em duas regiões da Espanha. O evento culminou, no ano 1936, no início da guerra que se seguiria até 1939. Os historiadores explicam que a luta pelo poder colocou em choque duas frentes de ações: a Frente Popular, cuja luta se voltava contra as reformas sociais e políticas, e a Falange Espanhola Tradicionalista, cuja luta se voltava para derrubar o governo republicano. Assim, o contexto de oposição entre a esquerda e a direita levou a Espanha a conviver com uma ditadura motivada por problemas econômicos que levou a ação de movimentos populares e ação de partidos de esquerda. Diante de um cenário econômico e político caótico, os integrantes dos partidos de direita agiram para sufocar a população e políticos com linha ideológica de esquerda.

O contexto brasileiro não se revela ainda como uma guerra civil, entretanto os brasileiros estão divididos em três grupos: direita, esquerda e neutro. Essa tripartida é fruto de vários aspectos e discursos de origens diversas, assim a nossa atenção se voltará, no primeiro momento, para as estruturas sociais expressas nas condições de contexto, que se manifestam

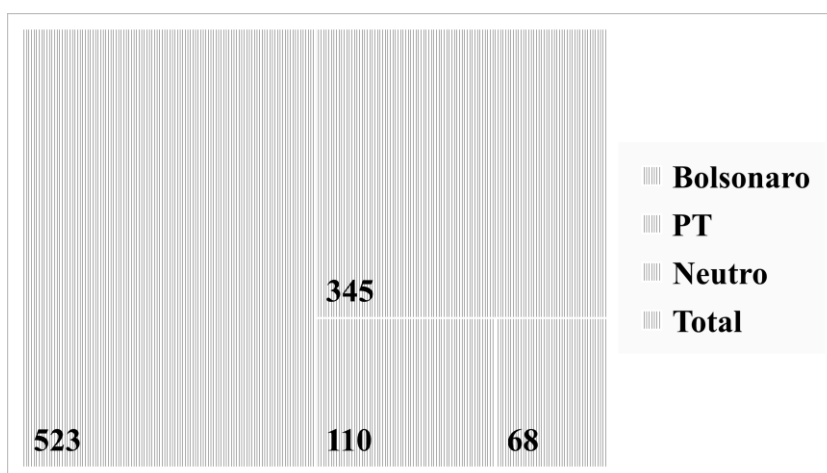
¹⁸ Fragmentos do discurso proferido por Miguel de Unamuno na abertura do ano letivo da Universidade de Salamanca, em 12 de outubro de 1936, a frente do General José Millán-Astray durante o contexto da Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939.

em situação experimental (tempo e lugar), propriedades dos participantes (gênero, idade, identidade e escolaridade), da atividade de produção de comentário (habilidade leitora, conhecimento prévio e interação e colaboração), a capacidade de construir comentário com base na situação comunicativa e as informações disponíveis, e as estruturas linguísticas, que se manifestam pelo uso de aspectos multimodais, uso de hipertexto e das estruturas superficiais de texto e as estruturas semântica utilizadas para a construção da coerência interna e externa. No segundo momento, o alvo é o sistema de crenças que se manifestam e ajudam a construir o discurso defendido nos comentários.

4.1. Estruturas sociais e estruturas linguísticas implicadas na produção de comentários on-line

O componente social é relevante no estudo crítico do discurso e necessita ser observado detalhadamente, pois estamos lidando com estruturas sociais que estão lutando para ter poder e contra os abusos de poder que se manifestam em grupos dominantes ou com a resistência de grupos dominados, bem como organizações, instituições, empresas e grupos políticos entre outras macroestruturas sociais. Neste estudo crítico do discurso, estamos mais interessados nos grupos e nas organizações que, direta ou indiretamente, controlam o público e seus líderes (elite simbólica), no caso do nosso estudo, na política.

Gráfico 01 - Pontos de vista assumidos pelos enunciadores on-line que comentaram na fanpage do *Jornal Folha de São Paulo* em notícias da Editoria de Poder.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisamos 523 comentários on-line em cinco matérias postadas pelo *Jornal Folha de São Paulo* em sua fanpage no Facebook. 66% dos comentários on-line (345) se

manifestavam em defesa de Jair Bolsonaro e teciam ataques a Lula ou ao Partido dos Trabalhadores – PT. 21% dos comentários (110) faziam defesa ao PT, movimentos sociais e ao candidato Lula. Nessa oposição entre Bolsonaro e PT, o partido de Bolsonaro em nenhum momento fora mencionado, entretanto Lula e PT atuam como sinônimos, seja nos ataques dos 66%, seja na defesa dos 21%. Em meio a essa oposição, 13% dos comentários eram de outros atores tecnossociais que defendiam a candidatura de Ciro Gomes, sendo que apenas um ator social manifestava a abstenção ao voto, em comum, os 68 comentários teciam críticas ao PT e a Bolsonaro, apenas alguns sujeitos ventilavam o nome de Ciro Gomes ou, em seus perfis, havia indicações do candidato do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

01Com.Bols.EP

206 curtir \ 17 amei \ 8 riso \ 3 grr



Marcos Ladislau Olhei a foto e pensei que era uma notícia ruim. Pensei que finalmente tinham pego algo de corrupção do Bolsonaro. Mas aí percebi que é só a velha tática desse jornaleco em tentar fazer ele parecer ruim.

Curtir · Responder · 50 sem



O 01Com.Bols.EP apresenta defesa de Bolsonaro frente a atuação do veículo de comunicação *Folha*, pois, segundo o autor do comentário, o jornal paulista sempre utiliza imagens em que o atual presidente do Brasil se mostra negativamente, por isso considera pela leitura da imagem ser uma notícia ruim. Ver o comentário resposta 07 a seguir.

01Com.Bols.EP

Com.R07



Reginaldo Campelo Marcos Ladislau, eu ia fazer exatamente esse comentário. Todas as fotos do Bolsonaro que a FDSP pega pra fazer a chamada é assim. Agora, pra piorar, faça uma comparação com as dos outros presidenciais. Eles são muito caras-de-pau

Curtir · Responder · 50 sem



O Com.R07 estabelece interação e utiliza o nome do autor do comentário e também analisa a imagem e pede para fazer uma comparação com os outros presidenciais. 01Com.Bols.EP e Com.R07 analisam a imagem de modo isolado e não estabelecem relação com o texto da notícia, quando se lê a notícia do 7.fev.2018 da *Folha* percebe-se o motivo da imagem. O jornal explica que Bolsonaro foi confrontado por questões relativas à sua visão ambígua de economia liberal com críticas à presença da China em negócios de mineração no Brasil e à defesa da Reforma da Previdência e que utilizou de respostas prontas e frases

adversativas para se esquivar de temas como relação com o Congresso e o Sistema Presidencialista de coalisão. A notícia mostra que o candidato no evento estava acuado e usou frases prontas para fugir daquilo que não sabia, assim a imagem ressalta o desconforto de Bolsonaro no evento. Esses exemplos revelam o tom da defesa de Bolsonaro nas redes sociais contra o sistema político e da empresa de comunicação e revela como são tratados aqueles que apresentam visão oposta.

4.1.1. Situação experimental

A situação experimental é um componente orientador da leitura dos comentaristas da *fanpage* da *Folha*, pois atuam como direcionamento temporal e local, sendo o gênero textual e o autor relevantes para interpretação, assim, a *Folha* é manifestada no 01Com.Bols.EP pela expressão “desse jornaleco”, não simplesmente a fim de desprezear a atuação do jornal, mas também para minimizar sua voz de intérprete da realidade, já que só é relevante a voz daqueles que defendem Bolsonaro. A notícia procurou mostrar a situação desconfortável do embate entre o candidato e a plateia, além de mencionar os outros candidatos e nem faz menção à situação de corrupção, já que, durante o período, o candidato foi alvo de matérias sobre auxílio residência, funcionária fantasma e crescimento de patrimônio (esse último foi um dos questionamentos da plateia do evento).

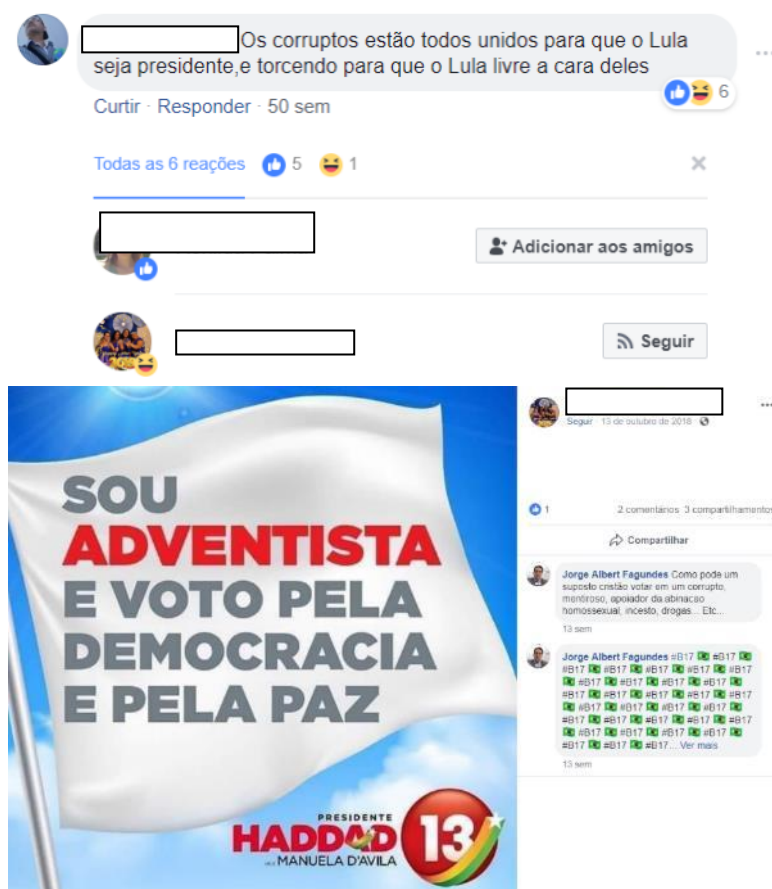
No exemplo 01Com.Bols.Ep, as expressões “uma notícia ruim” é o local da interpretação e faz o sujeito processar as informações, fato que o autor faz questão de mencionar pelos verbos cognitivos “olhei” e “pensei” e estão conjugados no pretérito perfeito como algo acabado, além de revelar uma atividade de processamento simples. A construção parece veicular um tom de deboche do objetivo do jornal de trazer informação relevante para ajudar na compreensão do evento ao qual Bolsonaro participou. Ver post a seguir:

Postagem da fanpage @folhasp da matéria “Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro” Editoria Poder	1300	357	344	110	20	14
	curtir	amei	risos	grr	triste	uau



As reações curtir e amei são de eleitores de Bolsonaro, já riso e grr são de outros atores tecnossociais ou eleitores do PT, a Uau é variado, sendo reações de surpresa de favoráveis eleitores de Bolsonaro e de espanto de críticos e eleitores do PT. As reações não são divididas entre uso positivos e negativos, mas são avaliações sobre o conteúdo exposto no Facebook. Antes de analisar os comentários pensávamos que os usuários usavam as reações de modo uniforme quanto ao conteúdo, porém identificamos o uso de reforço do significado manifestado pelo comentário. Ou seja, o usuário também utiliza para manifestar sentimento igual ao apresentado pelo autor do comentário ou para reforçar o sentimento que ativou ao ler o comentário. Ver o exemplo a seguir em que o comentário causa riso, assim o intérprete opta pela reação do “riso”, enquanto os demais optam pelo “curtir”. O valor positivo ou negativo da reação é definido pela relação entre o conteúdo exposto e o intérprete, podendo mesmo uma reação como bravo e riso ter valor positivo numa situação e negativo em outra.

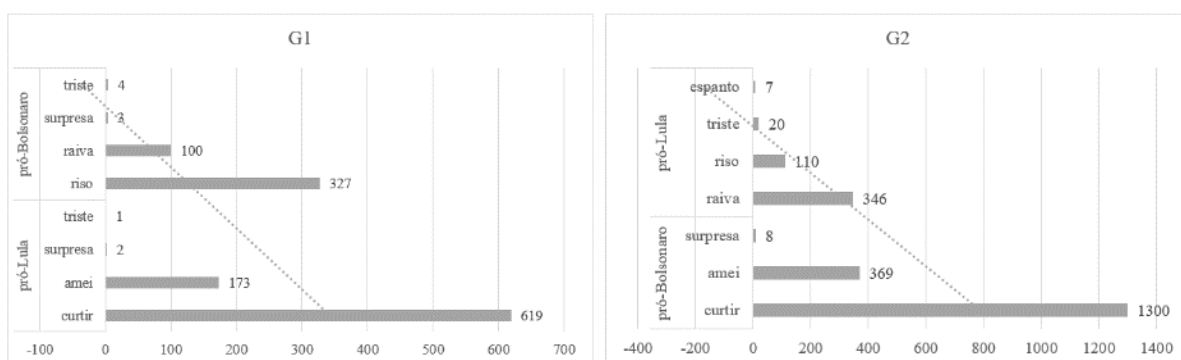
Figura 12 – Uso das reações do Facebook como mecanismos de interatividade.



Fonte: Facebook (2019)

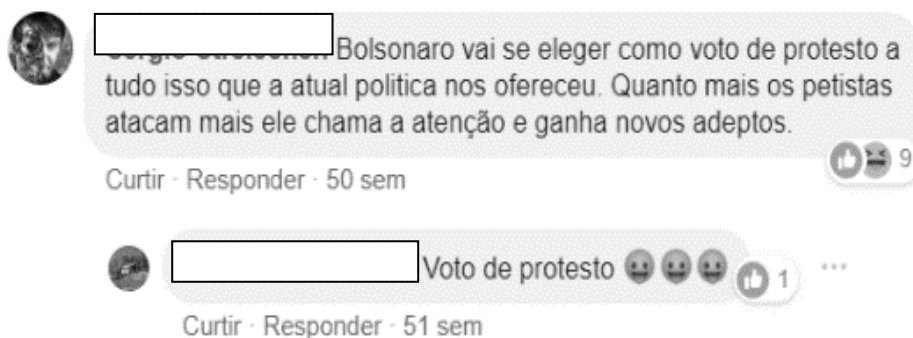
Percebemos que o uso dessa ferramenta acaba por ter duas utilidades básicas: marcar a leitura e (des)aprovação. O significado só emerge da triangulação autor/texto/leitor, mesmo a ferramenta dispondo de um significado instrumentalizado pelas reações (amor, afeto, raiva, indignação, surpresa, choque, ironia e riso), entretanto o uso da ferramenta revela que os pares, ou seja, os membros que se identificam com a linha de raciocínio são os que usam as reações para marcar a leitura e a aprovação. Borges e Braga (2016) perceberam o uso afetivo das reações para com o alvo, por exemplo, Michel Temer, entre 2015 e 2016, foi um alvo constante de manifestações nas redes sociais, sendo que sua fanpage no Facebook possui poucas reações, os usuários usavam a página para fazer manifestações com o *emoji* vômito ou com uso de (#). De modo geral, as postagens da *Folha* receberam reações de usuários de visões ideológicas diferentes, entretanto predominaram usuários alinhados a Bolsonaro, seguido de usuários pró Lula/PT e outros atores tecnossociais, o que reflete também nos comentários. Ver os gráficos a seguir.

Gráfico 02 – Reações avaliativas às postagens sobre Partidos lançam frente em defesa à candidatura de Lula (G1) e sobre Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro (G2).



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Os gráficos mostraram que as reações são maiores para o ator social alvo da postagem, assim, quando a matéria era sobre Lula ou de alguma ação que envolvia seu nome atraía reações de sujeitos pró-Lula, como mostra a linha pontilhada que revela a tendência crescente e os tipos de reações positivas. Esse comportamento também se repetiu na postagem com Bolsonaro, mas o que salta à vista é o número de reações de usuários pró-Bolsonaro, enquanto Lula recebeu 619 curtidas, Bolsonaro recebeu 1300. O 12Com.Bols.Ep ilustra bem o crescimento de favoráveis a Bolsonaro como uma forma de protesto ao sistema político atual e o ataque de eleitores favoráveis ao PT, representado pelo Com.R01 com *emoji* mostrando a língua, sendo o comentarista um ator social pró-Lula.



Van Dijk (2015) explica que as condições contextuais são parte fundamental e direcionam como se dará a produção e organização do texto. A situação experimental direciona o modo como cada ator social pode estabelecer interação e como se dará a construção do significado. No caso específico das redes virtuais de interação, o discurso se organiza de múltiplas formas e com vários elementos para além do sistema linguístico, outras semioses são ativas (*emoji*, gifs, hipertexto, vídeos etc). No caso específico do comentário on-line no Facebook, o usuário, em muitas situações, não tem acesso a todas informações divulgadas pela *fanpage*, pois precisa ser redirecionado para a página oficial e pagar para ter a informação completa, só dispõem das informações superficiais (manchete e chamada¹⁹, bem como uma imagem), diante disso o sujeito busca, em outro local, as informações disponíveis e que se relacionam com a postagem a comentar.

No exemplo de 12Com.Bols.EP, o ator social opta não por comentar a situação desconfortável de Bolsonaro em participar de um evento com figuras do mercado financeiro, para tanto o ator social comenta sobre comportamento dos usuários que tendem a se interessar por Bolsonaro por insatisfação com a atual política. Isso se dá primeiro pela situação social específica definida pela imagem de Bolsonaro na postagem, o tempo em que a postagem se deu (período 07 de fevereiro de 2018 – ano de eleição), por isso usou as expressões “voto de protesto”, “a atual política”, “os petistas” e a locução verbal “vai se eleger” que apontam para a situação experimental. Um fato interessante é a expressão “novos adeptos”, que aponta para uma não reflexão sobre o personagem, ou seja, o ator social percebe que existe uma interlocução de adoração e não de escolher o candidato com base em critérios políticos relevantes para o Brasil.

¹⁹ Pequeno **texto com lead** usado na primeira página para chamar a atenção do leitor para determinado material.

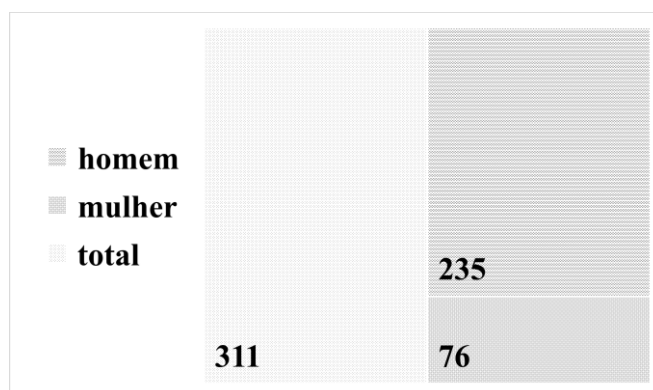
4.1.2. *Propriedade dos participantes e atividades*

A situação contextual não se limita ao tempo, ao lugar e à atividade desenvolvida por meio de discurso ou que tenha o discurso como um elemento, outras estruturas sociais são essenciais para ajudar no entendimento dos significados construídos nos textos. Van Dijk (2006) explica que o discurso emerge da relação do micronível (escrita e fala) com o macronível (estruturas sociais – escola, universidade, corporações midiáticas, posições de poder, movimento sociais e instituições governamentais). Os gêneros sociais são formas relativamente estáveis de interação, Bakhtin (Volóchinov, 2017) percebeu que três elementos ajudam a configurar a estrutura, o tema e o conteúdo do gênero textual que são o autor, a situação comunicativa e a intenção comunicativa. Tais características estão ligadas às propriedades dos participantes e das práticas discursivas em ambientes virtuais que se ligam às questões de gênero, classe social, etnia e poder por atuarem na construção dos objetivos, além de controlarem a compreensão e a produção dos textos. Pensemos no discurso de mulheres que são vítimas de violência: iremos perceber que as relações entre gênero e poder são os principais elementos ressaltados nas narrativas sobre violência doméstica.

i. Ator social experienciador

As propriedades dos participantes da interação e das atividades ajudam a construir os significados dos textos, assim, o espaço escolar é uma estrutura social em que diferentes atores sociais circulam, além de diferentes situações de interação, objetivos diferentes e relações de poder, analisar o discurso requer estar atento a diferentes propriedades envolvidas nas condições de contexto. Especificamente sobre os comentários on-line em postagens da *fanpage* da *Folha*, o gênero masculino foi o mais predominante: cerca de 76% eram homens fazendo comentário nas notícias sobre política, sendo um total de 311 atores sociais que comentaram em quatro postagens cujos temas eram Lula, Bolsonaro, STJ e Moro. Segundo os dados, o tema política é um assunto discutido por homens, mas vale ressaltar que, quando as mulheres comentavam o comentário principal, eram ignoradas ou eram respondidas quando utilizavam de ofensas e/ou ameaças a face do comentário principal.

Gráfico 03 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

02Com.FrenteLula.EP

Com.R13 e Com.R18

Percebo gente com medo de perder alguma "boquinha" rs e ter que trabalhar!
Curtir · Responder · 51 sem 3

Bizarro ver alguém dizer que só queria saber qual foi o crime 😏
Curtir · Responder · 51 sem 4

Será se todo mortadela é corno e cego?
Curtir · Responder · 51 sem 3

Roberto Junior, o caso do goleiro Bruno é muito diferente.
Armistrowing Glaydson (nossa, seus pais merecem um prêmio), sim, continuo querendo saber qual foi o crime. Se vc acompanhou o processo e sabe, pode me dizer por favor. Quanto ao concurso que ... Ver mais
Curtir · Responder · 51 sem 4

Lula hipnotizou os mortadelas, os cegou e ensurdeceu dizendo que ; "...não há provas ,não ha crime..."
Curtir · Responder · 51 sem 3

Cristiane Cardoso, esqueci de vc. Muito gata, mas burra. Uma pena. 😏
Curtir · Responder · 51 sem

05Com.FrenteLula.EP

Com.R01 e Com.R02

Se não for ele" é quem ele indicar... e viva a democracia!!!
Curtir · Responder · 51 sem 15

^ Ocultar 23 respostas

Ele vai indicar CADEIA e Tornozeleiras.
Curtir · Responder · 51 sem

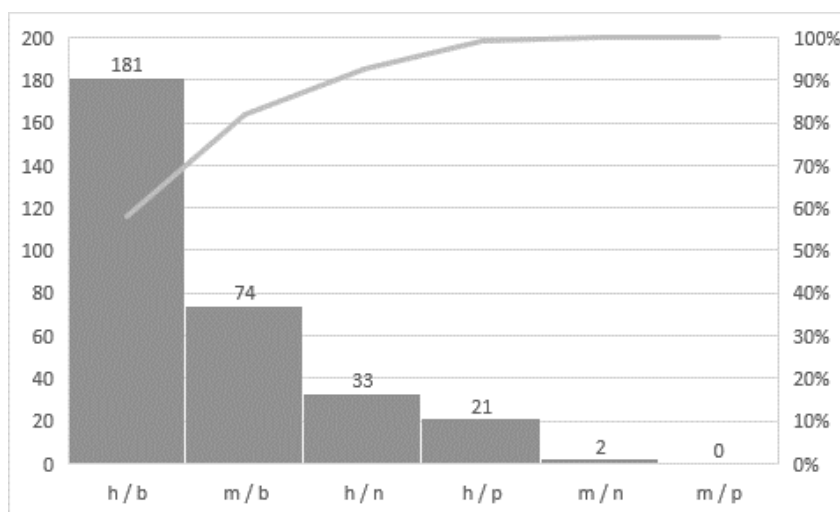
Otario! Vai vc e mais uns idiotas seguir esse corruptol O último petista apaga a luz
Curtir · Responder · 51 sem 2

Acredito!!!
Com essa cara de sanfoneiro de sona 2
Curtir · Responder · 51 sem

Matheus Zaniboni otário foi quem comeu a sua mãe, porque assim um babaca igual a você que não tem educação, não tinha nascido entendeu!!!
Curtir · Responder · 51 sem 1

Com.R13 é uma mulher com formação em Direito e utiliza em seu discurso uma ameaça a face negativa através da “gente com medo de perder a boquinha e ter que trabalhar”. O objetivo de Com.R13 é reduzir a voz daqueles que defendem Lula na postagem sobre a Frente de partidos em defesa da candidatura do petista. Quando Com.R18 se dirige a Com.R13, a trata por característica sexista e a objetiva enquanto ator social (muito gata) e, em seguida, reduz sua capacidade cognitiva. A resposta de Com.R18 ilustra a situação da mulher na sociedade (“esqueci de vc”), ou seja, não são vistas como atores sociais de mesmo valor para participar dos processos sociais de igual posição. Se observarmos no exemplo 05Com.FrenteLula.EP, o comentário Com.R01 é ignorado pelo ator social que dá atenção para se dirigir Com.R02, entretanto a resposta é carregada por sexismo e responde com ameaça face negativa do coenunciador. As construções tomam a figura feminina com valor negativo, sendo ignoradas, atacadas em suas características, seja de modo a ser objetiva ou reduzida, quando não são chamadas a interação, são transformadas em elementos a ser depreciados.

Gráfico 04 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero/etnia.



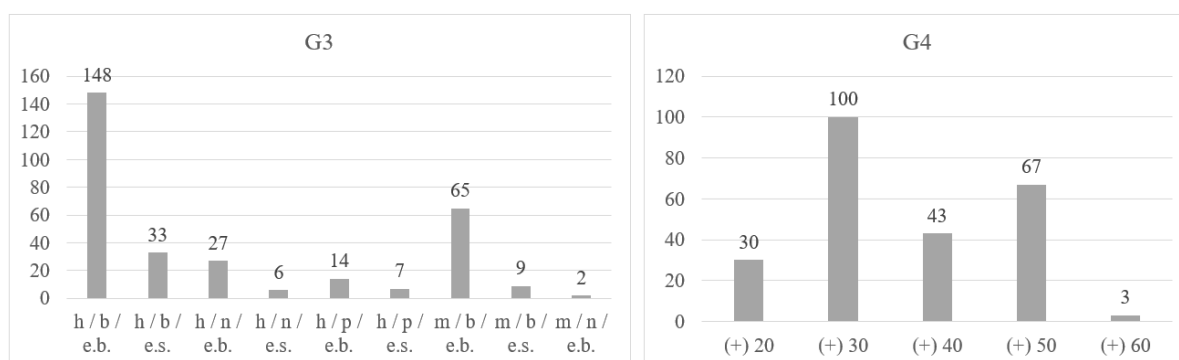
Fonte: desenvolvida pelo autor.

Quando cruzamos os dados gênero (homem e mulher) e etnia (branco, negro e pardo), conseguimos construir o perfil de quem comenta na *fanpage* da *Folha de São Paulo*; embora o nosso recorte se limitasse a 311 informantes, esse número reflete de modo singular o gênero e etnia daqueles que gozam de destaque na estrutura social. Du Bois (1977) explicou que o sujeitos que se identificam com a etnia branca recebem um tratamento social e psicológico diferente, se refletindo num trânsito diferente e com acesso à função pública: acesso diferenciado a empregos, não alvo de abordagem policial, acesso à educação e tratamento

cordial de sujeito que gozam de status social superior. Deste modo, os discursos desses sujeitos nos comentários on-line se mostram mais agressivos e seus discursos são carregados de agressões verbais, seja sua ideologia de esquerda ou de direita. Entretanto os atores sociais que se identificam com a ideologia de esquerda se mostram mais sujeitos a utilizar a polidez no tratamento com atores sociais que discordam de seu ponto de vista. Outro fator é a construção de identidade de grupo social ou comunidade epistemológica que permite ao membro do grupo epistêmico a agir em grupo, se proteger e atacar qualquer outro ator social pertença a outro grupo.

Assim, não podemos dizer que ser branco e homem são as características para entender quem é o ator social que constrói o discurso de direita no Brasil entre 2006 a 2019. Essas duas características permitem supor que o ator social que dispõe de tempo suficiente para se dedicar a leitura e a escrita no espaço virtual é homem e branco. Isso reflete sobre a organização social brasileira em que o gênero masculino goza não só de posição de destaque, mas também de trânsito social diferenciado, mas tudo que é oriundo dessas duas características ganha destaque e relevância social. Mas, por serem mais numerosos o gênero masculino e a etnia branca, os dados mostram que possuir essas duas disposições biológicas possibilita aos atores sociais gozarem de melhores condições educacionais e status social de maior destaque a permitir transitar por espaços em que a construção discursiva é mais elaborada. Quando cruzamos os dados gênero (homem ou mulher), etnia (branco, negro ou pardo) e escolaridade (ensino básico ou ensino superior), os homens brancos apresentam ter mais acesso ao ensino superior que as mulheres e homens negros, pois a faixa etária predominante é de 30 a 50 anos, o que revela que as políticas públicas de acesso ao ensino superior ainda não refletiram de modo significativo na realidade brasileira.

Gráfico 05 – Distribuição dos comentários on-line pelo gênero/etnia/escolaridade (G3) e a distribuição por faixa etária (G4).



Fonte: desenvolvida pelo autor.

O perfil do usuário on-line que comenta na *fanpage* da *Folha de São Paulo* no Facebook é um ator social do gênero masculino, da condição étnica branca, entre 30 – 50 anos, com nível de escolaridade básica. Tais característica irão agir sobre como o discurso enunciado se constrói e como sua leitura será executada no espaço virtual.

ii. *Propriedade dos atores sociais e atividade de construção de texto*

Focaremos nossa análise em três pontos: os objetivos dos atores sociais, a habilidade leitora para compreensão das postagens da Folha de São Paulo e os conhecimentos prévios acionados na construção dos comentários. Em seguida, relacionaremos os critérios anteriores ao grau de escolaridade, gênero, etnia e idade de modo a tentar construir a relação entre as propriedades dos atores sociais e a atividade de produção de texto. Nas comunidades virtuais, especialmente nas *fanpage* de grandes jornais, o laço que une todos os usuários é o de ser seguidor do veículo de comunicação que utiliza o sistema de redes virtuais como um modo de aproximar pessoas. A *Folha de São Paulo* não deve ser tomada como um ator social, mas trata-se de uma organização social com fins lucrativos que, deste modo, por produzir textos jornalísticos, atrela uma visão de mundo e uma intenção comunicativa para alcançar objetivos específicos em seus atos discursivos. A habilidade leitora deve ser capaz de perceber os objetivos propostos pelo texto e as intenções comunicativas que se voltam para finalidades específicas de cada gênero textual. Diante disso, o texto, comunidade linguística superior, não se limita à organização da língua em sintagmas e frases, além dessas se articulam ideias ligadas a sistemas de valores e crenças sociais, a fim de construir o sentido do discurso pressuposto a cada situação de enunciação. A relação entre estruturas sociais e estruturas linguísticas possibilitam que os atores sociais sejam capazes não só de produzir texto, mas de articular e orientar os significados a cada situação específica de comunicação, de modo a atingir objetivos específicos em que se projeta pela articulação da intenção comunicativa e a escolha do gênero textual.

A *Folha de São Paulo* é, ao mesmo tempo, uma organização social com fins lucrativos, sendo por consequência um agente político, portanto o discurso produzido é para cumprir dois objetivos básicos, venda de jornais e manutenção do *status quo* de seus leitores e seus clientes. Segundo dados do IBOPE²⁰ (2017), a *Folha de São Paulo* tem 1.731.000 leitores da versão impressa na Grande São Paulo, sendo 40 % da Classe C (famílias de renda entre

²⁰ http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml

R\$ 1.600 a R\$ 5.000), 25% da Classe B (famílias de renda entre R\$ 7.324 a R\$ 12.207) e 28% da Classe A (renda superior a R\$ 12 mil reais), sendo que a faixa etária dos leitores é 57% entre 25 a 54 anos. A *Folha*²¹ define sua ação editorial ou linha editorial como uma empresa que pratica jornalismo crítico, moderno, analítico, especializado e de serviço, em que busca comparar os fatos e veicular diferentes versões da notícia, para tanto, busca apresentar as informações de modo didático e objetivo para atender as necessidades dos leitores. Segundo a Folha, o jornal não assume uma postura partidária, pois o foco é no pluralismo, ou seja, não tem vínculo com grupo, partido ou tendência política, pois procura ser um espaço para publicação de posições divergentes das do jornal, entretanto, vale ressaltar que, a partir de mesmo de selecionar algo ou defender algo, já revela o viés assumido pelo veículo de comunicação. Ver imagens a seguir.

Figura 13 – Manchetes dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* no dia 04/02/2019.

The image shows a screenshot of the Folha de São Paulo website homepage. The main headline is "Pacote de Moro propõe regime fechado para condenado por qualquer crime com arma de fogo". Below it, there are several other news items, including "Bolsokid: filho mais novo de Bolsonaro atrai fãs com transmissão de games de até 5 horas" and "Se for verdadeira, é grave", diz Mourão sobre revelação de esquema de ministro". The page also features a navigation menu, a search bar, and various news categories. The date of the screenshot is 04/02/2019.

Fonte: sites dos Jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*.

²¹ <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/>

O jornal carioca *O Globo* (Rio de Janeiro) e os paulista *Folha de São Paulo* e *Estadão* trazem manchetes diferentes no dia 04/02/2019. O carioca foca no pacote anticrime do Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, e no filho mais novo do atual presidente do Brasil. A *Folha* fica na polêmica sobre a fala do Vice-presidente, Antônio Mourão, sobre o ministro do Turismo, além de uma pequena fala do Ministro Moro entre aspas ‘Se surgir a necessidade’, será apurada a denúncia. O *Estadão* prefere a manchete sobre a Reforma da Previdência, sobre a idade mínima de 65 anos para homens e mulheres e sobre renda menor que um salário mínimo para idoso de baixa renda.

O *Jornal Folha de São Paulo* e *O Globo* têm optado por um jornalismo de polêmica nos últimos anos, bem longe do ideal de imparcialidade e apartidarismo. Assim, as redes sociais tratam ambos jornais como ligados à ideologia de esquerda, já que passaram a atuar de modo mais pesado contra a política do presidente de extrema-direita. No caso específico da *Folha de São Paulo*, o jornal tem se posicionado como de centro e atuando na defesa de uma visão centrada em valores ligados ao seu público (classes A, B e C). Entretanto, a narrativa da *Folha* mais se alinha a uma visão centro-direita: ao ler o editorial do 03/02/2019, percebe-se claramente a defesa de valores de centro-direita, já que se cita como feitos o desejo do atual governo federal a desestatização e ações de controle da previdência.

O jornal paulista não faz menção à liberação da posse de arma e nem sobre os prejuízos pela equipe ministerial, pois vê como positivo a redução dos ministérios e as modificações administrativas. Ribeiro (1994) cita um trecho da *Folha da Manhã* (nome do jornal em 1945) que diz que o jornal se manteria no centro e olhando atentamente as movimentações de esquerda. A *Folha de São Paulo* é um produto e precisa ser comprada, assim, suas ações e discursos são para atender ao seu público cada vez mais exigente e alinhado ao mercado, ou seja, trata-se de um jornal mais preocupado em atender aos anseios de seu público leitor do que assumir uma posição que o coloque em desacordo com as necessidades sociais urgentes.

Diante disso, o seguidor da *Folha* tem que ler as matérias com cuidado, já que não trata simplesmente de uma narrativa sobre um evento ou um acontecimento, mas a própria seleção da notícia é planejada. As notícias da Editoria Poder refletem essa seleção, em que uma pauta de menor valor é trabalhada com zelo para parecer uma informação de grande relevância. A atuação do Jornal, durante o ano 2018, especialmente a cobertura da Lava Jato, revela o modo

como a seleção das pautas foram tratadas. No *corpus* dessa dissertação, as quatro notícias²² publicadas pela *Folha* no Facebook não são notícias de grande impacto, pois a manchete de capa do jornal impresso é sobre os prejuízos do Fundo dos Funcionários dos Correios que perdia R\$ 109 milhões, entretanto, para as redes sociais, são celeiros de polêmica, já que mexe com a divisão política influenciada pela cobertura dos acontecimentos da Lava Jato e do impedimento da Presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores. Ao observar a capa do Jornal na parte de cima, o editor de capa dá destaque para a editoria de Ciência e coloca a manchete de imagem sobre o carro e o boneco que foi levado ao espaço. As manchetes da versão impressa nada refletem as implicações das redes sociais, pois a falsa noção de acesso à informação que permeia as redes sociais não é efetivada, já que para ler as matérias é necessário ser assinante do Jornal.

Figura 14 – Capa da versão impressa do *Jornal Folha de São Paulo* no dia 07/02/2018.



Fonte: *Jornal Folha de São Paulo* (2018), reprodução parcial da parte superior do caderno impresso do modo como é exposto nas bancas e pontos de venda.

Essa complexidade da leitura não é executada por nenhum dos seguidores do *Jornal Folha de São Paulo* em seus comentários on-line, limitando-se ou a concordar com o comentário principal ou a criticar o comentário de alguém. A notícia é vista superficialmente, pois a leitura executada é sempre vaga e tangenciada. Observemos o post a seguir, pois, em grande parte das leituras, é a única informação acessada pelos seguidores da *Folha* no Facebook.

²² “Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro”, “Partidos lançam frente em defesa da candidatura do Lula”, “Entidade de Juízes pede para STF retirar da pauta auxílio-moradia” e “Moro e Bloomberg recebem prêmio de ‘Pessoas do Ano’ nos EUA” postadas no dia 07/02/2018 no Facebook.

Quando observamos as quatro postagens, fica evidente a ausência de um padrão para a divulgação de informação na rede social. Na maioria das vezes, o responsável por alimentar a fanpage apenas divulgava o link para ser direcionada a notícia e a informação da editoria ao qual a matéria estava associada. Nas quatro postagens, objetos de análise dessa dissertação, somente a “Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro” trazia alguma informação antes do link de direcionamento ao portal da *Folha de São Paulo*. A informação é limitada pelo título da notícia e uma foto singular para a notícia, sendo que muitos leitores não têm acesso a totalidade da informação, os comentários acabam por ser especulativos e/ou centrado na personagem da matéria em destaque na imagem. Em muitas situações, a persona retratada não é o foco principal da notícia, sendo exemplo as postagens sobre a “frente de partidos em defesa da candidatura de Lula” e a sobre “o pedido de juízes para o STF retirar da discussão o auxílio moradia”. As duas referidas notícias trazem, na primeira, o ex-presidente Lula da Silva e, na segunda, a ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Carmem Lúcia. Essa presença acaba por dar relevo às manifestações nos comentários sobre as figuras retratadas, por consequência da ausência de mais informações sobre aquilo que se trata na notícia.

Figura 15 – As quatro postagens da *Folha de* publicadas no Facebook no dia 07/02/2018.



Fonte: Facebook (2018).

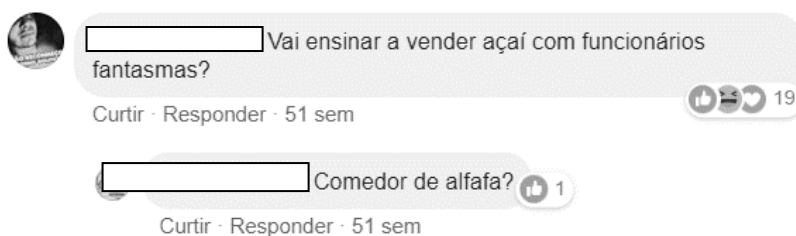
Essa ausência de informação acaba impactando na habilidade leitora e na produção de comentários, pois não existem elementos suficientes nas postagens para ajudar a construir uma compreensão não só da notícia (na forma de hipertexto), mas para entender o contexto social ao qual se relaciona e ajuda a construir. Tais limitações ajudam a intensificar o efeito de bolha nas redes, oriundo da padronização de visões e estimulado pelo comportamento de torcida. Não ocorre uma reflexão sobre um texto, mas a circulação de boatos e falsas informações nos comentários das postagens revelam que a informação não é encarada como algo a ser interpretado e tem status de verdade absoluta, visto que circula em grupo com pessoas conhecidas e sérias do círculo de amizades. Não se coloca em dúvida o texto, mas se tem certeza daquilo que cada leitor tem de conhecimento prévio, se a fonte de informação for oficial, o leitor não vai examinar sobre critérios racionais em busca de validade, pois o relevante é se a informação nova está de acordo com o meu conhecimento prévio. Quando o leitor é colocado em contato com as inviabilidades da sua argumentação, o ator social some e não mais diz/escreve nada.

O Conjunto de comentários que vamos examinar a seguir está relacionado a postagem sobre Bolsonaro, que se mostrou capaz de arregimentar um grande número de reações e comentários, entretanto, vendo as postagens anteriores, Sérgio Moro conseguiu angariar mais a manifestação dos atores sociais. Os comentários principais e comentários-respostas a seguir seguem um padrão comum na maioria dos comentários na *fanpage* da *Folha*, principalmente, as postagens sobre política, a polarização entre defensores de Lula e entusiastas de Bolsonaro.

a) Bolsonaro em discussão

01Com.Bols.EP

Com.R01









O comentário principal (01Com.Bols.EP – Marcelo Santos) procura reduzir o personagem da notícia secundária, já que o deputado não goza de saberes econômicos para participar de um evento do mercado financeiro. Outro ponto que os atores tecnossociais não percebem é que o evento é do BTG Pactual, cujo sócio-fundador é o economista Paulo Guedes,



atual Ministro da Economia. A postagem da *Folha* faz questão de mencionar que o evento era organizado pelo referido banco, mas, nos comentários, nenhum leitor levou essa informação como relevante. O objetivo do 01Com.Bols.EP é fazer piada com a participação do então candidato do PSL (Partido Social Liberal), para tanto usa como conhecimento prévio a matéria da *Folha de São Paulo* do dia 11/01/2018 sobre funcionária fantasma que trabalhava em loja de venda de açaí em Angra dos Reis / RJ. Por saber sobre evento e falar ao público, foi possível construir a sentença “vai ensinar a vender açaí com funcionários fantasmas?”.



01Com.Bols.EP



Com.R01 ao Com.R08





 Vai ensinar a vender açaí com funcionários fantasmas?
Curtir · Responder · 51 sem    19


 Comedor de alfafa?  1
Curtir · Responder · 51 sem


 Não ele vai ensinar e comprar "Trispec" que não é dele mas sim de um amigo da mulher dele. Tnc  1
Curtir · Responder · 51 sem


 Acho que ensinar como comprar casas por valor abaixo do mercado e depois de uns dias fazerem elas valerem milhões kkkkkkkk  3
Curtir · Responder · 51 sem

 TB edylon rs  1
Curtir · Responder · 51 sem





 Dilma Rousseff rainha da economia. Compra uma refinaria que vale 43 mi. Por 1 bi   
Curtir · Responder · 51 sem

 Edylon Silva Dias ? a casa dele foi adquirida em na década de 70 seu animal
Curtir · Responder · 51 sem

 o vôMITO
Curtir · Responder · 51 sem

 Jean Dias em 75 o bolsonaro nem salário tinha praticamente... porque ele tinha 20 e estava no exercício como soldado e naquela época os soldados recebia 70% do salário mínimo apenas, como que ele iam comprar uma casa
Curtir · Responder · 51 sem

A opção "Mais relevantes" está selecionada; portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

 Escreva uma resposta...   

A sentença revela a intertextualidade inerente a toda produção discursiva, aquilo que Bakhtin (2008) chamou de polifonia. Para construir a sua crítica, o 01Com.Bols.EP cruzou

a informação da postagem sobre Bolsonaro do dia 07/02/2018 com as informações sobre a funcionária fantasma que o personagem mantinha na Câmara dos Deputados, mas trabalhava em Angra dos Reis / RJ. O gênero é o comentário que se caracteriza por ser um texto opinativo em que se manifesta uma crítica sobre um dado objeto discursivo, já que o objetivo pretendido era reduzir o personagem, utilizar do humor por meio de uma pergunta, que não será respondida. O comentário-resposta 01 (Carlos Danko) opta por atacar o 01Com.Bols.EP e usa a mesma ideia, pergunta retórica, “comedor de alfafa?”, os outros comentários-reposta seguem a linha de ofensas e polidez negativa com ameaças à face negativa.

Entretanto o último Com.R08 é singular, pois desarticula a contrarresposta de Com.R02 direcionado a Com.R03. Com.R03 ataca o conhecimento prévio sobre o aumento do patrimônio de Bolsonaro e filhos nos últimos anos, principalmente, na compra de imóveis. A fim de provar que tal argumento é errôneo, Com.R02(Com.R06) diz que os imóveis foram adquiridos na década de 1970 (deduzimos isso pelo marco temporal ser anos 1970 a posteriori o nascimento de Bolsonaro). A justificativa de aquisição de patrimônio na década de 1970 é rebatida por Com.R08, já que o personagem da notícia nasceu em 21 de março de 1955, assim, dirige-se a Com.R02 dizendo que seria impossível, pois, na época, o candidato era soldado militar e recebia 70% do salário mínimo, o que impossibilitaria de fazer aquisição de uma residência.

De modo geral, os comentaristas estão mais interessados em causar um efeito de humor com seus textos ou trocar ofensas com ameaças à face negativa de seu coenunciador. A *Folha* utiliza a polêmica como mecanismo para impulsionar os compartilhamentos e as reações de seus leitores, já que precisa de atenção para os anúncios de produtos a povoar seu website. A cisão entre entusiasta de Bolsonaro e defensores de Lula colocou em pauta uma série de questões sobre a violência, a corrupção, as personagens e as falas polêmicas, pois atrai a atenção do espectador que, inconsciente da necessidade de executar uma leitura atenta dos textos, não lê ou reflete, reage com a curtida ou comenta sua visão de mundo sem colocar em relação com o tempo e o lugar ao qual a informação foi construída.

Observando os comentários, os atores sociais não se tratam bem por serem indivíduos com o mesmo valor social, mas se digladiam para mostrar quem tem mais força, suas ações polidas só se voltam para indivíduos que compartilham o mesmo sistema de valores, pois pensam iguais. Assim, ao se tratarem como igual, as ameaças à face positiva se destacam pela proximidade, familiaridade, solidariedade e coesão intra-grupo. Projetam-se desejos em comum, expresso pelo modo de falar de Com.R04 (01Com.Bols.EP) ao se dirigir ao Com.R03 pelo nome próprio, concordar com sua assertiva e, para criar a relação proximidade, coloca “rs”

para mostrar que compartilham o mesmo ponto de vista sobre a personalidade alvo de suas ações discursivas.

b) STF em discussão

A notícia da *Folha de São Paulo* alvo dos comentários trata do pedido da Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe) para o Supremo Tribunal de Justiça (STF) retirar da pauta da corte a ação do Ministro Luiz Fux (em 2014) que autorizou o pagamento de auxílio-moradia a magistrados. Segundo a notícia, a presidente do STF, Cármen Lúcia, não tinha pautado o processo, mas garantiu que seria tratado em março (ano 2018). A Ajufe encaminhou petição com vista a não réplica a ser dirigida a Procuradoria-Geral da República (PGR) que se manifestou no processo que se encontra no STF. A *Folha* apresenta dois hiperlinks: sobre a liminar deferida pelo Ministro Luiz Fux, em 2014, que beneficiou magistrados federais e aos juízes estaduais (Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Piauí, Rio Grande do Sul e São Paulo), além de magistrados da Justiça do Trabalho e Ministério Público.

O valor do auxílio-moradia é de 4.378 reais e passou a ser pago para todos os magistrados com e sem residência na região de trabalho, sobre os gastos extras com auxílios saltaram de R\$ 5,5 bilhões para R\$ 7,2 bilhões segundo dados Conselho Nacional de Justiça, sobre a cúpula do judiciário que recebe auxílio-moradia com imóvel em Brasília (DF), cerca de 26 ministros das cortes do Superior Tribunal de Justiça (12), Tribunal Superior do Trabalho (11) e Superior Tribunal Militar (3), sobre o juiz Sérgio Moro, que possui imóvel em Curitiba e recebe auxílio-moradia, sobre os membros do PGR e Tribunal de Contas da União que recebem auxílio-moradia tendo imóveis em DF e sobre os Ministro de Temer que também recebiam o referido auxílio.

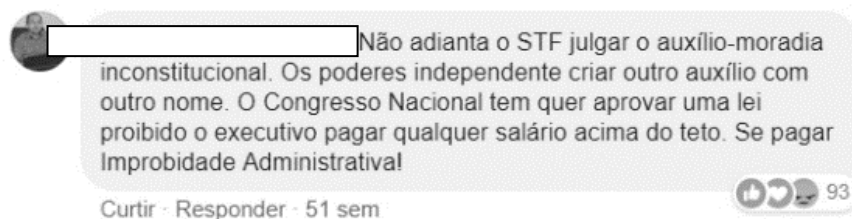
A notícia é complexa e longa. Para além das informações fornecidas pelo jornal, o leitor precisa saber sobre o art. 37 da Constituição Federal no seu inciso XI que trata da remuneração e subsídios do funcionalismo público que tem por teto constitucional o salário do Ministro do STF, os estados têm do teto o salário do governador e, municípios, salário do prefeito. Entretanto os magistrados possuem legislação orgânica própria, da qual o Ministro Fux associou, em 2014, o auxílio-moradia. Segundo Resoluções Nº 13 e Nº 14 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) de 21 de março de 2006, os vencimentos, adicionais e vantagens devem ser reduzidos ao teto constitucional, entretanto três tipos de verbas ficam excluídas do teto constitucional: indenizatórias (auxílio-moradia, auxílio-alimentação, auxílio-funeral, auxílio-exclusão, auxílio-transporte, diárias, indenização por férias não gozadas, indenização

de transporte e licença prêmio convertida em pecúnia), permanente (remuneração e provendo oriundo do exercício do magistério segundo art. 95 da CF, bem como benefício oriundo de previdência instituído de entidade fechada) e temporário e/ou eventual (auxílio pré-escolar, benefício de plano de assistência médico-social, devolução de tributos e/ou contribuições previdenciárias recolhidos indevidamente, gratificação no exercício da magistratura durante função eleitoral de acordo com os art. 1º e 2º da Lei nº 8.350, de 28 de dezembro de 1991, e na redação dada pela Lei nº 11.143, de 26 de julho de 2005, gratificação de magistério por hora-aula no âmbito do Poder Público e bolsa de estudo que tenha caráter remuneratório).

Ao ler os comentários sobre o STF, os seguidores da *Folha* se limitam a reproduzir o discurso de ilegalidade do auxílio-moradia, mas não se desenvolve crítica consciente, limitando a dizer que são contra e afirmam a necessidade de lei que regule os salários dos magistrados. Mas, como expomos antes, o art. 37 da CF, em seu inciso XI, limita o teto salarial do funcionalismo público. O problema incide sobre duas linhas gerais: os penduricalhos, auxílios extra que não são entendidos como parte do salário, e a capacidade de determinados órgãos tem de gerir a receita salarial e com isso poder determinar os ganhos de seu corpo de funcionários.

O 03Com.STF.EP revela desconhecer completamente o art. 37 da CF e as Resoluções 13 e 14 do CNJ e apresenta uma habilidade leitora superficial ao reivindicar lei que proíba pagamento de salário acima do teto constitucional. O pagamento de auxílio-moradia não pode ser considerado improbidade administrativa, já que não gera enriquecimento ilícito aos agentes públicos nos casos de no exercício de mandato, cargo, emprego ou função na administração pública direta, indireta ou fundacional e dá outras providências como prever a Lei Nº 8.429, de 02 de junho de 1992, assinada pelo então presidente Fernando Collor e que passou por várias alterações até a inclusão da Lei Complementar nº 157, de 2016. A independência dos poderes faz com que cada instituição construa leis orgânicas com a finalidade de disciplinar o funcionamento de uma categoria (exemplo, Lei Orgânica da Magistratura Nacional, Lei Orgânica do Ministério Público etc.), estrutura hierárquica e administrativa. Não podemos esquecer da Lei Nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999 que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal. O Poder Judiciário goza de poder administrativo e financeiro garantidos pelo art. 99 da Constituição Federal, entretanto o inciso V diz que a execução orçamentária do exercício estará dependente de aprovação para a realização de despesas ou assunção de despesas de obrigações na Lei de Diretrizes Orçamentárias, mas pode ser atendida a autorização, mediante a abertura de crédito suplementar ou especial.

03Com.STF.EP



A superficialidade do comentário revela que o indivíduo comum não tem condições de se debruçar sobre os meandros do tema ligado aos poderes públicos e não se resume na aprovação de uma lei pelo Congresso Nacional. Outro fator que limita a compreensão da notícia é não estabelecer relações causais, ou seja, procurar a relação entre um fenômeno e um efeito, encontrar a causa do auxílio-moradia e os efeitos na Administração Pública. Outro ponto é que o auxílio-moradia é um ato administrativo e não pode ser considerado um ato inconstitucional, pois suas diretrizes fogem ao âmbito da Constituição Federal, já que não é previsto como um ato que causa prejuízo ao erário, assim, o auxílio-moradia só pode ser suspenso pelo mesmo ato que o criou: ora, se o ato que o criou tem âmbito administrativo, é o mesmo ato que tem força para extinguir o auxílio-moradia.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.143, de 26 de julho de 2005 que reestruturou os salários dos juízes e, com a Lei 11.144, colocou o salário do Procurador-Geral da República no mesmo patamar de um ministro do STF. A Lei 11.143 coloca um limite para as gratificações, reduzindo 30% para 18%. Os efeitos da Lei se aplicaram sobre todo o território, obrigando os juízes estaduais e municipais a se adequarem à nova regra. Entretanto, desde que houve as modificações da Lei, Associação dos Juízes Federais do Brasil – Ajufe, Associação Nacional dos Membros do Ministério Público – CONAMP, Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho – ANPT e Associação Nacional dos Magistrados Estaduais – Anamages entraram com ação ordinária contra União no Supremo Tribunal Federal para receber ajuda de custo para fins de moradia. art. 65, II, da Loman (LC nº 35/79). art. 227, VII, da Lei Complementar Nº 75/1993 e art. 50, II, da Lei nº 8.625/1993. O Ministro Luiz Fux, em decisão proferida em 15/9/2014, acolheu por meio de liminar o pedido encaminhado para que o auxílio-moradia se estendesse para todos juízes federais e estaduais, bem como os membros do Ministério Público.

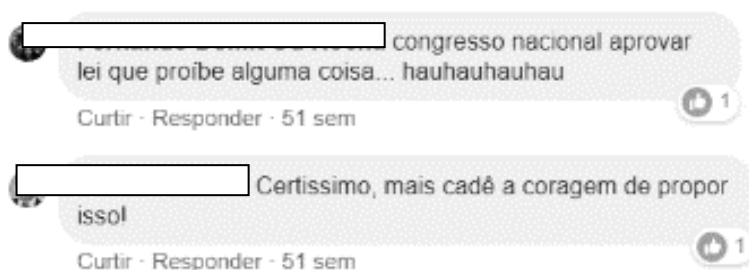
Durante acordo com o Executivo, em novembro de 2018, o STF assumiu que abriria mão de receber o auxílio-moradia caso o Governo Federal aprovasse o aumento do vencimento do judiciário. Em decisão no dia 26/11/2018, o Ministro Fux revoga a decisão liminar que teria

dado no ano 2014 sobre o pagamento de auxílio-moradia a todas as carreiras do judiciário, mas só se dando quando as Leis n.º 13.752/2018 e n.º 13.753/2018 implementarem as modificações dos vencimentos em contracheque. As disposições do Ministro Fux mostraram que as implicações da Lei Orgânica são intermediária entre a Constituição Federal, mas pela ausência de informações específicas naquela, se aplica a Lei Complementar que rege o controle da Administração e das Finanças do Judiciário.

Se o 03Com.STF.EP não consegue realizar uma leitura minimamente atenta, é claro que, na exposição acima, não detalhamos o ponto de vista da *Folha*, mas fica claro que o jornal busca o caráter sensacionalista da matéria, pois o tema tem apelo social e explora um setor da vida social que é privilegiada com ganhos por fora do salário base de servidor do judiciário acima do teto constitucional, mas regimentado por lei própria e autorizado por lei aprovada no Congresso Nacional. O jornal busca desviar a atenção de modo circunstancial de uma discussão profunda sobre o pagamento de outros benefícios que não são mencionados na notícia e nem abordado pelos seguidores da *fanpage* da *Folha*.

03Com.STF.EP

Com.R01 e Com.R02



O Com.R01 tem por objetivo debochar do Congresso Nacional que fica expresso na representação do riso “hauhauhauhau” e no tom que usa para sua proposição: “congresso nacional aprovar lei proíbe alguma coisa...”. Na sua leitura, o autor expressa que o Congresso Nacional age sempre em defesa de interesses particulares, daí a percepção de não proibição de nada (proíbe alguma coisa). O Com.R02 tem por objetivo revelar a covardia do Congresso Nacional (Legislativo) frente ao Judiciário, mas esquece que um poder não pode intervir nas ações de outro, só quando é chamado para agir ou legislar não em benefício de um, mas para direcionar ação que beneficie a Administração Pública. Para tanto a ação de coibição de ganhos na forma de Lei deve agir sobre todos os poderes, já que pode ocorrer ação ordinária no STF solicitando a aplicação de direito de outro servidor público para o reclamante. Se buscarmos ações ordinárias de servidores aposentados do serviço público, será fácil encontrar ação de

reclamante pedindo para si direitos aferidos a outro e a justiça interpreta como de ganho e a União deverá pagar, pois reclamante não pode ser preterido de seu direito por ocupar posição diferente de outro por estar ligado a outro dos três poderes. Exemplo é que o auxílio-moradia, quando liberado por liminar em 2014 por Ministro Fux, beneficiou juízes e se estendeu ao Ministério Público e Ministro do Executivo. A exposição dos comentários não foge de uma leitura superficial e não detalhada do tema que a postagem abarca e a “proposta de solução do problema” vira uma ação que se resolve sempre na formulação de uma lei.

c) Lula em discussão

A notícia não tem muita informação, mas trata de encontro entre 20 políticos de centro-esquerda (Partido Democrático Trabalhista, Partido Socialista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil, Partido dos Trabalhadores e Partido Socialismo e Liberdade), cuja finalidade seria formar frente contra reformas (da previdência e do trabalho) e defesa da candidatura do ex-presidente Lula à Presidência. A maioria dos políticos que participaram eram do Nordeste e o jornal destaca a presença do Líder do PDT na Câmara, André Figueiredo (CE), o ex-governador de Amapá, João Capibaribe (PSB), o ex-deputado do PSOL Ivan Valente (SP) e a presidente do PCdoB, Luciana Santos (PE).

O jornal *Folha* procura fazer mais uma matéria sem grande relevância parecer uma notícia relevante. Não é relevante um grupo de políticos de centro-esquerda se reunir, entretanto, para a *Folha*, o gatilho se dá pelo fato de envolver o nome de Lula. Desde o início das investigações da Lava Jato, em 2016, a imagem do ex-presidente foi trabalhada pela *Folha de São Paulo* negativamente, Cioccarri (2015) diz que a cobertura do caso foi executado na forma de “show midiático” em que as ideias organizadoras direcionam a interpretação do leitor para separarem o bem e o mal. A *Folha* explorou o seu capital intelectual, segundo Chaia (2000), para expor a vida privada “secreta” do poder, a intenção é dizer que não existem segredos de estado.

Lula se tornou a pauta principal, primeiro, por ser o alvo das operações e, segundo, por sua posição no cenário político, já que acenava com escolha dos brasileiros para ser presidente no pleito de 2018. Thompson (2002) explica que os escândalos seguem o percurso da desaprovação pública, passando pela negação pública e contra-alegações e pelas investigações, finalizando com transgressões de segunda ordem. A *Folha* utilizou a estrutura do escândalo e explorou de modo sistemático a imagem de Lula e de outros integrantes do PT. Houve diferença no tratamento da informação sobre o envolvimento do PT e os desvios na

Petrobras, embora tenha tido espaço para a manifestação das explicações dos advogados de Lula e para publicação de artigo de Lula, as investigações sobre a Lava Jato tiveram maior espaço no jornal e nas postagens no Facebook. As menções a Lula e associação do PT com o escândalo da Petrobras faziam parte das ações da *Folha de São Paulo*. O espaço dado ao PT fazia parte da criação do escândalo, já que, segundo Chaia (2000), o escândalo só existe se há afetação de pessoa ou grupo com a transgressão de valores e códigos que possam ser revelados e exposto ao público e movimentem reações. A *Folha* tornou a vida de Lula um livro aberto.

A notícia “Partidos lançam frente em defesa de direito de Lula a concorrer” explorou a cisão do país, o que levou a intensificar uma visão de direita que culminou na vitória de Bolsonaro. A reação do anti-PT estimulou a vitória da visão de extrema-direita e um sentimento de anti-política, que ficou maior com a exploração da Lava Jato e dos políticos que não foram presos. Quando observamos os comentários na postagem, vemos que os leitores não leram a notícia, já que as reações fazem menção “a Lei Ficha Limpa”, que barra políticos condenados em segunda instância de concorrer a pleito eleitoral, a “Lula estar preso”, a “corrupção”, “partidos políticos são todos corruptos”, “compra de voto com o bolsa-família”, “defesa de Lula”, “partidos auxiliares do PT”, “associação da *Folha* com o PT”, “desejo por Justiça”, “Brasil como zona”, “perseguição a Lula”, “cadeira elétrica para Lula”, “gente honesta não defende bandido”, “partidos/quadrilha”, “mídia suja”, “*Folha* como mídia de esquerda” e “associação de Beira-mar e Marcola com a política”.

13Com.Lula.EP

Com.R01 e Com.R02

Esse militantes do PT perdem a noção do ridículo, eles acham que quem deseja ver Lula na cadeia é porque defende outro candidato, eles não enxergam o óbvio que queremos ver qualquer um que saqueou o país presos, a diferença é que ninguém tenta defender outros corruptos por isso eles sofrem tantos comentários de pessoas imparciais

Curtir · Responder · 1 a

Aldecir, leia as sentenças. Não acredite no que a globo te diz. Lula não cometeu nenhum crime. O processo é uma piada e o único objetivo é não deixar que ele volte. Não é esse o caminho. Não querem que ele volte, não votem nele. Simples assim.

Curtir · Responder · 1 a

Não né? Roubar é crime, só isso. Textão pra que? 🤔

Curtir · Responder · 45 sem

Escreva uma resposta...

O autor de 13Com.Lula.Ep demonstra não ter lido a notícia, já que fala de militância do PT, seu objetivo é atacar os defensores de Lula e desacreditar que seja justa a defesa. Não apresenta nenhum conhecimento específico ligado à notícia, apenas desenvolve uma ideia divulgada em outros comentários de que aqueles que querem a prisão do candidato do PT são eleitores de outro candidato. Não questiona as informações que o jornal divulga e não procura saber as intenções por trás da reunião dos políticos. O autor do Com.R01 não trata o comentário principal com agressão, o Com.R01 procura uma interação de forma polida, usa o nome próprio do seu coenunciador para pedi-lo para ler as sentenças escritas pelo juiz Sérgio Moro a fim de garantir a prisão de Lula. O Com.R02 é uma resposta ao Com.R01 e usa da polidez negativa para inviabilizar a argumentação de defesa. Simplifica a acusação pela sentença “Roubar é crime, só isso” e procura tanto reforçar o consenso de alguns sobre Lula ter desviado fundos da Petrobras quanto garantir que o ponto de vista é errôneo. Em outras situações, os enunciadores procuram sempre a troca de ofensas e ameaças à face negativa, pois não há interesse de construir interação, somente firmar uma posição mais forte quanto ao ator social que desenvolve uma argumentação em oposição.

d) Moro em discussão

A Folha na matéria “Moro e Bloomberg recebem prêmio de ‘Pessoa do Ano’ nos EUA” explora a imagem do juiz responsável pela Lava Jato no âmbito da primeira instância. O prêmio foi conferido pela Câmara do Comércio Brasil-Estados Unidos, cuja sede fica em Nova York e, anualmente, elege um brasileiro e um americano que contribuíram com o comércio entre Brasil-Estados Unidos. Entre as personalidades agraciadas com o prêmio de pessoa do ano estão o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o atual governador de São Paulo, João Doria, e o Ministro da Fazenda do Governo FHC, Armínio Fraga. A maioria dos premiados são homens americanos, só uma mulher recebeu a premiação, a empresária cearense Yolanda Pontes Vidal Queiroz, dona do Grupo Edson Queiroz.

Segundo informações do Brazilian-American Chamber of Commerce (2019), a organização é uma entidade sem fins lucrativos e não governamental e tem por finalidade promover o comércio entre Brasil e Estados Unidos. A organização começou a atuar no ano de 1969 com o nome de Brazilian-American Chamber of Commerce, antes se chamava American-Brazilian Society e fora fundada em 1927. Sua atuação visa organizar encontros e audiência para viabilizar negociações e estreitar laços culturais e financeiros entre empresários brasileiros e americanos. O prêmio Person of the Year Awards foi criado em 1970 e teve como primeiros

premiados o brasileiro Antonio Delfim Netto, Ministro da Fazenda do Governo Costa e Silva durante a Ditadura Militar, e o americano George Moore, presidente do CitiBank.

Segundo a notícia da *Folha* (2018), o nome de Moro foi divulgado semanas depois da condenação de Lula a 9 anos e 6 meses em regime fechado. A organizadora do prêmio destacou a atuação do eleito por sua atividade no processo do Mensalão, na qual atuou com assessor da Ministra Rosa Weber (STF), e da Lava Jato. A *Folha* diz que o atual Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil fora indicado uma das personalidades do ano de 2016 pela Revista *Time* e figurou na lista da Revista *Fortune* de líderes mundiais.

A notícia da *Folha* tem a forma de release de assessoria, primeiro, por não questionar os critérios de seleção, pois se olharmos os antigos ganhadores a maioria está envolvida em atividades comerciais e financeiras (ex-ministros, presidentes de grupos financeiros e políticos), e, segundo, por não desenvolver nenhuma atividade ligada ao comércio ou diplomacia. A única fala a ilustrar a matéria é da entidade de organização do evento. Do ponto de vista da seleção de notícia, a matéria é relevante por envolver um personagem que ganhou destaque por ser juiz da Lava Jato do processo que envolve Lula e, da relevância social, a matéria não tem importância, pois a entidade que realiza a premiação não goza de grande destaque no cenário internacional, já que a instituição é brasileira e sem grande expressão nos EUA, sendo financiada por empresas interessadas em manter relações com o Brasil, e conta com a participação do Instituto Ling (China) e o Instituto Lemann (Brasil).

O foco dos comentários não é Moro ou o prêmio de “Pessoa do ano”, mas o auxílio-moradia que, como explicamos ao falarmos sobre o STF e o pedido de juízes, os comentaristas fazem questão de questionar sobre a legalidade e a moralidade de receber esse benefício garantido por Resolução N° 13 e 14 do Conselho Nacional de Justiça.

O 21Com.Moro.EP estrutura seu pensamento com base na ofensa e ameaça à face negativa de seu co-enunciador, para tanto chamou-os de “Os corruptos estão indignados porque Moro recebe auxílio-moradia”. A ofensa é seu objetivo, pois busca afirmar que todo aquele que diz que Moro comete um crime por receber auxílio-moradia é corrupto. Sua argumentação cai por terra ao dizer que também é contra o recebimento de auxílio. A habilidade leitora demonstrada é superficial, pois seu alvo não é a interpretação da notícia e da ação do jornal, mas apenas manifestar sua opinião sobre a atuação do ex-juiz e o recebimento de auxílio.

O Com.R01 tem por objetivo ofender o alvo da notícia, Moro, e o critica por não agir contra Aécio (na época senador por PSDB/MG) e Jucá (ex-senador do MDB/RR). Assim, afirma que o juiz é um bandido. A habilidade leitora se dá sobre a ação do ex-juiz e não sobre

a matéria, esquece que a ação do juiz sobre senadores é vetada por conta do foro privilegiado e existir processo contra os referidos no STF.

O Com.R02 (21Com.Moro.EP) demonstra saber poucas informações sobre a operação Lava Jato, pois afirma que os referidos políticos mencionados por Com.R01 não estão com processos na referida operação, fato errôneo já que ambos eram investigados pelo STF por participação de desvio de recursos da Petrobras.

O Com.R03 foge do tema trabalhado anteriormente sobre acusados da Lava Jato e foca na questão do auxílio-moradia, considera como algo imoral, se é algo negativo, a negatividade recai sobre quem recebe. Deste modo, para o comentarista, o ex-juiz é imoral por receber o auxílio tendo residência fixa em Curitiba.

O Com.R04 e Com.R05 produzidos pelo mesmo ator social procura atacar Com.R01 e Com.R03, no R04, busca ameaça à face negativa e desmerece sua posição de criticar a atuação do juiz, por isso manda-o estudar. Com.R01 demonstra desconhecimento quanto a operação da PF e a ação do juiz, mas o ofensor demonstra a mesma incapacidade de interpretação da notícia, quanto da ação do juiz. No R05, utiliza um argumento preconceituoso para comparar com o auxílio-moradia ser imoral: na questão, utilizou o seu ponto de vista de achar a homossexualidade como algo imoral. A infelicidade de sua argumentação torna o argumento inválido, pois não se apoia em uma dimensão de equidade para ser usado com argumento.

O Com.R06 é inusitado, mas trata-se de uma ironia, assim, o ato de fala é indiretivo e não configura uma ameaça à face, mas tem efeito negativo sobre o 21Com.Moro.EP, pois traz à discussão uma informação nova, o caso de Cláudia Cruz esposa do Deputado do MDB/RJ, Eduardo Cunha. A acusada foi inocentada por Moro, mas recebeu pena pela segunda instância do 4º TRF (Tribunal Regional Federal), mas fora esquecida pela mídia e não foi mencionada pela *Folha de São Paulo* ao citar Lula na notícia. A comentarista teve a habilidade leitora maior ao mostrar uma informação que se liga à Lava Jato e que não se manifesta na postagem no Facebook.

iii. Interação e colaboração entre os participantes

Segundo Castells (2003, p. 8), a “Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. Esse tipo de interação virtual tem levado a formação de bolhas, principalmente, nas redes sociais com o Facebook e o Instagram, em que o usuário passar a ter acesso, por conta de

filtros predefinidos pelas preferências do usuário, apenas aquilo que possa causar satisfação. Eli Pariser (2012) diz que essa sensação de satisfação é ilusória, já que, por meio do direcionamento daquilo que o usuário irá entrar em contato, suas escolhas não são definidas pela necessidade, mas por definições ou modelos sociais partilhados por grupos.

Em 2018, alguns jornais divulgaram que o Facebook²³ rastreia até o movimento do mouse de seus usuários, assim, os atores sociais, ao acessarem seus perfis nas redes sociais, vão deixando uma trilha de rastro, ao modo de João e Maria caminhando pela floresta a fim de não se perder, mas esses vestígios não garantem que o usuário não se perderá, mas garante triangular as preferências e projetar um cenário sempre atrativo para mantê-lo conectado. Os bancos de dados são construídos com informações dos usuários e com isso eles são agrupados em *fanpage* ou comunidades de modo a mantê-los sempre interligados e em troca comunicativa. Esses agrupamentos são organizados pelos algoritmos que comandam os sites e rede sociais e esse movimento leva o usuário a evitar se questionar sobre a sua identidade, pois cria o efeito de bolha e o isolar das zonas de desconforto.

Os filtros, no primeiro contato, buscam acompanhar, observar e armazenar informações sobre as escolhas do usuário, no segundo contato, passam a lhes ofertar informações pré-selecionadas a partir das informações colhidas no último acesso. Pariser (2012) explica que o Facebook filtra o que os usuários fazem por meio dos likes e pesquisas que acontecem no site, a posteriori, passam a filtrar as informações e as páginas que serão expostas aos usuários. O efeito bolha cria o aprisionamento dos atores sociais nas redes sociais, já que a tecnologia utilizada faz a filtragem da informação, com base nos temas e nos conceitos que os usuários utilizam, fazem o usuário criar um vínculo com a rede e se manter ligado ao suporte, pois pode manter contato com atores sociais e organizações com as quais criou vínculo. Os atores sociais atuam como *gatekeepers*²⁴ e selecionam, sem saber, aquilo que irá aparecer na sua *timeline*. Esses filtros fazem com que interação e colaboração no espaço das redes sociais fiquem dependentes de ações e percepções dos usuários e impacta no modo como as notícias passem a circular.

O principal efeito percebido é o isolamento dos atores sociais em grupos ou comunidades epistêmicas, assim, causam um efeito de circulação de informação tipificada e uma percepção falsa de pertencimento ao mesmo local de fala (todos podem falar) e de opinião

²³ <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/08/facebook-rastreia-ate-o-movimento-do-seu-cursor-do-mouse.html>

²⁴ Trata-se de um conceito jornalístico elaborado por Kurt Lewin, psicólogo alemão, para tratar do modo como se dava a seleção de notícias. Gatekeeper é aquele que define o que será noticiado de acordo como valor-notícia, linha editorial e outros critérios.

pública (maioria possuem o mesmo pensamento). O principal problema que emerge é o silenciamento do contraditório, ou seja, o usuário só tem acesso a informações predefinidas por suas escolhas e/ou compartilhada por amigos. Pariser (2012) ressalta que a bolha causa um desestímulo para o conhecimento do novo, pois se foca no desejo dos usuários em saber sobre coisas familiares levando-lhes a ficar disponível à doutrinação e à manipulação.



Os efeitos também são percebidos no modo como os sujeitos agem nos comentários das postagens da *Folha de São Paulo*, pois são, em muitos momentos, repetitivos e com uso elevados de ofensas e atos ameaçadores à face negativa de atores sociais que manifestam opiniões contrárias a determinados grupos sociais ou comunidades. Goffman (1980) percebeu que o indivíduo age de maneira calculada para revelar ao outro a impressão adequada que irá possibilitar receber uma resposta satisfatória específica que lhe interesse, para tanto constrói uma face (positiva/negativa) a fim de viabilizar se atendido (BROWN & LEVINSON, 1987).



No início da Internet, o uso se dava orientado para aproximação de atores sociais distantes, pois a distância física era um obstáculo à troca de informação. Com o advento das redes sociais, a interatividade e os novos gêneros textuais modificaram os modos como os atores sociais se relacionam no espaço virtual. Goffman (1996) defende que ambiente social é qualquer espaço limitado por barreiras edificadas pela percepção e que obrigue um modo particular de atividade. A *fanpage* da *Folha de São Paulo* é o ambiente de relacionamento social em que encontraremos os atores sociais que se apresentam aos demais seguidores e projetam uma linha de conduta que o leve a ser identificado de acordo com o seu grupo ou comunidade epistêmica a qual faz parte. O espaço virtual de interação deveria projetar regras de polidez e decoro, mas, ao contrário, motivados pelas diferenças de ponto de vista e pela distância física, desenvolvem seus diálogos baseados na troca de ofensas e ameaças, entretanto, quando compartilham o mesmo ponto de vista, o diálogo é orientado por marcas de polidez e decoro.



Na parte destinada aos comentários, é importante deixar claro que no interior das *fanpages* de jornais, de acordo com Goffman (1996), as pessoas se apresentam sob máscaras, máscaras essas construídas pela posição ideológica que assumem para si, ou seja, o papel que cada ator social irá exercer estará dependente da plateia ao qual assiste a essa manifestação que representa.



09Com.Lula.EP



Com.R01 e Com.R05



 Sendo perseguido até o osso. Ou melhor: de maneira kafkiana. A intenção da direita é matar Lula de um AVC ou ataque cardíaco. Quem não perceber isso é um completo idiota.  3
 Curtir · Responder · 1 a · Editado





 Idiota é vc que acredita nisso
 esquerdopata nato  2
 Curtir · Responder · 1 a

 O LULA É AMIGUINHO DO SARNEY E DO CALHEIROS NE  1
 Curtir · Responder · 1 a

 Alienados nível Mad Max.  1
 Curtir · Responder · 1 a

 Se for essa a intenção estamos na torcida.  2
 Curtir · Responder · 1 a

 vc é o autêntico TAPADO.  2
 Curtir · Responder · 1 a

 Escreva uma resposta...   

O comentário principal (09Com.Lula.EP) assume como máscara a defesa de Lula e, para tanto, diz que a perseguição ao candidato do PT é feita ao modo kafkiana (faz referência ao texto “O processo”, Franz Kafka, em que um funcionário de banco é acusado por dois policiais de praticar suborno, assim, é acusado e processado, sem ter cometido o referido crime. O texto de Kafka aborda a arbitrariedade do processo judicial que, por meio do autoritarismo, condena o indivíduo sem dar condições suficientes para provar-se inocente). Essa imagem projetada no comentário tem por finalidade marcar a sua posição social dentro da *fanpage* da *Folha*, a fim de garantir ser ouvido por quem assume outra posição e por aqueles identificados pela mesma posição social.

Cada ambiente social exige de seus membros um conjunto de regras a que se deve obedecer. Embora a *fanpage* da *Folha* não tenha formulado uma regra social para a interação, os atores sociais em interatividade passaram a se comportar, nos espaços destinados aos comentários, de forma polarizada (aqueles que defendem Lula e aqueles que são entusiastas de Bolsonaro). Essa polarização levou os atores sociais a marcarem em seus discursos os pontos de vista assumidos e como devem agir uns com os outros. O 09Com.Lula.EP faz questão de usar as palavras “direita” e “Lula” de modo a construir de onde fala e contra quem fala e projetar a imagem de um sujeito de valores ligados à esquerda. Ao mesmo tempo em que marca sua

posição na interação com os outros seguidores da *fanpage*, marca a quem seus comentários se voltam e como será tratado pelos demais seguidores.

As notícias da *Folha* sobre a Lava Jato iniciam em 17 de março de 2014²⁵, mesmo dia em que foi deflagrado a operação. No dia 14/11/2014²⁶, a *Folha* publicou a cronologia geral sobre a Operação Lava Jato, em que cerca de 50 políticos de seis partidos estariam envolvidos, sendo os partidos: PT, PSDB, PMDB, PP, SD e PTB. Entretanto, até o presente momento, apenas 13 políticos estão presos, sendo 5 do PT e 4 do PMDB, os demais dos PP, SD e PTB. Colocamos essas duas notícias como marco para a construção do Discurso anti-PT e anti-comunismo que se seguiu após a vitória apertada de Dilma Rousseff em 2014 com 54.501.118 votos (51,64%), seu opositor conseguiu 51.041.155 votos (48,36%), sendo que as abstenções totalizaram 30.137.479 (21,1% do total).

Podemos dizer que a ideologia se mede por meio da capacidade de grupo social de mobilizar forças e usar seu poder para intervir nas práticas sociais, assim, a formulação de um sentimento de anti-PT e anti-comunismo não é novo, mas, mediante um cenário de caos político, seria necessário criar um sentimento de anti-política e, em seguida, demonizar um partido ou visão ideológica. Quanto mais notícias sobre a Lava Jato ganhava as páginas de jornais e postagens no Facebook, crescia o sentimento de anti-política e culminou no anti-PT. De modo geral, Brown e Levinson (1987) argumentam que, apesar da construção de uma imagem pública (petistas ou bolsonaristas) ser definida de acordo com a cultura, há dois pontos tácitos: a necessidade de conhecer as regras de comunicação de cada ambiente de interação e a necessidade do falante se orientar nessas regras.

Goffman (1996) explica que as regras sociais são construídas de modo invisível, assim, a existência e a percepção pelos seguidores da *fanpage* da *Folha* de existir os que apoiam o Bolsonaro e os que defendem corruptos. Tal dicotomia se intensificou com a vitória de Bolsonaro em 2018, pois ocorreu a legitimação de um tipo de discurso marcado pela violência e defesa de discurso contra as minorias.

Seara e Cabral (2017) dizem que o uso da cortesia no espaço virtual busca estabelecimento, manutenção e reforço da relação interpessoal e reforço de uma imagem. Olhando para o comentário de 09Com.Lula.EP, percebemos que o uso do tom de destrato se origina na situação de atrito entre dois pontos de vistas, já que não existe uma regra de decoro na página, todo ato de fala é justo, assim, a troca de ofensas se dá entre aqueles que pensam diferente e a manutenção da polidez para indivíduos que compartilham o mesmo ponto de vista.

²⁵ <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2014/03/1426654-operacao-da-pf-prende-condenado-pelo-mensalao.shtml>

²⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1548049-entenda-a-operacao-lava-jato-da-policia-federal.shtml>

Assim, os comentários na *fanpage* da *Folha* são o palco privilegiado para o atrito, primeiro, pela ação da produção de postagem se alimentar da polêmica, segundo, pela ausência de uma tentativa de acordo ou um ponto de convergência. 09Com.Lula.EP tratou de considerar idiota os atores sociais que não defendem a tese de perseguição ao Lula, o que motiva Com.R01 a se manifestar negativamente, pois ocorreu uma ameaça à face negativa possível pela ofensa, o que legitima seu desejo de responder no mesmo tom e devolver a ofensa: “idiota é vc” e “esquerdopata”.

Até aqui, examinamos os comentários on-line em postagens da *Folha de São Paulo* no Facebook sobre a perspectiva das estruturas sociais que são projetadas no texto. No próximo tópico, veremos como a estrutura do gênero comentário on-line é construída e como são projetados por meios dos aspectos linguísticos a estrutura social de modo a revelar a relação intrínseca entre as condições de contexto e as condições de texto.

4.2. Sistema de crenças sociais: cognição, sociedade e discurso

Algumas observações são propostas por van Dijk (1971) sobre o estudo do texto e, por conseguinte, do discurso que, em muitas situações, são ouvidas pela análise de texto e de discurso. Todos os elementos anteriores (condições de contexto) que se manifestam na linguagem²⁷ como sistema psicológico e social, isto é, signos e símbolos, são expressões de textos e não expressões de frases. Vemos que muito mais que simples adoção de uso de uma regra gramatical, temos um texto que se manifesta de modo expressivo, pensemos a marcação de número executada por atores sociais ligados ao pensamento de esquerda. Atores sociais usam o plural de primeira pessoa de modo a congregar os outros atores na ação executada por um que ocupa uma posição hierárquica maior. Assim, a marcação de número não pode ser vista apenas por questões gramaticais, mas pelas condições discursivas e sociais implicadas no seu uso.

Cada usuário da língua tem capacidade de processar (produzir, receber, interpretar) todo texto com um todo de coerência e não apenas como uma sequência de sentenças. Assim, não questionaremos se os comentários têm ou não coerência, ou se as sentenças mantêm laços de coesão com a postagem ou outros comentários. Deste modo, assumimos que os textos são coerentes em função de sua relação com o sentido global e local implicado na situação comunicativa e por seu objetivo comunicacional.

²⁷ O sentido implicado no termo se dá pela união entre as estruturas sociais e estruturas linguísticas, ou seja, cultura e sistema linguístico.

De modo geral, os falantes de língua portuguesa gozam de condições de reconhecer os diferentes tipos de relações entre as frases que compõem um texto do qual o discurso é uma performance. Este fato permite que os seguidores da *fanpage* da *Folha* interpretem os textos produzidos pelo jornal e os textos produzidos por outros seguidores, além de perceber os mais gramaticais dos menos gramaticais.

Como usuários da língua portuguesa e leitores, os seguidores da *fanpage* da *Folha* são capazes de reconhecer diferentes relações intertextuais e interdiscursivas que não estão ligados a estruturas frasais: paráfrases, resumos, perguntas/respostas, referências a outros textos, etc.

Fundamentalmente, o processamento de texto se dá não pelo processamento termo a termo ou literalmente pela programação das estruturas de frases, mas pela formação de macroestruturas (subjacentes) a organização dos textos e por condições extralinguísticas que orientam a interpretação das estruturas.

As estruturas linguísticas são ativadas e orientadas para dar conta das condições de contexto, ou seja, as implicações vistas no tópico 4.1 são marcos de orientações para a seleção dos elementos e das formas linguísticas, já que atuam como modelos cognitivos de interação. Van Dijk (1980) explica que as estruturas linguísticas são colocadas em uso com base no processamento cognitivo e atuam como princípios cognitivos envolvidos e restringidos pelas estruturas sociais, assim, ao produzir ou ao interpretar, as restrições sociais e as representações cognitivas desempenham um papel funcional na atividade comunicativa.

Van Dijk (1982) explica que essas restrições e representações atuam como modelos cognitivos de orientação do processamento de texto, assim, os seguidores da *Folha* no Facebook utilizam não apenas conhecimento linguístico, enciclopédico e situacional, como também opiniões e atitudes instaladas na memória semântica e episódica que atuam no estabelecimento da coerência global e local, possibilitando a construção de comentários baseados em valores pessoais e de grupos aos quais estão inseridos. Van Dijk (2016) afirma que, para se dar o processamento de discurso, é necessária uma quantidade de informações textual e contextual, sendo que as informações instaladas estão organizadas como quadros, scripts, esquemas e/ou modelos cognitivos. Deste modo, tais modelos servem ao processamento e à produção de texto/discurso, assim, atitudes, opiniões e crenças sociais são informações utilizadas pelos seguidores da *Folha* para manifestar-se num gênero, fundamentalmente opinativo, e o fazem utilizando a língua e a situação comunicativa sobre a influência de seus conhecimentos pessoais e sociais sobre pessoas, objetos, eventos, ações e episódios. Tais crenças sociais atuam não só como modelos avaliativos, mas também interferem no modo como compreendem as

informações, sendo resultado de uma representação subjetiva de um discurso na memória episódica.

4.2.1. Conhecimento prévio e crenças sociais (ideologias, atitudes, opiniões públicas, preconceitos e representações sociais)

Os estudos desenvolvidos no âmbito da Psicologia Cognitiva, Social e na Inteligência Artificial deram luz ao processamento do discurso e reconheceu que a compreensão do discurso, bem como sua produção, não só pressupõe o conhecimento linguístico, mas também o conhecimento do mundo, práticas sociais e culturais. Compreensão e representação cognitiva de situações sociais em particular são um componente crucial dos processos de produção e compreensão do discurso. Esses conhecimentos de mundo vão sendo acomodados na memória episódica (modelos mentais pessoais) e entram em contato com a memória semântica, assim, se projetam na forma de modelos de situação. São estruturas formais construídas pela experiência pessoal e a interação em grupos sociais, se comportando como representações de fragmentos do mundo aos quais as expressões linguísticas ganham valor significativo de verdade. Individualmente, os modelos de situação são modelos de memória episódica e atuam como mapas cognitivos parciais, subjetivos e relevantes do mundo real. Diante disso, as narrativas noticiosas do *Jornal Folha de São Paulo* são entendidos como um modelo de situação para que os seguidores do jornal possam manifestar opiniões, valores, crenças, ideologias e preconceitos na forma de comentário on-line. Ver quadro a seguir.

Tabela 14 – Modelos de situações propostos pela *Folha de São Paulo*.


MODELOS DE SITUAÇÃO PROPOSTOS PELA FOLHA			
Lula	Bolsonaro	STF	Moro
Culpado e condenado	Escolhido do Mercado Financeiro e afetados do DataFolha	Comportamento Legal	Pessoa do ano


Fonte: desenvolvida pelo autor


Tais modelos formais são, por assim dizer, representações de fragmentos do mundo em relação aos quais as expressões são significativas, ou pode ser atribuído um valor de verdade. Os correlatos psicológicos dessa noção são modelos em memória episódica (por isso também

chamados de modelos episódicos), os seguidores são levados a buscar na memória episódica situações parecidas entre seus modelos mentais para compreender e produzir discurso. Atuando como mapeamentos cognitivos parciais, subjetivos e relevantes do mundo real, os modelos mentais são também modelos de situações sociais, pois são modelos episódicos de situações específicas que servem como base para futuras respostas ou modelos de compreensão. Em vez de fragmentos ou situações do mundo real, os modelos cognitivos fornecem a base referencial para a interpretação de discurso. A sua localização na memória episódica sugere que os modelos são estruturas integradas de experiências anteriores de atores sociais, pois representam o conhecimento pessoal e crenças das pessoas sobre eventos e situações concretas. Isto significa, também, que os modelos são a base experiencial para as experiências mais gerais e quadros abstratos ou scripts em memória (semântica), como foi discutido em trabalho recente de van Dijk (2011 e 2016). A noção de modelo de van Dijk (2016b) está próxima do que Schank (1982) chamou de *script* mas, a fim de evitar confusões, usaremos a noção de modelos mentais pessoais, ficando o termo *script* apenas para o sentido mais abstrato, geral e descontextualizado. Modelos de situação subjetiva não só apresentam conhecimento sobre eventos concretos, mas também crenças e opiniões (crenças avaliativas). Finalmente, os modelos podem ter uma natureza analógica, ou seja, incorporar propriedades espaciais ou outras propriedades figuradas de eventos e situações.


A *Folha* utiliza os modelos de situação de modo contínuo para reforçar um determinado ponto de vista que reflete os anseios de seus leitores. Como vimos na sessão anterior, os nomes “Lula” e “Moro” sempre estão associados, quando um é mencionado, o outro é referido, sempre ressaltando que o primeiro foi condenado pelo segundo (Anexos X). O nome “Lula” é retomado nos comentários principais e comentários-resposta por expressões “ficha suja”, “criminoso”, “corrupto”, “ladrão”, “bandido”, “condenado”, “presidiário” e “carcereiro”, o que reflete a variabilidade de modelos mentais pessoais, que revelam o modo como os sujeitos têm avaliado a principal figura do PT.

 Tudo isto é medo do Jair Messias Bolsonaro!!! Todos os partidos ganham do Lula em segundo turno, mas o Bolsonaro ganhar logo no primeiro turno.





Curtir · Responder · 1 a  3

 Ótimo, então vamos deixar Lula concorrer pra ver o que acontece, né?



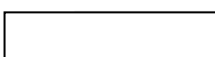










Curtir · Responder · 1 a

 Criminoso condenado a 12 anos e 1 mês de cadeia não pode ser candidato. Senão candidato à Papuda.

Curtir · Responder · 1 a

Os modelos mentais sociais propostos pela *Folha* têm a forma de um modelo de situação, já que passam a direcionar a compreensão e produção de textos, assim, se difere dos modelos mentais particulares e/ou pessoais, mas podemos erguer modelos mentais gerais por meio de uma troca comunicacional entre atores sociais de um dado grupo. Modelos particulares representam informações únicas sobre uma situação específica, por exemplo, o que agora está a ser processado Lula, os comentários revelam dois modelos particulares. Os modelos gerais podem combinar informações de vários modelos particulares sobre o mesmo ou o mesmo tipo de situação. Os modelos específicos podem conter as novas informações com as quais modelos gerais são atualizados. Assim, Schank (1982) diz que o processo de lembrar pode envolver a recuperação de um modelo particular anterior e/ou a recuperação de um modelo geral sobre uma situação que é reconhecida.

-  Tenho medo de pensar nas bobagens q esse senhor disse
Curtir · Responder · 1 a  3
-  Tenha não,ele não vai te fazer nenhum mal.
Curtir · Responder · 1 a  2
-  Esse senhor aprovará leis que protegerá seus filhos seu trouxa
Curtir · Responder · 1 a  4
-  Esse deve ser mais um Zé droguinha.
Curtir · Responder · 1 a  1
-  Provavelmente ele falou no meio dos financistas "Só não te estupro pq vc é feia" "Filho gay tem q bater até virar homem" "Só tive filha mulher quando dei uma fraquejada" "BAndido bom é bandido morto" "Quilombolas devem pesar umas 100 arrobas" "Mulher tem q ganhar menos pq engravida"... só palavras de sabedoria para os tubarões das finanças
Curtir · Responder · 1 a
-  Pelo menos eles não eram racistas e misoginos, o q ja os torna mil vezes melhor do q esse pulha
Curtir · Responder · 1 a
-  Anderson Campos Racismo e preconceito estão sendo superados, a igualdade é para todos. Vc quer então um analfabeto que se aproveitou da estabilidade do plano real, quebrou a petrobrás, e uma presidanta, até alfabetizada, mas tinha idéias como "estocar o vento", "saudar a mandioca", é esse tipo de gente que tu quer?
Curtir · Responder · 1 a  1
-  Aposto que tinha orgulho da mulher sapiens, da estocagem do vento e daquele português fluído digno de uma presidentA instruída nos melhores estábulos da frança.
Curtir · Responder · 1 a

Dilma Rousseff, ex-presidenta do Brasil, é lembrada, por Com.R06, por dois episódios: “saudar a mandioca” e “estocar de vento”. Esses episódios são sempre retomados para se referir à ex-presidenta, mas possuem um valor negativo, pois é seguido pela expressão “é esse tipo de gente que tu quer?”. Os modelos gerais que parecem ser socialmente relevantes podem ser transformados em *frames* ou *scripts* em memória semântica (social), por exemplo,

através de mais abstração, generalização e descontextualização. Esses processos de *script* são revelados por Com.R04 ao citar a fala de Bolsonaro, em 2018, durante sua campanha para presidente, “Filho gay tem que apanhar até virar homem”, o que revela uma memória semântica associada à defesa de um ideal de masculinidade tóxica que prejudica a vida em sociedade. Portanto, agora temos uma transição gradual de modelos pessoais e particulares, através de modelos mais gerais, para quadros gerais ou *scripts* socialmente compartilhados. O fato de Com.R04 citar tais trechos como algo negativo revela que os modelos mentais sociais são sistema de valores e crenças sociais que orientam os comportamentos e as produções de discursos, basta ler o Com.R7 que revela a misoginia ao se referir à presidenta, além de relembrar a situação referida da estocagem de vento.

Tabela 15 - Sistema de crenças sociais sobre o entorno de “Lula” e “Bolsonaro”

MEMÓRIA EPISÓDICA					
Comunidades epistêmicas		Pró-Bolsonaro		Pró-Lula	
<i>Modelos Mentais Pessoais</i>	<i>Lula</i>	Criminoso Ficha suja	Corrupto Ladrão	Condenação irresponsável Perseguido	injustiçado
	<i>Bolsonaro</i>	#Bolsonaro2019 Mito	#Bolsonaro2018 Jair se acostumando	Trapilho Bolsotário	Mico Bolsolixo
<i>Atitudes / Conhecimentos de grupo</i>		Nominalização depreciativa “Luladrão” “mortadelas” “esquerdopatas” Prática racistas, homofóbicas, xenofóbicas e misóginas.	Ataques e ofensas a membros de outro grupo epistêmico	Nominalização depreciativa “bolsominions” “bolso lixo” “burros” “doentes”	Ataques e ofensas a membros de outro grupo epistêmico
<i>Ideologias e valores</i>		Conservador e extrema-direita, defesa da família, liberdade individual e redução do estado.		Esquerda, centro-esquerda, defesa de igualdade de gênero, respeito racial e busca melhor distribuição de renda.	
<i>Conhecimentos gerais e socioculturais</i>		Folha de São Paulo Lava Jato Prática racistas, homofóbicas, xenofóbicas e misóginas.	Caso de Lula Estilo de fazer política no Brasil	Folha de São Paulo Lava Jato Prática racistas, homofóbicas, xenofóbicas e misóginas.	Caso de Lula Estilo de fazer política no Brasil
<i>Crítérios epistêmicos do grupo epistêmico</i>		Anti-política, anti-petismo, anti-comunismo		Defesa de igualdade de gênero, respeito racial e busca melhor distribuição de renda.	

Fonte: desenvolvido pelo autor (2019)

A análise revelou que existe um laço forte entre cognição, sociedade e discurso, possível pela articulação das estruturas sociais e estruturas linguísticas em interface com a estrutura cognitiva. Assim, os modelos mentais devem ser entendidos como o resultado de compreender e avaliar eventos em situações sociais, agindo como a base pessoal e experiencial para a formação de quadros, roteiros ou atitudes.

Os modelos apresentados nos comentários incorporam o conhecimento e as crenças dos usuários da língua, que estão subjacentes na compreensão e na produção do discurso executada. Tais modelos são o ponto de partida para a produção do discurso, por fornecer as informações que podem ser usadas (ou deve permanecer implícito) na geração da base semântica de um discurso. As estratégias de textualização e discursivização são usadas para a busca, recuperação e seleção de informação de modelos de situação para a manifestação no texto, por isso, em muitos comentários, os usuários não retomavam conteúdos oriundos das postagens, mas se apoiavam nos modelos de situação. Isso evidencia que a construção do sentido não se baseia apenas no domínio de um código linguístico, mas, também, nos elementos extralinguísticos e nos conhecimentos prévios e socioculturais, sem os quais não poderíamos entender e se fazer entender nos mais variados momentos de interação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição.” (SAUSSURE, 1975, p. 86)

O processamento e a compreensão leitora do discurso são atividades complexas que requerem do leitor não apenas o conhecimento linguístico, enciclopédico e situacional, mas conhecimento dos modelos situacionais e conhecimento do mundo, para além de uma visão ideológica ou presa nos critérios epistêmicos de uma comunidade ou grupo de atores sociais. Para uma excelente compreensão leitora, van Dijk (2016b) entende que a representação cognitiva das situações sociais é um componente crucial dos processos de produção e processamento de discurso. Esses modelos situacionais são construções da memória de trabalho dos atores sociais e atuam em ligação às representações sociais para o processamento de discurso. Procuramos discutir, ao longo da dissertação, como esses modelos são responsáveis pela construção do discurso violento em comentários on-line de atores sociais às postagens do Jornal Folha de São Paulo no Facebook. Ressaltamos que os discursos proferidos pelos atores sociais só são possíveis pela relação entre estruturas linguísticas e estruturas sociais mediadas com a atuação da cognição.

Percebemos que os modelos semânticos soerguidos dos comentários on-line desempenham um papel importante para a compreensão das postagens da Folha. Esses modelos semânticos funcionam como representações de fragmentos do mundo em relação aos quais tais modelos atuam expressivamente e/ou significativamente e acabam por receber um valor de verdade. Os modelos semânticos assumidos por um grupo não são questionados por seus membros, pois reproduzem e replicam sem questionar o discurso que foi erguido pelo grupo ou comunidade epistêmica ao qual faz parte. Van Dijk & Kintsch (1983) explicam que esses modelos são mapas mentais parciais, subjetivos e relevantes do mundo real e, por consequência, modelos de situação. Esses modelos são utilizados como estrutura de base para a interpretação dos discursos e são ativos no momento em que a memória episódica apontam experiências anteriores do indivíduo. Por serem subjetivos, os modelos de situação não só apresentam um conhecimento sobre eventos concretos, mas também crenças e opiniões (crenças avaliativas).

Kintsch & van Dijk (1978) perceberam que a compreensão leitora tem por objetivo construir na mente do leitor uma representação do texto na memória de longo prazo: memória

episódica e memória semântica. Quando olhamos os processamentos de leitura daqueles que comentaram as postagens da *Folha* no Facebook, percebemos que se baseiam não na postagem, mas em informações e modelos de situação já retidos na memória de longo prazo, a memória de trabalho só recupera as informações pontuais presentes na superfície da postagem (título e imagem), ficando o hiperlink apenas como uma possibilidade de acesso de mais informações. Assim, as postagens atuam como ativadores de informações presentes na memória semântica e episódica e os comentários refletem os modelos semânticos e episódicos já adquiridos e que não sofrem alterações, pois não há aquisição de novas informações. A leitura das postagens levaria os atores sociais à aquisição e ao uso de informações causando modificações e transformações dos modelos mentais. O que se percebeu foi o reforço da polarização entre eleitores de Lula e de Bolsonaro, mas essa polarização tem a ação refletida pela participação dos veículos de comunicação no tratamento da informação. No caso de Lula, a *Folha* em todas as notícias sobre a Lava Jato associava a imagem do candidato do PT às informações que trazia sobre a operação de corrupção na Petrobras. Essas informações reforçavam o modelo de situação em que Lula é tomado como principal agente de corrupção e o principal alvo da operação da Polícia Federal e do Ministério Público do Paraná.

Entretanto, é importante fazer uma distinção entre modelos de situação particular e geral. Além dessa distinção, percebemos que alguns modelos particulares são assumidos por grupos epistêmicos específicos, assim, diferentes modelos particulares se opõem com base na ideologia definida e nos conhecimentos associados a determinados grupos de atores sociais. Os modelos gerais são aqueles que foram manifestados pela *Folha de São Paulo* e envolvem traços e informações de vários modelos particulares, embora os seus modelos de situação optem por um posicionamento mais à direita ou de manutenção do *status quo* de seus leitores, consumidores e anunciantes. As variabilidades da composição dos modelos da *Folha de São Paulo* causam diferentes interpretações da visão ideológica da instituição, pois, em muitos comentários, o jornal passa uma imagem de jornal de esquerda. Esses modelos de situação “Folha, jornal de esquerda” emerge das pautas e alguns editoriais relativos a temas polêmicos: casamento gay, adoção por casais LGBT, meio ambiente, violência contra mulher e outras questões que, no contexto dos anos 2016 e 2018, foram interpretadas como pautas da esquerda. Tais temas não são de esquerda ou de direita, mas pautas relevantes para grupos e subgrupos particulares, mas são explorados pelo referido jornal por um viés polêmico a fim de gerar citação ao jornal e estimular visita ao seu site ou mesmo compartilhamento de suas postagens.

Os modelos de situação e as ideologias são os principais atributos que orientam a construção do discurso violento e a caracterização da forma de interação nos comentários on-

line na *fanpage* da *Folha de São Paulo* no Facebook. Os modelos de situação funcionam como quadros e *scripts* da memória semântica e são abstrações gerais dos conhecimentos sociais de um grupo epistêmico que foram construídos por meio das generalizações de modelos pessoais e particulares dos membros que se transformaram em quadros ou roteiros gerais socialmente compartilhados. Uma característica básica do modelo de situação é que a representação construída tem de ser facilmente recuperada, eficaz e apresentar sempre a complementação de informação sobre a situação ou evento social ao qual faz menção. Ou seja, o objeto de discurso construído no interior do texto deve estabelecer coerência global a situação ao qual se propõe estabelecer ligação e avaliação. Na nossa pesquisa, não estabelecemos um diálogo entre a proposta de modelo de situação de van Dijk (1978, 1980, 1982, 2016a e 2016b) e a teoria da referenciação de Cavalcante (2011, 2012, CAVALCANTE, BIASI-RODRIGUES & CIULA, 2003, CAVALCANTE & LIMA, 2013, CAVALCANTE, CUSTÓDIO & BRITO, 2014), que podem auxiliar no entendimento das ideias de construção referencial do texto e o processamento de informações do texto, além de ampliar os estudos em referenciação e do referente como objeto sociocognitivo.

O estudo que emerge da relação entre os modelos de situação e os processos referenciais permitiram a Linguística Textual dar um salto qualitativo e enveredar pelo caminho da análise de discurso, já que o seu objeto tem se restrito a observar a estruturação da língua na composição de texto e como se constrói a ligação (coesão e coerência) dos elementos linguísticos e textuais para a construção de sentido, e Van Dijk (1977, 1980a, 1980b, 1982 e 1983) tem estudado a organização textual-discursiva na construção de discursos preconceituosos. Essas observações podem ajudar Linguística Textual e Análise do Discurso Crítica a entender a polêmica e o discurso violento, já que o sentido não simplesmente se baseia numa relação estrutural de base sintática e lexical, mas está intimamente ligado às condições contextuais específicas e tão particulares que, em muitos casos, os atores sociais produzem discurso violento e polêmica sem se dar conta de preconceitos e atitudes valorativas depreciativas manifestadas em suas proposições.

A construção do discurso violento se dá por uma série de mecanismos linguísticos-cognitivos particulares que, em muitos estudos, ficam periféricos, assim, as observações das estruturas sociais e sua interação com as estruturas linguísticas pela cognição faz o discurso emergir de modo a expressar ideias polêmicas só reconhecíveis pela observação de um modelo situacional particular e específico. As estruturas sociais se manifestam sobre três condições de base: situação experimental, propriedades dos participantes e da atividade comunicativa e

atividade experimental. Cada uma das condições sociais se desdobra em subestruturas específicas e se expressam na forma de estrutura linguística, para fazer entender.

Os três mecanismos mostram que o discurso violento não se dá no vazio, mas é parte integrante de um contexto comunicativo. Os atores sociais, para se encaixarem no contexto comunicativo, devem ter na memória uma representação do contexto (condições sociais para construção de discurso). Esse modelo de contexto contém informações sobre o ambiente e as marcas temporais, por ser uma rede social, não existe passado ou futuro, o tempo se dá sempre no presente ou um eterno presente que pode ser recuperado pelos participantes. O espaço de sociabilização possibilita a interação de sujeitos de diferentes regiões, saberes e culturas, já que se trata de uma *fanpage* de jornal com alcance nacional. Sobre a questão espacial e temporal, não se pode ter certeza de um controle temporal e espacial de quem comenta na *fanpage*, o que torna a troca comunicativa orientada não mais por questões de região, idade e gênero, mas o choque ideológico dos atores sociais.

Os mecanismos contextuais atuam como modelos para a produção do discurso e seus objetivos, além de controlar o estilo de composição, atuam também sobre o conteúdo e, por consequência, quais informações devem ser recuperadas do modelo de situação. Van Dijk (2016b) explica que o modelo de contexto pode até proibir determinados temas e modos de atuação dos participantes. Nas redes sociais, os participantes agem com mais liberdade do que em outros ambientes, já que não existe uma regra proibitiva a determinados temas ou modos de expressão, assim, o modelo de situação e o modelo de contexto possibilitam aos atores sociais a manifestar livremente seus pensamentos e valores, o que torna possível a polêmica e o discurso violento. O modelo contextual funciona como um sistema de controle, pois regula o fluxo de informação entre a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. Isso explica a padronização de informação entre os indivíduos do mesmo grupo epistêmico nas postagens sobre Lula, Bolsonaro, STF e Moro. Van Dijk (1977, 1980 e 1981) explica que o controle faz a criação de roteiros e tópicos a serem utilizados de modo a facilitar a interpretação e o reconhecimento dos membros de um mesmo grupo. O *corpus* escolhido não possibilitou detectar a estrutura em que se manifesta o discurso violento, entretanto, em alguns comentários, apareceram metáforas preconceituosas: “bumbum guloso”, “falou de tal modo, já sei que queima a rosca”, bem como outras estruturas. Tais construções depreciativas foram possíveis pela necessidade dos participantes de trocarem ofensas e recorriam sempre a traços de homofobia e xenofobia para reduzir a fala do outro ator social pertencente ao grupo epistêmico oposto.

Existe uma relação entre conhecimento epistêmico e sistema de crenças sociais que se faz ver por meio da seleção semântica escolhida pelo ator social para expressar seu ponto de vista na forma de comentário on-line. As bases semânticas do discurso são orientadas nos comentários pelos valores sociais e pelas crenças que os atores sociais tomam por verdade e são extraídas dos modelos de situação, embora possam ser incluídos nos conhecimentos mais gerais que absorvem, seja da *Folha de São Paulo*, seja de outros meios de informação. Os modelos semânticos de cada grupo assumem pontos de articulação opostos e estão ligados a sistemas de crenças sociais diferentes (direita e esquerda), pois cada comunidade epistêmica tem sistemas de valores particulares e compartilhado por seus membros.

Os sistemas de crenças sociais não são orientadores apenas da seleção semântica, mas atuam sobre o modo como os atores sociais devem agir com os membros do grupo e com os grupos exteriores. Os dados mostraram que as atitudes polidas eram praticadas com atores sociais do mesmo grupo epistêmico, além de agirem em comum e procurarem se apoiar; para com os outros, eram utilizadas atitudes indiretivas ou polidez negativa com intenção de ameaçar a face do interlocutor, embora não pudemos identificar precisamente as ideologias, pois os comentários tinham como tema específicos atores sociais e instituições específicas, o que impossibilita a determinação. Entretanto os atores sociais que defendiam Bolsonaro e apoiavam Moro mostraram-se mais suscetíveis de demonstrar atitudes homofóbicas, xenofóbicas e sexistas, já aqueles que defendiam a candidatura de Lula optavam por atitudes de impolidez e foco em comparações e metáforas sobre a inteligência dos seus interlocutores.

Esta dissertação não focou de modo ostensivo nas crenças sociais que levam a prática preconceituosa, mas o modelo de análise de van Dijk (2016) permite a análise mais estruturada da prática, recorrente, nos últimos anos, discursiva violenta. O discurso violento não foi identificado de modo contínuo no *corpus*, por conta dos modelos de situação e contextual orientarem a uma construção textual focada em Lula, Bolsonaro, STF e Moro. Assim, outras pesquisas em linguística podem tratar sobre o tema por meio de um *corpus* oriundo do twitter ou postagens que tratem de temas polêmicos como LGBT, violência contra mulher, racismo, etc. Nossa dissertação procurou mostrar a intensa relação entre os modelos mentais sociais e a produção discursiva executada pelos membros de determinadas comunidades epistêmicas. Pelo *corpus* ser formado por textos de atores sociais de diferentes partes do Brasil, os comentários on-line no Facebook revelaram que os atores sociais compartilham modelos situacionais comuns, além de representações sociais na memória episódica e servem como modelos de compreensão e avaliação de eventos ou situações sociais. Tais estratégias de textualização e discursivização visam não só a construção de discursos, mas a manutenção e

veiculação de conhecimentos produzidos pelos grupos epistêmicos. Os modelos de situação e de contexto mostram que o uso da língua não se limita ao domínio das regras gramaticais e conhecimento do mundo, mas também de uma série de saberes construídos ao longo da experiência social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDERSON, J. R. Concepts, propositions, and schemata: What are the cognitive units? Nebraska Symposium on Motivation. Lincoln: University of Nebraska Press, 1980.

ASCH, S. E. Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290. 1946.

ASCH, S. E. Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290, 1946. Acesso em 01/08/2018 em <https://psycnet.apa.org/record/1946-04654-001>

BADDELEY, A. D. *Working memory, thought, and action*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007. Acesso em 08/12/2018 em <http://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780198528012.001.0001/acprof-9780198528012>

BADDELEY, A. D. *Working memory, thought, and action*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007. Acesso em 01/08/2018 em <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198528012.001.0001>

BADDELEY, A.; CONVAY, M.; AGGLETON, J. (Eds.). *Episodic memory. New directions in research*. Oxford: Oxford University Press, 2002. <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198508809.001.0001>

BARGH, J. A., CHEN, M., & BURROWS, L. Automaticity of social behavior: Direct effects of trait construct and stereotype activation on action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 230-244, 1996. Acesso em 01/08/2018 em <https://www.psychologytoday.com/files/attachments/5089/barghchenburrows1996.pdf>

BARON-COHEN, S., RING, H., MORIARTY, J., SHMITZ, P., COSTA, D., & ELL, P. (1994). Recognition of mental state terms: A clinical study of autism, and a functional imaging study of normal adults. *British Journal of Psychiatry*, 165, 640-649, 1994. Acesso em 08/01/2018 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7866679>

BARONE, D. F., MADDUX, J. F., & SNYDER, C. R. (ebook). *Social cognitive psychology: History and current domains*. New York: Plenum Publishing Corporation, 1997.

BARSALOU, L. W. Concepts: Structure. In A. E., Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of psychology* (Vol. 2, pp. 245-248). New York: Oxford University Press (American Psychological Association), 2000. Acesso 01/08/2018 em https://www.regents.ac.uk/study/psychotherapy-psychology/bsc-hons-psychology?gclid=EAIaIQobChMI_YK0u8CK4QIVD4ORCh2aVQtyEAAYASAAEgIFNfD_BwE

BARSALOU, L. W. Grounded cognition. *Annual Review of Psychology*, 59, 617-645, 2008. Acesso em 01/08/2018 em <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093639>

BARSALOU, L. W. Perceptual symbol systems. *Behavioral and Brain Sciences*, 22, 577-660, 1999. Acesso em 01/08/2018 em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.4.5511&rep=rep1&type=pdf>

BARTHOLOW, B. D. Event-related brain potentials and social cognition: On using physiological information to constrain social-cognitive theories. *Social Cognition*, 28, 723-747, 2010. Acesso em 02/08/2018 em <https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/soco.2010.28.6.723>

BERKOWITZ, L., & DEVINE, P. G. Has social psychology always been cognitive? And what is cognitive anyhow? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 686-703, 1995. Acesso em 03/08/2018 em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0146167295217004>

BERTOLINI, J. *Discurso e poder na narrativa midiática: notas entre Foucault e jornalismo*. Revista Temática/UFPB. v. 12, n. 12 (2016)

BLESS, H., FIEDLER, K., & STRACK, F. *Social cognition. How individuals construct social reality*. Hove, UK: Psychology Press. 2004.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BREWER, M. B. Social cognitive neuroscience: Where are we heading? *Trends in Cognitive Sciences*, 8, 216-222, 1988. Acesso em 05/08/2018 em [https://www.cell.com/trends/cognitive-sciences/fulltext/S1364-6613\(04\)00085-3?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS1364661304000853%3Fshowall%3Dtrue](https://www.cell.com/trends/cognitive-sciences/fulltext/S1364-6613(04)00085-3?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS1364661304000853%3Fshowall%3Dtrue)

BRUNER, J. S., & TAGIURI, R. (1954). The perception of people. In G. Lindzey, & E. Aronson (Eds.), *Handbook of social psychology*, (vol. 2, pp. 634-654). Reading, MA: Addison-Wesley, 1954. Acesso em 10/09/2018 em <http://faculty.wcas.northwestern.edu/bodenhausen/BH09.pdf>

CAP, P.; OKULSKA, U. (Eds.). *Analyzing Genres in Political Communication: Theory and Practice*. Amsterdam: Benjamins, 2013. CLARK, H. H. *Using Language*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1996. Acesso em 01/08/2018 em <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620539>

CHARTRAND, T. L., & BARGH, J. A. (1999). The chameleon effect: The perception--behavior link and social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 893-910, 1999. Acesso em 15/08/2018 em <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.76.6.893>

CHOMSKY, N. (1959). Review of Skinner's Verbal Behavior. *Language*, 35, 26-58. Acesso em 09/05/2018 em http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/chomsky_1958_skinners_verbalbehavior.pdf

CLANCEY, W. J. Scientific antecedents of situated cognition. In P. Robbins, & M. Aydede. *The cambridge handbook of situated cognition* (pp. 11-34). New York: Cambridge University Press, 2009. Acesso em 08/07/2018 em http://assets.cambridge.org/97805218/48329/frontmatter/9780521848329_frontmatter.pdf

CLANCEY, W. J. *Situated cognition: On human knowledge and computer representations*. New York: Cambridge University Press, 1997. Acesso em 05/07/2018 em http://comphacker.org/pdfs/631/situated_cognition.pdf

CLARK, A. *Supersizing the mind. Embodiment, action and cognitive extension*. Oxford: Oxford University Press, 2008. Acesso em 06/10/2018 em <http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Clark-Supersizing-the-mind-excerpt.pdf>

COIMBRA, M. O discurso do ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada. ABCIBER 2016. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

COLE, Mike; ENGSTRON, Yrjö. A culturalhistorical approach to distributed cognition. In: SALOMON, GAVRIEL. *Distributed Cognitions: psychological and educational considerations*. Cambridge: CUP, 1993. p. 1–46.

COLLINS, A. M.; QUILLIAN, M. R. Experiments on semantic memory and language comprehension. In: GREGG, L. W. (Ed.). *Cognition and learning*. New York: Wiley, 1972.

CROCKER, J. (1999). Social stigma and self-esteem: Situations construction of self-worth. *Journal of Experimental Social Psychology*, 35, 89-107, 1999. Acesso em 09/11/2018 em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022103198913695>

CUNNINGHAM, W. A., JOHNSON, M. K., GATENBY, J. C., GORE, J. C., & BANAJI, M. R. (2003) . Neural components of social evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 639-649, 2003. Acesso em 05/08/2018 em <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.85.4.639>

DEVINE, P. G., AMODIO, D. M. & HARMON-JONES. Individual differences in the activation and control of affective race bias as assessed by startle eye blink response and self-report. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 738-753. 2003.

DEVINE, P. G., AMODIO, D. M. & HARMON-JONES. Individual differences in the activation and control of affective race bias as assessed by startle eye blink response and self-report. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 738-753, 2003. acesso no dia 01/08/2018 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12703646>

DIAS, Cristiane and COUTO, Olivia Ferreira do. *As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. Ling. (dis)curso* [online]. 2011, vol.11, n.3 [cited 2018-01-19], pp.631-648. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322011000300009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1982-4017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322011000300009>.

DUCLOS, S. E., LAIRD, J. D., SCHNEIDER, E., SEXTER, M., STERN, L., & VAN LIGHTEN, O. Emotion-specific effects of facial expressions and postures on emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 100-108, 1989. Acesso em 05/09/2018 em http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/emotion-specific_effects_of_facial_expressions_and_postures_on_emotional_experience.pdf

DURANTI, A.; GOODWIN, C., (Eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

DUVEEN, G. (2000). The power of ideas: Introduction to S. Moscovici. In G. Duveen (Ed.), *Social representations: Explorations in social psychology* (pp. 1-17). Cambridge: Polity Press, 2000. Acesso em 05/10/2018 em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=5FD983EEEC589AF63114BE727183F3A9?doi=10.1.1.489.1125&rep=rep1&type=pdf>

EAGLY, A. H., & CHAIKEN, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich, 1993. Acesso em 05/08/2018 em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/mar.4220120509>

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. *The psychology of attitudes*. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

EISENBERGER, N. I., LIEBERMAN, M. D., & WILLIAMS, K. D. Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion. *Science*, 302, 290-292, 2003. Acesso em 05/08/2018 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14551436>

ELOI PINTO, L; RIBEIRO, M. *A Influência dos haters na pauta jornalística: Caso de racismo com a jornalista brasileira Maju*. Intercom. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2478-1.pdf> Acesso em: 18 dez. 2017.

FARR, R. M. *The roots of modern social psychology*. Oxford: Blackwell, 1996. Acesso em 06/08/2018 em file:///C:/Users/lee_d/Downloads/TheRootsofModernSocialPsychologyBook.pdf

FAZIO, R. H., SANBONMATSU, D. M., POWELL, M. C., & KARDES, F. R. (1986). On the automatic activation of attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 229-238, 1986. Acesso em 06/07/2018 em http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/on_the_automatic_activation_of_attitudes.pdf

FESTINGER, L. *A theory of cognitive dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1957. Acesso em 05/09/2018 em https://www.researchgate.net/publication/291356571_Cognitive_Dissonance_Theory_Festinger

FISKE, S. T. Thinking is for doing: Portraits of social cognition from Daguerreotype to laserphoto. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 877-889. 1992.

FISKE, S. T., & NEUBERG, S. L. A continuum of impression formation from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 23, pp. 1-74). San Diego, CA: Academic Press. 1990

FISKE, S. T., & TAYLOR, S. E. *Social cognition* (2nd ed.). New York, NY: McGraw-Hill. 1991.

FISKE, S. T., & TAYLOR, S. E. *Social cognition: From brains to culture*. New York: McGraw-Hill, 2008. Acesso em 05/10/2018 em https://taylorlab.psych.ucla.edu/wp-content/uploads/sites/5/2014/11/Social-Cognition-and-Health-chapter_Carlston.pdf

FISKE, S. T., GILBERT, D. T., & LINDZEY, G. *Handbook of social psychology* (5th ed.). New York, NY: John Wiley & Sons. 2010

FORGAS, J. P. . What is social about social cognition. *British Journal of Social Psychology*, 22, 129-144. 1983.

FORONI, F., & SEMIN, G. R. Language that puts you in touch with your bodily feelings. The multimodal responsiveness of affective expressions. *Psychological Science*, 20, 974-980. 2009

FORONI, F., & SEMIN, G. R. Language that puts you in touch with your bodily feelings. The multimodal responsiveness of affective expressions. *Psychological Science*, 20, 974-980, 2009. Acesso em 06/09/2018 em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9280.2009.02400.x?journalCode=pssa>

FOUCAULT (Michel). *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis — Vozes. Lisboa — Centro do Livro Brasileiro. 1972, p. 9-79.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREITAS, M. L. T. *Narrativas de si em cena: a dramaturgia das interações no Twitter*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE.

FRITH, C., & FRITH, U. Interacting minds: A biological basis. *Science*, 286, 1692-1965. 1999

FUNDER, D. C. Errors and mistakes: Evaluating the accuracy of social judgment. *Psychological Bulletin*, 101, 75-90. 1987. Acesso em 05/10/2018 em <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0033-2909.101.1.75>

GARCIA-MARQUES, & L. GARCIA-MARQUES (Eds.), *Textos fundamentais. Estereótipos e cognição social* (pp. 11-25). Lisboa: ISPA, 2003. Acesso em 05/08/2018 em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v25n1/v25n1a06.pdf>

GARCIA-MARQUES, L. (2001). *Relatório sobre o programa, os conteúdos e os métodos de ensino da disciplina de cognição social*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

GARCIA-MARQUES, L., & FERREIRA, M. Friends and foes of theory construction in psychological science: Vague dichotomies, unified theories of cognition, and the new experimentalism. *Perspectives on Psychological Science*, 6, 192-201, 2011. Acesso em 05/08/2018 em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1745691611400239?journalCode=pssa>

GARCIA-MARQUES, L., GARRIDO, M. V., HAMILTON, D., & FERREIRA, M. Effects of correspondence between encoding and retrieval organization in social memory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48, 200-206, 2014. Acesso em 05/08/2018 em <https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1001628363>

GARCIA-MARQUES, L., SANTOS, A. S., & MACKIE, D. M. (2006). Stereotypes: Static abstractions or dynamic knowledge structures? *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 814-831, 2006. Acesso em 08/08/2018 [https://books.google.com.br/books?id=DbEpAAAAQBAJ&pg=PA144&lpg=PA144&dq=Garcia-Marques,+L.,+Santos,+A.+S.,+%26+Mackie,+D.+M.+\(2006\).+Stereotypes:+Static+abstractions+or+dynamic+knowledge+structures?+Journal+of+Personality+and+Social+Psychology,+91,+814-831.&source=bl&ots=XSLpUs21k_&sig=ACfU3U25CSZnW0qZkPT-A6fcUSHVsH2hkQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwits-SFx4rhAhWbLLkGHWr1C9wQ6AEwAnoECAQQAQ#v=onepage&q=Garcia-Marques%2C%20L.%2C%20Santos%2C%20A.%20S.%2C%20%26%20Mackie%2C%20D.%20M.%20\(2006\).%20Stereotypes%3A%20Static%20abstractions%20or%20dynamic%20knowledge%20structures%3F%20Journal%20of%20Personality%20and%20Social%20Psychology%2C%2091%2C%20814-831.&f=false](https://books.google.com.br/books?id=DbEpAAAAQBAJ&pg=PA144&lpg=PA144&dq=Garcia-Marques,+L.,+Santos,+A.+S.,+%26+Mackie,+D.+M.+(2006).+Stereotypes:+Static+abstractions+or+dynamic+knowledge+structures?+Journal+of+Personality+and+Social+Psychology,+91,+814-831.&source=bl&ots=XSLpUs21k_&sig=ACfU3U25CSZnW0qZkPT-A6fcUSHVsH2hkQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwits-SFx4rhAhWbLLkGHWr1C9wQ6AEwAnoECAQQAQ#v=onepage&q=Garcia-Marques%2C%20L.%2C%20Santos%2C%20A.%20S.%2C%20%26%20Mackie%2C%20D.%20M.%20(2006).%20Stereotypes%3A%20Static%20abstractions%20or%20dynamic%20knowledge%20structures%3F%20Journal%20of%20Personality%20and%20Social%20Psychology%2C%2091%2C%20814-831.&f=false)

GARNHAM, A. Mental models as representations of discourse and text. Chichester, West Sussex, England; New York: E. Horwood Halsted Press, 1987.

GARRIDO, M., GARCIA-MARQUES, L., & HAMILTON, D. (2014). Hard to recall but easy to judge: Retrieval strategies in social information processing. *Social Cognition*, 2014. Acesso em 05/08/2018 em https://www.researchgate.net/publication/233834068_Effects_of_correspondence_between_encoding_and_retrieval_organization_in_social_memory

GENTNER, D.; STEVENS, A. L. (Eds.). Mental models. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1983.

GIVÓN, T. Context as Other Minds. The pragmatics of Sociality, Cognition and Communication. Amsterdam: Benjamins, 2005.

GOLDMAN, A. I. Simulating minds. The philosophy, psychology, and neuroscience of mindreading. Oxford: Oxford University Press, 2006. <http://dx.doi.org/10.1093/0195138929.001.0001>

GRAESSER, A. C.; GERNSBACHER, M. A.; GOLDMAN, S. R. (Eds.). Handbook of discourse processes. Mahwah, N.J.: L. Erlbaum, 2003.

GUSNARD, D. A., AKBUDAK, E., SHULMAN, G. L., & RAICHLE, M. E. (2001). Medial prefrontal cortex and self-referential mental activity: relation to a default mode of brain function. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 98, 4259-4264, 2001. Acesso 07/09/2018 em <https://www.pnas.org/content/98/7/4259>

HAMILTON, D. L., DEVINE, P. G., & OSTROM, T. M. (1994). Social cognition and classic issues in social psychology. In P. G. Devine, D. L. Hamilton, & T. M. Ostrom (Eds.), *Social cognition: Impact on social psychology* (pp. 1-13). San Diego, CA: Academic Press.

- HAMILTON, D. L., DEVINE, P. G., & OSTROM, T. M. (1994). Social cognition and classic issues in social psychology. In P. G. Devine, D. L. Hamilton, & T. M. Ostrom (Eds.), *Social cognition: Impact on social psychology* (pp. 1-13). San Diego: Academic Press, 1994. Acesso em 08/08/2018 em https://www.researchgate.net/publication/301350736_Cognicao_Social_Social_Cognition
- HEIDER, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley &
- HIGGINS, E. T. (1989). Knowledge accessibility and activation: Subjectivity and suffering from unconscious sources. In J. S. Uleman & J. A. Bargh (Eds.), *Unintended thought* (pp. 75-123). New York, NY: Guilford Press.
- HIGGINS, E. T. (2000). Social cognition: Learning about what matters in the social world. *European Journal of Social Psychology*, 30, 3-39, 2000. Acesso em 06/09/2018 em [https://psycnet.apa.org/doi/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(200001/02\)30:1%3C3::AID-EJSP987%3E3.0.CO;2-I](https://psycnet.apa.org/doi/10.1002/(SICI)1099-0992(200001/02)30:1%3C3::AID-EJSP987%3E3.0.CO;2-I)
- HIGGINS, E. T., & BRENDL, M. (1995). Accessibility and applicability: Some “activation rules” influencing judgment. *Journal of Experimental Social Psychology*, 31, 218-243.
- HIGGINS, E. T., & KRUGLANSKI, A. W. (1996). *Social psychology: Handbook of basic principles*. New York, NY: The Guilford Press.
- HIGGINS, E. T., & SEMIN, G. R. (2001). Communication and social psychology. In N. J. Smelser, & B. Balts (Eds.), *International encyclopedia of social & behavioral sciences* (pp. 2296-2299). Oxford: Pergamon, 2001. Acesso em 08/08/2018 em <http://www.u.arizona.edu/~jharwood/pdf/Oxford%20Encyc%20of%20Psych%20acrefore-9780190236557-e-290.pdf>
- HIGGINS, E. T., BARGH, J. A., & LOMBARDI, W. J. (1985). Nature of priming effects on categorization. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 11, 59-69.
- HIGGINS, E. T., HERMAN, P. C., & ZANNA, M. P. (1981). *Social cognition: Ontario Symposium*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- HINSZ, V. B., TINDALE, R. S., & VOLLRATH, D. A. (1997). The emerging conceptualization of groups as information processors. *Psychological Bulletin*, 121, 43-64, 1997. Acesso em 07/11/2018 em <https://pdfs.semanticscholar.org/9730/e067afde135996417c27abb549e33518cc21.pdf>
- HOGG, M. A., & Cooper, J. (Eds.) (2003). *Sage handbook of social psychology*. London, UK: Sage.
- HOLLAN, James; HUTCHINS, Edwin; KIRSH, David. *Distributed cognition: toward a new foundation for human-computer interaction research*. ACM Transactions on Computer Human Interaction (TOCHI), v. 7, n. 2, p. 174– 196, 2000.
- HUTCHINS, E. (1995). *Cognition in the wild*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HUTCHINS, E. (1995). *Cognition in the wild*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995. Acesso em 06/10/2018 em <https://mitpress.mit.edu/books/cognition-wild>

HUTCHINS, Edwin. *The technology of team navigation*. In: GALEGHER, JOLENE; KRAUT, ROBERT; EGIDO, CARMEN. *Intellectual Teamwork: social and technological foundations of cooperative work*. Hillsdale, N. J: LEA, 1990. p. 191–220.

HUTCHINS, Edwin.. *Cognition in the wild*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995a.

HUTCHINS, Edwin.. *Cognitive artifacts*. 2002. Disponível em: <http://ai.ato.ms/MITECS/Entry/hutchins> . Acesso em: 26 out. 2017.

HUTCHINS, Edwin.. *Distributed cognition*. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Elsevier Science, p. 1–10, 2000. HUTCHINS, Edwin; KLAUSEN, Tove. *Distributed Cognition in an Airline Cockpit*. In: MIDDLETON, DAVID; ENGESTRON, YRJÖ. *Communication and cognition at work*. Cambridge: CUP, 1996.

HUTCHINS, Edwin.. *How a cockpit remembers its speeds*. *Cognitive Science*, n. 19, p. 265–288, 1995b.

KIRSH, D. The intelligent use of space. *Artificial intelligence*, 73, 31-68, 1995. Acesso em 08/09/2018 em <https://philarchive.org/archive/KIRTIU>

LAIRD, J. D. (1974). Self-Attribution and emotion: The effect of expressive behavior on the quality of emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29, 475-486, 1974. Acesso em 06/11/2018 em https://www.researchgate.net/profile/James_Laird2/publication/18350968_Self-attribution_of_emotion_The_effects_of_expressive_behavior_on_the_quality_of_emotional_experience/links/54e3a1eb0cf2dbf60693a60e.pdf

LAKOFF, G. *Moral politics: How liberals and conservatives think* (2nd Ed.). Chicago: University of Chicago Press, 2002. Acesso em 06/11/2018 em https://the-eye.eu/public/concen.org/UChicagoPress.Ebook.Pack-2016-PHC/9780226467719.UChicago%20Press.Moral%20Politics_%20How%20Liberals%20and%20Conservatives%20Think%2C%20Second%20Edition.George%20Lakoff.May%2C2002.pdf

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAMBRECHT, K. Information structure and sentence form. Topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 1994. <http://dx.doi.org/10.1017/cbo9780511620607>

LEVINE, J., RESNICK, L., & HIGGINS, E. (1993). Social foundations of cognition. *Annual Review of Psychology*, 44, 588-612, 1993. Acesso em 09/09/2018 em http://www-personal.umich.edu/~itm/688/wk10%20-%20emotional%20design/_o/LevineEtAl-SociallySharedCognition-AnnRevPsych93.pdf

LEVINSON, S. C. Deixis. Entry in the *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1993.

LIEBERMAN, M. D. (2010). Social cognitive neuroscience. In S. Fiske, D. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.). *Handbook of social psychology* (5th ed.) (pp. 143-193). New Jersey: John Wiley & Sons, 2010. Acesso em 09/11/2018 em <http://pzacad.pitzer.edu/~hfairchi/courses/Spring2015/Psych%20103/Principles-of-Social-Psychology-1st-International-Edition-1415042666.pdf>

LIEBERMAN, M. D., HARIRI, A., JARCHO, J. J., EISENBERGER, N. I., & BOOKHEIMER, S. Y. An fMRI investigation of race-related amygdala activity in African--American and Caucasian-American individuals. *Nature Neuroscience*, 8, 720-722, 2005. Acesso 09/12/2018 em https://sanlab.psych.ucla.edu/wp-content/uploads/sites/31/2015/05/Lieberman_race-2005.pdf

LIEBERMAN, M. D., JARCHO, J. M., BERMAN, S., NALIBOFF, B., SUYENOBU, B. Y., MAN-DELKERN, M., et al. (2004). The neural correlates of placebo effects: a disruption account. *NeuroImage*, 22, 447-455, 2004. Acesso em 09/12/2018 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15110038>

LUKES, S. Power. A radical view. Houndmills, Basingstoke, Hampshire New York: Palgrave Macmillan, 2004.

MCGUIRE, W. J., & MCGUIRE, C. V. (1988). Content and process in the experience of self. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 21, pp. 97-144). New York: Academic Press, 1988. Acesso 08/11/2018 em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0065260108602257>

MOSKOWITZ, G. B. *Social cognition: Understanding self and others*. New York: Guilford Press, 2005.

MOSKOWITZ, G. B. *Social cognition: Understanding self and others*. New York: Guilford Press, 2005. Acesso em 08/10/2018 em <https://www.guilford.com/books/Social-Cognition/Gordon-Moskowitz/9781593850852>

NORENZAYAN, A., & SCHWARZ, N. (1999). Telling what they want to know: Participants tailor causal attributions to researchers' interests. *European Journal of Social Psychology*, 29, 1011-1020, 1999. Acesso em 08/12/2018 em https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/34565/974_ft.pdf?sequence=1

NORMAN, Donald. *Cognitive artifacts*. In: CARROLL, JOHN MILLAR (Org.). *Designing Interaction: psychology at the human-computer interaction interface*. New York: Cambridge University Press, 1991.

OAKHILL, J.; GARNHAM, A. Interpreting elliptical verb phrases at different times of day: Effects of plausibility and antecedent distance. *Language and Speech*, 30(2), 145-157, 1987.

PALMA, T., GARRIDO, M. V., & SEMIN, G. R. (2011). Grounding person memory in space: Does spatial anchoring of behaviors improve recall?. *European Journal of Social Psychology*, 41, 275-280, 2011. Acesso 08/10/2018 em <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/grounding-person-memory-in-space-does-spatial-anchoring-of-behaviors-improve-recall/3010>

PIAGET, J. *The origins of intelligence in children*. New York: International University Press, 1952. Acesso em 08/12/2018 em https://www.pitt.edu/~strauss/origins_r.pdf

PLOTKIN, H. C. *Necessary knowledge*. Oxford; Toronto: Oxford University Press, 2007.
<http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198568285.001.0001>

PRATKANIS, A. R.; BRECKLER, S. J.; GREENWALD, A. G. (Eds.). *Attitude structure and function*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1989.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHODEWALT, F., & AUGUSTSDOTTIR, S. (1986). Effects of self-presentation of the phenomenal self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 47-53, 1986. Acesso em 05/08/2018 em
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.452.8545&rep=rep1&type=pdf>

ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, N.J.; New York: L. Erlbaum Associates, distributed by Halsted Press, 1978.

ROYCE, T. D.; BOWCHER, W. L. (Eds.). *New directions in the analysis of multimodal discourse*. Mahwah, N.J.: L. Erlbaum Associates, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHACTER, D. L., & TULVING, E. *Memory systems*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994. Acesso 05/09/2018 em http://alicekim.ca/_1MemorySystems94_2.pdf

SCHALLER, M., & CONVEY III, L. G. (1999). Influence of impression management goals on the emerging contents of group stereotypes: Support for a social--evolutionary process. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 819–833, 1999. Acesso em 05/012/2018 em https://www.researchgate.net/publication/29444662_The_substance_of_prejudice_biological_and_social-evolutionary_perspectives_on_cognition_culture_and_the_contents_of_stereotypical_beliefs

SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. 2. ed. Malden, Mass.: Blackwell, 2013. SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEMIN, G. R. (2000). Agenda 2000: Communication: Language as an implementational device for cognition. *European Journal of Social Psychology*, 30, 595--612.

SEMIN, G. R., & SMITH, E. Interfaces of social psychology with situated and embodied cognition. *Cognitive Systems Research*, 3, 385-396, 2012. Acesso em 06/12/2018 em https://www.researchgate.net/publication/222693499_Interfaces_of_social_psychology_with_situated_and_embodied_cognition

SEMIN, G. R., GARRIDO, M. V., & PALMA, T. A. Socially situated cognition: Recasting social cognition as an emergent phenomenon. In S. Fiske, & N. Macrae (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Cognition* (pp. 143--169). California: Sage, 2014. Acesso em 06/09/2018 em
https://www.researchgate.net/publication/273945580_Socially_situated_cognition

SHERMAN, S. J., JUDD, C. M., & PARK, B. (1989). Social cognition. In M. R. Rosenzweig, & L. W. Porter (Eds.), *Annual Review of Psychology*, (Vol. 40, pp. 281-326). Palo Alto, CA: Annual Reviews, Inc.

SHIPLEY, T. F.; ZACKS, J. M. (Eds.). *Understanding events. From perception to action*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2008. <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195188370.001.0001>

SIMPSON, J. A., & KENRICK, D. T. *Evolutionary social psychology*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. Acesso em 06/01/2019 em https://sites.lsa.umich.edu/esplab/wp-content/uploads/sites/168/2014/10/Kenrick_Evolution-chapter2003.pdf

SKINNER, B. F. Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958, 1963. Acesso em 06/12/2018 em <http://people.whitman.edu/~herbawt/classes/360/Skinner.pdf>

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York: Macmillan, 1953. Acesso em 06/12/2018 em <http://www.bfskinner.org/newtestsite/wp-content/uploads/2014/02/ScienceHumanBehavior.pdf>

SLEZAK, P. (1989). Scientific discover by computer as refutation of the strong pro-gramme. *Social Studies of Science*, 19, 563-600, 1989. Acesso em 06/12/2018 em https://www.researchgate.net/publication/249722030_Scientific_Discovery_by_Computer_as_Empirical_Refutation_of_the_Strong_Programme

SMITH, E. R. (1988). Category accessibility effects in a simulated exemplar-based memory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 24, 448-463, 1988. Acesso em 05/07/2018 em <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/0022103188900303>

SMITH, E. R., & CONREY, F. R. The social context of cognition. In P. Robbins, & M. Aydede. *The cambridge handbook of situated cognition* (pp. 454-466). New York: Cambridge University Press, 2009. Acesso em 06/12/2018 em https://www.researchgate.net/publication/235559341_Situated_cognition

SMITH, E. R., & SEMIN, G. R. Situated Social Cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 132-135, 2007. Acesso em 06/12/2018 em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8721.2007.00490.x?journalCode=cdpa>

SMITH, E. R., & SEMIN, G. R. Socially situated cognition: Cognition in its social context. *Advances in Experimental Social Psychology*, 36, 53-117, 2004. Acesso em 05/12/2018 em <https://research.vu.nl/en/publications/socially-situated-cognition-cognition-in-its-social-contextSons>.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: Communication and cognition*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. STEWART, A. *Theories of power and domination. The politics of empowerment in late modernity*. London Thousand Oaks, Calif.: SAGE, 2001.

SWANN, W. B., JR. The quest for accuracy in person perception: A matter of pragmatics. *Psychological Review*, 91, 457-477. 1984. Acesso em 05/12/2018 em <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0033-295X.91.4.457>

TITSCHER, S.; MEYER, M.; WODAK, R.; VETTER, E. Methods of text and discourse analysis. London: Thousand Oaks; Calif.: SAGE, 2000.

TOMASELLO, M. Origins of Human Communication. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

TULVING, E. Episodic memory: From mind to brain. *Annual Review of Psychology*, 53 (1), 1-25, 2002. Acesso 05/12/2018 em
<http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135114>

TULVING, E.; CRAIK, F. I. M. (Eds.). *The Oxford handbook of memory*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000.

TULVING, E.; CRAIK, F. I. M. (Eds.). *The Oxford handbook of memory*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000.

VAN DIJK, T. A. Discurso-cognição-sociedade. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016a. Acesso 05/12/2018 em
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/23189/15076>

VAN DIJK, T. A. Acceptability in context. In: S. Greenbaum (Ed.), *Acceptability in Language*. (pp. 39-62). The Hague: Mouton, 1977.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Cognitive context models and discourse. In M. Stamenow (Ed.). *Language Structure, Discourse and the Access to Consciousness*. (pp. 189-226). Amsterdam: Benjamins, 1997. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Cognitive processing of literary discourse. *Poetics Today*, 1, 1979, 143-160. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Cognitive situation models in discourse production. The expression of ethnic situation models in prejudiced stories. In: J.P. Forgas, (Ed.) *Language and social situations*. (pp. 61-79). New York: Springer, 1985.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Context and cognition. Knowledge frames and speech act comprehension. *Journal of Pragmatics* 1, 1977, 211-232.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Context and Experience Models in Discourse Processing. In Herre van Oostendorp & Susan Goldman (Eds.), *The construction of mental representations during reading*. (pp. 123-148). Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1999. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Context. In: Tracy (Ed.), *International Encyclopedia of Language and Social Interaction*. London: Wiley-Blackwell, 2015.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Contextual knowledge management in discourse production. A CDA perspective. Published in Ruth Wodak and Paul Chilton (Eds.), *A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis*. (pp. 71-100) Amsterdam: Benjamins, 2005.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Critical Discourse Studies; A sociocognitive Approach (new version) In Ruth Wodak & Michael Meyer(Eds.), *Methods of critical discourse analysis*. Third Edition. (pp. 63-85). London: Sage, 2015. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Dialogue and cognition In: L. Vaina & J. Hintikka, (Eds.) *Cognitive constraints on communication*. Dordrecht: Reidel, 1983, 1-18.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse and cognition in society. In D. Crowley & D. Mitchell, *Communication Theory Today*. (pp. 107-126). Oxford: Pergamon Press, 1993.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse and Knowledge. In James Paul Gee & Michael Handford (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*. (pp. 587-603). London: Routledge, 2012.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse meaning and memory. Review article of W. Kintsch, The Representation of Meaning in Memory. *Journal of Reading Behavior* 8, 1976.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, 8(1), 159-177, 2006.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse, ideology and context. *Folia Linguistica*, XXX/1-2, 2001, 11-40.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse, knowledge and ideology. In Martin Pütz, JoAnne Neff & Teun A.

VAN DIJK, T. A. Discourse, Knowledge, Power and Politics. Towards Critical Epistemic Discourse Analysis. In: Christopher Hart (Ed.), *Critical Discourse Studies in Context and Cognition*. (pp. 27-63). Amsterdam: Benjamins, 2011.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse-Cognition-Society. Current State and Prospects of the Socio-Cognitive Approach to Discourse. In: Christopher Hart and Piotr Cap (Eds.), *Contemporary Critical Discourse Studies*. (pp. 121-146). London: Bloomsbury, 2014.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Episodic models in discourse processing In: R. Horowitz & S.J. Samuels, (Eds.) *Comprehending oral and written language*, 161-196. New York: Academic Press, 1987.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Ideology and Discourse. In: Michael Freedon, Lyman Tower Sargent & Marc Stears (Eds.), *The Oxford Handbook of Political Ideologies*. (pp. 175-196). Oxford: Oxford University Press, 2013. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Ideology. In: *The International Encyclopedia of Political Communication*. Gianpietro Mazzoleni, General Editor, and Kevin Barnhurst, Ken'ichi Ikeda, Rousiley Maia, Hartmut Wessler, Associate Editors. London: Wiley-Blackwell, 2015.
<http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Knowledge and News. *Revista Canaria de Estudios Ingleses* 49, noviembre 2004, pp. 71-86. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Knowledge in parliamentary debates. *Journal of Language and Politics* , 2(2003), 93-129. Special issue on identity politics. Ed. by Paul Chilton. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Knowledge, Discourse and Domination. In: Michael Meeuwis & Jan-Ola Östman (Eds.), *Pragmaticizing Understanding. Studies for Jef Verschueren*. (pp. 151-196). Amsterdam: John Benjamins, 2012. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Macro Contexts. Lecture First International Conference on Discourse and Intercultural Relations, University of Murcia, September 2004. In U. Dagmar Scheu Lottgen & José Saura Sánchez (Eds.), *Discourse and International Relations*. (pp. 3-26). Bern: Lang, 2007. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Opinions and attitudes in discourse comprehension. In: J.F. Le Ny & W. Kintsch, (Eds.) *Language and comprehension*. Amsterdam: North Holland, 1982, 35-51. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Opinions and ideologies in the press. Paper Round Table on Media Discourse, Cardiff, July 8-10, 1995. Published in Allan Bell and Peter Garrett (Eds.), *Approaches to Media Discourse*. (pp. 21-63). Oxford: Blackwell, 1998. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Political discourse and political cognition. In Paul A. Chilton & Christina Schäffner (Eds.), *Politics as Text and Talk*. Analytical approaches to political discourse. (pp. 204-236). Amsterdam: Benjamins, 2002. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Pragmatics, presuppositions and context grammars In: S.J. Schmidt, (Ed.) *Pragmatik/Pragmatics II* . Munich: Fink, 1976, 53-82. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Relevance assignment in discourse comprehension. *Discourse Processes* 2, 1979, 113-126. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Relevance in text and context. In: S. Allen, (Ed.) *Text processing* . Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1982, 415-432. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Semantic Macro-Structures and Knowledge Frames in Discourse Comprehension. In Marcel Adam Just and Patricia A. Carpenter (Eds.) *Cognitive Processes in Comprehension*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

VAN DIJK, T. A. Social cognition and discourse. In: H. Giles & R.P. Robinson (Eds.), *Handbook of social psychology and language*. (pp. 163-183). Chichester: Wiley, 1989. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.

- VAN DIJK, T. A. Social cognition, social power and social discourse. *Paper for the International Conference on Social Psychology and Language*. Bristol, July 1987. TEXT, 8, 129-157. Text 8 (1988). <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. Sociocognitive Discourse Studies. In John Richardson & John Flowerdew (Eds.). *Handbook of Discourse Analysis*. London: Routledge, 2016b. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. Specialized discourse and Knowledge. A case study of the discourse of modern genetics. En E. M. Morato, A. C. Bentes & M. L. Cunha Lima (Eds.), Homenagem a Ingedore Koch. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 44, Unicamp, Campinas, Brasil, 2003, pp. 21-56. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. Structures and strategies of discourse and prejudice. Social psychological and methodological perspectives. In: J.P. van Oudenhoven & T.M. Willemsen (Eds.), *Ethnic minorities. Social psychological perspectives*. (pp. 115-138). Amsterdam/Lisse: Swets & Zeitlinger, 1989. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. The cognitive representation of attitudes and prejudice. In *Forum linguisticum*, Vol 7: 3, 1983. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. The Discourse-Knowledge Interface. In Gilbert Weiss & Ruth Wodak (Eds.), *Critical Discourse Analysis. Theory and Interdisciplinarity*. (pp. 85-109). Houndsmills, UK: Palgrave-MacMillan, 2003. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- VAN DIJK, T. A. Towards a model of text comprehension and production. With Walter Kintsch. *Psychological Review* 85, 1978, 363-394. <http://www.discourses.org/download/articles/> Acesso em 05/12/2018.
- WEGNER, D. M. Transactive memory: A contemporary analysis of the group mind. In B. MULLEN, & G. R. GOETHALS (Eds.), *Theories of group behavior* (pp. 185-208) New York: Springer-Verlag, 1986. Acesso em 05/12/2018 em <https://scholar.harvard.edu/dwegner/publications/transactive-memory-contemporary-analysis-group-mind>
- WELLS, G. L., & PETTY, R. E. (1980). The effects of overt head movements on persuasion: Compatibility and incompatibility of responses. *Basic and Applied Social Psychology*, 1, 219-230, 1980. Acesso em 05/12/2018 em <https://psycnet.apa.org/record/1981-10460-001>
- WILSON, M. (2002). Six views of embodied cognition. *Psychonomic Bulletin & Review*, 9, 625-636, 2002. Acesso em 05/12/2018 em <http://www.indiana.edu/~cogdev/labwork/WilsonSixViewsofEmbodiedCog.pdf>
- YEH, W., & BARSALOU, L. W. (2006). The situated nature of concepts. *American Journal of Psychology*, 119, 349-384, 2006. Acesso em 05/12/2018 em <https://pdfs.semanticscholar.org/8d88/fee4918280cab5e1d260bc915adca6316704.pdf>
- ZWAAN, R. A. The immersed experiencer: Toward an embodied theory of language comprehension. *Psychology of Learning and Motivation: Advances in Research and Theory*, 44, 35-62, 2004.

FOLHA DE S.PAULO



ELEIÇÕES 2018 ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/PODER/ELEICOES-2018](https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2018))

Bolsonaro é estrela em evento do mercado financeiro

Deputado falou durante mais de uma hora em almoço organizado pelo banco BTG Pactual

7.fev.2018 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/07/](http://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/07/))

Igor Gielow

SÃO PAULO



O deputado federal Jair Bolsonaro, pré-candidato à Presidência - Marcos Alves - 27.nov.2017/Agência O Globo

O presidenciável Jair Bolsonaro (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949837-daqui-a-pouco-va-querer-pegar-minha-mae-diz-bolsonaro.shtml>) foi a estrela de um evento de elite do mercado financeiro nesta terça (6) em São Paulo, que ignorou seus principais competidores a esta altura da corrida pelo Palácio do Planalto.

O deputado falou durante mais de uma hora em almoço que fechou o primeiro dia do 19º CEO Conference, encontro de banqueiros, investidores e correlatos organizado pelo banco BTG Pactual.

Sem a presença de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1901616-apelidado-por-lula-de-minha-casa-minha-vida-triplex-sera-confiscado.shtml>) na disputa, hoje inabilitado pela Lei da Ficha Limpa por ter sido condenado por corrupção em segunda instância, Bolsonaro lidera os cenários aferidos pelo Datafolha no

mês passado, margeando os 20% de intenções.

Nenhum dos candidatos que dividem o pelotão do segundo lugar, como Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB) e Luciano Huck (sem partido), estava presente para falar com os cerca de 2.500 convidados do evento.

Segundo presentes no almoço, que foi fechado para a imprensa, Bolsonaro foi confrontado com perguntas sobre seu histórico intervencionista, seu desconhecimento de economia, o crescimento do patrimônio de sua família e governabilidade em caso de eleição.

Saiu-se, segundo o relato, com respostas prontas. Defendeu uma pauta econômica híbrida, liberal ao pedir uma reforma da Previdência gradual e estatista ao criticar a presença da China em negócios de mineração.

Arrancou risadas ao falar sobre economia lembrando que Dilma Rousseff, a petista impedida em 2016 (<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/brasil-em-crise/>) que presidiu sobre uma recessão, tinha formação na área.

Suas respostas seguiam padrão adversativo: questionado sobre como lidar com o Congresso, perguntava se era possível continuar com o presidencialismo de coalizão em vigor no país.

Pontuou o discurso com questões sobre segurança pública e valores. Ao acabar, foi aplaudido de pé e demorou cerca de meia hora para conseguir sair do salão, parando para selfies, no hotel Hyatt.

Um dos empresários presentes, crítico de Bolsonaro, disse que viu muitos "eleitores envergonhados" do deputado se manifestarem.

O evento foi aberto pelo ministro Fernando Coelho Filho (Minas e Energia) e teve uma mesa à parte com outro presidencialista, o ex-banqueiro João Amoêdo (Novo).

Nesta quarta, falam outros dois nomes que circulam abaixo de 3% de intenções

de voto: o ministro Henrique Meirelles (Fazenda) e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ).

A ausência mais comentada foi a de Alckmin, governador paulista que vem tendo dificuldades para unir o PSDB e outras agremiações.

Ele circula bem no empresariado, mas não é visto como um nome que agrada especialmente o mercado —uma de suas inflexões retóricas para a campanha foi a de relativizar o peso institucional do setor, ressaltando a necessidade do Estado.

Nesse sentido, a presença de Bolsonaro, que historicamente abraça uma agenda fortemente estatista, chamou a atenção na plateia.

Um de seus principais articuladores, o filho e deputado federal Eduardo, estava presente e busca vender a imagem do pai como um defensor do livre mercado.

Segundo a **Folha** apurou, o presidenciável está convencido de que precisa profissionalizar a estrutura de sua campanha para ultrapassar o que considera um teto em suas intenções de voto.

Sem tempo de TV suficiente e dinheiro de fundo partidário, ele pretende investir em marketing digital e trabalhar para "polir" sua imagem.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/bolsonaro-e-estrela-em-evento-do-mercado-financieiro.shtml>

FOLHA DE S.PAULO



OPERAÇÃO LAVA JATO ([HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA-TOPICOS/OPERACAO-LAVA-JATO](http://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/operacao-lava-jato))

POLÍCIA FEDERAL ([HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA-TOPICOS/POLICIA-FEDERAL](http://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/policia-federal))

Moro e Bloomberg recebem prêmio de 'Pessoa do Ano' nos EUA

Entidade destacou a atuação de Moro no mensalão e liderança na Lava Jato

7.fev.2018 às 19h50

Silas Martí

NOVA YORK O juiz Sergio Moro foi eleito nesta quarta-feira (7) a Pessoa do Ano pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos.

O nome do magistrado que ficou famoso pela Operação Lava Jato já havia circulado nos últimos dias (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/moro-e-escolhido-pessoa-do-ano-pela-camara-de-comercio-brasil-eua.shtml>) como o possível homenageado do órgão com sede em Nova York, mas só foi confirmado no fim de tarde desta quarta.

Em seu comunicado oficial, divulgado semanas depois da condenação do ex-presidente Lula, a entidade destacou a atuação de Moro no caso do mensalão e sua liderança na Operação Lava Jato, lembrando que há dois anos ele fora escolhido uma das personalidades de 2016 pela revista "Time" e ainda esteve na lista da "Fortune" de grandes líderes mundiais.

Michael Bloomberg, ex-prefeito de Nova York e dono de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos que esteve há pouco em São Paulo, visitando o prefeito tucano João Doria (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884692-em-premiacao-em-nova->

[york-doria-e-saudado-como-possivel-candidato.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/camara-de-comercio-brasi-york-doria-e-saudado-como-possivel-candidato.shtml)), foi o americano anunciado pela Câmara de Comércio como seu homem do ano.

Doria, aliás, venceu o mesmo prêmio no ano passado. Em anos anteriores, Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton também foram agraciados com o mesmo prêmio.

Há 48 anos, um brasileiro e um americano são escolhidos para o prêmio entregue num jantar no Museu de História Natural em Manhattan. A cerimônia deste ano, financiada com a venda de mesas a patrocinadores, está marcada para meados de maio.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/camara-de-comercio-brasil-eua-elege-moro-como-pessoa-do-ano.shtml>

FOLHA DE S.PAULO



Entidade de juizes pede para STF retirar da pauta auxilio-moradia

Ação deve ser discutida pela corte em março

7.fev.2018 às 12h12



EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/08/](http://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/08/))

Letícia Casado

BRASÍLIA A Ajufe (Associação dos Juizes Federais do Brasil) pediu ao STF (Supremo Tribunal Federal) para retirar da pauta da corte uma ação que autorizou o pagamento de auxilio-moradia a magistrados.



A ministra Carmen Lúcia, presidente do STF, durante abertura do ano no Judiciário no STF - Ueslei Marcelino/Reuters

O processo ainda não foi pautado, mas a ministra Cármen Lúcia, presidente da corte, avisou a entidades da magistratura que deve colocar o tema para votação em março.

Em 2014, o ministro Luiz Fux deu uma liminar

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/187815-fux-garante-auxilio-moradia-de-r-4300-aos-magistrados-do-pais.shtml?loggedpaywall>) (decisão em caráter provisório) que autorizou o pagamento do auxílio-moradia no valor de R\$ 4.378 a todos os juizes do país, mesmo aos que tinham casa própria nas cidades onde trabalhavam, o que tornou a prática legal.

O mérito da ação deve ser discutido no plenário pelos 11 ministros. No entanto, segundo a Ajufe, a entidade precisa fazer uma réplica à manifestação da PGR (Procuradoria-Geral da República) no processo.

Na petição enviada ao Supremo na noite desta terça-feira (6), a Ajufe afirma que "penitenciando-se a defesa técnica por ter verificado somente agora,

após a intimação da pauta de julgamento, a ausência da regular instrução do feito, pedem os autores, em questão de ordem, seja o processo retirado de pauta para que, inicialmente, seja promovida a intimação para apresentarem réplica à contestação e contrarrazões ao agravo regimental".

Conforme a **Folha** mostrou nos últimos dias, o auxílio-moradia é pago a integrantes do Judiciário (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/1954893-cupula-do-judiciario-recebe-auxilio-mesmo-com-moradia.shtml>) que têm casa própria na cidade onde trabalham, como a cúpula da magistratura, o juiz Sergio Moro (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/moro-tem-imovel-em-curitiba-mas-recebe-auxilio-moradia.shtml>), da Lava Jato, e membros da PGR (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/pgr-e-tcu-pagam-auxilio-moradia-a-membros-com-imovel-no-df.shtml>), além de ministros do governo Michel Temer (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/milionarios-ministros-de-temer-tem-ajuda-para-morar.shtml>).

GASTOS

As diferentes ajudas de custo concedidas a magistrados, tais como auxílio-moradia, auxílio-educação, diárias, passagens, não entram no cálculo do abate-teto — corte feito nos vencimentos dos funcionários públicos para que não ultrapassem o limite remuneratório definido pela Constituição (R\$ 33,7 mil, equivalente ao salário dos ministros do STF).

Entre 2014 e 2015, ano em que a crise econômica no país se agravou, os chamados "penduricalhos" subiram de R\$ 5,5 bilhões para R\$ 7,2 bilhões, de acordo com dados do último "Justiça em Números", relatório divulgado (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/01/1854129-em-ano-de-criese-beneficios-ao-judiciario-tem-alta-de-30.shtml>) anualmente pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

Em 2014, antes da decisão de Fux, o então advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, criticou o benefício (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1525733-governo-quer-vetar-auxilio-moradia-a-juiz.shtml>) que, segundo ele, deveria gerar um impacto de R\$ 840 milhões ao ano para o Estado.

A decisão de Fux foi dada num processo em que juízes federais reclamavam do fato de alguns magistrados da Justiça estadual, bem como integrantes do Ministério Público e ministros de tribunais superiores receberem o benefício

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1516780-ministro-do-stf-determina-pagamento-de-auxilio-moradia-a-juizes-federais.shtml>), por isso, também queriam o auxílio.

“A fim de que não haja dúvidas na implementação desta liminar pelos Tribunais Regionais Federais brasileiros, a ajuda de custo assegurada por esta medida liminar deverá ser paga a todos os juizes federais na forma da Lei Orgânica da Magistratura Nacional, inclusive nos casos de acumulação, e salvo em favor do magistrado federal a quem tenha sido disponibilizada a residência oficial”, escreveu Fux na decisão de 15 de setembro de 2014.

Depois, o ministro estendeu o benefício (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1523414-fux-garante-auxilio-moradia-de-r-43-mil-a-todos-os-juizes-do-brasil.shtml>) a outras categorias, em ações apresentadas pela AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros) e pela Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho).

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/entidade-de-juizes-pede-para-stf-retirar-da-pauta-auxilio-moradia.shtml>

FOLHA DE S.PAULO



PGR e TCU pagam auxílio-moradia a membros com imóvel no DF

Integrantes das cúpulas das duas instituições recebem ajuda extra de R\$ 4.378

6.fev.2018 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/06/](http://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/06/))

Ranier Bragon

Camila Mattoso

BRASÍLIA Integrantes da cúpula da PGR (Procuradoria-Geral da República) e ministros do TCU (Tribunal de Contas da União), órgãos de controle e fiscalização, recebem auxílio-moradia dos cofres públicos mesmo tendo imóvel próprio no Distrito Federal, onde trabalham.

Segundo levantamento feito pela **Folha** em cartórios e contracheques, eles recebem a ajuda extra de R\$ 4.378 por mês, além do salário, sendo que alguns têm até mais de uma casa na capital federal.

No TCU, três de nove ministros ganham o benefício mesmo tendo propriedade em Brasília. Na PGR, são dez membros da atual cúpula que estão na mesma situação.

O levantamento considerou subprocuradores-gerais da República, além da atual procuradora-geral, Raquel Dodge, e de seus dois vices.

Procurados via assessoria dos órgãos, procuradores e ministros não se manifestaram. Tanto PGR quanto TCU dizem que os pagamentos seguem a lei.



O presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), ministro Raimundo Carreiro - Patricia Monteiro - 30.mai.2017/Folhapress

Entre os beneficiados estão o presidente do TCU, Raimundo Carreiro, o vice-procurador-geral eleitoral da Procuradoria, Humberto Jacques de Medeiros, e outros subprocuradores, como Ela Wiecko, Geraldo Brindeiro e Nicolao Dino, que disputou a vaga de sucessor de Rodrigo Janot, procurador-geral até setembro do ano passado.

Medeiros, por exemplo, tem em seu nome três apartamentos em Brasília. Carreiro é proprietário de duas quitinetes e de um apartamento.

Apenas um dos nove ministros do TCU não utiliza nenhum tipo de ajuda, por ser casado com uma ministra do STJ (Superior Tribunal de Justiça) que já é favorecida pela verba. Além dos três que têm auxílio-moradia, outros cinco ocupam imóveis funcionais.

O TCU é órgão auxiliar do Congresso no controle externo do governo federal e, segundo a própria instituição, tem a missão de ser "ser referência na promoção de uma administração pública efetiva, ética, ágil e responsável".

A PGR representa a cúpula do Ministério Público, instituição definida na Constituição como "essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis".

Reportagens da **Folha** nos últimos dias têm mostrado que pagar auxílio-moradia a beneficiados que têm imóvel próprio ou patrimônio elevado é uma prática no **Judiciário** (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/moro-tem-imovel-em-curitiba-mas-recebe-auxilio-moradia.shtml>), Executivo e Legislativo.

Na cúpula do **Judiciário** (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/associacoes-defendem-auxilio-moradia-para-a-cupula-do-judiciario.shtml>), 26 ministros do Superior Tribunal de Justiça, do Tribunal Superior do Trabalho e do Superior Tribunal Militar fazem parte da lista.

Em São Paulo, quase metade (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/metade-dos-juizes-que-ganham-auxilio-moradia-em-sp-tem-imovel.shtml>) dos juízes que recebem auxílio-moradia têm propriedades na capital paulista. Um deles, o campeão, tem 60 imóveis em seu nome.

No Executivo, ministros milionários do governo Michel Temer recebem ajuda (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/milionarios-ministros-de-temer-tem-ajuda-para-morar.shtml>) para morar e para comer.

DESISTÊNCIA

Até agosto do ano passado, Raquel Dodge (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1953096-em-londres-raquel-dodge-defende-estabilidade-da-democracia-brasileira.shtml>) também era uma das beneficiárias do auxílio-moradia. Antes de assumir a cadeira de procurador-geral, no entanto, solicitou a suspensão.

Em seu pedido para abrir mão, ela disse não ter problema com a ajuda pública aos colegas procuradores.

Segundo a ONG Contas Abertas, a estimativa de gastos com o auxílio-moradia no Judiciário e Ministério Público em todo o país soma R\$ 5 bilhões desde 2014.

OUTRO LADO

As assessorias de imprensa da PGR e do TCU afirmaram que procuradores e ministros não se manifestariam sobre o assunto.

A **Folha** solicitou o posicionamento para quatro perguntas a cada um dos citados na reportagem: se considera adequado o recebimento do benefício mesmo tendo imóvel, se acha compatível obtê-lo na condição de integrante da cúpula de um órgão de controle de gastos públicos, qual destinação dá ao dinheiro e qual a posição sobre o assunto (se defenderia a manutenção ou o fim do benefício)

Os dois órgãos disseram, de forma genérica, que os pagamentos do benefício seguem a lei, que não traz vedação para a situação mencionada na reportagem —de o favorecido ter imóvel próprio no local em que trabalha e mesmo assim receber ajuda.

O presidente da ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República), José Robalinho, defendeu a prática e disse ver um "barulho excessivo" na temática do auxílio-moradia (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/1954893-cupula-do-judiciario-recebe-auxilio-mesmo-com-moradia.shtml>). Ele também afirmou que reportagens que tratam do assunto são uma forma de "enfraquecer a magistratura e o Ministério Público".

Robalinho afirmou que procuradores são beneficiados pelo auxílio-moradia antes mesmo das liminares (<http://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/02/05/apos-cinco-anos-fux-libera-acao-que-questiona-penduricalhos-do-tj-rj/>) do ministro do STF Luiz Fux (que em 2014 estendeu o pagamento a toda a magistratura) e disse que, se a lei mudar, a Procuradoria a seguirá.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/pgr-e-tcu-pagam-auxilio-moradia-a-membros-com-imovel-no-df.shtml>

FOLHA DE S.PAULO



Moro tem imóvel em Curitiba, mas recebe auxílio-moradia

Tribunal declara que pagamento segue legislação

2.fev.2018 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/02/](http://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/02/))

Ana Luiza Albuquerque

CURITIBA Três quilômetros separam a sede da Justiça Federal de 1º Grau do Paraná da residência do juiz Sergio Moro, responsável pelo julgamento dos processos da Lava Jato.

É este o trajeto percorrido pelo magistrado desde 2003, quando assumiu a primeira vara especializada em crimes contra o sistema financeiro, em Curitiba. No ano anterior, comprou um imóvel de 256 m² no bairro do Bacacheri, de classe média.

Em junho de 2002, Márcio Antonio Rocha, juiz federal do TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), vendeu o apartamento para Moro por R\$ 173.900 (R\$ 460 mil em valores atualizados).

Como dono de imóvel próprio na capital paranaense, Moro fez uso de decisão liminar de setembro de 2014, do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Luiz Fux, para passar a receber auxílio-moradia no valor de R\$ 4.378.

BENEFÍCIO

Fux estendeu o benefício a todos os juízes do país. O ministro argumentou que diversos tribunais já ofereciam o auxílio, o que estaria criando uma diferenciação entre os magistrados.

Ele também citou o artigo 65 da Lei Orgânica da Magistratura, que prevê que podem ser oferecidas aos juízes algumas vantagens, como "ajuda de custo, para moradia, nas localidades em que não houver residência oficial à disposição do magistrado".

Na resolução 199, de outubro de 2014, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) regulamentou que cada juiz ficaria responsável por requerer o próprio auxílio-moradia.

"A referida ajuda de custo vem sendo paga por diversos tribunais em patamares díspares, acarretando injustificável tratamento diferenciado entre magistrados", diz o texto do CNJ.

Somente no fim do ano passado, Fux liberou a liminar para ser julgada pelos 11 ministros do STF.

A presidente da corte, Cármen Lúcia, afirmou que pretende pautar o assunto em março.

LIVRO 2-

REGISTRO GERAL

FICHA
- 1 -

DRA. MILENE BERTHIER NAME
Oficial Titular - CURITIBA - PARANÁ

MATRÍCULA N.

RUBRICA
9.

IMÓVEL - Apartamento nº _____, situado nesta Capital à Rua _____ nº _____, cujo apartamento tem a área construída exclusiva de 163,2510m², área comum de 67,4290m², área de estacionamento de 25,2857m² (com direito a duas (2) vagas no andar térreo, para veículo até tamanho médio), **área correspondente de 255,9657m²**,

R-02/M-46250 (PROTOCOLO GERAL 182243 DE 23.07.2002).- TÍTULO (COMPRA/VENDA):- Escritura pública lavrada às Fls. 026/027 do Livro 0455-N, aos 29 de Junho de 2002, no Serviço Notarial e Distrital do Bacacheri desta Comarca.- **VENDEDOR: MÁRCIO ANTONIO ROCHA**, brasileiro, solteiro, magistrado, portador da C.I. RG nº _____ CPF nº _____ residente e domiciliado à Rua _____ nesta Capital.- **COMPRADOR: SÉRGIO FERNANDO MORO**, brasileiro, portador da C.I. RG nº _____

Sergio Moro possui apartamento próprio em Curitiba, onde trabalha. A Folha obteve a certidão - Reprodução

VENCIMENTOS

O recebimento de auxílio-moradia por um juiz que possui imóvel na cidade onde trabalha não é ilegal, mas levanta questionamentos.

Nesses casos, na prática o valor do benefício é incorporado ao salário do magistrado, mas não conta para o teto constitucional dos vencimentos do setor público, de R\$ 33.763.

A prática é comum no Poder Judiciário. Como mostrou a

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/1954893-cupula-do-judiciario-recebe-auxilio-mesmo-com-moradia.shtml>

Folha (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/1954893-cupula-do-judiciario-recebe-auxilio-mesmo-com-moradia.shtml>) nesta quinta (1º), 26 ministros de tribunais superiores, em Brasília, recebem auxílio-moradia mesmo tendo imóvel próprio na cidade.

Moro começou a receber o auxílio-moradia em outubro de 2014.

Acrescentado o auxílio-alimentação de R\$ 884, as indenizações totalizam R\$ 5.262 por mês.

Com salário-base de R\$ 28.948, sua remuneração bruta chega a R\$ 34.210, se somados os benefícios —acima do teto, portanto.

Em determinados meses, o valor pode ser ainda maior. Em dezembro de 2017, Moro ganhou gratificações no total de R\$ 6.838, elevando o salário para R\$ 41.047. Os benefícios corresponderam a 30% de toda a remuneração.

Dos 494 magistrados da 4ª Região, que compreende Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, só 74, ou 15%, não recebem auxílio-moradia. O gasto mensal com o benefício chega a R\$ 1,84 milhão. Em 2017, o gasto anual foi de R\$ 21,4 milhões.

Desde a liminar de 2014, o auxílio-moradia aos magistrados da 4ª Região já custou R\$ 71,3 milhões.

Segundo a ONG Contas Abertas, desde 2014 já foram empenhados R\$ 5,4 bilhões com o benefício para membros do Judiciário e do Ministério Público em todo o país.

Outro responsável pela Lava Jato, Marcelo Bretas, do Rio, e sua mulher, também juíza, recebem o benefício em dose dupla —situação vetada pelo CNJ. A AGU pediu que a Justiça do Rio remeta à análise da segunda instância a decisão que autorizou o auxílio.

A discussão sobre auxílio-moradia

Liminar

Em setembro de 2014, o ministro do STF Luiz Fux decidiu, em caráter liminar (provisório), dar auxílio-moradia a todos os juízes federais. Foram três liminares com teor semelhante

Ações

Fux atendeu aos pedidos de AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros) e Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho)

Definitivo

Segundo auxiliares, a presidente do STF, ministra Cármen Lúcia, pretende pautar em março o julgamento definitivo de todas as ações relativas a auxílio-moradia

OUTRO LADO

O TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), responsável pelo pagamento ao juiz Sergio Moro, disse, em nota, que cumpre "determinações legais" em relação ao auxílio-moradia.

Resoluções do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e artigo da Loman (Lei Orgânica da Magistratura Nacional) foram citados no texto. Entre as resoluções, foram mencionadas a 199, que regulamenta o recebimento e permite o auxílio para juízes com imóvel próprio, e a 13, que exclui o auxílio-moradia do teto remuneratório constitucional.

Segundo entendimento de 2006 do CNJ, benefícios como auxílio-moradia, ajuda de custo para mudança e transporte, diárias, auxílio-funeral, auxílio pré-escolar e assistência médica, entre outras verbas, não devem ser contadas como salário.

A resolução 199, de 2014, diz que "a ajuda de custo para moradia no âmbito do Poder Judiciário (...) é devida a todos os membros da magistratura nacional".

O auxílio-moradia, de acordo com esta resolução, só fica vetado quando houver residência oficial à disposição do juiz, ainda que não a utilize; quando o servidor for inativo; quando estiver licenciado sem percepção de subsídio e quando a pessoa com quem reside receber vantagem da mesma natureza de qualquer órgão da administração pública.

A **Folha** entrou em contato com Sergio Moro. Segundo a assessoria da Justiça Federal do Paraná, a nota do TRF-4 foi feita de forma conjunta e contempla a posição do titular da Lava Jato.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/moro-tem-imovel-em-curitiba-mas-recebe-auxilio-moradia.shtml>

FOLHA DE S.PAULO



Cúpula do Judiciário recebe auxílio mesmo com imóvel próprio no DF

Com imóvel no DF, 26 ministros de cortes superiores embolsam extra de R\$ 4.378

1.fev.2018 às 1h00

 EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/01/](http://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/02/01/))

Ranier Bragon

Camila Mattoso

BRASÍLIA

A presidente do STJ, Laurita Vaz, que recebe o auxílio mesmo tendo imóvel em Brasília - Folhapress

Mesmo tendo imóvel próprio no Distrito Federal, 26 ministros de tribunais superiores recebem dos cofres públicos auxílio-moradia

(<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1954749-juizes-e-procuradores-veem-retaliacao-de-politicos-e-farao-protesto-no-stf.shtml>) para viver em Brasília.

Donos de um dos mais altos salários da República -R\$ 32.075-, cada um deles tem o contracheque engordado todo mês em R\$ 4.378 de auxílio para morar, sendo que alguns têm em seus nomes mais de uma casa em pontos nobres de Brasília.

Pesquisa feita pela **Folha** em cartórios da capital federal e nas folhas salariais dos tribunais mostra que o privilégio está concentrado em três dos cinco tribunais que formam a cúpula da Justiça: STJ (Superior Tribunal de Justiça), TST (Tribunal Superior do Trabalho) e STM (Superior Tribunal Militar).

Os 26 ministros que recebem o benefício mesmo com imóvel próprio representam pouco mais de um terço da composição dessas três cortes e 72% dos 36 que solicitaram o recebimento de auxílio-moradia.

Nenhum ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) pede o benefício (o TSE é formado, em parte, por ministros do STF e do STJ).

Segundo resolução do CNJ (Conselho Nacional da Justiça), a ajuda para auxílio-moradia deve ser "requerida" pelo magistrado, ou seja, cabe a ele pedir o recebimento do dinheiro ao tribunal.

A presidente do STJ, Laurita Vaz (<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/09/1809959-o-paradoxo-do-stj.shtml>), e o vice, Humberto Martins, estão entre os que recebem o auxílio-moradia e, ao mesmo tempo, são donos de imóvel próprio em Brasília.

Segundo os registros em cartório, Laurita tem em seu nome um apartamento de 246 m², localizado na Asa Sul. O seu vice também tem imóvel na mesma região. Martins mora no mesmo prédio do ministro Francisco Falcão, ex-presidente do STJ. Com o apartamento de alto padrão registrado em seu nome, Falcão também recebe auxílio-moradia.

No STJ, 17 dos 33 ministros ganham o benefício. Desses, pelo menos 12 têm casa própria. O orçamento de 2018 reserva R\$ 2,7 milhões de auxílio-moradia para o tribunal.

A ministra Maria Isabel Gallotti, por exemplo, tem em seu nome dois apartamentos, uma casa e um lote.

No TST, 15 dos 26 magistrados recebem os 4.378 mensais a mais no contracheque, sendo que 11 têm imóveis.

Entre eles está o futuro presidente do tribunal, João Batista Brito Pereira, que assume o comando no dia 26 de fevereiro. Outro nome é o de Renato de Lacerda Paiva, corregedor-geral da Justiça do Trabalho, dono de uma propriedade em um condomínio.

O acúmulo de benefício com moradia própria no STM envolve 3 dos 4 ministros que ganham o auxílio. Um deles é o presidente do tribunal, José Coêlho Ferreira. Ele tem em seu nome, segundo registros cartoriais, um apartamento na Asa Sul e 20% de outro na mesma quadra.

Os magistrados que ganham o auxílio estouram o valor máximo que, pela Constituição, um servidor poderia ganhar no Brasil -R\$ 33.763. O atual valor do auxílio-moradia no Judiciário representa 4,5 salários mínimos.

Em Brasília, um apartamento de classe média de três quartos na região central tem o custo de R\$ 2.200 de aluguel, segundo o sindicato do setor.

O valor de R\$ 4.378 passou a valer em outubro de 2011, por decisão do STF. Na ocasião, apenas o ministro Luiz Fux recebia o benefício, segundo o próprio tribunal.

Três anos depois, Fux concedeu (<http://m.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1523414-fux-garante-auxilio-moradia-de-r-43-mil-a-todos-os-juizes-do-brasil.shtml>) liminar estendendo o pagamento do auxílio-moradia a todos os juizes do país, mesmo aos que tinham casa própria nas cidades onde trabalhavam, o que tornou a prática legal. O ministro argumentou que diversos tribunais já pagavam o benefício, o que estaria criando uma "diferenciação iníqua e odiosa" entre os magistrados.

Fux, que hoje não recebe mais o benefício, liberou (<http://painel.blogfolha.uol.com.br/2017/12/19/apos-a-ultima-sessao-do-stf-fux-libera-para-julgamento-acao-que-da-auxilio-moradia-a-juizes/>) as liminares para análise do plenário do STF apenas no final do ano passado. A presidente do Supremo, Cármen Lúcia, avisou a entidades da magistratura que deve colocar o tema para votação em março.

O juiz responsável pela Lava Jato no Rio, Marcelo Bretas (<http://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/01/29/casado-com-juiza-marcelo-bretas-foi-a-justica-para-que-ambos-pudessem-receber-auxilio-moradia/>), entrou na Justiça e conseguiu o direito de receber a ajuda. Ele é casado com uma juíza, já favorecida com o auxílio. Resolução do CNJ proíbe o acúmulo para casais que morem sob o mesmo teto.

De acordo com a ONG Contas Abertas, a estimativa de gastos com o auxílio-moradia no Judiciário e Ministério Público soma R\$ 5 bilhões desde a decisão

de Fux até dezembro de 2017.

OUTRO LADO

Os três tribunais citados na reportagem (STJ, STM e TST) afirmaram, por meio de suas assessorias, que não existe ilegalidade no pagamento de auxílio-moradia para ministros que têm imóvel em Brasília por estarem amparados pela decisão do ministro Luiz Fux.

A **Folha** procurou as assessorias de imprensa dos tribunais e enviou as perguntas também para cada um dos gabinetes dos mencionados.

As respostas foram enviadas pelas equipes de comunicação de cada corte em nome dos magistrados.

A assessoria do STJ informou que o auxílio-moradia começou a ser pago a partir de 15 de setembro de 2014, em cumprimento à decisão liminar do STF, mas disse que não conseguiu respostas dos ministros e nem da presidente, Laurita Vaz.

O TST disse que faz os pagamentos de acordo com a resolução do CNJ que trata do tema. O tribunal frisou que a decisão de Fux determinou a ajuda de custo "a todos os juízes federais na forma da Lei Orgânica da Magistratura Nacional, inclusive nos casos de acumulação, e salvo em favor do magistrado federal a quem tenha sido disponibilizada a residência oficial".

O presidente do STM, José Coêlho Ferreira, respondeu que segue resolução do CNJ e que "não é vedado ao magistrado, que possui imóvel na cidade onde exerce a função pública, receber o benefício. Assim o ato não apresenta nenhuma ilegalidade".

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/1954893-cupula-do-judiciario-recebe-auxilio-mesmo-com-moradia.shtml>



Login

Assine a Folha

Atendimento

Acervo Folha

FOLHA DIG
APENAS R\$
NO PRIMEI
ASSINE J

QUARTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 2019 00:43

Opinião

Poder

Mundo

Economia

Cotidiano

Esporte

Cultura

F5

Sobre Tudo

Últimas notícias BBB 19: Hana, indicada pela líder Carol, é eliminada do programa com 47,98% dos votos

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por apenas R\$ 1⁹⁰ no primeiro mês. ASSINE JÁ!

poder

governo enci

Em ano de crise, benefícios ao Judiciário têm alta de 30%

Pedro Ladeira/Folhapress



Liminar do ministro Luiz Fux garantiu auxílio moradia de R\$ 4,3 mil

ITALO NOGUEIRA
DO RIO

30/01/2017 02h00

Compartilhar

Mais opções

O pagamento de benefícios e verbas indenizatórias a magistrados e servidores do Judiciário subiu 30% de 2014 para 2015, ano em que a crise econômica no país se agravou.

Os chamados "penduricalhos" subiram de R\$ 5,5 bilhões para R\$ 7,2 bilhões, de acordo com dados do último "Justiça em Números", relatório divulgado anualmente pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

Fazem parte deste tipo de gasto diferentes ajudas de custo, tais como auxílio-moradia, auxílio-educação, diárias, passagens, entre outros.

Grande parte desta verba não é considerada no cálculo do abate-teto, corte feito nos vencimentos dos funcionários públicos para que não ultrapassem o limite remuneratório definido pela Constituição (R\$ 33,7 mil, equivalente ao salário dos ministros do Supremo Tribunal Federal).

PUBLICIDADE

leia também

Tribunais gastam até R\$ 55 mil com passagem de ministros para o exterior

Edição impressa

especiais



SEGUNDA INSTÂNCIA

Lula é condenado por unanimidade no caso tríplice

Como votam os deputados

DE OLHO NA CÂMARA

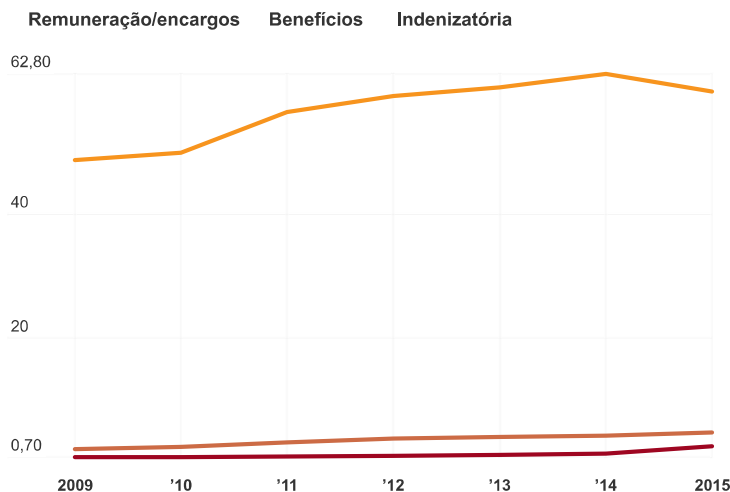
Veja como os deputados votaram as principais medidas

COMPARTILHE ESTE LINK

Compartilhar

PENDURICALHOS NA JUSTIÇA

Justiça aumentou gastos com benefícios em ano de crise. Despesa com magistrados e servidores do judiciário, em R\$ bilhões



Fonte: "Justiça em Números 2016", do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)
Confira mais infográficos da [Folha](#)

Parte da alta se deve à decisão liminar do ministro do STF Luiz Fux que garantiu a todos os magistrados do país auxílio moradia de R\$ 4,3 mil. O plenário da corte não tomou decisão definitiva sobre o tema, que se arrasta há mais de dois anos.

Assim como todas as verbas indenizatórias, os tribunais não exigem comprovante de gasto para que o magistrado tenha direito a ela.

RETALIAÇÃO

Os vencimentos acima do teto passaram a ser alvo do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), que formou em novembro uma comissão para debater o tema. A medida foi classificada por entidades de classe como uma retaliação à categoria, em razão dos desdobramentos da Operação Lava Jato.

Há anos discute-se formas para regulamentar os benefícios. No STF, discute-se há anos uma reforma da Lei Orgânica da Magistratura Nacional (Loman), de 1979.

Na Câmara dos Deputados, um projeto de lei de 2015 é alvo de críticas por exigir o corte até de pagamentos de dívidas do Estado com funcionários públicos.

"Há uma extrema má vontade de enfrentar a questão remuneratória do Judiciário. Definir quais incentivos se deve dar à magistratura", afirmou o presidente da AMB, Jayme de Oliveira.



DESDE 2014

Saiba mais sobre a Lava Jato, maior investigação sobre corrupção no país

REAÇÃO em cadeia

Lava Jato completa três anos com frentes dentro e fora do Brasil

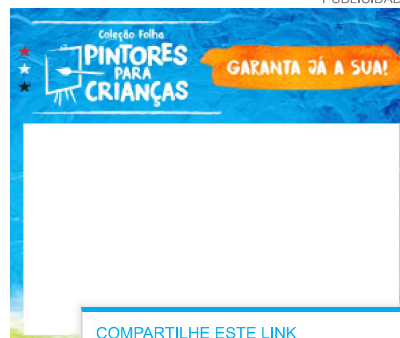
siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

EM PODER

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Promotor se declara suspeito para investigar ex-assessor de Flávio Bolsonaro		
2	Plenário da Câmara tem Kim, Joice e Frota, disputa por microfone, selfies e ataques		
3	Grupo de Alexandre Frota ganha a marca MBL, e movimento reage		
4	Progressão de pena é estímulo ao homicídio, diz governador da Bahia		
5	Gilmar Mendes diz que proposta defendida por Moro é coisa de 'cretino'		

PUBLICIDADE



COMPARTILHE ESTE LINK

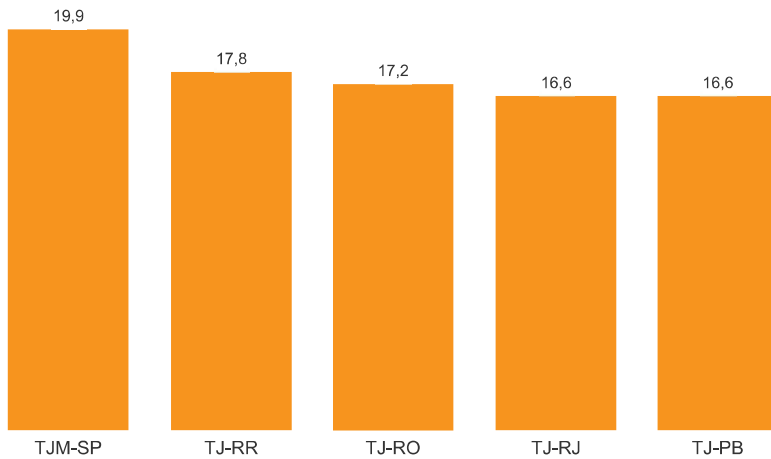
Livraria da Folha

Compartilhar

11 mil

PENDURICALHOS NA JUSTIÇA

Campeões dos "penduricalhos"; % sobre gasto total com recursos humanos



EXEMPLOS DE PENDURICALHOS

Auxílio-moradia, auxílio-educação, diárias de viagens

Fonte: "Justiça em Números 2016", do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)

Confira mais infográficos da [Folha](#)

DESGASTE

Não há regra nacional para a concessão dos penduricalhos. O Tribunal de Justiça Militar de São Paulo, por exemplo, compromete 19,9% de sua folha de pessoal com esses gastos. Já o Tribunal de Justiça do Ceará, 4,7%.

"Esse tema gera um desgaste para a magistratura como um todo. Queremos a valorização dentro de parâmetros, com remuneração digna, transparente e legal", diz Oliveira.

Em 2015, os magistrados tiveram um aumento de cerca de 15% nos seus salários, seguindo o reajuste dado aos ministros do STF.

Contudo, dados do CNJ mostram que o gasto com salários e encargos em todo o Judiciário caiu quase 5% de 2014 para 2015.

O movimento se deve ao fato de servidores do Judiciário não terem obtido reajuste em alguns Estados.

"Os magistrados têm aumento automático após o reajuste do Supremo. Servidores dependem de projeto de lei na Assembleia. Por conta da crise, isso não aconteceu ou foi adiado em muitos Estado", disse o presidente da Fenajud (federação de sindicatos de servidores do Judiciário), Luiz Fernando Pereira Souza.

CAMPEÕES

Os tribunais que mais comprometem a folha com "penduricalhos", além do TJM-SP, são os TJs de Roraima (17,8%), Rondônia (17,2%), Rio e Pernambuco (ambos 16,6%).

O presidente da AMB defende a definição de regras padronizadas para todos os Estados.

Ele afirma, contudo, que o teto não deve ter como base apenas a remuneração dos ministros do STF, mas também os benefícios a que eles têm direito.

"O teto deve ser o Supremo. Mas o Supremo tem direito a ajuda de custo para moradia, saúde, transporte? Então nós não podemos dizer que é só o salário que é o teto, mas todos os outros benefícios não contam. Temos que ter uma magistratura única, sendo igual a todo mundo", diz ele.

OUTRO LADO

Os tribunais que mais gastam proporcionalmente com verbas indenizatórias e benefícios afirmam que o pagamento é previsto em leis federais e estaduais.

"Não há como considerar alto demais o percentual gasto com benefícios uma vez que todos os rendimentos e suas variáveis são pagos dentro da lei", afirma o Tribunal de Justiça Militar de São Paulo, em nota.

+ livraria

Coleção "Cinema Policial" reúne quatro filmes de grandes diretores

Sociólogo discute transformações do século 21 em "A Era do Imprevisto"

Livro de escritora russa compila contos de fada assustadores; leia trecho

	<p>Fogo e Fúria - Por Dentro da Casa Branca de Trump</p> <p>Michael Wolff</p> <p>Comprar</p>
	<p>Mito ou Verdade - Jair Messias Bolsonaro</p> <p>Flavio Bolsonaro</p> <p>Comprar</p>
	<p>Cinema Faroeste - Digistack (Vol. 6) (DVD)</p> <p>Vários</p> <p>Comprar</p>
	<p>A História do Século 20 Para Quem Tem Pressa</p> <p>Meredith Mac Ardle, Nicola Chalton</p> <p>Comprar</p>
	<p>Box Pink Floyd - Special Edition (DVD)</p> <p>Pink Floyd</p> <p>Comprar</p>

COMPARTILHE ESTE LINK

Compartilhar

11 mil

Os "penduricalhos" representam um total de 19,9% do gasto com pessoal, de acordo com o último "Justiça em Números", relatório elaborado pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

"Os Tribunais de Justiça, em razão da autonomia administrativa, vêm implementando políticas internas de valorização de pessoal com pagamento de vantagens e benefícios observando-se os critérios da conveniência e oportunidade. Por outro lado, grande parte dos benefícios é comum em diversos órgãos públicos, não havendo que se falar em despesas desnecessárias ou em demasia", afirma nota do TJ de Roraima, assinada por Hebert Catarina, secretário de gestão de pessoas da corte.

Os quatro tribunais que mais gastam como essa rubrica destacam em suas respostas a produtividade da corte.

"Para a Justiça de Rondônia, esses percentuais orçamentários destinados aos recursos humanos, inclusive para a capacitação e treinamento de pessoas, são um investimento feito pela instituição com objetivo de levar melhoria, de modo direto ou em atividades de apoio, aos serviços jurisdicionais", afirma o TJ de Rondônia.

O TJ do Rio disse que "os benefícios pagos a magistrados e servidores são custeados por recursos próprios do Poder Judiciário fluminense, o seu Fundo Especial, observando seu equilíbrio fiscal e orçamentário".

"Os auxílios são eventuais, condicionados a regras e não integram os salários, não sendo utilizados recursos do Tesouro estadual para esse fim", diz a corte.

Compartilhar

11 mil

Mais opções

recomendado



Conceito "lifelong learning" se populariza e torna-se fundamental



Texto da reforma da Previdência está pronto e Bolsonaro terá última...



Este novo smartwatch de 350 R\$ é a invenção mais incrível de...

(Rede Vermelha)



Panela que não usa óleo vira febre no Brasil

(Granchef)



Renato Terra: A verdade sobre Jean Williams



Novo presidente da OAB já pediu a cassação de Bolsonaro



Mamãe Urso faz isso depois que o homem salva seus filhotes de...

(Coolimba)



Planta é inimiga n1 de dores articulares e açúcar no sangue.

(cienciamaisbr.com)



1499 - O Brasil Antes de Cabral

Reinaldo José Lopes

Comprar



A Lei da Atração - Peça, Acredite e Receba

Michael J. Losier

Comprar

Box de DVD reúne dupla de clássicos de Andrei Tarkóvski
 Como atingir alta performance por meio da autorresponsabilidade
 'Fluxos em Cadeia' analisa funcionamento e cotidiano do sistema penitenciário
 Livro analisa comunicações políticas entre Portugal, Brasil e Angola
 Livro traz mais de cem receitas de saladas que promovem saciedade

COMPARTILHE ESTE LINK

Compartilhar

11 mil

comentários

[Ver todos os comentários \(20\)](#)

Caro leitor,

[Termos e condições](#)

para comentar, é preciso ser assinante da **Folha**. Caso já seja um, por favor entre em sua conta cadastrada. Se já é assinante mas não possui senha de acesso, cadastre-se.

[Faça seu login](#)[Cadastre-se](#)[Assine](#)eduardo apel 30/01/2017 19h25 1 0 [Denunciar](#)[COMPARTILHAR](#)

Quero ver quando o judiciário cair nas mãos do quarto poder {presidiário}

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

[Responder](#)marcelo cerqueira 30/01/2017 12h13 2 0 [Denunciar](#)[COMPARTILHAR](#)

Lamentável. Já vi muita sentença judicial condenando políticos sob o argumento de que determinado ato fere a "moralidade administrativa". Seria moral alguém receber além do teto, ao argumento de que o excedente não é salário, é benefício ou vantagem? Seria moral alguém que já tem casa própria receber auxílio moradia? Seria moral alguém que é bem remunerado receber ainda mais para garantir a educação do filho (enquanto os demais mortais têm de se virar com o que ganham para estudar os filhos...)

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

[Responder](#)marcelo cerqueira 30/01/2017 12h13 2 0 [Denunciar](#)[COMPARTILHAR](#)

Lamentável. Já vi muita sentença judicial condenando políticos sob o argumento de que determinado ato fere a "moralidade administrativa". Seria moral alguém receber além do teto, ao argumento de que o excedente não é salário, é benefício ou vantagem? Seria moral alguém que já tem casa própria receber auxílio moradia? Seria moral alguém que é bem remunerado receber ainda mais para garantir a educação do filho (enquanto os demais mortais têm de se virar com o que ganham para estudar os filhos...)

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

[Responder](#)

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



FOLHA DE S.PAULO

Acervo Folha
Sobre a Folha
Expediente
Fale com a Folha
Feeds da Folha
Folha Eventos
E-mail Folha
Ombudsman
Atendimento ao Assinante
ClubeFolha
PubliFolha
Banco de Dados
Datafolha
Folhapress

[Login](#)[Assine a Folha](#)[Atendimento](#)[Versão Impressa](#)

PROJETO EDITORIAL

Princípios editoriais
Conheça o Projeto Editorial
In English
Folha's Editorial Principles
Read the Editorial Project
En Español
Princípios Editoriais
Lea el Proyecto Editorial
en Français
Principes Éditoriaux
Lisez le Projet Éditorial

PAINEL DO LEITOR

Painel do Leitor
A Cidade é Sua
Envie sua Notícia

COTIDIANO

Cotidiano
Aedes aegypti
Aeroportos
Educação
Loterias
Praias
Ranking Universitário
Revista são paulo
Rio de Janeiro
Simulados
Trânsito

MUNDO

Mundo
Governo Trump

ESPORTE

Esporte
Basquete
Seleção brasileira
Surfe
Tênis
Turfe
Velocidade
Vôlei

CIÊNCIA

Ciência
Ambiente

TEC

Tec

F5

Bichos
Celebridades
Colunistas
Fofices
Televisão

+ SEÇÕES

Agência Lupa
As Mais
Dias Melhores

SAÚDE

Equilíbrio

CULTURA

Ilustração
Cartões
Comics

COMPARTILHE ESTE LINK

[Compartilhar](#)

11 mil

FOLHA DE S.PAULO



LULA ([HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA-TOPICOS/LULA](http://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/lula))

PT ([HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA-TOPICOS/PT](http://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/pt))

Partidos lançam frente em defesa de direito de Lula a concorrer

Dirigentes de cinco legendas de centro-esquerda também se colocam contra reformas

7.fev.2018 às 13h57

Catia Seabra

SÃO PAULO Reunidos nesta quarta-feira (7), em Brasília, dirigentes de cinco partidos de centro-esquerda decidiram criar ainda em fevereiro uma frente contra reformas e em defesa do direito de Lula concorrer à Presidência.

Entre os cerca de 20 participantes, estavam, além de petistas, o líder do PDT na Câmara, André Figueiredo (CE), o ex-governador João Capibaribe (PSB), o deputado Ivan Valente (PSOL-SP) e a presidente do PC do B, Luciana Santos (PE).

A data para lançamento da Frente em Defesa da Democracia e Soberania ainda não foi fixada.

Ao discursar, o senador Roberto Requião (MDB-PR) afirmou que essa será uma frente “contra o veto judicial ao Lula”, além de resistência à reforma da Previdência e à privatização da Eletrobrás.

A reunião foi na sede do PDT em Brasília.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/partidos-lancam-frente-em-defesa-da-candidatura-de-lula.shtml>



Login
Assine a Folha
Atendimento
Acervo Folha

PUBLICIDADE
FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.

TERÇA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2019 01:26

Opinião Poder Mundo Economia Cotidiano Esporte Cultura F5 Sobre Tudo 24°C SÃO PAULO

Últimas notícias Terça tem Campus Party na Expo Center Norte e show de Fernando Catatau

Buscar... buscar

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por apenas R\$ 1,90 no primeiro mês. ASSINE JÁ!

poder

governo encurrado impeachment

PUBLICIDADE

lava jato

LISTA DE FACHIN PRÓXIMOS PASSOS VÍDEOS DAS DELAÇÕES TRÊS ANOS DA LAVA JATO ENTENDA A OPERAÇÃO ORIGEM

Entenda a Operação Lava Jato, da Polícia Federal

DE SÃO PAULO

14/11/2014 09h49 - Atualizado em 02/07/2015 às 20h00

Compartilhar

Mais opções

Com início em um posto de gasolina -de onde surgiu seu nome-, a Operação Lava Jato, deflagrada em março de 2014, investiga um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, grandes empreiteiras do país e políticos.

PUBLICIDADE

Uma das primeiras prisões foi a do doleiro Alberto Youssef, 47. Criado em Londrina, foi vendedor de pastel e contrabandista de eletrônicos do Paraguai antes de virar doleiro. Foi preso nove vezes. Uma delas, pela participação no chamado caso Banestado, maior escândalo já investigado no Brasil sobre remessas ilegais de dinheiro.

Três dias depois, houve a prisão de Paulo Roberto Costa, ex-diretor de abastecimento da Petrobras. Costa era investigado pelo Ministério Público Federal por supostas irregularidades na compra pela Petrobras da refinaria de Pasadena, no Texas, em 2006. Ele passou a ser investigado pela PF após ganhar, em março de 2013, um carro de luxo de Youssef.

Após as prisões, uma série de vínculos entre o doleiro, o ex-diretor da Petrobras, empreiteiras e políticos é revelada. O primeiro a ser atingido é o deputado federal André Vargas (ex-PT-SP) que, como a Folha revelou, pegou carona de jatinho com Youssef.

Tanto Costa quanto Youssef assinaram com o Ministério Público Federal acordos de delação premiada para explicar detalhes do esquema e receber, em contrapartida, alívio das penas. Um ano após o início da Lava Jato, já são 17 os delatores do esquema.

Em seu depoimento, o ex-diretor da Petrobras afirmou que havia um esquema de pagamento de propina em obras da estatal por parte de empreiteiras, e que o dinheiro abastecia o caixa de partidos como PT, PMDB e PP.

Em novembro de 2014, a Polícia Federal deflagrou uma nova fase da Lava Jato, que envolveu buscas em grandes empreiteiras como a Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht e outras sete companhias.

O juiz federal do Paraná Sérgio Moro é responsável pelas ações penais nos

leia também

Ex-diretor da Petrobras, Renato Duque é preso pela PF no Rio

Petrobras não conseguirá divulgar balanço no prazo

CGU investiga 20 funcionários da Petrobras por esquema de propina da SBM

Relator do caso Pasadena no TCU se aposenta e critica Petrobras

especiais



SEGUNDA INSTÂNCIA
Lula é condenado por unanimidade no caso tríplex

PUBLICIDADE

Como votam os deputados



DE OLHO NA CÂMARA
Veja como os deputados votaram as principais medidas

casos que não envolvem políticos –que possuem foro privilegiado e, por isso, são investigados pelo STF. O magistrado **é referência** no julgamento de crimes financeiros.

Nesse contexto de pressões da operação e de dificuldades para estimar os prejuízos da corrupção à Petrobras, a presidente da empresa, Graça Foster, e outros cinco diretores **são demitidos**. ADEMIR BENDINE, presidente do Banco do Brasil, **assume a presidência da estatal**.

Em janeiro de 2015, a Justiça Federal do Paraná começa a ouvir os primeiros depoimentos de testemunhas de acusação: Paulo Roberto Costa, os executivos ligados à Toyo Setal, Venina Velosa Fonseca, funcionária da Petrobras que afirmou às autoridades **ter avisado** a então presidente da estatal Graça Foster sobre as irregularidades na petrolífera, entre outros.

No dia 3 de março de 2015, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, entregou ao STF uma lista com 28 pedidos de inquéritos de políticos envolvidos com o esquema de corrupção na Petrobras.

Relator dos processos relativos à Operação Lava Jato no STF, o ministro Teori Zavascki autorizou a abertura de todas as investigações. São 50 políticos de seis partidos: PT, PSDB, PMDB, PP, SD e PTB. Ele também acatou sete pedidos de arquivamento, incluindo um inquérito sobre o senador Aécio Neves (PSDB-MG), que concorreu à Presidência em 2014.

Janot também afirmou, em seu relatório ao STF, que **não havia elementos** na apuração para abrir uma investigação contra a presidente Dilma Rousseff (PT), mas determinou a abertura de um inquérito sobre a arrecadação de recursos para sua campanha em 2010.

A **lista de investigados** inclui 50 nomes, entre eles os presidentes do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), e da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Posteriormente, o senador Fernando Bezerra (PSB-PE) **foi incluído**.

No STJ (Superior Tribunal de Justiça), **são investigados** os governadores Luiz Fernando Pezão (PMDB-RJ) e Tião Viana (PT-AC).



DESDE 2014

Saiba mais sobre a Lava Jato, maior investigação sobre corrupção no país

REAÇÃO em cadeia

Lava Jato completa três anos com frentes dentro e fora do Brasil

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

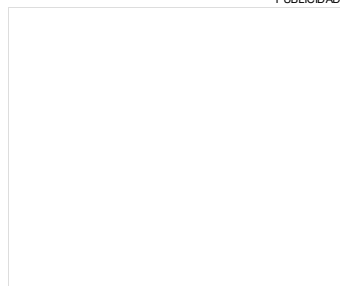
Digite seu email...

enviar

EM PODER

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Receita reconhece apuração sobre Gilmar, mas nega investigação formal		
2	"Você quer me matar?", brinca Bolsonaro com Mourão		
3	Dez anos após vitória no STF, indígenas se preparam para enfrentar Bolsonaro em RR		
4	Rachado, encolhido e fragilizado, MDB tenta se renovar para não implodir		
5	Em ano com auxílio-moradia universal, mais de 70% dos juizes tinham casa própria		

PUBLICIDADE



PUBLICIDADE



+ livraria

Coleção "Cinema Policial" reúne quatro filmes de grandes diretores

Sociólogo discute transformações do



CRONOLOGIA

2014

17.mar

Polícia Federal **deflagra** a Operação Lava Jato em seis Estados e no DF. Dezessete pessoas são presas, entre elas, Alberto Youssef, doleiro suspeito de comandar o esquema.

20.mar

Diretor de abastecimento da Petrobras de 2004 a 2012, Paulo Roberto Costa **é preso** pela PF sob a suspeita de destruir e ocultar documentos. Costa passou a ser investigado após ganhar, em março de 2013, um carro de luxo do doleiro Alberto Youssef.

século 21 em "A Era do Imprevisto"

Livro de escritora russa compila contos de fada assustadores; leia trecho



22.mar

Folha revela que Youssef [disse](#) ter recebido 12 milhões da empreiteira Camargo Corrêa, sem detalhar se o valor era em dólar ou real.





27.mar

Folha [revela](#) que um diretor do Ministério da Saúde é suspeito de ter ajudado a Labogen, empresa controlada por Youssef, a firmar parceria de R\$ 31 milhões com a pasta para a produção de medicamentos. A parceria foi suspensa, sem que qualquer valor tivesse sido pago, após o caso vir à tona

1º.abr

Folha revela que o então vice-presidente da Câmara, André Vargas (PT-PR), [usou um jatinho](#) emprestado por Youssef para fazer uma viagem de férias com a família.

Beto Barata - 2.abr.2014/Folhapress

	Fogo e Fúria - Por Dentro da Casa Branca de Trump Michael Wolff Comprar
	Mito ou Verdade - Jair Messias Bolsonaro Flavio Bolsonaro Comprar
	Cinema Faroeste - Digistack (Vol. 6) (DVD) Vários Comprar
	A História do Século 20 Para Quem Tem Pressa Meredith Mac Ardle, Nicola Chalton Comprar
	Box Pink Floyd - Special Edition (DVD) Pink Floyd Comprar



O deputado André Vargas no plenário da Câmara

3.abr

Sócio de Youssef [afirma](#) que o contrato da Labogen com o Ministério da Saúde foi obtido graças à influência de André Vargas (PT-PR).

5.abr

Laudo da PF obtido pela [Folha mostra](#) que nove fornecedores da Petrobras depositaram R\$ 34,7 milhões na conta de uma empresa de fachada controlada por Youssef. Parte desses fornecedores têm contratos na refinaria de Abreu e Lima (PE).

9.abr

André Vargas [renuncia](#) ao cargo de vice-presidente da Câmara. Conselho de Ética da Casa abre processo de cassação contra o deputado.

11.abr

Em um desdobramento da Operação Lava Jato, PF amplia investigações sobre negócios suspeitos da Petrobras e [faz operação](#) de busca e apreensão na sede da estatal, no Rio.

12.abr

[Planilha](#) apreendida pela PF na casa de Paulo Roberto Costa levanta a suspeita de que ex-diretor intermediava repasses de empreiteiras para políticos.

15.abr

PF [indícia](#) Costa, Youssef e outros 44 na Operação Lava Jato.

18.abr

[Planilha](#) apreendida no escritório de Youssef registra repasse de R\$ 31 milhões por dois consórcios e uma empresa a firmas controladas pelo doleiro.

23.abr

Justiça [aceita denúncia](#) contra Youssef e seis investigados na Lava Jato.

25.abr

Justiça aceita denúncia contra Paulo Roberto Costa por suspeitas de desvios de recursos da refinaria Abreu e Lima (PE).

5.mai

Investigação da PF aponta que Youssef também [fez favores](#) a outro deputado federal, Luiz Argôlo (SD-BA).

14.mai

Sob controle de aliados do Planalto, CPI da Petrobras [é instalada](#) no Senado

15.mai

Conselho de Ética da Câmara instaura processos para cassar Luiz Argôlo (SD-BA)

19.mai

Por decisão do ministro do STF Teori Zavascki, Paulo Roberto Costa é solto

28.mai

Após pressão da oposição, [é criada](#) a CPI mista (com participação de deputados e senadores) da Petrobras. Vital do Rêgo (PMDB-PB) é o presidente da comissão

1.jun

Na [única entrevista](#) que deu após sua primeira prisão, à **Folha**, Costa negou que houvesse superfaturamento e suborno em contratos da Petrobras

11.jun

Justiça [volta a decretar](#) a prisão de Paulo Roberto Costa por ele ter ocultado que controlava contas na Suíça com saldo de US\$ 23 milhões.

3.jul

Justiça encaminha ao STF provas que [apontam relação](#) entre Youssef e o senador Fernando Collor (PTB-AL), que teria recebido dinheiro do doleiro.

22.ago

Paulo Roberto Costa [aceita](#) fechar acordo de delação premiada com procuradores que atuam na Operação Lava Jato para deixar a prisão.

6.set

Em [depoimento](#) à Justiça, Paulo Roberto Costa afirma que 12 senadores, 49 deputados federais e pelo menos um governador receberam dinheiro desviado da estatal, segundo apuração da **Folha**. O ex-diretor da Petrobras [apontou](#) políticos de três partidos: PT, PMDB e PP. Um dos citados no depoimento é o tesoureiro nacional do PT, João Vaccari Neto

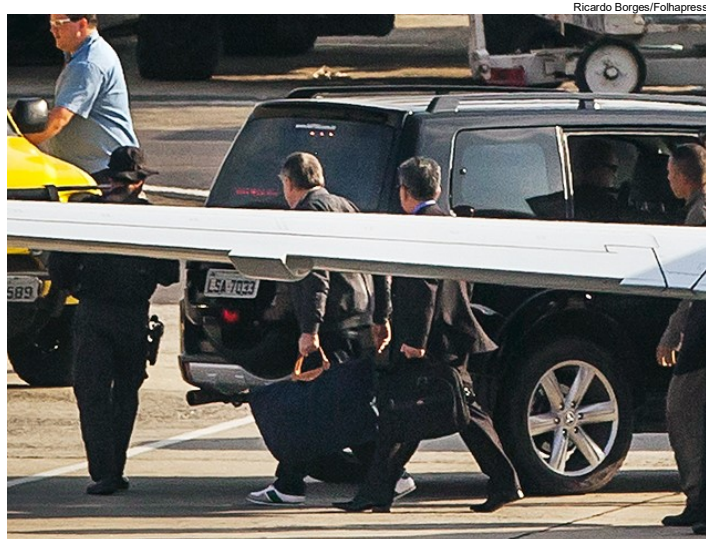
[Segundo a revista "Veja"](#), Paulo Roberto Costa cita pelo menos 25 deputados federais, 6 senadores, 3 governadores, um ministro e pelo menos três partidos políticos (PT, PMDB e PP) que teriam tirado proveito de parte do dinheiro desviado dos cofres da Petrobras

23.set

Youssef [decide](#) fazer acordo de delação para tentar abrandar sua situação na Justiça. Dois dias depois, presta seu primeiro depoimento

1º.out

Como parte do acordo de delação premiada, Paulo Roberto Costa é solto e volta para sua casa no Rio, onde passa a cumprir prisão domiciliar



Paulo Roberto Costa desembarca no Rio escoltado pela PF

2.out

Reportagem da **Folha mostra** que um consórcio liderado pela empreiteira Camargo Corrêa repassou R\$ 37,7 milhões a empresas de fachada de Alberto Youssef

8.out

Ex-contadora de Youssef, Meire Poza afirma à CPI mista da Petrobras que o doleiro tinha negócios com o ex-ministro das Cidades Mário Negromonte. Ela também diz que o presidente do Senado, Renan Calheiros, negociou R\$ 25 milhões do Postalis, fundo de pensão dos Correios ligado ao PMDB, para financiar um negócio do doleiro.

16.out

Folha revela que Paulo Roberto Costa disse, em seu depoimento, que repassou propina ao ex-presidente do PSDB Sérgio Guerra para que ajudasse a esvaziar uma Comissão Parlamentar de Inquérito criada para investigar a Petrobras em 2009.

24.out

Segundo a revista "Veja", Youssef afirmou em depoimento que Dilma e Lula

tinham conhecimento do esquema de desvio de dinheiro na Petrobras. A reportagem é divulgada dois dias antes do segundo turno da eleição presidencial.

28.out

Executivo Julio Camargo, da empresa Toyo-Setal, [fecha acordo](#) de delação premiada com procuradores da Lava Jato.

29.out

Conselho de Ética [aprova](#) cassação de Luiz Argôlo (SD-BA).

4.nov

Augusto Ribeiro de Mendonça Neto, da Toyo Setal, [assina acordo](#) de delação premiada.

14.nov

Em mais uma etapa da Lava Jato, Justiça [expede](#) 27 mandados de prisão. A ação da PF atinge dez empresas, entre elas gigantes como a Camargo Córrea e a OAS. Também foi preso o ex-diretor de Engenharia e Serviços da Petrobras Renato Duque.

Em depoimento, o executivo Augusto Mendonça Neto [afirma](#) que havia um "clube da propina" de empreiteiras com a Petrobras, liderado pelo empresário Ricardo Ribeiro Pessoa, sócio da UTC Engenharia.

**16.nov**

Ministério Público Federal [fecha](#) com o grupo Setal o primeiro acordo de delação premiada com empresas envolvidas no esquema de corrupção na Petrobras.

17.nov

Em depoimento à PF, o diretor de Óleo e Gás da Galvão Engenharia, Erton Medeiros Fonseca, [afirma](#) que aceitou pagar propina ao esquema de Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef após ser extorquido pelos dois. Ele disse que o destino do dinheiro foi o PP.

José Carlos Cosenza, diretor de Abastecimento que substituiu Paulo Roberto Costa na Petrobras, [aparece](#) em depoimento à PF. A suspeita é que ele teria recebido comissões de empresas ligadas à estatal.

Ricardo Borges - 17.nov.14/Folhapress



Os diretores da Petrobras e a presidente da estatal, Graça Foster, concedem entrevista coletiva no Rio de Janeiro

18.nov

Cade [negocia](#) acordo de leniência com empresa Toyo-Setal. O ministro da CGU (Controladoria-Geral da União), Jorge Hage, [afirma](#) que empresas também o procuraram para propostas semelhantes.

Justiça [estende](#) a prisão de cinco executivos e do ex-diretor da Petrobras Renato Duque. Outros 11 presos [foram](#) liberados. O lobista Fernando Baiano, suspeito de negociar propina para o PMDB, [é preso](#).

19.nov

PF [diz que errou](#) ao citar nome de José Carlos Cosenza, diretor de Abastecimento da Petrobras, em depoimentos.

25.nov

Alberto Youssef [presta](#) seu último depoimento da delação premiada à PF.

2.dez

Paulo Roberto Costa depõe à CPI mista da Petrobras em encontro de acareação com o ex-diretor de Internacional da Petrobras Nestor Cerveró. O delator [disse](#) que chegou a ficar "enojado" com o que ocorria na estatal e que a corrupção está espalhada pelo país.

Após a sessão, Costa [confidenciou](#) a dois deputados o número de políticos que citou em depoimento. Um dos que ouviu o dado foi Julio Delgado (PSB-MG). "Eu perguntei: como é isso, quantos são?". Ele me disse que são de 35 a 40 do PP, PMDB e PT."

**3.dez**

Folha notícia que o executivo Augusto Mendonça Neto afirmou em depoimento que parte da propina paga para o ex-diretor da Petrobras Renato Duque eram "doações oficiais ao Partido dos Trabalhadores". O ex-presidente Lula **diz** que afirmação do empresário é "fantasiosa".

Já Julio Camargo, também da Toyo Setal, afirma em depoimento que diz ter pago R\$ 137 milhões em propina, mas nega que tenha feito doações eleitorais como pagamento de propina.

Renato Duque **é solto** pela PF após decisão do STF.

8.dez

A revista "Época" **revela** que José Dirceu recebeu R\$ 886 mil da empreiteira Camargo Corrêa, investigada na Operação Lava Jato, por serviços como "análise de aspectos sociológicos e políticos do Brasil", "assessoria na integração dos países da América do Sul" e "palestras e conferências internacionais".

9.dez

PF **indicia** lobista e 12 executivos de empreiteiras na Operação Lava Jato.

10.dez

Câmara dos Deputados **cassa** o mandato de André Vargas (ex-PT-PR).

11.dez

Procuradoria **denuncia** 36 pessoas por lavagem de dinheiro, corrupção e formação de organização criminosa em esquema na Petrobras. Segundo a acusação, o cartel de empreiteiras **atuou** até 14 de novembro deste ano, quando foram presos executivos na Operação Lava Jato. O Ministério Público pede a devolução de R\$ 1,5 bilhão aos acusados.

12.dez

Jornal "Valor Econômico" revela que uma ex-gerente da diretoria de Abastecimento da Petrobras, Venina Velosa da Fonseca, **já havia alertado** diretoria da estatal sobre desvios. Fonseca teria enviado e-mails entre 2009 e 2014 para a presidente da empresa, Graça Foster e o atual diretor de Abastecimento, José Carlos Cosenza.

Reprodução



Venina Velosa da Fonseca, ex-gerente da diretoria de Abastecimento

Justiça Federal do Paraná [acolhe](#) denúncias e Yousef e mais oito pessoas tornam-se réus na Operação Lava Jato.

15.dez

Procuradoria [oferece denúncia](#) contra mais quatro envolvidos na Operação Lava Jato: o ex-diretor da área internacional da Petrobras Nestor Cerveró; o lobista Fernando Soares, conhecido como Fernando Baiano; o doleiro Alberto Youssef; e o executivo Júlio Camargo, da Toyo Setal. Os procuradores pedem que os acusados sejam condenados ao pagamento de cerca de R\$ 300 milhões a título de devolução do valor das propinas e de indenização pelos prejuízos causados à Petrobras.

Justiça do Paraná [acolhe denúncias](#) e mais 10 executivos de duas empreiteiras tornam-se réus –são 19 no total até este momento.

16.dez

Em sua terceira nota de esclarecimento, Petrobras diz que Graça Foster [só foi alertada](#) pela ex-gerente Venina Velosa da Fonseca em 2014, após ser demitida.

Justiça Federal do Paraná [aceita denúncias](#) contra mais 17 acusados na Operação Lava Jato, dentre os quais Ricardo Ribeiro Pessoa, sócio-proprietário da UTC Engenharia, e dirigentes da Camargo Corrêa e da Mendes Júnior, algumas das principais empreiteiras do país. São 36 réus no total até este momento.

17.dez

Justiça Federal do Paraná [aceita](#) mais três denúncias, contra Nestor Cerveró, Julio Camargo e Fernando Baiano. São 39 réus no total até este momento.

18.dez

CPI da Petrobras [aprova](#) relatório oficial pedindo o indiciamento de 52 pessoas, mas nenhum político.

19.dez

O jornal "Estado de S. Paulo" [revela](#) lista de 28 políticos citados na delação premiada de Paulo Roberto Costa. Entre os citados, há nomes novos como o do ex-ministro de Dilma e Lula Antonio Palocci. Segundo o jornal, Costa afirmou ter recebido pedido de R\$ 2 milhões de Palocci para a campanha presidencial de Dilma.

A ex-gerente da Petrobras Venina Velosa da Fonseca [depõe](#) ao Ministério Público Federal. Segundo seu advogado, Venina apresentou documentos e alegações que confirmam que a presidente da empresa, Graça Foster, sabia das irregularidades na estatal desde 2007.

22.dez

A presidente da Petrobras, Graça Foster, [admite que encontrou](#) Venina, mas diz que não foi omissa. "Venina nunca fez nenhuma denúncia usando as palavras conluio, cartel, corrupção, fraude e lavagem de dinheiro. A Venina nunca fez nenhuma denúncia na diretoria sobre essas questões. Ela nunca falou nesses termos. Eram e-mails truncados, cifrados e muito misturados", disse Graça, em entrevista à **Folha** e ao jornal "O Globo".

30.dez

Petrobras [suspende negócios](#) com 23 fornecedoras citadas na Lava Jato. Segundo a estatal, elas "serão temporariamente impedidas de serem contratadas e de participarem de licitações da estatal". As fornecedoras são: Alusa (atual Alumni), Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, Carioca Engenharia, Construcap, Egesa, Engevix, Fidens, Galvão Engenharia, GDK, Iesa, Jaraguá Equipamentos, Mendes Junior, MPE, OAS, Odebrecht, Promon, Queiroz Galvão, Setal, Skanska, Techint, Tomé Engenharia e UTC.

2015**1.jan**

Em seu discurso de posse para o segundo mandato presidencial, Dilma Rousseff (PT) [dedica](#) parte de sua fala à Petrobras, dizendo que é necessário proteger a estatal de "predadores internos" e "inimigos externos". A presidente da empresa, Graça Foster, esteve presente na cerimônia.

5.jan

[Folha revela](#) que uma auditoria interna da Petrobras sobre o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) apontou que a estatal comprou equipamentos antes de definir o modelo de negócio e a estrutura de produção da refinaria, o que gerou um prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão. Os ex-diretores Renato Duque e Paulo Roberto Costa [afirmam](#) que as contratações foram aprovadas em escalões superiores da estatal.

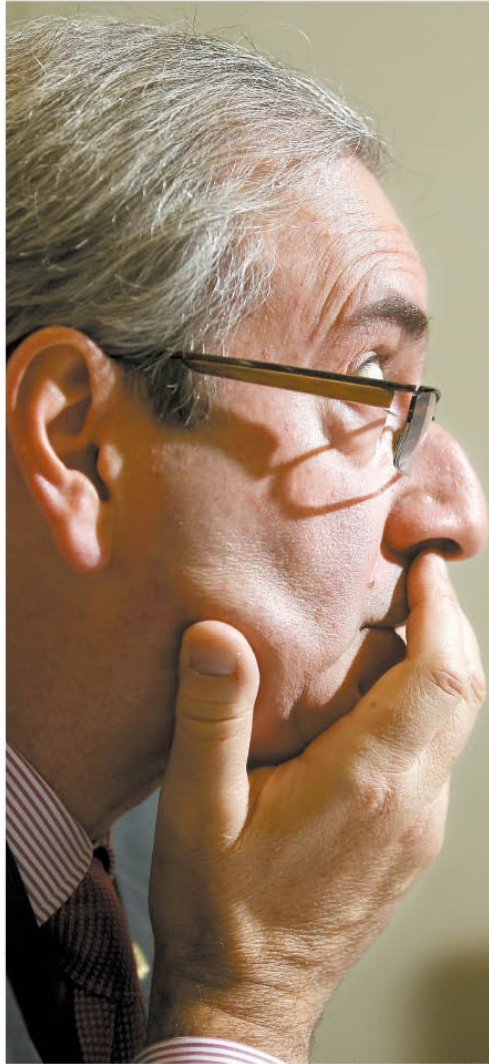
7.jan

O deputado federal Eduardo Cunha vira alvo da Procuradoria na Lava Jato e terá uma investigação a seu respeito pedida pelo Ministério Público Federal ao STF. Ele é suspeito de ter recebido dinheiro do esquema por meio do policial federal Jayme Alves de Oliveira Filho, o "Careca", que atuaria como um dos funcionários do doleiro Alberto Youssef. Cunha [diz ver](#) motivação política no vazamento da informação –ele é candidato na disputa pela presidência da Câmara.

Editoria de Arte/Folhapress

NA MIRA

Eduardo Cunha é acusado de receber propina de esquema na Petrobras



Sérgio Lima - 16.dez.2014/Folhapress

QUEM É

✎ Líder do PMDB na Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) está em seu quarto mandato e é favorito para assumir a presidência da Casa. Sua candidatura, porém, não tem o apoio do Planalto —no ano passado, Cunha liderou uma rebelião na base aliada para pressionar por maior participação no governo

O QUE HÁ CONTRA ELE

✎ Em depoimento, um policial federal preso na Operação Lava Jato sob a suspeita de carregar malas de dinheiro para o doleiro Alberto Youssef acusou Cunha de receber recursos do esquema de corrupção na Petrobras

O QUE VAI ACONTECER

✎ Em fevereiro, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pedirá ao STF (Supremo Tribunal Federal) a abertura de inquérito para apurar as suspeitas contra o peemedebista

✎ Janot também deve denunciar ao Supremo pessoas contra as quais o Ministério Público considera ter provas de participação nos desvios na Petrobras

8.jan

No mesmo depoimento que envolveu Eduardo Cunha, o policial Jayme Alves de Oliveira Filho, o "Careca", [também citou](#) o senador mineiro Antônio Anastasia (PSDB). O policial disse que entregou R\$ 1 milhão ao então candidato a governador a mando do doleiro Alberto Youssef em 2010. Anastasia [disse](#) estar indignado e que quer acareação com a Polícia Federal. O senador Aécio Neves (PSDB-MG), [também se pronuncia](#) em defesa do aliado.

13.jan

Petrobras [escolhe](#) novo diretor para a área de Governança, Risco e Conformidade, cuja criação foi anunciada por Graça Foster em novembro. O engenheiro João Adalberto Elek Junior, 56, foi eleito em reunião do Conselho de Administração da companhia e terá mandato de três anos, que poderá ser renovado.

14.jan

Ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró [é preso](#) pela PF no Rio ao desembarcar de Londres, no aeroporto internacional do Galeão, no Rio de Janeiro. O Ministério Público Federal informou que pediu a prisão preventiva "porque há fortes indícios de que Cerveró continua a praticar crimes, como a ocultação do produto e proveito do crime no exterior, e pela transferência de bens (valores e imóveis) para familiares. Além disso, há evidências de que ele buscará frustrar o cumprimento de penalidades futuras".

Daniel Derevecki - 14.jan.14/Reuters



Nestor Cerверó é escoltado por policial armado na sede do IML em Curitiba

20.jan

O deputado federal Eduardo Cunha, candidato à presidência da Câmara, [diz ter ouvido](#) de agente que a PF forjou áudio para incriminá-lo.

21.jan

[São divulgados](#) os termos da delação premiada do doleiro Alberto Youssef. Ele se comprometeu a devolver pelo menos R\$ 1,8 milhão em espécie, hotéis e imóveis registrados em seu nome, além de todo o dinheiro encontrado em contas pessoais e de suas empresas em troca do abrandamento de suas penas –[que chegarão](#), ao máximo, a cinco anos.

22.jan

O juiz Sergio Moro [decreta](#) prisão preventiva do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerверó, que já estava encarcerado desde o dia 14. No despacho, ele abre partes da delação de Paulo Roberto Costa, [que revela](#) que recebeu US\$ 1,5 milhão para não atrapalhar a compra da refinaria de Pasadena –transação cujo prejuízo é estimado em US\$ 792 milhões.

28.jan

Após dois adiamentos, [o balanço do terceiro trimestre](#) da Petrobras é divulgado, que mostra que o lucro da empresa caiu 38% e não inclui as perdas com corrupção. A presidente da empresa, Graça Foster, afirma que [a estimativa desses prejuízos](#) é de R\$ 88,6 bilhões. Esse cálculo [enfurece a presidente Dilma Rousseff](#).

1.fev

[Em entrevista à Folha](#), o empresário Leonardo Meirelles, que foi sócio de Alberto Youssef, diz que o doleiro tem patrimônio oculto e sociedades com empreiteiras que não foram declaradas no acordo de delação premiada que fez com procuradores. Segundo o empresário, o doleiro teria de R\$ 150 milhões a 200 milhões, e não cerca de R\$ 50 milhões, como está no acordo. O advogado de Youssef [refuta as afirmações do ex-sócio](#).

3.fev

Dilma Rousseff [decide tirar Graça Foster](#) do comando da Petrobras. Em reunião, as duas estabelecem [um cronograma de saída](#) de toda a diretoria da estatal.

4.fev

Diferentemente do combinado no dia anterior, Graça Foster e cinco diretores da Petrobras [decidem renunciar](#) imediatamente aos cargos.

5.fev

A Polícia Federal [deflagra mais uma etapa da Operação Lava Jato](#). Leva o tesoureiro do PT, João Vaccari, para depor, e tenta cumprir 62 mandados -um de prisão preventiva, no Rio, três de temporária, em Santa Catarina, 18 conduções coercitivas e 40 de busca e apreensão. Essa nova fase tem como foco o pagamento de propinas na diretoria de Serviços da Petrobras e na BR Distribuidora.

Lalo de Almeida/Folhapress



O tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, chega à sede da Polícia Federal em São Paulo para prestar depoimento

O deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), novo presidente da Câmara dos Deputados, [autoriza a criação](#) de nova CPI da Petrobras na Casa.

Em depoimento à Justiça Federal do Paraná, o ex-gerente da Petrobras Pedro Barusco [estima que](#) o PT tenha recebido entre US\$ 150 milhões e US\$ 200 milhões entre 2003 e 2013 de propina retirada dos 90 maiores contratos da Petrobras. Barusco afirma que o tesoureiro do partido teve "participação" no recebimento desse suborno, ficando com US\$ 4,5 milhões.

Barusco também [disse ter recebido US\\$ 1 milhão](#) da Odebrecht, que não tem executivos presos até o momento. Também afirma que [recebia suborno](#) na estatal desde 1997, quando o país era governado por Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Paulo Araújo/Ag. O Dia



O ex-gerente de engenharia da Petrobras Pedro Barusco Filho

6.fev

O presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine, [é escolhido](#) por Dilma Rousseff para substituir Graça Foster na presidência da Petrobras.

11.fev

O empresário Shinko Nakandakari, suspeito de intermediar o repasse de propina de empreiteiras em obras da Petrobras, [fecha acordo de delação premiada](#) com procuradores que atuam no caso

Editoria de Arte/Folhapress

MAIS UM

Acusado de intermediar repasses de propina, empresário fecha acordo de delação premiada

**QUEM É**

O engenheiro **Shinko Nakandakari** é um dos acusados de operar o pagamento de propina do esquema de corrupção na Petrobras, atuando como emissário do ex-diretor de Engenharia e Serviços da estatal Renato Duque, ligado ao PT

AS SUSPEITAS CONTRA ELE

A Galvão Engenharia, acusada de integrar o cartel de empreiteiras que fraudava licitações da Petrobras, apresentou à Justiça comprovantes de que pagou **R\$ 8,8 mi** a empresa de consultoria de Shinko

O ex-gerente da Petrobras Pedro Barusco, que também firmou acordo de delação premiada e aceitou devolver **US\$ 97 mi**, disse à Justiça que Shinko intermediou repasses de **R\$ 57,7 mi**

Também segundo Barusco, Shinko entregava a propina pessoalmente em nome da Galvão Engenharia, da EIT e da Contreiras, todas com contratos firmados com a Petrobras

OS DELATORES

Quem já colabora com o Ministério Público Federal*



Alberto Youssef
Doleiro apontado como um dos principais operadores do esquema

PRESO DESDE 17.mar.14



Paulo Roberto Costa
Ex-diretor de Abastecimento da Petrobras

CUMPRE PRISÃO DOMICILIAR



Pedro Barusco
Ex-gerente da diretoria de Serviços da Petrobras

EM LIBERDADE



Augusto Mendonça Neto
Executivo ligado à Toyo-Setal, que prestava serviços para a Petrobras

EM LIBERDADE



Julio Camargo
Consultor que atuou para a Toyo-Setal

EM LIBERDADE



Luccas Pace Junior
Ex-funcionário da doleira Nelma Kodama

Carlos Alberto Pereira da Costa
Advogado acusado de atuar como laranja de Youssef

EM LIBERDADE

*Há pelo menos outros cinco delatores cuja identidade ainda não foi revelada pela Procuradoria-Geral da República

12.fev

Sergio Moro **derruba o sigilo** de 63 depoimentos das delações premiadas de Youssef e Paulo Roberto Costa.

Em um deles, Youssef **diz que repassou R\$ 800 mil** em propinas ao PT por meio do tesoureiro do partido, João Vaccari Neto. O suborno era resultante de um contrato da Toshiba com a Petrobras no Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj).

Outra afirmação do doleiro é a de que o ex-ministro José Dirceu (PT), preso por participação no mensalão, **tinha conhecimento** do esquema de corrupção na Petrobras.

Em um depoimento de Paulo Roberto Costa, ele diz que ouviu de um lobista que o ex-deputado federal Cândido Vaccarezza (PT-SP) recebeu R\$ 400 mil de uma empresa chamada Sargeant Marine, da Flórida (EUA).

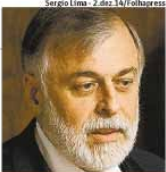
14.fev

Revista "Veja" revela que o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, **teve ao menos três encontros** com advogados de empreiteiras da Operação Lava Jato. Uma delas, a Odebrecht, **recorreu a ele** em busca de munção para questionar a legalidade de provas obtidas na Suíça pelos procuradores da Operação Lava Jato.

Editoria de arte/ Folhatress

A ODEBRECHT NA LAVA JATO A polêmica sobre os documentos da Suíça**22. ago. 2014**

O ex-diretor da Petrobras **Paulo Roberto Costa** aceita fechar acordo de delação premiada com procuradores da Operação Lava Jato. O acordo é assinado no dia 27. Ele afirma que recebeu que recebeu US\$ 23 milhões da Odebrecht em contas na Suíça



Sergio Lima - 2 dez. 14/Folhapress

19. nov

O ex-gerente da Petrobras **Pedro Barusco** assina acordo de delação premiada. Ele diz que a Odebrecht pagou suborno em 11 obras da Petrobras —num só contrato a propina foi de R\$ 50 milhões. Segundo ele, contas na Suíça eram usadas nos desvios



Reprodução

24. nov

Três procuradores da Operação Lava Jato chegam à Suíça para obter informações sobre contas usadas pela Odebrecht pagar suborno. No dia 25, a Justiça da Suíça aceita o pedido dos procuradores para acelerar a devolução de US\$ 26 milhões de Costa

5. fev

O ministro José Eduardo Cardozo (Justiça) recebe advogados da Odebrecht, que pedem que o ministério forneça uma certidão sobre o repasse de documentos suíços. Isso teria ocorrido antes mesmo do pedido oficial, o que seria ilegal

19. jan. 2015

Oito procuradores e peritos da Lava Jato voltam à Suíça para buscar documentos que possam reconstruir a relação da Odebrecht com acusados da Lava Jato. Pouco depois, a Odebrecht contrata advogados na Suíça para barrar o envio de documentos

15. fev

O ex-presidente do STF Joaquim Barbosa defende a demissão de José Eduardo Cardozo por este ter se reunido com advogados de empreiteiras investigadas. No dia seguinte, Cardozo afirma que a reunião era pública



Leo Pinheiro - 2 dez. 14/Vale/Folhapress

18. fev

O juiz **Sergio Moro** acusa os advogados das empreiteiras de tentar "obter interferência política" no processo judicial. Segundo ele, esse comportamento é "intolerável" e justifica a manutenção da prisão dos executivos



Reprodução

Os procuradores Deltan Dallagnol, Eduardo Peiella e Orlando Martello na Suíça

20. fev

Na primeira entrevista de seu segundo mandato, Dilma Rousseff **afirma** que, se os casos de corrupção na Petrobras tivessem sido investigados na década de 1990, quando o país era governado pelo PSDB, os desvios na estatal poderiam ter sido estancados e não teriam se perpetuado por tanto tempo.

Ministério Público **cobra R\$ 4,5 bilhões** de empreiteiras em ação de improbidade administrativa.

24. fev

Folha revela que o doleiro Alberto Youssef detalhou, em depoimento, esquema de propina que teria rendido R\$ 3 milhões ao senador Fernando Collor (PTB-AL).

25. fev

Procuradores federais vão ao TCU (Tribunal de Contas da União) **contra acordos de leniência** —espécie de delação premiada para empresas— da CGU (Controladoria-Geral da União) na Lava Jato.

Comissão de Ética da Presidência da República **decide** que o ministro Cardozo deve explicar seus encontros advogados de empreiteiras envolvidas com corrupção na Petrobras

26. fev

Tem início a nova CPI da Petrobras, com a presidência de Hugo Motta (PMDB-PB) e relatoria de Luiz Sérgio (PT-RJ)

27. fev

Dois executivos da Camargo Corrêa fecham acordo de delação: o presidente da empreiteira, Dalton Avancini, e o vice-presidente Eduardo Leite. São os primeiros integrantes de uma empreiteira de grande porte que decidem colaborar com as investigações.

Editoria de Arte/Folhapress

NOVOS DELATORES

Executivos da Camargo Corrêa fecham acordo com Ministério Público Federal



Refinaria Repar, no Paraná, uma das obras da Petrobras em que a Camargo Corrêa é acusada de ter pagado propina

R\$ 844 milhões é quanto a Procuradoria cobra da Camargo Corrêa e da Sanko em ação civil de improbidade administrativa

R\$ 429 milhões é o valor que os procuradores dizem que deve ser ressarcido pela Camargo Corrêa e a UTC em uma ação penal

**28.fev**

Documentos encontrados pela PF na casa e nos escritórios do empresário Mario Goes, apontado como operador do esquema de corrupção na Petrobras, **mostram** que ele recebeu R\$ 39,6 milhões das empresas Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, OAS, Odebrecht e UTC entre 2006 e 2014.

3.mar

O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, remete ao STF (Supremo Tribunal Federal) 28 inquéritos envolvendo 54 pessoas, incluindo políticos, que foram citados em depoimentos da Operação Lava Jato.

6.mar

O ministro Teori Zavascki, relator do caso no STF, aceita a abertura dos inquéritos. Ele também tira o sigilo dos processos, revelando o nome dos **50 investigados**. O ministro acatou ainda sete pedidos de arquivamento.

12.mar

STJ **autoriza** a investigação dos governadores Luiz Fernando Pezão (PMDB-RJ) e Tião Viana (PT-AC) na Operação Lava Jato

Procuradoria-Geral da República **pede investigação** sobre o senador Fernando Bezerra (PSB-PE). Paulo Roberto Costa disse em depoimento que foi procurado por Bezerra para viabilizar recursos para a campanha de reeleição do falecido governador de Pernambuco Eduardo Campos.

13.mar

Teori aceita abertura de inquérito contra o senador Fernando Bezerra.

16.mar

Polícia Federal **volta a prender** o ex-diretor de Serviços da Petrobras Renato Duque. Segundo a PF, ele estava movimentando dinheiro em contas no exterior.

Ministério Público Federal **denuncia** 27 pessoas, entre elas o tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, e Renato Duque por corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha.

Folha revela que o vice-presidente da Camargo Corrêa, Eduardo Leite, disse

em sua delação premiada que o tesoureiro do PT, João Vaccari, pediu que a empreiteira pagasse uma propina de cerca de R\$ 10 milhões em forma de doação oficial ao partido.

17.mar

Justiça do Paraná quebra sigilo bancário do ex-ministro José Dirceu e [revela que ele recebeu R\\$ 29 milhões](#) por consultorias entre 2006 e 2013. Os maiores contratos foram com empresas investigadas na Operação Lava Jato, como OAS, UTC, Engevix e Camargo Corrêa.

STF libera vídeos de depoimentos de Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef. Em um deles, o ex-diretor da Petrobras afirma que "a maior balela que tem nesse Brasil é a doação oficial" a partidos.

20.mar

[Grupo Setal fecha acordo](#) de delação com o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) e delata cartel de 23 companhias em licitações da Petrobras.

23.mar

Justiça [autoriza](#) a transferência de 12 presos da Lava Jato que estão na carceragem da PF em Curitiba para o Complexo Médico-Penal do Paraná, em Pinhais. O juiz negou a transferência do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró e, a pedido do Ministério Público Federal, também foi negada a transferência de Ricardo Pessoa, presidente da UTC.

O tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, e o ex-diretor da Petrobras Renato Duque [tornam-se réus](#) na Operação Lava Jato.

24.mar

Após fechar acordo de delação premiada, o vice-presidente da empreiteira Camargo Corrêa, Eduardo Leite, [deixa a prisão](#).

26.mar

A ex-presidente da Petrobras [Graça Foster depõe](#) na CPI da Petrobras na Câmara e se diz "envergonhada" por propina na Petrobras

27.mar

Polícia Federal [prende](#) o presidente do Grupo Galvão, Dario de Queiroz Galvão Filho.

30.mar

O presidente da empreiteira Camargo Corrêa, Dalton Avancini, [deixa a prisão](#) após ter seu acordo de delação premiada homologado pela Justiça. Nove executivos continuam presos.

9.abr

O tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, [fala à CPI da Petrobras](#) que conhecia acusados e suspeitos da Operação Lava Jato como Alberto Youssef, Renato Duque e Pedro Barusco, mas não deu detalhes sobre sua relação com eles.

Paulo Roberto Costa [muda a versão](#) que apresentou em seu acordo de delação e diz que as obras da estatal investigadas na Operação Lava Jato não eram superfaturadas.

10.abr

Em nova fase da Lava Jato, [PF prende os ex-deputados](#) André Vargas (ex-PT-PR e hoje sem partido), Luiz Argôlo (ex-PP e hoje Solidariedade-BA) e mais quatro pessoas ligadas aos políticos. Também houve ordem de prisão contra o ex-deputado Pedro Corrêa (PP-PE), que já estava preso em Pernambuco por

condenação no mensalão. A investigação se expande para crimes na Caixa Econômica Federal e no Ministério da Saúde.

Editoria de Arte/Folhapress

O QUE HÁ CONTRA ELAS

As acusações contra os políticos presos na nova fase da Operação Lava Jato



ANDRÉ VARGAS

Ex-deputado federal pelo Paraná, desfilou-se do PT após virem à tona seus elos com o doleiro Alberto Youssef. Teve o mandato cassado por quebra de decoro

Propina em contratos de publicidade

Segundo a PF, Vargas e seu irmão Leon receberam, por meio de empresas de fachada, 10% dos valores de contratos de publicidade mantidos com a Caixa, o Ministério da Saúde e outros órgãos

R\$ 11,3 milhões

É quanto Vargas teria recebido em propina da agência Borghi/Lowe com o Ministério da Saúde desde 2011*

R\$ 2 milhões

É quanto outra agência, a IT7, que também tem contratos com a Caixa, teria repassado aos irmãos Vargas



LUÍZ ARGÔLO

Suplente de deputado federal pelo SD-BA, escapou por pouco de ter o mandato cassado no ano passado também pela relação de proximidade com Youssef

Favores do doleiro

Argôlo teve várias despesas bancadas por Youssef, segundo a PF: helicóptero, maquinário pesado e até boletos de IPTU de um de seus imóveis. Ele também teria usado a mãe como laranja

R\$ 2,68 milhões

É quanto ele teria embolsado em propina durante seu mandato na Câmara (2011-2014), segundo a Procuradoria

Entre R\$ 20 mil e R\$ 200 mil

Era o valor mensal repassado a Argôlo em dinheiro vivo, segundo Youssef



PEDRO CORRÊA

Ex-deputado pelo PP-PE, foi condenado em 2012 no mensalão petista a 7 anos e 2 meses de prisão no regime semiaberto por corrupção e lavagem de dinheiro

Contato intenso

Segundo a PF, Corrêa pediu dinheiro a Youssef por e-mail, o visitou ao menos 23 vezes em seus escritórios entre 2011 e 2013 e tinha movimentação financeira incompatível com seus rendimentos

R\$ 5,3 milhões

É quanto Corrêa teria recebido do esquema de corrupção na Petrobras, segundo o ex-diretor Paulo Roberto Costa

R\$ 700 mil

É quanto um empregado de Corrêa recebeu de 2010 a 2014; depósitos eram seguidos de saques no mesmo dia

OUTROS EPISÓDIOS ENVOLVENDO OS SUSPEITOS



O jatinho do doleiro

No ano passado, Vargas viajou com a família em avião emprestado por Youssef, acusado de operar o esquema de desvios da Petrobras. Vargas disse que cometeu um "equívoco"



Labogen

Vargas e Argôlo são acusados de atuarem para favorecer negócios da Labogen, controlada por Youssef, com o Ministério da Saúde; ambos negam. Para a PF, o laboratório foi usado para pagar propina



Dinheiro para o irmão

Diálogos interceptados pela PF mostram Vargas cobrando de Youssef um pagamento a seu irmão. O ex-deputado alega que ele prestou serviço de tecnologia à Labogen, mas não foi pago

*Valor equivale a 10% do que a Borghi/Lowe recebeu do Ministério da Saúde desde 2011, segundo os dados do Portal da Transparência do governo federal

15.abr

O **tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, é preso**. Secretário de Finanças do partido, o petista nega envolvimento no esquema de corrupção que atingiu a Petrobras nos últimos anos. Também é expedida ordem de prisão contra a cunhada de Vaccari, Marice de Corrêa Lima, mas ela não é encontrada em seu apartamento e **torna-se foragida**.

Paulo Lisboa - 15.abr.15/Folhapress



João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT, chega ao IML de Curitiba

Após prisão, PT **anuncia o afastamento** de Vaccari da tesouraria do partido.

16.abr

Disputa entre a Procuradoria-Geral da República e a Polícia Federal leva o ministro do STF Teori Zavascki a **suspender depoimentos** de políticos investigados.

17.abr

Marice Corrêa de Lima, cunhada de João Vaccari, [entrega-se à PF](#).

Em depoimento, executivo da Camargo Corrêa [diz que a empresa pagou R\\$ 110 milhões](#) em propina para obter contratos da Petrobras entre 2007 e 2012.

19.abr

Em depoimento divulgado pela Justiça, o presidente da Camargo Corrêa, Dalton Avancini, [confirma](#) a informação de que um conjunto de empreiteiras agia como um cartel em obras da Petrobras.

















22.abr

Primeiro julgamento relativo à Lava Jato é concluído: Justiça do Paraná [condena oito pessoas](#) por desvios em obra da refinaria Abreu e Lima.

Editoria de Arte/Folhapress

CRIMES

 Lavagem de dinheiro  Participou de organização criminosa

Réus	Crimes	Pena	Multa (em R\$ mil)	Ações penais à espera de decisão
 Alberto Youssef , 47, doleiro		9 anos e 2 meses*	763	13
 Paulo Roberto Costa , 61, ex-diretor da Petrobras	 	7 anos e 6 meses*	408	7
 Márcio Andrade Bonilho , 48, sócio da Sanko Sider	 	11 anos e 6 meses	741	1
 Leonardo Meirelles , 39, sócio do Labogen		5 anos e 6 meses	171	2
 Esdra de Arantes Ferreira , 39, sócio do Labogen		4 anos e 5 meses	20	1
Waldomiro Oliveira , 54, contador da MO Consultoria	 	11 anos e 6 meses	148	6
Leandro Meirelles , 29, sócio do Labogen		6 anos e 8 meses	68	2
Pedro Argese Júnior , 39, sócio do Labogen		4 anos e 5 meses	20	1

R\$ 18,6 milhões

é o valor que esses 6 réus deverão indenizar a Petrobras. A divisão desse pagamento será determinada pela estatal

2 absolvidos

Murilo Tena Barros, 59, sócio da Sanko Sider e Antônio Almeida Silva, 58, contador de Youssef

*O cumprimento das penas depende da conclusão do julgamento de outros processados em que são réus. Com as penas somadas, serão aplicadas as reduções previstas nos respectivos acordos de delação premiada com o Ministério Público Federal

[Divulgado o balanço final](#) de 2014 da Petrobras, que registra prejuízo de R\$ 22 bi, incluindo perdas com corrupção.

23.abr

O publicitário Ricardo Hoffmann, preso sob suspeita de ter pago propina ao ex-deputado André Vargas (Ex-PT-PR), [decide fazer acordo de delação premiada](#).

Justiça do Paraná [manda soltar a cunhada](#) do ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto após dúvida sobre vídeo que a comprometia.

27.abr

Ministério Público Federal [denuncia](#) Renato Duque e João Vaccari Neto por lavagem de R\$ 2,4 milhões.

28.abr

Por 3 votos a 2, [STF decide](#) passar 9 executivos e funcionários de empreiteiras à prisão domiciliar.

9.mai

[Folha revela](#) que o empresário Ricardo Pessoa, da UTC, afirmou a procuradores da Lava Jato que doou R\$ 7,5 mi à campanha à reeleição de Dilma Rousseff por temer prejuízos em seus negócios na Petrobras.

13.mai

Ricardo Pessoa [torna-se delator](#) da operação e se compromete a devolver R\$ 50 mi.

14.mai

Ministério Público do Paraná [apresenta as primeiras acusações](#) contra políticos na Lava Jato. São eles os ex-deputados André Vargas (ex-PT-PR, sem partido), Luiz Argôlo (SD-BA), Pedro Corrêa (PP-PE) e Aline Corrêa (PP-SP).

21.mai

PF [prende Milton Pascowitch](#), apontado como operador da empreiteira Engevix em contratos da Petrobras e suspeito de repassar propina na diretoria de Serviços.

Jorge Araujo - 4.fev.2015/Folhapress



O empresário Milton Pascowitch

26.mai

O ex-diretor da Petrobras [Nestor Cerveró é condenado](#) a cinco anos de prisão por lavagem de dinheiro.

19.jun

PF [prende](#) presidentes da Odebrecht e da Andrade Gutierrez e outros dez executivos das duas empreiteiras.



26.jun

Em depoimento de delação premiada, o dono da UTC, Ricardo Pessoa, diz que [doou R\\$ 7,5 milhões à campanha de Dilma Rousseff em 2014](#), por vias legais, por temer prejuízos em negócios com a Petrobras. Ele também afirmou ter doado à campanha de Aloizio Mercadante ao governo paulista em 2010 como pagamento de propina. As revelações aumentam a pressão sobre o governo e o PT.

29.jun

O lobista Milton Pascowitch tem acordo de [delação premiada homologado](#).

2.jul

O ex-diretor da Petrobras Jorge Zelada [é preso](#) sob a suspeita de envolvimento em crimes de corrupção, fraude em licitações, desvio de verbas públicas, evasão de divisas e lavagem de dinheiro.

 Compartilhar
 




Mais opções

temas relacionados

[operação lava jato](#)

[petrobras](#)

[polícia federal](#)

[alberto youssef](#)



1499 - O Brasil Antes de Cabral

Reinaldo José Lopes

Comprar



A Lei da Atração - Peça, Acredite e Receba

Michael J. Losier

Comprar

Box de DVD reúne dupla de clássicos de Andrei Tarkóvski
 Como atingir alta performance por meio da autorresponsabilidade
 'Fluxos em Cadeia' analisa funcionamento e cotidiano do sistema penitenciário
 Livro analisa comunicações políticas entre Portugal, Brasil e Angola
 Livro traz mais de cem receitas de saladas que promovem saciedade

comentários

[Ver todos os comentários \(16\)](#)

[Termos e condições](#)

zekawasaki 19/06/2015 10h59 1 0 [Denunciar](#)

COMPARTILHAR

Na próxima operação chegarão ao Ratão.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

TFC 02/04/2015 20h49 0 0 [Denunciar](#)

COMPARTILHAR

Li tudo. Fiquei até zozno de tanto \$\$\$\$\$\$\$\$ surrupiado e da desfaçatez com nossas instituições e nosso País...Muita saúde, sabedoria, paciência e coragem ao Dr M.o.r.o e sua equipe e parabéns à FSP pela Cronologia.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

Ainda bem que agora temos a "delação premiada" e o Juiz Federal Dr Sérgio M o r o.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

FOLHA DE S.PAULO

Acervo Folha
Sobre a Folha
Expediente
Fale com a Folha
Feeds da Folha
Folha Eventos
E-mail Folha
Ombudsman
Atendimento ao Assinante
ClubeFolha
PubliFolha
Banco de Dados
Datafolha
Folhapress
Treinamento
Trabalhe na Folha
Publicidade
Política de Privacidade

OPINIÃO

Editoriais
Blogs
Colunistas
Colunistas convidados
Ex-colunistas
Tendências/Debates

Login

Assine a Folha

Atendimento

Versão Impressa

PROJETO EDITORIAL

Princípios editoriais
Conheça o Projeto Editorial
In English
Folha's Editorial Principles
Read the Editorial Project
En Español
Princípios Editoriais
Lea el Proyecto Editorial
en Français
Principes Éditoriaux
Lisez le Projet Éditorial

POLÍTICA

Poder
Lava Jato

ECONOMIA

Mercado
Folhainvest
Indicadores
MPME

PAINEL DO LEITOR

Painel do Leitor
A Cidade é Sua
Envie sua Notícia

COTIDIANO

Cotidiano
Aedes aegypti
Aeroportos
Educação
Loterias
Praias
Ranking Universitário
Revista são paulo
Rio de Janeiro
Simulados
Trânsito

MUNDO

Mundo
Governo Trump
BBC Brasil
Deutsche Welle
Financial Times
Folha Internacional
Radio France Internationale
The New York Times

ESPORTE

Esporte
Basquete
Seleção brasileira
Surfe
Tênis
Turfe
Velocidade
Vôlei

CIÊNCIA

Ciência
Ambiente

SAÚDE

Equilíbrio e Saúde

CULTURA

Ilustrada
Cartuns
Comida
Melhor de são paulo
Banco de receitas
Guia
Ilustríssima
Serafina

TEC

Tec

F5

Bichos
Celebidades
Colunistas
Fofices
Televisão

+ SEÇÕES

Agência Lupa
As Mais
Dias Melhores
Empreendedor Social
Erramos
Folhaleaks
Folha en Español
Folha in English
Folha Tópicos
Folha Transparência
Folhinha
Fotografia
Horóscopo
Infográficos
piauí
Turismo
Minha História

ESPECIAIS

Tudo Sobre

TV FOLHA

TV Folha
Ao Vivo

SOBRE TUDO

Rodas
Morar
Carreiras
Classificados
Loja
Natural
Vida prática

REDES SOCIAIS

Facebook
Twitter
Instagram
LinkedIn

[ACESSE A VERSÃO PARA TABLETS E SMARTPHONES](#)